



CLÁSSICOS DA GALIZA





Queixumes dos Pinhos

e Outros Poemas





Coleção "Clássicos da Galiza"

Volume 2

QUEIXUMES DOS PINHOS E OUTROS POEMAS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

www.aglp.net

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

polifona@polifona.com

www.polifona.com

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Ângelo Brea, Fernando Corredoira e Carlos Durão

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-l

isbn 978-84-936481-3-8

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselharia de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas

Eduardo Pondal

Edição de Ângelo Brea





INDICE

APRESENTAÇÃO	13
CRITÉRIOS DE EDIÇÃO	15
A POESIA DE EDUARDO PONDAL	21
 <i>QUEIXUMES DOS PINOS;</i>	 57
I. Pelo baixo cantando	63
II. E pois eu aborreço	64
III. Podeis deter um pouco	65
IV. Muitas vezes nos matos nativos	67
V. Que barba não cuidada!	68
VI. Morrer em brando leito	70
VII. Das africanas praias vizinhas	71
VIII. Não há uma fonte	72
IX. - De Camelhe os baixos são	73
X. Oh, maçarico que cantas	73
XI. Como a devesa folhosa	74
XII. Oh!, terra de Bergantinhos	74
XIII. Menina, rapaza nova	77
XIV. - Selvagem vale de Brantoa	77
XV. Penedos de Passarela	82
XVI. Eu não sei por que terra esquiva e dura.	82
XVII. Que o teu peito é menos branca	83
XVIII. - Vamos, formosa Rentar	84
XIX. Paroleira andorinha	87
XX. Adusto, solitário e silencioso	88
XXI. - Rio Languelhe, rio Languelhe	89
XXII. Ias gozando no meu tormento	90
XXIII. Quando as doces andorinhas	91
XXIV. Tem o seu ponto	92
XXV. Dous rapazes, não sei onde	93
XXVI. Ao abrigo do vento círculo	97



XXVII. Oh, quem pudera	99
XXVIII. - Oh, moços, que caminhantes	100
XXIX. Oh, castro de Remesende	101
XXX. Em túrbia noite de inverno	102
XXXI. Enganosa Morpeguite.	108
XXXII. Correndo fui à caruma	109
XXXIII. À hora em que o doce luzeiro	110
XXXIV. Esquiva rapaceta	111
XXXV. Quando no escarpado cabo	113
XXXVI. À sombra tecida	114
XXXVII. Castanhos de Dormeá	118
XXXVIII. Um lindo zagalejo	120
XXXIX. À hora em que a luz do luzeiro	122
XL. Agora, meu coração	122
XLI. Depois de duro combate	123
XLII. Os pinhos fazem doce som	127
XLIII. Rei dos castros, castro forte	127
XLIV. Aquela minha leda companheira	129
XLV. Boandança, saúde	130
XLVI. Quando te vejo me acordo	135
XLVII. Pilhei-a entre os pinhos só	136
XLVIII. Qual sói arboladura	137
XLIX. Gand'ra esquiva de Moureda	138
L. O escuro Bradonhas	138
LI. Fada garrida de leves asas	139
LII. Eu sei onde moram	140
LIII. Avonda já de oração	143
LIV. Eu sei onde moram	144
LV. São Pedro de Brandomil	144
LVI. Carvalhos de Carvalhido	145
LVII. Da alma no fundo	145
LVIII. Quando jazam do cisne	145
LIX. Sobre o galho do pinho	146

LX. Oh, terra de Jalhas, feros corvos	147
LXI. Monte Branco, Monte Branco	148
LXII. Feros corvos de Jalhas	148
LXIII. Das quentes praias	149
LXIV. Oh, tu, radioso e forte	150
LXV. Canta, bergantinhão, canta	150
LXVI. Qual o fulgente Sírius	151
LXVII. Não cantes tão tristemente	152
LXVIII. Qual o anjo rebelde	153
LXIX. Não em presentes	153
LXX. As almas escravas	154
LXXI. Sem caber nos pelejos	155
LXXII. Fora avondo c'o opróbio passado	155
LXXIII. Coroados de flores	156
LXXIV. Qual caíra o radiante	157
LXXV. A vontade homérica	159
LXXVI. Quando os duros machados	160
LXXVII. Quem brando vegeta	161
LXXVIII. A língua tiveram	163
LXXIX. E tu, oh sino de Anlhões	165
LXXX. Mui brancas, mui brancas	166
LXXXI. - Virgem, val'-me! Um cadáver	169
LXXXII. Não somente do chumbo assobiante	170
LXXXIII. Como aquele que fora	174
LXXXIV. Toparam-me meio morto	174
LXXXV. Sonhando está o bardo	176
LXXXVI. Quando só me miraram	177
LXXXVII. Silvasmouras, silvasmouras	177
LXXXVIII. Das africanas	178
LXXXIX. As mofas báfuas	180
XC. Pelo alto cantando	181
XCI. Da ruda pendente	182



<i>OUTROS POEMAS</i>	<i>185</i>
XCII (A). Os Pinhos	187
XCII (B). Os Pinhos (Hino Galego)	190
XCIII. A Fala	193
XCIV. O Dólmen de Dombate	194
XCV. Quando mo referiram	197
XCVI. A lira de Tirteo	198
XCVII. Seja forte o galego	199
XCVIII. A derradeira vontade	200
XCIX. Néscias filhas da Grécia	202
C. Envolto em duro ferro	203
CI. ELES	203
CII. A Curros Enríquez	204
CIII. Na harpa apoiada	204
CIV. Não vem dos duros éforos	205
CV. Fixara a dura Esparta	209
CVI. O combate de Dumbría	212
CVII. Dá-me a lira de Homero	212
CVIII. Formosa e pendente	213
CIX. Por um região sombria	213
VARIANTES [A]	217
MÉTRICA [B]	217
OUTRAS NOTAS AOS POEMAS [C]	217
OUTROS POEMAS	279
INDICE DE TOPONIMOS E ANTROPONIMOS	291
BIBLIOGRAFIA	299
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E DE INTERESSE	301



APRESENTAÇÃO

— *Eduardo Maria González Pondal Abente*

(Pontecesso, 1835 – Crunha, 1917)

Bardo da Galeguia, Poeta da Lusofonia: “À nobre Lusitânia / os braços tende amigos...”, exorta o seu poema “Os Pinos”, em estrofe que oficialmente não se canta.

Os poetas, em regra, imaginam e sentem, de modo que dos fingimentos e das emoções florescem os poemas. Muito me prui o desejo de conhecer o que Pondal, galego lusitanista e acaso federalista, pôde sentir ao longo dos anos e das circunstâncias diversas:

Naquele Banquete de Conjo (1856), em que Pondal “brindou”, com Aurélio Aguirre e outros estudantes, pela convivência social, e nos Jogos Florais da Crunha (1861) e no *Álbum de la Caridad* (1862), mosaico dos vates de aquele tempo, sob o padroado do “indiano” José Pascual López Cortón, cujo neto, João Vicente Biqueira López-Cortón, seguiria, como presidente das Irmandades da Fala crunhesas, o pensamento pondaliano, aprofundando com coerência no nascente nacionalismo galego. Também gozaria ao serem publicados os *Cantares Galegos* (1863), da Rosalia colega no lirismo. Foram três anos de emoções líricas e patrióticas.

Para além disto, que sentires ante acontecimentos da “II Restauración” o induziriam a reelaborar o seu bilingue *Rumores de los Pinos* (1877) no unilingue e reivindicador *Queixumes dos Pinos* (1886)?

São fáceis de imaginar as informações que se tornariam em tema de discussão na Cova Céltica, aquele resto esperançado da Galeguidade emergente, com certeza não seria esse “celtismo” eivado que hoje alguns fantaseiam para melhor o denigrarem. Aliás, os escritos daqueles conversadores, publicados na *Revista Gallega*, que dirigia Galo Salinas, mostram um horizonte a estender-se por espaços culturais bem abertos. Foi na Crunha, nas traseiras da livraria de Carré Aldao, na rua Rego de Água e, passado um tempo, na rua Real, que se reuniam os que desde 1906 seriam académicos fundadores da Real Academia Galega: com Pondal e o



citado Carré, Manuel Martínez Murguía, José Pérez Ballesteros, Salvador Golpe Varela, Manuel Luguís Freire, Andrés Martínez Salazar, Eladio Rodríguez González, Francisco Tettamancy e Gastón, Florencio Vaamonde Lores, e mais Evaristo Martelo Paumán del Nero e José Baldomir Rodríguez, que ingressariam posteriormente.

Como académico da RAG qual era a militância do Bardo? Sem dúvida a mesma em que Murguía vinha lembrando, mais cada vez esclarecido a respeito da lusidade galaica ou do galeguismo radicalmente lusizante, meio indispensável para conseguir a liberdade do Povo Galego.

António Gil Hernández



CRITÉRIOS DE EDIÇÃO¹

Tendo em conta que a literatura lusófona galega esteve numa situação anómala até aos nossos dias, a edição de um texto pertencente a um escritor galego do século XIX apresenta múltiplos problemas. Eduardo Pondal é, porém, um dos autores que mais facilmente podem ser adaptados à língua padrão atual, sobretudo porque ele mesmo fez grande parte do trabalho. Foi ele próprio quem depurou a sua obra da maior parte de castelhanismos, arcaísmos, dialetismos e evoluções erradas tão comuns a outros autores do século XIX e de muitos dos do século XX.

A utilização que Pondal fez da etimologia permite-nos incluí-lo dentro de uma literatura de categoria superior, neste caso a literatura lusófona, de que o nosso autor faz parte por mérito próprio. Como tal foi recolhido no volume terceiro do *Dicionário de Literatura* de Jacinto de Prado Coelho (pp. 841), e não só Pondal, mas grande parte dos escritores chamados “clássicos” da literatura galega.

Para realizarmos a nossa edição tínhamos várias opções. A primeira podia ser a de apresentarmos o texto pondaliano mudando simplesmente a ortografia utilizada, mas respeitando as escolhas léxicas, sintáticas e gramaticais. Isto poderia ser o que aguardaria um filólogo ou um erudito. Para eles e para todos os que queiram conhecer as soluções próprias de Eduardo Pondal optamos por realizar um anexo de “variantes”, onde se podem ver as soluções usadas pelo autor, e que por múltiplas razões não são hoje parte da nossa língua comum.

Optamos, contudo, por apresentarmos um texto que atualiza não só a ortografia, mas também algumas raízes léxicas, tendo em conta a situação anormal em que viveu a literatura lusófona galega durante todos estes últimos séculos. Por isso no anexo de variantes podemos observar os arcaísmos, castelhanismos, evoluções erradas, as desviações morfológicas ou sintáticas que o autor incluiu na sua obra. Tudo isto, não obs-

¹Tenho em conta os critérios expostos por José Martinho Montero Santalha no seu artigo: “A recuperação da literatura galega para a língua portuguesa: Critérios para a edição de textos literários galegos”, *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa* na Galiza, 1987, Associação Galega da Língua, 1989, pp.159-178.



tante, não foi suficiente para que a nossa edição possa ser definida como uma “versão” e menos ainda uma “tradução”. Simplesmente adaptamos a ortografia do texto à ortografia usada hoje em dia, por qualquer pessoa culta, em qualquer dos países lusófonos, incluída a Galiza.

Houve ocasiões em que a adaptação de alguma palavra obrigou a mudar também a rima ou o tipo de verso utilizado. O professor Martinho Montero Santalha, no seu artigo citado, mostrou-se muito prudente em relação a realizar alterações que pudessem afetar em algo a rima ou a contagem silábica. Nós tivemos também esse problema. Porém, nos poemas de *Queixumes dos Pinheiros*, as ocasiões em que a rima ou a contagem silábica foram afetadas são escassíssimas. Preferimos essa opção a manter uma solução que o leitor dos nossos dias não poderia compreender sem auxiliar-se de um Dicionário Histórico da Língua Portuguesa. Todos esses casos estão descritos e comentados no anexo de “variantes”.

É por isso que um leitor comum poderá usufruir o poemário que apresentamos sem os inconvenientes de um uso “sacralizador” do texto literário desnormalizado que Eduardo Pondal escreveu. Ele mesmo, aliás, partidário de uma norma culta etimológica para a língua da Galiza, não veria demasiados inconvenientes nesta edição.

Para realizarmos esta edição de *Queixumes dos Pinheiros* tivemos em conta toda a obra lírica do autor, agrupada nos seguintes volumes, deixando de lado antologias ou textos poéticos dispersos:

1. *Rumores de los Pinos. Poesías*, Santiago, Tipografía de M. Mirás y Álvarez, Plazuela de la Fuente Seca, 1, 67, pp., 1877. Contém 8 poemas em castelhano, 11 em português da Galiza e 2 bilingues.
2. *Queixumes dos pinos*, Latorre y Martínez, Editores, La Coruña. Imprenta de “La Voz de Galicia”, 1886. Contém 91 poemas, sem títulos. Inclui os 11 galegos, os dois bilingues e 4 traduzidos da edição de *Rumores*, mais 78 poemas inéditos.
3. *Queixumes dos Pinos y Poesías inéditas*, edição da Academia Gallega, La Coruña, Imp. Zincke Hermanos, 1935. (Póstuma).

4. *Versos iñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*. Reunidos, prologados e anotados por Ricardo Carballo Calero, Vigo, Ed. Galáxia, 1961. Contém 49 composições, inéditas até ao momento, em português da Galiza, além doutras em castelhano, francês e italiano.
5. *Queixumes dos Pinos e outros poemas*, Colección Pombal, Série Azul, nº 6, Ed. Castrelos, Vigo, 1970. Contém toda a obra lírica do autor, acrescentando dois novos poemas. Consultamos também as edições posteriores, que já não trazem novos textos poéticos do autor.
6. *Poesía*, Eduardo Pondal, Ed. de Manuel Forcadela, na coleção “Biblioteca das Letras Galegas”, Ed. Xerais, Vigo, 1989.
7. *Queixumes dos Pinos* de Eduardo Pondal, Biblioteca Básica da Cultura Galega, Ed. Galáxia, Vigo, 1985. (Ed. de Xavier Senín).

Nos últimos anos foi aparecendo uma excelente edição crítica da obra poética de Pondal, publicada pelo professor Manuel Ferreiro, que é fonte indispensável para conhecermos toda a obra do nosso autor. Está formada pelos quatro seguintes volumes:

- Pondal, Eduardo: *Poesía Galega Completa I: Queixumes dos Pinos*, ed. de Manuel Ferreiro, Sotelo Blanco, coleção Clássicos Galegos, dirigida por Cláudio Rodríguez Fer, Santiago de Compostela, 1995.
- _____: *Poesía Galega Completa II: Poemas impresos*, ed. de Manuel Ferreiro, Sotelo Blanco, coleção Clássicos Galegos, Santiago de Compostela, 2001.
- _____: *Poesía Galega Completa III: Poemas manuscritos*, ed. de Manuel Ferreiro, Sotelo Blanco, coleção Clássicos Galegos, Santiago de Compostela, 2002.
- _____: *Poesía Galega Completa IV: Os Eoas*, ed. de Manuel Ferreiro, Sotelo Blanco, coleção Clássicos Galegos, Santiago de Compostela, 2005.

A nossa edição regularizou os seguintes aspectos:

Pelo que diz respeito à ortografia, atualizamos o uso de todas aquelas palavras grafadas com ortografia castelhana, que têm equivalências concretas na nossa língua. Assim empregamos *lh* por *ll*, *nh* por *ñ*, *s/* *ss* em vez de utilizar sempre *s*, *ç/z*, em vez de *z/c*, *-m* final em vez de *-n* final. Assim também, nas palavras rematadas em “án/ón”, grafamos nor-



malmente -ão, sem o indicar no anexo de variantes, o mesmo acontece com os seus respetivos plurais, que grafamos -ões. Estas equivalências ortográficas não as incluímos no anexo de variantes.

Elimina-se o abusivo emprego dos apóstrofes, de uso comum no século XIX, e que os acordos ortográficos se encarregaram de normalizar ou uniformar.

Eliminaram-se os traços desnecessários.

Regularizou-se a acentuação, segundo o acordo ortográfico de 1990.

Mantemos o emprego de “g”, “j” e “x” em todos os casos, exceto quando a incorreção é evidente, por exemplo “vexo”, “Buxán”, “Froxán”, “Xaviña” em “veja”, “Bujão”, “Frojão”, “Javinha”. Os editores modernos normalmente aduzem que “Pondal duvida no emprego de “g”, “j” ou “x” para a representação do som fricativo palatal surdo”². Isto é incerto, sobretudo se temos em conta que, com respeito ao uso etimológico normal, os erros são mínimos, e que grafar unicamente com “x” vai em contra do desejo de Eduardo Pondal³ e em contra da história da nossa língua.

Eliminamos o trema naqueles casos em que Pondal o indica para marcar a realização de hiato por questões métricas.

Mantemos o itálico em todos os casos em que o poeta o utilizou, porque quase sempre tem nele um matiz expressivo.

Corrigimos algumas licenças poéticas (apócopas, aféreses, sín-copas, etc), quando o verso não precisa delas por razões métricas, mas mantemos aquelas que afetariam o cômputo silábico ou a rima.

Com respeito ao léxico, para a adaptação de algumas palavras, procuramos o léxico comum que tivesse a raiz mais parecida com a usada por Pondal. Quando isso não foi possível utilizamos uma equivalência com o mesmo número de sílabas, para mantermos a contagem silábica. Se ainda assim foi impossível, tomamos a palavra mais comum, embora

² Eduardo Pondal, *Poesía*, ed. de Manuel Forcadela, ed. cit., pp. 46. O mesmo se diz em *Queixumes dos Pinos e outros poemas*, ed. Pombal, pp. 8.

³ Por exemplo afirma ser “un etimologista sin eufemismos ni ambages” numa carta publicada por Manuel Ferreiro no seu livro *Eduardo Pondal: do dandysmo à loucura*, ed. Laiovento, Santiago de Compostela, 1991, pp. 149.

afete a rima ou a contagem silábica. Temos de dizer, porém, que na obra de Pondal esta opção foi utilizada em contadas ocasiões. Todas estas palavras podem consultar-se no anexo de “variantes”.

Regularizamos, igualmente, o abusivo uso da vírgula no final dos versos, que muitas vezes impede uma leitura correta.

Incluimos um grande número de notas de rodapé, que esclarecem grande parte da toponímia ou dos antropónimos utilizados.

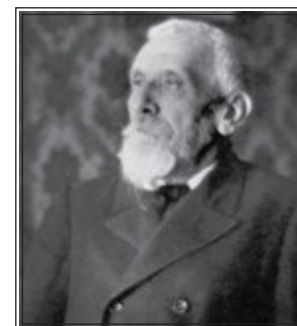
Em apêndice incluímos uma relação de topónimos e antropónimos empregados e o poema e número de verso em que aparece, tendo em conta que naqueles casos em que ocorrem em mais de uma ocasião, a nota de rodapé aparece na primeira.

Com tudo isto, o leitor atual, poderá conhecer um dos poetas lusófonos galegos mais importantes do século XIX, e recuperá-lo assim, finalmente, para o grande património das literaturas de expressão portuguesa.



A POESIA DE EDUARDO PONDAL

1. Introdução.



No presente trabalho, que pretendemos apenas uma introdução à leitura de *Queixumes dos Pinheiros*, propomo-nos dar a conhecer ao público lusófono um poeta de características excecionais: Eduardo Pondal. Não pretendemos dar uma visão total da sua poesia, para o que seria necessária a leitura prévia dos seus textos, mas umas breves indicações dos temas principais que podemos encontrar nela.

Analisaremos aqueles pontos da temática e do pensamento pondaliano que nos ajudem a melhor compreender o seu “universo mítico”, um universo construído na base da utilização da mitologia céltica como matéria principal, mas também estudaremos aqueles outros aspetos que se relacionem com esta característica anterior e que nos podem dar chaves para entendermos a sua ideologia, a sua estética e a sua filosofia.



1.1. Eduardo Pondal: Vida e obra.

Não é este o lugar para nos alongarmos sobre a vida e a obra de Eduardo Pondal, visto que outros investigadores se têm ocupado amplamente do assunto, tais como Ricardo Carvalho Calero¹, Amado Ricón², Manuel Ferreiro³, Manuel Forcadela⁴, Manuel Murguía⁵ e muitos outros.

Não obstante, para o leitor pouco conhecedor do panorama literário galego do século XIX, pode ser de interesse fornecer alguns dados biográficos básicos do nosso autor.

Eduardo Pondal nasceu a 6 de fevereiro de 1835 na pequena vila de Pontecesso, na província da Corunha, sendo batizado no dia 10. Pertencia a uma família de origem fidalga, da pequena nobreza rural galega. E, apesar de a sua vida o ter mantido longe da sua vila natal durante longos períodos, a pequena Pontecesso esteve presente na sua poesia, como podemos observar no seguinte exemplo:

¹ CARVALHO CALERO, Ricardo, *Historia da literatura galega contemporânea*, 2ª ed., Vigo, Ed. Galaxia, 1975, pp.237-333.

² RICON VIRULEGIO, Amado, "Pondal, Eduardo", in: *Gran Enciclopedia Gallega*, XXV, Santiago-Gijón, Silverio Cañada, Editor, 1974, pp. 90-92.

_____, "Vida de Eduardo Pondal" e "Celtismo e pensamento de Eduardo Pondal", in: *Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. Galaxia, 1981, pp. 25-110.

_____, *Estética poética de Eduardo Pondal*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1985.

_____, (ed.): "Limiar", in: *Eduardo Pondal: Os Eoas (Unha Aproximación)*. Limiar, transcripción, selección e notas de..., La Coruña, Fundación Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992.

³ FERREIRO, Manuel, *Pondal: do dandysmo à loucura (biografía e correspondência)*, Ed. Laiovento, Santiago de Compostela, 1991.

⁴ FORCADELA, Manuel: *A harpa e a terra. Unha visión da poesía lírica de Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia, 1988.

_____, "A orixinalidade da obra de Eduardo Pondal", *A trabe de Ouro*, II, nº 14, 1993, pp. 183-212.

_____, *A poesía de Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. do Cumio, 1995.

⁵ MURGUIA, Manuel, *Los Precursores*, Biblioteca Gallega, La Coruña, Latorre y Martínez Editores, 1885.

_____, "Don Eduardo Pondal", *Boletín de la Real Academia Gallega*, X, nº 116, 1-4-1917, pp. 202-210.

_____, "Eduardo Pondal e a súa obra", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXI, nº 248, 17-5-1933, pp. 184-193.

PONTECESSO⁶

Eu nasci em agreste soledade,
eu nasci cabo dum agreste outeiro,
por onde o Anlhões, com nobre majestade,
caminha ao seu destino derradeiro.

5 Eu não nasci em vila nem cidade,
mas longe do seu ruído lisonjeiro;
eu nasci cabo de pinhal espesso,
eu nasci na pequena Pontecesso.

10 Uns nasceram na mágica Granada,
outros nasceram em Málaga famosa,
os outros em Sevilha nomeada,
os outros em Valência deleitosa:
Uns na garrida Cádiz, bem soada,
em Barcelona os outros, populosa;
15 *eu nasci cabo de pinhal espesso,*
eu nasci na pequena Pontecesso.

20 Amável Pontecesso, és pequena,
agreste certamente, mas garrida;
quando deixar a mundanal faena*
teu bardo, e for passado desta vida,

⁶ Para a translação dos textos pondalianos à norma comum do Acordo de 1990, que unificou a escrita de galegos, portugueses, brasileiros e africanos de expressão portuguesa, sigo os ditados básicos expostos pelo estudioso José Martinho Montero Santalha no seu artigo «A recuperaçom da literatura galega para a língua portuguesa: critérios para a edição de textos literários galegos», *Actas do II Congresso Internacional da Língua GalegoPortuguesa na Galiza*, Agal, A Corunha, pp. 159-178. Para a edição dos textos pondalianos sigo os critérios preconizados pelo citado professor (normatização dos aspectos ortográfico e morfológico, indicando em aparato crítico as formas originais do autor). A edição crítica pode consultar-se em Ferreiro, M., *Eduardo Pondal. Poesía galega completa II. Poemas impresos*, nº 18, pp. 54-55.

Variantes: 1, nacín, soedade; 2., nacín; 3. p'ronde, Anllóns; 4. ó; 5, nacín, nin ciudade; 6, mais; 7, nacín, pinal; 8, nacín; 9, nacéno; 10, nacéno; 15, nacín, pinal; 16, nacín; 17, Amabre, anque pequena; 18, mais; 19, cando, faena (= trabalho, tarefa); 21, faz (= face); 22, dixo, ciudade; 23, nacín, pinal; 24, nacín. v.21: Mantemos o castelhanismo faz (= face) por razões métricas.



não te esqueças de quem, com faz* serena,
disse a toda cidade fementida:
eu nasci cabo de pinhal espesso,
eu nasci na pequena Pontecesso.

Eduardo Pondal estuda na escola paroquial de Vilela de Neminha⁷, sob a direção do pároco de Tourinhão, Cristóbal de Lago, onde se inicia no estudo dos clássicos latinos. Tratou-se seguramente de uma época importante do ponto de vista pessoal, e é lembrada em várias ocasiões em anos posteriores, por exemplo no famoso poema *O dólmen de Dombate*:

“Ainda recorde, ainda,
quando eu era estudante,
garrido rapazinho
que bem reger-se sabe;
quando ia p’ra Neminha,
a estudar a arte
do erudito Nebrija
e do bom Vilhafanhe;
e ia de cavalo, ledado,
qual soem os rapazes⁸.”

A esta lembrança dos seus anos juvenis, une a recordação dos que foram os seus companheiros de estudo, como aparece no saudoso poema “Ao abrigo de vento círculo”⁹, onde lembra com emoção aqueles que foram os seus amigos desses anos.

Ao abrigo de vento círculo,
sentada ao pé dos valados
que há nos Casás de Neminha,

⁷ Aldeia da paróquia de São Cristóvão de Neminha, anexo de Tourinhão, no Município de Mugia.

⁸ Veja-se o poema XCIV da nossa edição.

⁹ Trata-se do poema XXVI de “Queixumes dos Pinheiros”.

5 os cabelos penteando
com um lindo pente de ouro,
que deslumbrava ao mirá-lo;
cantava a fada Rouriz
cousas do tempo passado.

10 «Eram Manuel Leis e Banha,
Barrentos, Lastres e os Paz;
Eram Pinheiro e Leis Bušto,
Ruiz, Canosa e Currás;
Arjomil, o da Redonda,
(nunca se me esquecerão)
15 Pedro Rodrigues, Ocampo,
Lourenço e Castro Romai;
Francisco de Castinheira,
Cristóvão, morto em agraz;
Mauro Fernandes, Menecho,
20 Manuel Romero e Pon...al».

Esta parte do seu canto
bem se não pôde escutar,
(soprava o ar muito récio
nos valados dos Casás)
25 e, qual som de doce corda,
ao longe foi expirar.

30 «Lastres era de Mugia,
a areosa, a seca, a triste;
Leis era de Suso, e Ocampo
da terra de Vilharmide;
Leis Bušto, de Coucieiro,
Barrentos de Morpeguite;
de Corcubião os outros



35 *não eram fora dos lindes;
os outros, oh, Bergantinhos!,
todos tu nascer os viste.*

*Estes foram os rapazes
que nunca me sairão
da memória, porque um tempo*

40 *costumavam alegrar
estes lugares que agora
mui sós e tristes estão.*

*Oh, raparigos rebentes,
de tenro corpo lançal,
e tão livres como os corvos*

45 *do facho de Tourinhão!*

*Nas colunas do meu paço,
que baixo da terra está,
os vossos nomes garridos*

50 *para sempre hei de gravar».*

e a Quinto Cúrcio¹¹ estudava,
para ir ao estudo
sempre saía de casa

5 montado sobre uma égua
a quem eu queria e amava
porque nascera como eu
na branca e doce morada
que à beira do rio Anlhões

10 se está olhando nas águas.
O esporista, fiel criado,
que sempre me acompanhava
era Farruco da Bouça,
mui querido em minha casa,

15 moço rijo e não covarde,
e que muito bem cantava.
Oh, Farruco, companheiro,
ainda que a idade passada
voa, e com ela o prazer,

20 sempre a terei na alma!
Ainda bem amo e criado
não perdiam de vista a casa,
ao pisar a doce terra
de onde a Revolta de Cânduas¹²,

25 botávamos um bom vaso
desse que é tinto e sem água,
e não mui tristes voltavam
a emprender a sua marcha.

As lembranças destes anos juvenis levam-no a recordar, igualmente, o criado que o acompanhava no percurso de Pontecesso à escola paroquial de Vilela de Neminha, conservado num rascunho inacabado:

Quando eu era ainda rapaz¹⁰

¹⁰ O poema foi publicado na edição de *Versos iñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*, realizada por Carvalho Calero.

Trata-se de um romance heptassilabo com rima assoante nos pares.

Variantes: 1, Cando, inda; 2, estudiaba; 3, estudio; 4, da; 7, nacera; 9, Anllóns; 10, mirando, augas; 11, espolista; 14, moi; 15, recio; 16, moito; 18, por moito que a edá pasada; 20, teréina; 25, bo; 26, de aquel, sin; 28, emprender; 29, Cando dispóis; 33, volvíase; 24, decia; 25, bo.

¹¹ Quinto Cúrcio Rufo foi um historiador latino do século I, autor das *Historiae Alexandri Magni*, em dez livros, escritas no reinado do imperador Cláudio.

¹² Cânduas (S. Martinho de Cânduas ou Cândoas) é uma paróquia do Município de Cabana, limítrofe com o de Pontecesso. Ocupa uma esplanada sobre a costa, na ria de Lage, entre esse porto e o de Pontecesso. Tem as aldeias de Cânduas e de Revoltas (à que se refere neste verso), Sinde e Ures (verso 30), entre outros grupos menores. Cruza por este termo a estrada de Bunho a Pontecesso. Dão ali o nome da paróquia ao rio Anlhões por desembocar na enseada de Cânduas.



- 30 Quando depois dum galope,
a costa de Ures passada,
do alto de Vila-Seco¹³
respirávamos as auras,
virava-se o amo ao criado
e dizia: - “Farruco, canta”,
35 e o bom Farruco rompia
a cantar um alalala.

O poeta permanece na escola paroquial até 1848, ano em que se muda para Santiago de Compostela para começar os seus estudos liceais, que termina em junho de 1854. Nesta etapa continua o estudo da literatura latina e estuda, igualmente, grego. Em 1854 matricula-se na Faculdade de Medicina, obtendo o grau de Bacharel em Fevereiro de 1859. Em seguida realiza os dois cursos de Medicina e Cirurgia obtendo o grau de Licenciado em junho de 1860, com a qualificação de “Sobresaliente”. Na Universidade continua o seu interesse pelos clássicos grecolatinos e o melhor das literaturas inglesa, francesa, italiana e portuguesa¹⁴. Estuda autores greco-latinos como Vergílio, Tucídides, Plutarco, Homero, Safo, etc..., e sabemos por Fermín Bouza Brey¹⁵ que conhecia igualmente autores como Milton, Shakespeare, Heine, Ossian, Dante, Ariosto, Monti, Leopardi, Chateaubriand, Tasso e Camões¹⁶, autor de grande importância na sua obra. Lia os clássicos na língua original (latim, grego, português, italiano, francês e inglês) e chegou mesmo a redigir poemas em francês e italiano.

¹³ Aldeia da paróquia de São João de Borneiro, no município de Cabana. Veja-se também o poema “O Dólmen de Dombate”, nº XCIV, nota ao verso 6.

¹⁴ Estes dados estão tirados de: FERREIRO, M. (1991), *Pondal: do dandysmo á loucura (biografía e correspondência)*, Ed. Laiovento, Santiago de Compostela, pp. 19.

¹⁵ BOUZA BREY, Fermín, “«A formazón literaria de Eduardo Pondal e a necesidade de unha revisión dos seus ‘Queixumes’», *A Nosa Terra*, A Corunha, nº, 208, 1.1.1925, pp. 11-12, nº 209, 1-2-1925, pp. 11-12, nº 210, 1-3-1925, pp. 11-12.

¹⁶ BOUZA BREY, Fermín, “Camoens e Pondal”, *Nós*, Ourense, nº 134, 15-2-1935, pp. 25-30.

No dia 2 de março de 1856, esteve presente num acontecimento que o marcaria profundamente: o banquete de Conjo¹⁷, no qual se produziu um verdadeiro ato de irmandade entre uma representação dos operários e dos universitários da época. Os organizadores foram Aurélio Aguirre, Eduardo Pondal e Luís Rodríguez Seoane. O ato consistiu num banquete em que se sentaram à mesa, alternando, um estudante e um operário, que se abraçaram num momento determinado. Aurélio Aguirre e Pondal fizeram os brindes poéticos, sendo o de Pondal em oitavas reais, com carácter social e democrático. Os textos de Aguirre e Pondal foram considerados revolucionários e por essa razão foram ambos os estudantes processados pela Audiência da Corunha (o Tribunal de Relação), e só devido à intervenção do fiscal de Santiago (o agente do Ministério Público), que julgava excessivo castigo, não foram deportados para as ilhas Marianas¹⁸.

Ao concluir o seu curso de Medicina, trabalhou como médico da Armada. Não obstante, a vida militar não lhe agrada e abandona o seu posto, obtido por concurso em 1863.

Entre os anos de 1863 e 1870 estabelece-se na sua casa natal de Bergantinhos, com saídas esporádicas dela. Posteriormente viveria em Santiago e na Corunha. Começa um intenso trabalho poético que culminará com a publicação, entre outras obras menores, do seu livro *Rumores de los Pinos* (1877), que será objeto de sucessivos aperfeiçoamentos. Veio a converter-se na sua obra mestra: *Queixumes dos Pinos* (1886). A partir da publicação deste livro já não voltará a utilizar o castelhano como língua de criação.

¹⁷ Trata-se de um município que foi integrado no de Santiago de Compostela no ano 1925 e em que se encontra o convento de Santa Maria.

¹⁸ O texto foi publicado anteriormente em *La Oliva*, nº 16, Vigo, 26-3-1856 e na *Revista Gallega*, nº 156, 6-5-1898. A morte de Pondal foi reproduzido no *Boletín de la Real Academia Gallega*, tomo X, nº 116, pp. 204, 1-4-1917 e por Ricardo Carvalho Calero em *Versos lñorados ou esquecidos*, nas pp. 108-112. A primeira estrofe, que traduzo, diz assim: “Brindo por quem, senhores, a vitória, / morto mas não vencido, deu ao tirano; / o ilustre varão de alta memória, / o ilustre Catão republicano: / da nossa ideia à futura glória; / e brindo pelo povo soberano, / e a quem aceite, livre como o vento, / o voo do humano sentimento”.



A obsessão no trabalho d'*Os Eoas*¹⁹ acompanhá-lo-á até à morte. Muitas vezes esteve prestes a publicar esta obra, mas esse fato nunca se concretizou em vida do autor²⁰, apesar de nalgumas ocasiões assegurar que se encontrava concluída. Em fins de 1887 retira-se para Pontecesso certamente com a ideia de finalizar *Os Eoas* e, em 1888, para Carvalho, talvez devido a problemas económicos com os seus irmãos, a quem continuamente solicitava dinheiro para os seus gastos. Entre 1888 e 1892 vive na Corunha, Laje e Pontecesso, até se instalar definitivamente na capital corunhesa (1894). Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX toda a sua atividade literária se move em torno da Cova Céltica e das publicações a ela ligadas, em especial a *Revista Gallega*, em que publica vinte e oito poemas entre 1896 e 1905²¹.

Em 1906 constitui-se a Academia Gallega, que o fez numerário e, embora nunca participasse nela, este fato alegrou-o muito, ao ponto de lhe doar boa parte dos seus manuscritos. Na Corunha vive os seus últimos dias isolado e doente. Segundo se pode concluir duma leitura dos seus poemas, sempre quis ser enterrado sob os ramos dos pinheiros ou nas “esquivas gândaras do Jalhas”, ideia que aparece no poema LVIII de *Queixumes*:

5 Quando jazam do cisne
os febreiros despojos,
sobre o verde da ribeira escura,
e já não se ouça o canto harmonioso,
dai-lhe a sepultura
no promontório aquele, areoso e vougo,

¹⁹ Trata-se de uma epopeia que complementaria o poema *Os Lusíadas*, do seu admirado Luís de Camões, no mesmo tom e tipo de verso. É a história da descoberta das Índias Ocidentais e está centrada na figura de Cristóvão Colombo e nas gestas levadas a cabo pelos espanhóis, tal e como *Os Lusíadas* se centra em Vasco da Gama e a sua viagem à Índia, narrando as gestas que empreendem os portugueses.

²⁰ Haveria que aguardar até ao ano 1992 para ver uma edição parcial da obra, que utilizou os manuscritos deixados pelo autor num baú que se conserva na Real Academia Galega. Hoje contamos com a excelente edição crítica de Manuel Ferreiro (Consulte-se a Bibliografia).

²¹ FERREIRO, Manuel, *Pondal: do dandismo à loucura (biografia e correspondência)*, Ed. Laiovento, Santiago de Compostela, 1991, pp. 55, nota 92.

10 onde o Anlhões, o seu nativo rio,
(que ele amou mais de todos),
da peregrinação antiga sua
e do longo trabalho acha repouso.

15 Que diga o marinheiro,
rude filho de Osmo²²,
ao entrar pela Barra²³,
virando o escuro rosto:
- «Ali jaz o que fora
noutro tempo cantor do eido nosso».

Uma ideia semelhante pode encontrar-se num poema que apareceu na edição académica de 1935 (pp. 251), onde insiste em ser enterrado “ao modo dos celtas”.

5 Quando for sepultado²⁴
não me deis a mim
brilhante sepultura
de mármore gentil,
sepultai-me piadosos
da gandra no confim.
E ao modo dos celtas
sepultai-me ali
com umas rudes antas

²² Segundo Manuel Ferreiro trata-se de uma praia situada perto da ponta Arnela, na enseada de Corme-Porto, no município de Pontecesso.

²³ Ponta (ou barra) situada na desembocadura do rio Anlhões, em Pontecesso.

²⁴ A edição crítica encontra-se em Manuel Ferreiro, *Poesía galega completa III. Poemas manuscritos*, Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela, 2002, nº 27, pp. 50. Trata-se de uma combinação de versos hexassílabos com um decassílabo e com rima assonante nos pares.

Var.: 1, Cando, 2, dedes; 3, brillante; 8, sepultádeme; 9, rudas.

v.2: Devemos realizar hiato ena forma verbal.

v.8: É necessário um hiato entre o pronome átono e o advérbio de lugar.

v.11: É necessário realizar uma violenta sinalefa para manter a contagem silábica.



10 que se ergam sobre mim;
e ao olhá-las, o transeunte
que diga: - "Jaz ali
o nobre e celebrado
cantor de Breogão e Brandomil²⁵".

Indicações parecidas aparecem nos comentários manuscritos que recolhe Manuel Ferreiro, tiradas das agendas do poeta, e entre elas encontramos um exemplo que é quase uma paráfrase do poema anterior²⁶:

"Erguei quatro pedras sobre a minha tumba à maneira dos Celtas, os nossos antepassados, para que quando o caçador transeunte passe perto de mim diga: Aqui jazem as cinzas do futuro cantor dos celtas do Anlhões".

As circunstâncias da vida fizeram-no mudar esta intenção e assim, no poema *A derradeira vontade*, datado em 2 de Fevereiro de 1916, escreve o seguinte:

Quando eu passar desta vida
levai-me a Pontecesso,
não vestido este meu corpo
de profano vestimento,
5 mas do saial de Francisco
cingido, humilde, singelo,
- que ainda que não nasci humilde,
humilde repousar quero-,
e já ali me sepultai
10 no monumento paterno...
Quando eu passar desta vida

²⁵ Podem consultar-se as notas de I,26 e de XXXIII,18.

²⁶ FERREIRO, Manuel, *Pondal: do dandysmo á loucura (biografia e correspondência)*, Ed. Laiovento, Santiago de Compostela, 1995, pp. 69.

levai-me a Pontecesso.

Se não for na Pontecesso,
sepultai-me na Corunha,
15 nesta garrida cidade
que mil belezas aduna,
ao lado do insigne Curros,
já que a dele e a minha musa
a fala de Breogão
20 fizeram nobre e robusta:
Eu quero jazer de par
de tão nobre sepultura...
Se não for na Pontecesso
sepultai-me na Corunha²⁷.

Pondal morreu na Corunha no dia 8 de Março de 1917, sendo enterrado nessa mesma cidade, no mesmo cemitério onde repousa o poeta Curros Enríquez, como Pondal desejava.

2. Elementos da poesia pondaliana.

Eduardo Pondal apoiou em dois alicerces básicos a sua concepção teórico-ideológica da Galiza e do Ressurgimento²⁸ da sua cultura, em que ele próprio teve um papel destacado. Estes dois alicerces foram a utilização do galego da sua época como língua nacional, e a utilização do passado céltico como fonte de inspiração. Com a dignificação da língua tentou dar um instrumento de comunicação ao povo galego para além do castelhano. A dignificação linguística levaria a uma maior coesão social e à assunção do passado glorioso do povo galego, que deveria ser mais glorioso ainda que o do povo invasor, para servir assim como elemen-

²⁷ Trata-se do poema XCVIII da nossa edição.

²⁸ FONTENLA RODRIGUEZ, J. L. (1990), «Os ressurgimentos galegos», in: *Temas de O Ensino*, vol. VI, Pontevedra-Braga, pp. 31-36.



to dignificador. Pondal mostra as características gerais de defesa face à agressão do castelhano e o escudo onde encontrar proteção para o seu labor de engrandecimento social e cultural da etnia galego-portuguesa. Pondal utilizou todos os recursos ao seu alcance para lograr este fim. No plano mitológico Pondal achou, no exemplo de Macpherson²⁹, com os seus cantos ossiânicos, um conjunto de tradições que podia utilizar. Seguindo a ideia de Murguia do passado céltico da Galiza, Pondal tomou a figura de Breogão como um mito ideal para articular a concepção do seu mundo poético pessoal que lhe serviria para alcançar os dois objetivos antes expostos.

2.1. A figura de Breogão e a tradição mitológica dos manuscritos irlandeses.

Apoiando-nos no *Livro das invasões* (o *Leabhar Ghabhala*), e em especial nos seus capítulos XI, XII e XIII, encontramos o relato das mais antigas tradições do povo celta que, num princípio, habitou na Cítia grega, até que após alguns séculos partiu dali, passando pelo Egipto até à Hispânia. Foi Brath, filho de Death, quem embarcou acompanhado pelos seus chefes Occe e Uicce, os dois filhos de Elloth; e Mantan, filho de Cai-cher, em 40 barcos.

Ao chegarem à Hispânia ganharam tres importantes batalhas contra as tribos que habitavam a Península: uma batalha contra os Toisona, outra contra os Bachra e uma terceira contra os Longbairdaid.

Brath, filho de Death, teve na Hispânia um filho chamado Breogão, o grande herói pondaliano, e sempre presente nos seus versos patrióticos como, por exemplo, o “Hino galego”.

Breogão foi o fundador de Brigântia (a atual cidade da Corunha) que converteu na sua capital “a verde terra de Brigântia”³⁰, como diria Pondal. Breogão edificou uma torre em frente da cidade, à qual chamou

²⁹ MACPHERSON, J., *The Poems of Ossian*, Ernest Fleischer (Leipzig), 1834.

³⁰ Do poema «Rumores vagos e íntimos dos pinhos», que aparece na edição de *Versos iñorados ou esquecidos*, pp. 131-132.

Tor Breoghain (Torre de Breogão) e que, como bem assinala Manuel Murguia³¹, estaria situada no lugar da actual Torre de Hércules.

Breogão teve filhos em Brigântia, cujos nomes ainda se conservam: Bregb, Cuala, Cuaionge, Blad, Fuad, Muirthemne, Eble, Nar, Ith e Bile. Nas antigas tradições da Galiza a existência destes heróis e guerreiros está muito presente, em especial a história de Ith e a sua viagem de descoberta da Irlanda.

Como se sabe, Ith, filho de Breogão, divisou longe, na distância, do alto da Torre de Breogão, as costas de uma ilha.

Ith partiu para a ilha acompanhado do seu filho Laghaid e doutras pessoas da sua tribo. Desembarcaram em Brentracht. Na altura reinavam na ilha Mac Cuill, Mac Cocht e Mac Greiniu, que se encontravam naquele momento em Ailech, para onde se dirigiu Ith. Ao reunir-se com eles louvou grandemente aquela terra, e os nobres irlandeses pensaram que o fazia para depois se apoderar dela. Por esta razão mandaram segui-lo, sendo alcançado antes de chegar ao barco, embora devido à ajuda dos seus companheiros pudesse chegar ainda vivo a ele e morrer no mar.

O *Leabhar Ghabhala*, nos capítulos antes referidos, narra todas as aventuras dos filhos de Breogão e os seus descendentes até vencerem os habitantes da Irlanda, os Tuatha de Danann, e apoderar-se finalmente da ilha.

A utilização por parte de Pondal da figura de Breogão não é só coerente dentro do que é o seu pensamento, mas também se trata de um herói bem escolhido, por ser um poderoso rei, que serviu de matéria lendária noutras tradições célticas, como é a irlandesa, em cujos manuscritos e lendas mais antigas permanece. Breogão serviu-lhe assim para o seu labor de dignificação nacional, dotando o povo da Galiza de um glorioso passado mitológico.

No índice de topónimos e antropónimos podemos observar que a figura de Breogão aparece nos 91 poemas de *Queixumes* em quatro ocasiões. Trata-se do primeiro e do penúltimo poema do livro (I e XC) e nos poemas XLV e LVII. Como podemos verificar encontram-se situados no

³¹ MURGUÍA, M., *Galicia (1)*, Ed. Xerais de Galicia, Vigo, cap. II.



começo e fim da obra, e na parte central dela. No primeiro e no penúltimo é somente uma referência aos pinheiros, que parecem formados como um esquadrão dos exércitos de Breogão.

No poema XLV o poeta vê na raça de Breogão (o povo galego) um futuro destino glorioso (versos 1-12), em que a “gente de Breogão” será um sinal para os novos tempos por chegar (versos 141-150).

5 Boandança, saúde
raça de Breogão,
teus gloriosos destinos
certo é doce agoirar,
raça nobre, mas rude,
forte no suportar,
a de boa estatura
e de corpo lançal;
parecida com pinhos
10 bem compridos que estão
sobre a materna, rápida pendente
do monte de Brumar.

Este poema XLV utiliza a figura da raça de Breogão como um símbolo profético de unidade galego-portuguesa (versos 85-110) e como visão de um futuro glorioso:

90 tal tu, nobre e comprida,
boa raça lançal,
nos dias da futura
boa idade, serás
atamento garrido,
forte nó sem rival,
ponte de ledos arcos
que é doce contemplar,
e os bons filho do Luso,

95 e os fortes irmãos,
num só nó, fortemente,
os dous constrangirás;
*tal é a semelhança sonora
do garrido falar!*

100 Sim... Dos filhos do Luso,
que afastados estão
por real estultícia
da gloriosa mãe,
o pastor, bom e forte,
algum dia serás
105 que a tribo vagorosa
ao deixado clá,
o descarriado gado,
que agora errando está,
ao redil antigo
110 gloriosa voltarás.

O poema LVII é um apelo ao povo galego, representado na figura da mãe, rematando com dois versos proféticos: “A luz virá para a caduca Ibéria / dos filhos de Breogão...!”.

Talvez seja por esta razão que, quando Pascual Veiga solicita a Pondal em 1890 um texto para o certame do “Orfeão Corunhês nº 4”, cuja organização lhe tinha sido confiada, e na qual se atribuiria um prémio ao melhor hino galego, Pondal hesitasse sobre o título do hino entre “Breogão” e “Os Pinhos”³², utilizando o nome do “caudilho dos celtas” no texto definitivo no último verso das estrofes 2ª e 4ª e da 5ª até ao final.

Posteriormente, Pondal utilizaria de novo a figura de Breogão no poema “A Fala” (que recolhemos mais adiante).

³² Para uma história da génese do Hino Galego pode consultar-se FERREIRO, Manuel, *De Breogán aos Pinos. O Texto do Himno Galego*, ed. Laiovento, 1996.



2.2. A utilização de elementos arqueológicos como símbolos³³ de um passado glorioso.

A existência de restos arqueológicos da época pré-romana em todo o ocidente peninsular (e a sua profusa existência na Galiza) tais como dólmenes e castros, foi para Pondal um dos elementos de inspiração de muitos dos seus melhores poemas. Eduardo Pondal cantou o lar natal de Bergantinhos, como símbolo de uma terra adusta e viril (cenário do seu descanso e retiro), em poemas como «Pelo baixo cantando» (nº I) «Oh, terra de Bergantinhos» (nº XII) ou «Selvagem vale de Brântoa» (nº XIV). Nestes poemas o amor do poeta à sua terra mãe fica explicitamente marcado. Outros poemas como «Oh, castro de Remesende» (nº XXIX), «Rei dos castros, castro forte» (nº XLIII), ou o famoso poema sobre «O dólmen de Dombate» (nº XCIV), mostram a admiração de Pondal pelos restos megalíticos conservados na terra da Galiza e que são para ele sinais da existência do povo celta que antigamente morara nestas terras, um elo entre o presente e o passado.

Outro elemento típico de estilo pondaliano é a personificação de muitos topónimos da zona de Bergantinhos, a criação com eles de heróis e donzelas e a sua utilização como traço de estilo na sua poesia³⁴.

É difícil constatar a existência desses guerreiros heróicos pondalianos procurando-os no fundo da mitologia céltica. Mas nem todos foram nomes inventados ou personificações de elementos toponímicos. O maior herói pondaliano, e que Pondal utiliza em muitos dos seus poemas, é o rei Breogão, que está perfeitamente presente noutras tradições celtas, como a irlandesa. No entanto, Pondal não conheceu, por exemplo, o *Leabhar Ghabhala*³⁵, ou os manuscritos irlandeses mais antigos onde não só aparece Breogão, mas também toda a sua genealogia anterior e posterior.

³³ FORCADELA, Manuel: *A poesia de Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. do Cumio, 1995, considera três níveis na simbologia pondaliana. Os símbolos de terceiro nível seriam o vento, as aves e os pássaros, a música (e a poesia) e a luz. Os de primeiro nível a terra fúnebre, a terra protetora, a terra mencionada e os castros. Os de segundo nível seriam para ele as árvores, o pinheiro e a harpa, as urzes e os bosques.

³⁴ Pode consultar-se a listagem de topónimos e antropónimos utilizados que aparece ao final de *Queixumes*.

³⁵ *Leabhar Ghabhala*, AKAL, nº 171, edição de R. Sainero, Madrid, 1988.

3. A teoria ideológico-literária em Eduardo Pondal.

3.1. A relação da Galiza com Portugal.

Numa poesia que publica Pondal em 1902 na *Revista Gallega*, por ocasião de uma visita à cidade da Corunha da tuna universitária do Porto, podemos observar um motivo importante do pensamento pondaliano: a língua como traço de união entre a Galiza e Portugal. Neste poema menciona-se a origem galega de Camões, que Pondal reverenciava. No verso sexto há uma menção à famosa gesta narrada n'Os Lusíadas:

5 Bem os conheço: escrito
levam na nobre fronte
o selo esplendoroso
daquela forte gente
que nos passados tempos
o passo abriu ao luminoso Oriente.

10 De Lusitânia foram
os esforçados peitos,
do robusto Camões
os sublimes afeitos.
Destino foi glorioso certamente:
da boa Lusitânia foram os feitos
famosos, da Galiza a musa ardente³⁶.

Um esplêndido exemplo do pensamento ético-ideológico de Eduardo Pondal é o atual «Hino galego». Sobre tudo a sua quinta estrofe mostramos, com total clareza, a mensagem pondaliana face a uma Galiza que depois atraíçaria as suas esperanças e que condenaria as suas ideias

³⁶ Combinação de versos hexassílabos e decassílabos com rima consoante. O esquema métrico é na primeira estrofe 6-, 6a, 6-, 6a, 6-, 10a, e na segunda é 6-, 6a, 6-, 6a, 10b, 6a, 10b. Variantes: 1, conozo; 2, frente; 3, selo; 6, abriu; 7, fono; 12, fono; 13, de Galicia.



ao ostracismo e ao silêncio (ou a uma dignificação redutora e não baseada na leitura crítica dos seus textos). Esta famosa estrofe diz assim:

5 À nobre Lusitânia
os braços tende amigos,
aos eidos bem antigos
com um pungente afã,
e cumpre as dignidades
dos teus soantes pinhos,
duns mágicos destinos,
oh, grei de Breogão!³⁷

Pondal estava perfeitamente consciente de que a sua mensagem era dirigida a uma elite de «bons e generosos» que a entendiam, a assumiam e a espalhavam. Contra estes o 'bardo de Bergantinhos' vislumbrou ao longe essa outra ralé de ignorantes que não o entendiam, e que depois se encarregariam de manchar os sonhos que ele ajudara a criar e a «língua de ouro» que ele tratara de reconstruir.

Daí a terceira estrofe do «Hino galego», profeticamente enunciado por Eduardo Pondal:

Os bons e generosos
a nossa voz entendem,
e com arroubo atendem
o nosso rouco som,
mas só os ignorantes
e fêridos e duros,
imbecis e escuros
não nos entendem, não!³⁸

³⁷ 3. ós, 4. afán, 5. vaguedades.

³⁸ 1. bós, 2. sóo; iñorantes, 7. imbéceles.

A questão da língua da Galiza é um ponto capital da ideologia como relação frutífera da Galiza com Portugal. A existência de uma fronteira não era suficiente para desatar os profundos laços de união entre a nossa etnia de ambas as margens do Minho. Pondal utiliza o idioma como um símbolo da galeguidade, mas esse símbolo é também símbolo da portugalidade do nosso povo. A sua língua literária elevou o 'galego' ao carácter de variante culta do português, em pé de igualdade com a utilizada por outros poetas no âmbito da língua portuguesa. Além da língua, Pondal reafirma a unidade cultural galego-portuguesa, compartilhando um passado céltico glorioso e uma língua comum.

Na *Revista Gallega* exalta a edição da *Crónica Troiana* que acabava de editar Andrés Martínez Salazar como símbolo dessa unidade galego-portuguesa: "[E] Nesses acentos bravos / de fortes -e não de escravos-, / com alentos soberanos / dizer parece: - Abraçai-vos / [10] gallegos e lusitanos. // Abraçai-vos contentes / desses vossos nobre sons, / sonorosos e roburentos; / que são os vossos acentos, / os acentos de Camões³⁹".

A sua admiração por Camões já foi vista nos poemas anteriores. Esta admiração nota-se também na escolha da oitava camoniana para a realização da sua obra *Os Eoas* (influenciada por *Os Lusíadas*) em que trata o descobrimento da América e a circum-navegação do mundo por parte dos espanhóis.

Um poema que resume perfeitamente todas as ideias que temos indicado até ao momento é o poema 'A fala'.

A FALA
Nobre e harmoniosa
fala de Breogão,
fala boa, de fortes
e grandes sem rival,

³⁹ Variantes: 6, En eses (utiliza-se a forma nesses e engade-se a conjunção copulativa); 9, parez que diga: -Abrazavos (muda-se o verso, mantendo-se o significado); 10, gallegos; 11, Abrazádevos contentos; 12, soes (= sons).



5 tu do celta aos ouvidos
sempre soando estás
como soam os pinhos
na costa de Frojão;
tu nos eidos da Céltia
10 e c'o tempo serás
um lábaro sagrado
que ao triunfo guiará,
fala nobre, harmoniosa,
fala de Breogão!

15 Tu, sinal misterioso
dos teus filhos serás
que pelo mundo dispersos
e sem abrigo vão;
e àqueles que foram
20 numa passada idá*
defensores dos eidos
contra o duro romám*
e que ainda cobiçam
da terra a liberdá*,
25 num povo nobre e forte,
valente, ajuntarás,
oh, fala harmoniosa,
fala de Breogão!

Serás épica tuba
30 e forte sem rival
que chamarás aos filhos
que além do Minho estão,
os bons filhos do Luso,
afastados irmãos
35 de nós por um destino

invejoso e fatal.
C'os robustos acentos,
grandes, os chamarás,
verbo do grão Camões,
40 fala de Breogão!⁴⁰

3.2. A "missão" do bardo.

Eduardo Pondal concebe-se a si mesmo como a um bardo que deve anunciar os novos tempos de liberdade, em que a Galiza recobra o seu passado ideal. Assim Pondal contrapõe na sua poesia o passado celta, cheio de esplendor, esse passado livre, adusto e masculino, com um presente de almas efeminadas e escravas.

As almas escravas
de ideias não grandes,
vão pensando mil coisas fêmeas
molengas e infames.

5 Mil sonhos forjando
que o ânimo dobram,
arrastando infamantes cadeias,
qual brandos hilotas.

10 Espíritos brandos,
esp'ritos muliebres,
solitários, que lenta consome,
e mórbida, febre.

Mas a alma do bardo,
15 enérgica, ousada,
que audaz liberdade

⁴⁰ Trata-se do poema XCIII da nossa edição.



tão só sonha e ama,
vai pensando em propósitos férreos
que ergueram a pátria!⁴¹

Este exemplo mostra claramente a contraposição pondaliana entre esses dois mundos. Um caracteriza-o como escravo, efeminado, mole, infame, brando (o presente); o outro é enérgico, ousado, audaz e férreo (o passado).

Não obstante, Pondal não é só um cantor de feitos passados, ele assume o papel de agitar as consciências da Galiza. Assume o papel de modificar as coisas, de animar as pessoas a conseguir a liberdade.

5 Seja forte o galego
nos combates da vida;
como robusto pinho
que erguendo a excelsa cima,
da tempestade ao sopro
a poderosa frente não inclina.

10 E se cair acaso
um furação o obriga,
caia como ele, intrépido
com temerosa ruína,
qual gladiador sobre a candente areia,
que ainda na mão o duro ferro oprima⁴².

Pondal também não quer esquecer aqueles que deram a sua vida pela dignificação da Galiza. O poema que dedica aos mártires de Carral (militares fuzilados em 1846, na mocidade do poeta, por terem realizado um “pronunciamento” de carácter galeguista e liberal) mostra até que ponto lhe ficou gravado o relato que lhe fizeram desse trágico episódio.

⁴¹ Trata-se do poema LXX de *Queixumes*.

⁴² Trata-se do poema XCVII da nossa edição.

A sua ira contra estes fuzilamentos contrasta com a constatação de que o presente que viveriam os “mártires”, se não tivessem morrido, é tão desesperante que até volveram à cova “por não ver abafadas de vergonha / da pátria o opróbrio duro e ferroento”.

Quando mo referiram,⁴³
sendo cândido neno,
a execução odiosa
do bárbaro decreto;
5 não chorei, não, quedei como estantio
diante do opróbrio duro e ferroento.

10 Dormi, heróis, dormi,
que vos conceda o céu
um doce e brando sono
de tanta infâmia isento;
dormi o eterno sono; não saibais
da pátria o opróbrio duro e ferroento.

15 Que se à vida voltáreis
certo, eu tenho por certo,
voltáreis da cova
ao doce sono eterno;
por não ver abafados de vergonha
da pátria o opróbrio duro e ferroento.

Muitos são os poemas pondalianos que convidam à luta, a fortalecer os espíritos, quer no plano de dignificação da língua (os poemas “Falade galego” ou “A fala”) quer na denúncia do processo de assimilação cultural que levava as pessoas a modificarem a sua língua e adotar o castelhano, (por exemplo naquele poema que começa “A língua tiveram

⁴³ Tinha 11 anos quando se produziram os fuzilamentos dos mártires de Carral. Trata-se do poema XCV da nossa edição.



/ por língua de escravos / esqueceram os pátrios acentos / suícosos e brandos" (QP78)), quer no apelo à luta contra os invasores ou no simples chamamento à dignificação das consciências. O seu apelo à mãe, que considera a melhor transmissora da ideia da pátria, vê-se com clareza neste poema:

- Não cantes tão tristemente,
pobre e desolada mãe;
não lhe cantes cantos brandos
pra adormecer o rapaz,
5 onde está a cova do sono
no céltico carvalhal;
canta-lhe cantos ousados
que um forte peito farão;
canta-lhe o que já cantara
o nobre bardo Gundar:
10 "A luz virá para a caduca Ibéria
dos filhos de Breogão!..."⁴⁴

3.3. O Helenismo.

Outro dos temas que atraiu Eduardo Pondal durante toda a vida, desde os seus estudos na escola de Neminha, foi o de tomar a antiguidade clássica greco-latina como tema para algumas das suas composições. O seu helenismo pode observar-se em numerosos poemas que têm como objeto salientar o modelo dos heróis clássicos para o povo galego e indicar-lhes assim um caminho a seguir.

Em 1829 a Grécia tinha-se tornado independente, conseguindo libertar-se da opressão do Império Turco (Pondal elogiou dois dos seus protagonistas, Konstantinos Kanaris e Marko Botzaris no poema "Quem brando vegeta", nº 77 de *Queixumes*). Os feitos gloriosos da guerra da independência, assim como os heróis e as faanhas da antiguidade, inspiraram alguns dos melhores poemas de Pondal.

⁴⁴ Trata-se do poema LXVII da nossa edição.

A citação introdutória de *Queixumes*, do poeta Tirteu é muito esclarecedora. Tirteu é para ele um exemplo a seguir, já que com os seus cantos patrióticos inflamou a coragem espartana, levando-os à vitória na Segunda Guerra Messénia. O fragmento mais importante da poesia de Tirteu é o seguinte (trata-se do fragmento 10W):

É belo, pois, o bom homem estar morto tendo caído/ nas primeiras filas de batalha, lutando pela sua pátria./ E é a coisa mais penosa de todas mendigar,/ abandonando sua própria cidade e os fecundos campos,/ errando junto com a amada mãe, o velho pai,/ os filhos pequenos e a esposa legítima./ Odioso estará entre aqueles, aos quais ele viria/ cedendo à carência e à horrível pobreza./ Ele desonra a linhagem, envergonha o nobre aspeto,/ e todo o desprezo e reprovação por covardia o acompanham./ E se, assim, nenhuma solicitude para o homem errante/ sobrevém, nem respeito, proteção divina ou compaixão,/ que nós lutemos com coração por esta terra e pelas crianças,/ que nós morramos sem poupar nossas vidas./ Então lutai, ó jovens, permanecendo fixos uns ao lado dos outros,/ não tomeis a iniciativa da fuga vergonhosa nem do medo,/ mas fazei o coração grande e forte no peito/ e não ameis a vida lutando contra os homens./ E a estes mais velhos, os idosos, cujos joelhos/ não são mais ágeis, não fujais abandonando./ E isto, pois, é vergonhoso: tendo caído entre as primeiras filas de [batalha/ um homem mais velho estar estendido na frente dos jovens,/ tendo já sua cabeça branca e o queixo cinza,/ exalando sua valorosa alma na areia,/ tendo as partes pudendas ensanguentadas nas próprias mãos/ - estas coisas são vergonhosas de se ver com os olhos e encolerizantes [para os deuses -/ e sendo desnudada sua pele. Por outro lado, tudo convém aos jovens,/ enquanto possuam a esplêndida flor da



amável juventude:/ para os homens é admirável de se ver, é amável para as mulheres/ estando vivo, e é belo tendo caído nas primeiras filas de batalha./ Mas que alguém bem estabelecido permaneça firme/ em ambos os pés sobre a terra, mordendo o lábio com os dentes./

Após a leitura deste poema de Tirteu, fica claro o porquê é uma citação de Tirteu a que introduz os *Queixumes* de Pondal. Trata-se de um poeta que (como Pondal) anima a lutar pela sua pátria, embora isso leve os heróis a morrerem na batalha. Pondal, que se via a ele próprio como um bardo que fala para as melhores almas (para os “bons e generosos”) do povo galego, não podia deixar de reconhecer-se a si próprio no exemplo de Tirteu, por isso lhe dedicou o famoso poema “A lira de Tirteu” (nº XCVI da nossa edição). Outras muitas personagens gregas aparecem nos versos de Pondal. Após o primeiro poema de *Queixumes*, onde achamos Pondal a sonhar com as glórias passadas da pátria, a primeira figura que aparece é a do grego Brásidas (QP nº 2), que se toma como exemplo:

E pois eu aborreço
os vulgares propósitos,
e o fim do meu trabalho
certo é, não remoto,
antes que a comum mãe
recubra os meus despojos,
deixar de mim quisera
um radioso lôstrego,
e morrer com honor, como morrera,
Brásidas valoroso.

Brásidas foi um grande militar espartano, distinguido na Primeira Guerra do Peloponeso. Foi reconhecido pela sua coragem, sabedoria, competência bélica e habilidade oratória, sendo comparado por Platão com o herói homérico Aquiles. Brásidas foi ferido na batalha de Anfípolis,

em que morreu o seu grande inimigo Cléon, também refratário a qualquer tipo de acordo com o inimigo. Brásidas recebeu a honra excecional de ser enterrado no interior das muralhas de Anfípolis e o seu túmulo tornou-se o local de um culto anual, em homenagem ao herói.

Tampouco podia faltar, num catálogo de heróis gregos, o nome do grande Leónidas, que lutou contra os exércitos de Xerxes na passagem das Termópilas. O poema VI dos *Queixumes* põe os seus olhos na figura deste rei. Embora ele e os 300 espartanos da sua guarda pessoal morressem a lutar contra as tropas inimigas, o seu exemplo e o tempo suplementar que tinha ganho, permitiu que finalmente a Grécia conseguisse vencer os descomunais exércitos de Xerxes e expulsá-los da Grécia. Pondal dedicou-lhe também o poema “Envolto em duro ferro” (nº C da nossa edição).

Há um grupo de poemas de inspiração helenística agrupados entre os poemas LXXI e LXXV de *Queixumes*. “Sem caber nos pelejos” (nº LXXI), cita os generais tebanos Epaminondas e Anaxíbios. O seguinte poema, o LXXII, mostra também elementos helenísticos (a região de Messénia e a Pítia, profetiza do oráculo de Delfos), junto com a figura do escravo Espártaco. O LXXIII, “Coroados de flores”, ainda sem citar nenhuma personagem clássica, mostra-nos uma inspiração claramente greco-latina. O poema LXXIV, dedicado a Andrés Muruais, compara a sua morte à de Euforbo, filho de Pânthoo, herói da *Ilíada*:

5 “Qual caíra o radiante
e valoroso filho de Panthoo,
cos sobérbios argivos
em ousada tenção,
10 (ali onde o claro Símois
corre, nobre e veloz,
à parte em que natura
primeiro o obrigou),
na sua pompa garrida
envolto como um sol,



e ressoaram as brilhantes armas
com temeroso som;”

Entre os poemas acrescentados, na edição de 1935 são de inspiração helénica “Não vem dos duros éforos⁴⁵”, “Envolto em duro ferro⁴⁶”, “Néscias filhas da Hélade⁴⁷”, “A lira de Tirteu⁴⁸” (do que falamos mais acima) e “Homem livre, livre terra⁴⁹”. O primeiro deles, “Não vem dos duros éforos” é o poema pondaliano que apresenta uma maior quantidade de nomes gregos, tais como Lisandro, Clearco, Machánidas, Gilipos, Calicrátidas, Agesilau, Stenelaidas, Leónidas, Brásidas, a cidade de Athenas, Phomeretes, Academo a nobre Stoa e Epicuro. Pondal diz que a luz não veio da Grécia, mas “*De ti, Bethlém escura, / De ti, pequena Ephrata, / Sairá uma luz brilhante, / [40] Sairá uma estrela mágica, / Que alumeará do mundo / as tenebrosas almas. / Ai, dos grandes e esquivos da terra! / Ai, das cegas grandezas humanas!*”⁵⁰ Trata-se assim, de um poema que complementa o helenismo e o cristianismo, tema quase totalmente ausente no resto da poesia pondaliana.

O poema “Envolto em duro ferro” tem os mesmos protagonistas e o mesmo tema do já comentado “Morrer em brando leito”. Outro poema interessante é “Néscias filhas da Hélade⁵¹”, com um tema querido ao poeta, como era o elogio de Safo:

- «Néscias filhas da Hélade,
tão somente fiadas
na corpórea beleza
e nas caducas graças;
5 nos áureos braçaletes

⁴⁵ Poema CIV da nossa edição.

⁴⁶ Poema C da nossa edição.

⁴⁷ Poema XCIX da nossa edição.

⁴⁸ Trata-se do número XCVI da nossa edição.

⁴⁹ Trata-se do poema CV da nossa edição.

⁵⁰ Var.: 39, lus brillante. O poema apareceu na edição de 1935, nas páginas 194-195.

⁵¹ Pode consultar-se o estudo que sobre este poema realiza BLANCO FILGUEIRA, José M.: “Necias fillas da Hélade”, Grial, nº 23, xaneiro-febreiro-marzo, 1969, pp. 93-97.

e nas belas sandálias,
e nas purpúreas clâmides
do Ilisos pelas brisas agitadas». Disse a donzela lésbica,
10 da musa arrebatada,
tendo na mão tremente
a lira belamente recurvada;
das cordas bem tendidas,
bem justas e pareadas
15 onde as ardentes notas
da rapsódia magnífica espiravam:

- «Certamente vos juro,
que tão escura infâmia
com um duro suplício pagareis
20 que Témis vos prepara;
quando deis o tributo inevitável
à terra do meónio celebrada,
caireis num eterno esquecimento
sem honor e sem fama.

25 Mas aquela que em vida desprezastes
qual de mérito falta,
porque do sol da Hélade
nascera levemente requemada,
viverá celebrada eternamente
30 em mil diversas falas,
depois que a bela luz abandoneis
e fordes sepultadas,
não ficará da vossa rica pompa
a mais escura e leve memorança».



Entre os poemas manuscritos encontramos novos exemplos da inspiração helênica de Pondal, como o seguinte:

De Júpiter Olímpico⁵²
num dos dedos gigantes,
escrevera o bom Fídias,
de inspiração tremante,
este gentil letreiro:
“O formoso Pantarges”,
qual se dizer quisera
que ante tudo se exalte
da corporal beleza
o majestoso alarde.

Certo, a beleza é boa
se é que acaso quadre
que o seu raio natura
da nossa frente lance.
Mas fiquem às mulheres
as branduras tornáveis;
que eflúvios mil molentes
do brando corpo exalem
que as ricas cabeleiras
ao som do vento vaguem,
inquieta, graciosas,
copiosas e odorantes,
que de uma febre ardente
enchem o peito amante.

⁵² A edição crítica pode consultar-se em Ferreiro, M., *Eduardo Pondal. Poesía galega completa III. Poemas manuscritos*, nº 6, pp. 12.

Variantes: 3, escribira; 7, cal, decir quigera; 8, qu'ante todo s'ensalce; 9, beleza; 10, magestuoso; 11, beleza; 12, s'é que por certo cadre; 13, qu'o; 15, Mais quede prás; 16, tornables; 17, qu'eflúvios; 19, qu'as; 20, ó; 23, febre; 25, Ti; 27, qu'o; 30, preto; 31, cal; 32, “Certo, est'home é dos grandes”.

v.32: Eliminamos a palavra “Certo” para mantermos o cómputo silábico.

Tu procura ser forte
do saber no combate
e que o teu nobre espírito
lance uma luz radiante,
tal que diga admirado
quem perto de ti passe,
qual se olhara ardente meteoro:
«Este homem é dos grandes».⁵³

4. Conclusão.

Com a publicação deste volume pretendemos dar a conhecer a poesia de Eduardo Pondal, algumas características da sua obra poética e alguns aspetos da sua temática.

A melhor compreensão do seu pensamento pode fornecer-nos algumas chaves para entendermos plenamente a sua obra.

Estudamos alguns aspetos da sua poesia, que ele pretendia ser uma base para a dignificação nacional. Com o conhecimento da sua obra mestra, *Queixumes dos Pinhos*, Eduardo Pondal reafirma-se como um dos grandes escritores galego-portugueses de todas as épocas.

⁵³ Para além deste, achamos outros como: “Philopemen” (*Poemas manuscritos*, nº 17); “Fixara a dura Esparta” (poema CV da nossa edição); “Dorme, mãe desleirada” (*Poemas manuscritos*, nº 54); “Não aqueles que dormen” (*Poemas manuscritos*, nº 55); “É indigna nova vida” (*Poemas manuscritos*, nº 74), com uma nova referência a Brásidas; “Não, não é nobre e digno” (*Poemas manuscritos*, nº 75) com outra nova menção a Leónidas; “Da rude Mantinea” (*Poemas manuscritos*, nº 90); “E pois tanto amais” (*Poemas manuscritos*, nº 91); “Dá-me a lira de Homero” (*Poemas manuscritos*, nº 100); “Foi o combate ingente, esquivo e duro” (*Poemas manuscritos*, nº 101).



EDUARDO PONDAL

QUEIXUMES
D'OS PINOS

LA CORUÑA
IMPRESA DE «LA VOZ DE GALICIA»
1886



≈ *QUEIXUMES DOS PINHOS* ≈
E OUTROS POEMAS



*Il est beau pour un brave de tomber aux premiers
rangs de la bataille et de mourir en défendant sa
patrie.*

TYRTÉE
Duruy, Histoire des Grecs¹

¹A citação introdutória de *Queixumes dos Pinheiros* recolhe umas palavras de Tirteu, animando os espartanos na luta contra Messénia. No trabalho introdutório desta edição pode ler-se o parlamento completo. (Cfr. *Historia de Grecia* por Victor Duruy, traduzida da segunda edição francesa por Roberto Robert, t.I, Madrid-Barcelona, 1859, p. 115).



QUEIXUMES DOS PINHOS





I

Pelo baixo cantando,
o bom bergantinhão,
com a aguilhada ao lombo
e garboso ademã,
5 que à Pontecesso² leva,
em noite de luar,
grave o carro de tábuas,
anteposto quiçá,
por cousas que n'explica,
10 dum fundo e vago afã,
mil escuras saudades
ceivando aos ecos vai
e da pátria a pungente servidão
parece recordar.

15 Ao pé do castro verde,
bem os mira ao passar,
que em massa escura e informe
ajuntados estão,
e na nativa costa
20 os escuta fungar:
parece-lhe que soam
intrépido compáss',
cuida que do combate
murmuram o sinal;
25 em esquadrão formados,

²Pontecesso é a vila natal de Eduardo Pondal, capital do município do mesmo nome, pertencente ao partido judicial de Carvalho. Encontra-se no noroeste da província da Corunha, limitando pelo oeste com a ria de Corme e Laje até à ponta do Roncudo, e pelo norte desde o Roncudo, e em direção oeste a leste, até ao cabo Nariga; pelo leste com o município de Malpica e o Monte Nariga e pelo sul com o município de Coristanco, separado dele por um afluente do Anlhões, e o de Cabana, que divide o rio Anlhões até à sua desembocadura na ria de Corme.

Os montes principais são o Monte Branco, em Cospindo; o do Faro, em Corme, e o de Nariga, que forma a ponta do seu nome; todos na costa ou nas proximidades.



qual gente de Breogão³,
em falange de ferro bem tecida
que se apresta a lutar.

II

E pois eu aborreço
os vulgares propósitos,
e o fim do meu trabalho
certo é, não remoto,
5 antes que a comum mãe
recubra os meus despojos,
deixar de mim quisera
um radioso lôstrego⁴
e morrer com honor, como morrera
10 *Brásidas valoroso*⁵.

Certo, eu não me resigno,
morrer qual quase todos,
escuramente, ignóbil,
no leito vergonhoso;
15 eu procurar quisera
mais erguidos propósitos,
que, por fortes, venceram
o ferro rigoroso,
em pró de alguma causa
20 que honrara os fastos nossos,
e morrer com honor, como morrera
Brásidas valoroso.

Não, não está nos brandos
regalos ociosos,
25 nem nas cousas muliebres,
nem nos afetos mórbidos,
a meta esclarecida
do ânimo glorioso,
mas só nas cousas fortes
30 e nos férreos propósitos,
e em cair com fragor, como caíra
Brásidas valoroso.

III

Podeis deter um pouco
o valente soldado,
que torna pressuroso
por ver os eidos pátrios,
5 em demanda do ledó,
rústico albergue caro,
e perguntar-lhe os transe
do combate passado:

³ Breogão é um rei mítico dos celtas, que aparece já no *Leabhar Gabhala* (*Livro das Invasões*) irlandês como antepassado dos conquistadores da Irlanda. Breogão era filho de Brath, rei que levou todo o seu povo à Península Ibérica, acabando por vencer os povos autóctones e se estabelecer no noroeste da península. Ali Breogão fundou a cidade de Brigântia (a atual Corunha) e uma torre para protegê-la, que se chamou Torre de Breogão. Do alto da torre lth, um dos filhos de Breogão, divisou, numa noite de inverno, uma ilha que resultou ser Irlanda. O *Leabhar Ghabhala* narra como os filhos de Mill, neto de Breogão, conseguem vencer os deuses povoadores da Irlanda, os Tuatha de Danann.

⁴ *Lôstrego*, (forma típica do português da Galiza), relâmpago. A forma está incluída no *Léxico da Galiza para ser integrado no Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa* da Academia Galega da Língua Portuguesa (Comissão de Lexicologia e Lexicografia), Santiago de Compostela, 2009. Como resultado, aparece já incluído no *Prontuário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Porto Editora, sob a orientação científica de João Malaca Casteleiro. (Veja-se também *brêtema*: QP, XII, 47).

⁵ Brásidas era filho de Teles (um importante cidadão de Esparta) e de Argileone. Já no início da Guerra do Peloponeso, ganhou seu primeiro laurel militar pela sua destacada atuação na batalha pelo porto de Metone, contra os atenienses (431 a.C.). Posteriormente, serviu como conselheiro do almirante Cnemos, vindo a distinguir-se por sua bravura na Batalha de Pilos (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, iv, 2, 12), durante a qual foi gravemente ferido (429 a.C.). Adepto de decisões rápidas e ataques de surpresa, Brásidas foi considerado um gênio militar, reconhecido por sua coragem, sabedoria, competência bélica, rara habilidade oratória e capacidade de fazer amigos por onde passava, sendo comparado por Platão ao herói homérico Aquiles (Platão, *O Banquete*, 211c). Na batalha pelo porto de Eion sofreu um revés contra as tropas atenienses de Tucídides (que viria a escrever a célebre narrativa sobre a guerra). Em 422 a.C., na Batalha de Anfípolis, Brásidas colheu uma expressiva vitória sobre os atenienses, que nela perderam seu comandante, Cleón. Porém, ele também foi mortalmente ferido durante o combate. A morte dos dois (ambos refratários a qualquer tipo de acordo com o inimigo) abriu o caminho para a Paz de Nícias, em 421 a.C. Brásidas recebeu a honra excepcional de ser enterrado no interior das muralhas de Anfípolis e seu túmulo tornou-se o local de um culto anual, em homenagem ao herói.



10 Mas os maravilhosos
e vagabundos bardos,
como tudo o que traz
o seu tempo contado,
não intenteis deter os sonorosos,
*que são aves de passo*⁶.

15 Podeis deter um pouco,
no caminho afastado,
o nobre peregrino
de longa barba, estranho,
que vem de longes terras,
20 do vento requeimado,
e perguntar-lhe as ânsias
dos passados trabalhos:

Mas àqueles que punça
a fatal lei do canto,
25 qual tudo o que no mundo
anda peregrinando;
não intenteis deter os vagabundos
que são aves de passo.

Tudo deter podeis
30 um pouco ao vosso lado;
tudo suspender pode
o seu caminho vago;
tudo, o mais fugitivo,
pode ter seu retardo;
35 as folhas do outono,
as areias do Oceano:

Mas aos que atormenta
um estro soberano,
como tudo o que traz
40 o seu tempo contado,
não intenteis, não intenteis detê-los,
que são aves de passo.

IV

Muitas vezes nos matos nativos,
no crepúsculo fusco e calado,
se escuta das aves
o rápido passo;
5 das aves aquelas
do bico tamanho,
que soem retirar-se
dos rudes trabalhos,
de escolhos e praias
10 do fero Oceano,
e vão em fileira,
gritando e voando,
em demanda das ilhas Sisargas,⁷
seu noto reparo.

15 “Ah! Quem fora como elas tão livre!,
cativo do barro,
com funda tristura
dissera-se o bardo
que sonha entre as uzes

⁶No sentido de aves de arribação.

⁷Grupo de três ilhas na costa atlântica da Galiza e na província da Corunha, mesmo em frente de Malpica. A primeira é muito maior do que as outras duas, e estão afastadas por canais muito estreitos. A maior tem umas quatro léguas de extensão, e é de figura esférica; carece de portos e o seu terreno não é apto para manter população, embora se encontrem nela vestígios de edifícios. Estas ilhas foram conhecidas como *Cassitérides* pelos gregos, por causa do “cassiteros” (ou estanho) que produziam.



20 co tempo passado-,
quem fora tão livre,
fugindo do trato
falaz, inseguro,
dos néscios humanos!
25 Quem pudera viver como elas,
nas praias e bancos,
nos baixos e furnas,
nas sirtes e fachos,
nos seios esquivos
30 dos feros penhascos!”

V

«— Que barba não cuidada!
E que pálida cor!
Que vestido, que longo
desleixo afeou!
5 Quiçá é algum malvado,
quiçá é algum ladrão...
Valei-me, minha mãe,
valei-me, por favor,
quiçá é algum minguado
10 que o juízo lhe mancou.
Oh! que vista tão brava,
Cheia de espanto e dor!
Não sei se me dá medo,
e me dá compaixão;
15 parece um pinho deixado do vento,
parece botado do mar de Ninhões⁸».

— «Singela rapariga,
não me tenhas temor,
não sou um vagabundo,
20 não sou nenhum ladrão:
Hieroglífico ousado
do limo sonhador
vou, e ignoto a mim mesmo,
escuro enigma eu sou;
25 se quiçá estou tolo,
estou tolo de amor;
por isso as boas gentes,
p’ra onde vagante vou,
ao ver meu abandono,
30 dizem com admiração:
Parece um pinho deixado do vento,
parece botado do mar de Ninhões.

Pensamentos insones,
turbulenta ambição,
35 propósitos de ferro,
o ânimo nobre ousou:
de mil saudades fundas
o túrbido esquadrão,
como a Lusbel⁹ privara
40 do primeiro esplendor.
São os bardos sapientes,
que lei fatal lançou,
sonhadores e vagos,
de sua condição:
45 Por isso eu a mim mesmo,
não me conheço, não;

⁸São João de Ninhões, anexo de Brântuas. Ocupa o extremo norte do Município de Pontecesso, na parte mais estreita do mesmo, limitando pelo norte com o mar pelo monte e ponta Nariga ao noroeste. O limite pelo leste é o município de Malpica. A sua única aldeia é a de Ninhões.

⁹ Lusbel, “o anjo mais belo”, que chefiou uma rebelião contra Deus e foi deitado nos infernos. Aparece na Bíblia numerosas vezes, por exemplo no Livro de Job.



e exclamam os caminhos
mesmos por onde vou:
Parece um pinho deixado do vento,
50 parece botado do mar de Ninhões».

VI

Morrer em brando leito,
entre molengas brondas,¹⁰
rodeados de amigos,
que o prazer nos recordam,
5 de tímidas donzelas,
imbeles e chorosas,
que, pra maior doçura,
na nossa última hora,
ao redor de nós ceivem
10 lírios e brandas rosas,
certo é des'parecer qual virgem tímida,
brandamente e sem glória.

Oh! Quem morrer pudera
como o forte Leónidas¹¹,

¹⁰ brondas, (arc.), lençóis.

¹¹ Chefe espartano que morreu, lutando, contra a invasão persa comandada por Xerxes, na batalha das Termópilas. Era o terceiro filho do rei Anaxândrides II de Esparta. Ao ter dois irmãos maiores, Cleómenes e Dorieu, não se aguardava que ocupasse o trono. Mas Cleómenes faleceu sem descendência masculina e Dorieu morreu, provavelmente pouco antes que Cleómenes, na Sicília a lutar contra os cartagineses. Leónidas (em grego Λεωνίδας, 'Filho de Leão' ou 'Como um Leão') ocupou o trono entre 491 a.C. e 480 a.C., como sucessor do seu irmão Cleómenes I, cuja filha Gorgo se tornou sua esposa em 488 a.C.. Foi sucedido pelo seu filho Plistarco. Uma das suas ações mais meritórias aconteceu por ocasião da invasão da Grécia pelos persas. Em 480 a.C. os éforos de Esparta enviaram Leónidas à frente de 300 hoplitas e de uns 4 ou 5.000 soldados aliados para bloquear o exército persa de Xerxes I no passo das Termópilas. Cada espartano ia acompanhado por 2 hilotas (que eram os seus serventes pessoais), para além disso estavam presentes homens de todas as colónias espartanas e aliados como os beócios de Téspias. O exército de Xerxes contava com uma enorme superioridade numérica, ao redor de uns 250.000 soldados, mas os gregos contavam com a vantagem de que no estreito passo das Termópilas, os persas não podiam utilizar a cavalaria. A batalha começou, seguramente, em 9 de agosto de 480 a.C. Os homens de Leónidas repeliram os ataques frontais dos persas durante os primeiros dois dias. Ao terceiro dia um traidor, chamado Efialtes, facilitou a Xerxes a passagem por uma senda que rodeava

15 envolto em duro ferro
noutras rudes Termópilas,¹²
por uma pátria escura
de escravos e de hilotas,
e deixar, qual cometa,
20 longo rasto de glória!
E caíra, não prono,
coa face à terra volta,
mas às turmas conversa,
audaz e ameaçadora,
25 ainda apresando o rutilante ferro,
que verte gota a gota!

De modo que o viandante,
vendo com grão soçobra
cobrir a dura terra
30 a cinza poderosa,
dissera com espanto: *-Certamente
este era grande cousa!*

VII

Das africanas praias vizinhas,
como costumam,
retornarão
as amáveis e doces andorinhas
5 e pelo bardo

as Termópilas, e assim os gregos tiveram de lutar em duas frentes. Leónidas despediu os que queriam ir-se embora e se manteve no posto com os espartanos e com 1100 beócios combatendo até à morte, ganhando assim um tempo que foi decisivo para os gregos e facilitando a retirada de boa parte do seu exército. A batalha durou cinco dias, mas o avanço de Xerxes demorou-se notavelmente, possibilitando a evacuação de Atenas e a reorganização das forças navais e terrestres gregas. Esparta enterrou-o com todas as honras. No lugar da sua morte alçou-se um monumento com um leão junto com uma inscrição escrita pelo poeta Simónides, que dizia assim: "Oh, estrangeiro, informa a Esparta, que aqui fazemos, ainda obedientes às suas ordens".

¹² Passagem montanhosa em que combateram os exércitos persa de Xerxes e grego de Leónidas.



perguntarão.

Mas os corutos,
onde os pinheiros
queixar-se soem
10 co vento suão,
já sabedores
dos seus destinos,
qual quem teme dizer esquiva nova,
nada dirão.

VIII

Não há uma fonte
tão fresca e pura,
não há uma nuvem
tão vaporosa,
5 não há uma estrela
tão temblorosa,*
n'há tão esplêndida
e rica cor;
n'há tão alegre
10 véu luxuoso,
não há nos cômaros
tão leda alfombra,
não há palmeira de tanta sombra,
ela é a vida
15 do trovador.

Não há um deserto
tão abrasado,
não há um oásis
tão delicioso,
20 n'há chão adusto

tão infrutuoso,
n'há grato horto
tão sedutor,
n'há bebediço*
25 tão feiticeiro,
não há uma apócema
tão homicida,
ela é o norte, ela é a vida,
ela é a morte
30 do trovador.

IX

- De Camelhe¹³ os baixos são
mui garridos ao mirar,
num dia claro de inverno
quando o vento em calma está:
5 O pescador desde longe,
com doce e secreto afã,
de bruços sobre a proa,
os está vendo branquear.

X

Oh, maçarico que cantas
trás do pinhal do Marico¹⁴,
não sei que me dá, se te ouço,
não cantes mais, maçarico:
5 Qual fero cutelo passante e pungente,
mesmo na alma te sinto!

¹³ Aldeia (e porto) da paróquia de São Pedro do Porto, no município de Camarinhas.

¹⁴ Pinhal situado na paróquia da Granha, no município de Pontecesso.



XI

Como a devesa folhosa,
sobre a nativa e cara costa de Recemel¹⁵,
que está na sua pendente,
calada, sem se mover,
5 dobrada a frente, sedenta,
de agosto no ardente mês,
esperando os doces ares
que a venham estremecer,
e o bom rocio da noite
10 aguarda com nobre fé.

Tal a doce rapariga,
que a luação primeira não conheceu talvez,
mas, contudo, sem ser nena,
não é de todo mulher,
15 aguarda aquele que adivinha,
embora não saiba quem é.

XII

«Oh!, terra de Bergantinhos¹⁶,
roxa ao arar, nobre e testa,
doce à vista desde longe,
onde eu vi a luz primeira.
5 Quando era rapaza nova,
casaram-me em terra alheia:
(Ainda meu pai n'acabara
bem catorze sementeiras).
Quando de ti me levaram,

10 tomei uma boa pena:
Fui chorando no caminho
de uma terra estrangeira.
Se não te vejo cos olhos,
Bergantinhos, boa terra,
15 cos olhos do coração
vejo as tuas doces veigas.

Oh!, terra de Bergantinhos,
bem te vejo desde longe,
cos teus trigos e os teus pinhos.

20 «Virgem garrida, que tendes
vossa capela bem feita,
onde têm seu ninho as águias
sobre o alto da Ferreira¹⁷,
e gozais da vossa altura,
25 e vedes a longa terra
de Bergantinhos tendida
no chão dos antigos celtas:
Ao fim, depois de bem tempo,
volto a ver na cima intensa,
30 qual branca pomba pousada,
a vossa casinha leda.
Fui rapaza, agora venho
não moça, embora não velha,
e desde aqui contemplo
35 os campos que a luz me deram.

¹⁵ Pequeno regato, no município de Camarinhas, que desemboca no mar.

¹⁶ A terra de Bergantinhos é uma comarca da província da Corunha com centro na cidade de Carvalho. Compreende os municípios de Laracha, Carvalho, Coristanco, Malpica, Pontecesso e zonas dos de Laje, Cabana e Arteijo.

¹⁷ (Santa Maria de) Ferreira, paróquia do município de Coristanco, onde se encontra o alto do mesmo nome. Está num extremo da terra de Bergantinhos, limitando ao oeste com o município de Cabana. Neste monte encontram-se os restos da capela de Santa Maria.



Aquela é a Ponte-Dona¹⁸,
Z'reo¹⁹, Javinha²⁰ e Valência²¹,
Corcoesto²² e Santa Baia²³,
todas, todas, boa terra:
40 a carvalheira de Verdes²⁴,
bem perto do rio, é aquela;
aquela é a torre de Trava²⁵,
que desde longe branqueia;
os verdes de Coristanco²⁶
45 e os altos pinhos de Bértoa²⁷;

¹⁸ Ponte sobre o rio Anlhões, no município de Coristanco, que o separa da aldeia do mesmo nome pertencente à paróquia de Jornes, no Município de Pontecesso.

¹⁹ Síncope de *Cereo*, paróquia de entrada do município de Coristanco, situada entre a margem esquerda do rio Anlhões, que separa a freguesia pelo norte do município de Pontecesso e o Município de Cabana. As suas águas unem-se ao arroio Portoquintães, procedentes do seu anexo Valência, que tem ao sul o Anlhões, interposto entre Cereo e o seu anexo Verdes, situado ao norte.

²⁰ São Tomé de Javinha, freguesia do município de Coristanco, situada na esquerda do rio Anlhões, na terra de Bergantinhos. Javinha é também uma aldeia pertencente à mesma paróquia.

²¹ Valência (S. Pedro de): freguesia do município de Coristanco, anexo de Cereo. O seu núcleo principal é a aldeia de Valência. A freguesia linda com o município de Cabana, interposto o rio Agolada, afluente do Anlhões.

²² Freguesia na província da Corunha, pertencente ao município de Cabana, situada no sopé de uma elevada serra e sobre a margem direita do rio Anlhões. Corcoesto é também um lugar da freguesia do mesmo nome.

²³ Paróquia de Santa Baia (Santa Eulália) de Castro, no município de Coristanco, que tem como anexos S. Justo ao Norte e Coristanco ao leste. As águas que a regam vão ao regato de Castro, e estas ao rio Agolada, afluente do Anlhões. Santa Baia é também uma das aldeias desta freguesia.

²⁴ Freguesia de Santo Adrião de Verdes, no município de Coristanco, anexa de Cereo, que se encontra ao sul, interposto o rio Anlhões. Esta freguesia estende-se entre este rio e o sopé dos montes de S. Amaro, e abrange três aldeias e dois lugares. Entre as aldeias encontra-se Ponte Verdes (devido à ponte que nela existe sobre o rio Anlhões).

²⁵ Freguesia da província da Corunha e município de Coristanco. Trava é também um lugar desta freguesia. A igreja paroquial (Santa Maria) é matriz de S. Martinho de Oca. Confina ao leste com o rio Anlhões e a ponte de Luvã e pelo sul com Coristanco e Javinha.

A Torre de Trava é uma grande rocha que parece uma torre vista de longe e que se encontra perto dos Penedos de Passarela.

²⁶ Município da província da Corunha, lindando ao norte com o de Pontecesso e em muito pouca extensão separada pelo rio Anlhões; pelo leste com o município de Carvalho, interposto o rio Anlhões e o seu braço o Luvã; pelo sul, com o município de Santa Comba, e pelo oeste com o de Sás.

²⁷ Freguesia de Santa Maria de Bértoa, no município de Carvalho. Está banhada pelo rio que ali chamam Bértoa, e que é o rio Grande ou Carvalho, um braço do Anlhões.

e tu, castro antigo de Oca²⁸,
bem te conheço, entre a brêtema.

Bem te vejo, Bergantinhos,
desde o alto da Ferreira,
50 cos teus trigos e os teus pinhos.»

XIII

Menina, rapaza nova,
oh, rosa de Corcoesto,
que te brandeias com graça
aos doces sopros do vento,
5 se é certo que por ti vivo,
se é certo que por ti peno,
se tão doce e dadivosa,
como dizem que és, é certo,
cura-me, oh rapariga,
10 estas saudades que tenho:
estas saudades da alma,
de não sei quê, que padeço,
tu tens dos meus males a doce mezinha,
oh, rosa de Corcoesto!

XIV

- Selvagem vale de *Brântoa*²⁹
em terra de *Bergantinhos*,
oh, vale amado dos celtas
e dos fungadores pinhos!,

²⁸ Paróquia e aldeia de S. Martinho de Oca, filial de Trava, no município de Coristanco, onde se encontra o castro do seu nome. Limita com o município de Carvalho, interposto o rio Luvã, braço do Anlhões, em cuja margem esquerda flui o regato de Trava.

²⁹ Vale do município de Pontecesso, na freguesia de São Julião de Brântoas (ou Brântuas). O vale em si é áspero e selvagem, e está rodeado de espessos pinhais.



5 quando Gundar³⁰ pobre e escuro
seja deste mundo ido,
no teu seio silencioso
concede-lhe, vale amigo,
sepulcro a modo dos celtas,
10 tão só de ti conhecido.

Que há tempo que neste mundo
anda o bardo peregrino,
desejando chegar ao cabo
dum trabalho esclarecido,
15 e somente repousar
deseja do seu caminho.

Não é a velhice a que causa
a funda dor que eu sinto,
pois que sou do tempo vosso,
20 carvalhos de Carvalhido³¹:
saudades de não sei quê,
recordos quiçá do espírito,
de alguma perda pátria
ou de antigo bem perdido,
25 nesta peregrinação
minha, vão sempre comigo,
e são os meus companheiros
no trabalhoso caminho,
suspiros por não sei quem,
30 e por não sei quê suspiros.

Selvagem vale de *Brântoa*,
pátria do forte *Cou-d'Indo*³²,
onde a garrida Rentar³³
trouxe o passo fugitivo,
35 os corços, co curvo arco,
animosa perseguindo,
na tua solidão recebe
este bardo peregrino,
oh, vale das vagas brêtemas
40 e dos rumorosos pinhos!

- Nobre Gundar, filho de Ouco,
filho de Celt, de Rou filho³⁴,
oh, bardo dos negros olhos,
de nobre andar e garrido
45 escudo, de voz gemente,
dum acento nunca ouvido,
semelhante ao rumor
do vento nos altos pinhos!

Teus vagos e doces cantos,
50 certo, não desconhecidos
me são, e não vezes poucas

³⁰ Eduardo Pondal costuma criar nomes de heróis tirados dos topónimos locais. Nesta caso Gundar é uma aldeia do Município de Laje, pertencente à freguesia de São Simão de Nande.

³¹ Aldeia da paróquia da Granha, no município de Pontecesso. Nela existiu o convento de São Vicêncio de Almerezo. O nome Granha tomou-o quando o convento declinou e se converteu numa granha (granja). Na paróquia existem outras duas aldeias, chamadas Cereijo de Acima e Lestimonho.

³² Personagens fictícios, criados por Pondal. M. Ferreiro considera que *Coudindo* poderia proceder de uma base toponímica galega, por exemplo *Cundins* no município de Cabana, ou ter tomado a terminação do topónimo *Cospindo*.

³³ Para *Rentar* indica M. Ferreiro que possivelmente se baseou na aldeia de *Rens* (aldeia da paróquia de Nande, no município de Laje), com a adição do sufixo *-ar*.

³⁴ A distribuição destes dois versos, indicando o nome dos antepassados da personagem de que se fala, é típico da tradição céltica do *Leabhar Ghabhala*. Neste caso todos os antropónimos são nomes criados pelo próprio poeta, baseados em elementos toponímicos da Galiza. Para J. L. Varela, "Un capítulo do ossianismo español: Eduardo Pondal", Ouco estaria tomado a partir de Ouces. Manuel Ferreiro aponta a possibilidade de derivar de Outes. Celt estaria tomado, segundo J.L. Varela, do topónimo Céltigos, bastante frequente no território pondaliano. A forma Rou viria, segundo M. Ferreiro, do topónimo Roo, paróquia do município de Outes. E J. L. Varela diz que provém do topónimo ourensano Roucos (mas isto seria estranho, porque Pondal utiliza sempre as formas toponímicas da zona que ele conhece).



os tenho quiçá ouvido;
bem não me acordo que agora
ou quiçá em tempo antigo,
55 mais cos ouvidos da alma
que cos corpóreos ouvidos.

Um bardo que tão bem canta
não deve temer o olvido,
oh, cantor dos nobres celtas,
60 *os de corpos bem compridos,*
que na terra de Brigântia³⁵
têm pela pátria morrido!

Essa indecisa inquietude,
quando me vês, bardo amigo,
65 saudades são de uma pátria
que a alma tem perdido;
são misteriosas lembranças
do desterrado afligido
que se acorda da sua terra,
70 em terra alheia cativo,
e quer voltar outra vez
aos pátrios eidos amigos.

Os bardos são nobre cousa
e grande e não compreendidos
75 na sua terreal viagem
soem assaz ser dos filhos
dos homens, e duros casos
muitos, provam os divinos.
Tão só tu, solidão agreste,
80 asilo és dos bardos digno!

E pois queres repousar
no meu seio esclarecido,
repousarás, sem que turbe
nenhum rumor teus ouvidos,
85 refrescando coas suas águas
tua fronte, doce olvido,
(não pra memória dos homens,
mas pra de ti mesmo olvido,
que é doce ao homem olvidar
90 o pesar e o bem perdido);
entre as urzes de Brigântia,
cabo do dólmen amigo,
da fugitiva Rentar,
e do esforçado Cou-d'-Indo,
95 filha do moreno Ouréns³⁶,
e do nobre Lugar³⁷ filho.

³⁵ Nome de uma das principais deusas celtas, de que tomou nome a Brigântia mítica, a atual cidade da Corunha, que era em tempos de Breogão a capital do seu reino, e como tal aparece no *Leabhar Gabhala*, capítulo XI, parágrafos 144-145: "144. Brath, filho de Death, teve um filho na Espanha chamado Breogão. Foi criado desde o momento em que pode levar armas. Depois de um tempo Brath morreu e Breogão ocupou o principado. Muitas lutas e desacordos, pelejas e atritos se originaram entre as diversas raças da Espanha e a tribo de Gaedheal, pelo que houve muitas batalhas e escaramuças entre eles. Não obstante, foi Breogão, com os seus soldados e gente, os que lograram a vitória em cada batalha. E deles foi a vitória final, pela qual as tribos da Hispânia ao final se lhe submeteram.

145. Posteriormente uma cidade foi fundada por Breogão na Hispânia, chamou-se Brigântia, e também edificou uma Torre em frente à cidade, a qual se chama Tor Breogain. Uma agradável e deliciosa morada, ademais de ser um lugar para olhar e vigiar. Breogão teve filhos na Hispânia, e estes são os seus nomes: Breghe, Cuala, Cuaionge, Blad, Fuad, Muirthimne, Eble, Nar, Ith e Bile".

³⁶ Parece evidente que este antropônimo é tirado do topônimo *Ourense*.

³⁷ Existem numerosos topônimos com este nome na província da Corunha, por exemplo, nos Municípios de Vila-Maior, Laje, Bergondo, Vimianço e Maçaricos. Na mitologia, *Lug* (ou *Lugh*) é um dos mais importantes deuses celtas. É o filho de Ciane Ethlinn, irmã de Balor. Famoso pelo esplendor do seu rosto, é claramente uma deidade solar. É o deus de todas as artes e ofícios. Resgatado da morte sendo criança quando Balor tratou de frustrar a profecia que dizia que seria morto pelo seu neto, foi adotado por Manannan Mac Lir. Foi o pai de Cúchulainn com a mulher mortal Dechtíre. Lutou do lado de Cúchulainn durante a guerra de Táin, quando Cúchulainn começou a debilitar-se. Quando os deuses antigos se retiraram às suas moradas subterrâneas, Lug diminuiu na mente das pessoas, convertendo-se num duende artesão chamado Lugh-chromain. (Berresford Ellis, Peter, *Dictionary of Celtic Mythology*, Constable, London, 1992, pp. 146-147).



XV

Penedos de Passarela³⁸,
quando vos vejo, penedos,
suspiro de amor por ela.

XVI

Eu não sei por que terra esquiva e dura,
qual dum decreto férreo lançado,
com um escuro lôstrego na frente,
ia o sublime e vago.

5 Ele vai qual nublado vagabundo
que empurra impetuoso aquilão gelado,
qual vai em busca de mais doce clima
fugaz ave de passo.

10 Filho dum século rude, no tempo
cumpre tão só dura epopeia, escura
idade de ferro, fuge do século
às sanguinosas lutas.

15 Parou-se o vago e palidez sinistra
de improviso nublou sua frente pura,
lôbrego temporal, nuvem sombria
de mortais angústias.

E cai no ermo e a nobre, ardida frente,
que o vento do deserto requeimou,
20 apoia o melancólico instrumento,
amigo e soador.

³⁸Aldeia da freguesia de São João de Calo, no município de Vimianço (provincia da Corunha), onde se alçam uns montes graníticos de formosas formas, trabalhadas pela natureza, visíveis de muito longe.

Quicá, ai! dum homérico combate,
caiu cansado no deserto adusto;
não doutro modo cai na ardente areia,
gladiador moribundo.

25 Não jaz volto ao chão o vagoroso;
mas, como sempre, o alto pensamento
buscara outra região, o rosto nobre
tem o céu converso.

30 Não dum homem sem fama o selo escuro,
na sua sublime face ostenta o vago;
mas na grande ruína é semelhante
a luzeiro apagado.

E cruza acaso um homem passageiro
e o sepulta, e pranto não lhe nega,
35 baixo a gigante sombra misteriosa
de antiga e alta selva.

XVII

Que o teu peito é menos branca,
nena, a neve que coroa,
lá pelo mês de janeiro,
as urzes do rio Marçoa³⁹.

5 Urzes da terra de Jalhas⁴⁰,

³⁹Pequeno afluente pela direita do rio Tambre. O rio Marçoa (ou Samo) desce das ladeiras de Castro Maior, no município corunhês de Messia, e segue em direção sudoeste até um lugar entre Messia (S. Cristóvão) e Olas, onde se lhe une um afluente pela esquerda. Entra no município de Frades e serve de limite entre Ordens e Oroso até Calvente (Oroso), cujo município atravessa por Senra e Cardama para desaguar no Tambre, onde começa a curva em cujo centro está Ponte Carneiro.

⁴⁰O Jalhas é um rio que nasce nos contrafortes ocidentais do monte do Castelo (município de Santa Comba). Até a construção da barragem de Castrelo-Jalhas, era um dos poucos rios da Europa que desembocava numa cascata, na localidade de Êçaro, aos pés do monte Pindo, sagrado para os celtas. A



urzes, deixai-a passar;
ela é filha de Santiago⁴¹,
não costuma a vos tratar.

10 Urzes da ponte Arantão⁴²,
não toqueis os seus vestidos,
que eles para vós não são.

XVIII

5 - “Vamos, formosa Rentar,
deixa já as tuas tristezas,
estás já convalescente
da tua penosa doença,
nada te falta. E no lar,
que é dos condes de Sansuenha,
sobra tudo, e te fala
quem herda a sua nobreza:
o meu paço é o teu paço,
10 aqui o bem-estar alberga;
não viram nada os olhos
melhor e a ninguém recreiam,
como estas, ricas alfombras,
onde se goza a beleza.
15 Sob estes teitos habitam
a alegria e a riqueza:
há quartelados brasões
e criados de jaqueta,
e coches onde costumam

20 ser levada à carreira...

De abandonares Madrid,
Rentar, a ideia rejeita,
e pela tua Galiza
25 não mudes a mansão régia
que habitas, onde te juro
serás amiga e não serva.

Essa tua nostalgia,
oh, quem distrair pudera,
e voltar-te a alegria...

(O doutor, à parte e em voz baixa)

30 - Perguntai-lhe da sua terra.

- Pois bem, Rentar, o teu povo
como se chamava? Lembras?”

Ao ouvir nomear a pátria
estremeceu-se a bela,
35 qual se um repentino fogo
lhe discorresse nas veias,
e os seus lábios animando
uma cor doce e serena,
exclamou com entusiasmo,
40 a nova vida desperta.

- *O meu lugar é Gundar⁴³,
mesmo à beira da terra*

terra de Jalhas, que limita com a comarca de Bergantinhos, é constituída pelos municípios de Maçaricos e Santa Comba e uma parte da dos municípios de Dumbria e Sás.

⁴¹ A Serra de Santiago estende-se pelos municípios de Vimianço e Sás. O verso pode referir-se, igualmente, à cidade de Santiago de Compostela (Ferreiro, ed. cit., pp. 223).

⁴² Lugar da Freguesia de São Vicente de Arantão, pertencente ao município de Santa Comba, na província da Corunha, onde se encontra a ponte Arantão, sobre o rio Jalhas.

⁴³ Uma das aldeias da paróquia de S. Simão de Nande, no Município de Laje.



de Falhas; mas como o Falhas
 não é tão agre e desértica;
 45 perto da arenosa Laje⁴⁴,
 não longe de Passarela:
 as suas casas são brancas,
 e umas pombas assemelham
 sobre um torreão pousadas
 50 no tempo da sementeira;
 e face ao sol quando nasce
 têm as janelas bem feitas.
 As suas águas são doces;
 e diante tem uma veiga
 55 que quem a contempla um pouco
 saudades vão-se-lhe e penas.
 Ali deixei o que a alma
 não recorda sem tristeza;
 os meus, e o que foi a causa
 60 da minha pena primeira...

- Vá, oh formosa Rentar,
 o triste pranto refreia.

-«Oh, terra de São Simão
 de Nande⁴⁵, viçosa terra,
 65 morra eu primeiro sem ver-te,
 antes que de ti me esqueça».

⁴⁴ Cidade costeira do noroeste da Galiza que dá nome à ria do mesmo nome. Tem parte do oeste do seu termo sobre a costa, no oceano, desde a ponta Camelhe e freguesia de Trava em direção norte até à ponta Catassol, que começa uma enseada a cujo extremo se encontra a ponta Ínsua, depois da qual se chega ao limite norte do município pela ria e o porto de Laje até à enseada de Cânduas (Cabana), onde parte o limite terrestre do leste, que constitui o município de Cabana. Os limites no sul são os municípios de Coristanco e Vimianço, o resto do oeste, que não limita com o mar fá-lo com o município de Camarinhas.

⁴⁵ S. Simão de Nande, anexo de Trava. Paróquia do município de Laje, a meio caminho na estrada entre Passarela e Laje.

XIX
 Paroleira andorinha,
 na varanda pousada,
 singela viageira
 cheia de doce graça,
 5 do rei Tereu⁴⁶ esposa,
 triste da antiga mágoa:

Suspende, oh, vaga Progne,
 tua queixosa charla;
 não cantes mais, o bico
 10 protege baixo a asa,
 e do teu longo canto,
 um pouquinho descansa.

Não turbes da formosa
 a sossegada câmara
 15 coa tua canção que, acaso,
 fala da ardente África.
 Oh!, permite que durma,
 do amor fatigada,
 baixo das ledas pregas
 20 do dossel escarlata:

⁴⁶ O poeta refere-se neste verso e nos seguintes à lenda de Filomela e Progne, que aparece no livro sexto d'As *Metamorfoses* de Ovídio, nos versos 412-674.

Progne, filha do rei Pandion II de Atenas, foi dada em casamento a Tereu, por tê-lo ajudado na guerra contra Tebas. Ela era, porém, muito ligada à sua irmã, e por viver tão longe dela sentia sua falta. Tereu voltou a Atenas e pediu-lhe ao sogro que a sua cunhada Filomela pudesse acompanhá-lo para fazer companhia à Progne. O pai consentiu, mas no caminho de volta Tereu cobiou Filomela, violentou-a e aprisionou-a, além de cortar-lhe a língua para que não pudesse revelar o que ele tinha feito a ninguém. De volta à Trácia, disse à sua mulher que a irmã falecera na viagem. Todavia, Filomela, em seu cativeiro, teceu um tapete contando a história de seu infortúnio e mandou-o secretamente à irmã. Ao saber do acontecido, Progne esperou a festa de Dionísio, época na qual as mulheres podiam sair para onde quisessem sem ser seguidas pelos homens, e libertou sua irmã. As duas então tramaram uma vingança contra Tereu. Mataram Ítis e serviram-no assado ao pai. Quando descobriu que tinha comido o seu próprio filho, Tereu tentou matar as duas irmãs, mas foram transformadas pelos deuses do Olimpo em pássaros: Tereu em poupa, Progne em rouxinol e Filomela em andorinha.



não despertes os ecos
que repousam em calma,
pelo teto esplêndido e rico,
entre das folhas anchas.

XX

Adusto, solitário e silencioso
está..., e a ponta sem cessar branqueia,
e de duro combate e de sofrida
derrota, sem cantor, n'esconda a afrenta⁴⁷.
5 Sombrio jaz o desolado e alto,
quicá na rota oprobriosa pensa.

Triste está o cabo: estragado e escuro
o rosto tem o denodado atleta,
o furacão co seu ardente sopra
10 arrebatou-lhe as indigentes brenhas
e n'oculta do raio vingativo,
na altiva fronte, eterna e negra fenda!

De Lusbel companheiro na derrota
cumpre quicá uma fatal condena.

15 Testemunha de embates e naufrágios
pensa quicá, envolto nas suas brêtemas,
com pungentes recordos saudosos,
no fulgor da doce idade primeira,
quando ao princípio, cheio de formosura,
20 brotou do seio mórbido da terra.

Quão demudado está daqueles dias

⁴⁷ *afrenta* (castelhanismo) = *injúria*, *afronta*, *vexame*.

da juventude o denodado atleta!

Assim nossa alma, quando as alegrias
a soem deixar da idade primeira
25 estragada do vento impetuoso,
dos pesadumes e infortúnios queda,
e o coração também quando perdemos
aquela que ao recorde é lava intensa!

XXI

- Rio *Languelhe*⁴⁸, rio *Languelhe*,
bem se vê que és da montanha,
oh!, feio filho das brêtemas
e das urzes desleiradas!
5 Quando te vejo de longe,
atravessando uma gândara,
não sei se sinto saudades,
se é o que sinto na alma;
só sei que estou de mais,
10 onde me põem má cara,
que em montanhês, cortesia
está de mais procurá-la.

Oh, ares de *Troitosende*⁴⁹,
terra onde me eu criara,
15 levai esta filha vossa
desta terra tão estranha.

Os rios da minha terra

⁴⁸ O Languelhe (leia-se Langüelhe) é o afluente mais importante do Tambre. Flui, em vários braços, da serra de Monte Maior, que se reúnem um pouco mais abaixo das duas pontes de Santalha (Tordoia). Desagua no Tambre no município de Oroso.

⁴⁹ Aldeia da paróquia de Santa Maria de Troitosende, no município da Banha (provincia da Corunha).



não têm a cara tão brava,
nem parece que a ninguém
20 neguem uma sede de água,
e nem têm, em vez de flores,
tão somente urzes altas.
Co teu esquivo caráter
e receosas miradas
25 pareces, *Languelhe*, um lobo
que, por não ver gente, escapa.
As tuas ribeiras são
bem sozinhas e escravas,
onde no meio do v' rão,
30 só se vê pousada a garça.

Rio *Languelhe*, rio *Languelhe*,
bem se vê que és da montanha,
oh, feio filho das brêtemas,
e das urzes desleiradas!

XXII

Ias gozando no meu tormento,
ias fugindo
por medo a mim,
levou-te a saia, curioso, o vento...
5 -Valham-me os céus,
Ai, o que eu vi!

Desde aquela, sempre sofrendo,
o doce sono
não conheci;
10 se durmo, em sonhos estou dizendo:
- Valham-me os céus,
Ai, o que eu vi!

Espera um pouco, doce inimiga,
se não queres que isto
15 saia de mim,
se a todos crua, não queres que diga:
- Valham-me os céus,
Ai, o que eu vi!

XXIII

Quando as doces andorinhas,
sob um beirado pousadas,
descansam do seu caminho
em busca da ardente África,
5 as amantes viageiras,
com o bico sob a asa,
nesse garrido silêncio,
em que pensam? –Na sua pátria.

Quando eu era estudante
e ao doce albergue tornava,
lento cruzando a cavalo
a feia terra de Jalhas,
ao atravessar silencioso
as ermas e esquivas gândaras,
15 as rendas abandonando
ao impulso das vagas auras,
pela agreste solidão
pensativo caminhava.

Em que ia pensando então,
20 disse-me, ventos de Jalhas?

– Sempre ia pensando nela,
naquela doce rapaza,



que era filha de Santiago,
branca, garrida e fidalga.

XXIV

Tem o seu ponto
a fresca rosa
de ser colhida,
a encantadora;
5 quando ainda tímida,
sua testa assoma,
quase escondida
na verde roupa,
e não diz nada,
10 por vergonhosa.

Mas quando apenas
mostra as suas folhas,
está dizendo:
– *Agora, agora.*

15 Quando largando
todas suas folhas,
desnudo o seio
mostra orgulhosa,
chega-se tarde
20 a qualquer hora,
porque os ventinhos
que a namoram
já lhe roubaram
seu doce aroma.

25 Mas quando apenas
mostra as suas folhas,

está dizendo:
– *Agora, agora.*

XXV

Dous rapazes, não sei onde,
bem não me posso lembrar,
do vento mouros, garridos,
de tenro corpo lançal⁵⁰,
5 qual dous folhentes brabádigos⁵¹,
da terra de Breogão,
num sítio vougo⁵², areoso,
se puseram a cantar:

Dizei-me, ventos da *Croa*⁵³,
10 o que ouvistes sem tardar:

– Duma lancha a branca vela,
da negra altura ao tornar
parece, toda encurvada
da viração jogoral,⁵⁴
15 uma asa duma gaivota
que mais alta que outra vai.
Que garrida é a branca vela
quando se vê bandear...!

⁵⁰ No *Dicionário Estraviz* aparece como “alto e esbelto como uma lança”.

⁵¹ Os brabádigos eram uma das antigas tribos celtas que habitaram a Galécia.

⁵² *Vougo* = ermo, estéril.

⁵³ Monte situado na paróquia de Bainhas, no município de Vimianço.

⁵⁴ *jogoral*, adj., alegre, ledó, sereno, tranquilo.



20 De bolina⁵⁵, tesa a escota⁵⁶
que os ventos fazem silvar,
o courel⁵⁷ debaixo da água...
Que gosto vê-la avançar!
Que garrida vai a lancha
coa espuma que ao redor faz...!
25 Que dita é ser pescador,
que tem por seu todo o mar!

30 – Os *Casás*⁵⁸ estão bem sós,
sempre calados estão,
e tão sós que o seu silêncio
só o costumam turbar
algum corvo, ou vaga gralha,
que ali se pousam quiçá.

35 São vougos, sem gente, mouros,
só de longe veem o mar;
são ermos, e não têm verdes
e estão face ao vendaval,
ao pé do monte da Croa,
num regueiro que ali faz
a areia que move o vento
40 e a duira⁵⁹ que sói baixar,
naquele tempo em que ao lume

⁵⁵ *bolina*, s.f. (náut.) o mesmo que escota; *navegar à bolina*: navegar ora numa direção ora noutra direção obliquamente em relação à linha do vento por forma a que o deslocamento resultante coincida com o rumo pretendido. (Do ingl. *bowline*, de *bow* (proa) + *line* (corda), pelo anglo-normando *boesline*, fr. *buline*, séc. XV).

⁵⁶ *escota*, s.f. (náut.) cabo com que se governam as velas do navio. (Do fr. ant., *escote*, hoje *écoute*).

⁵⁷ *Courel*, pequena ripa de madeira que rodeia a parte exterior da borda dos barcos, pelos costados, para proteger dos golpes.

⁵⁸ Em nota de rodapé, em *Rumores*, diz-se: "Conjunto de pequenos cercados, pertencentes ao cultivo de Vilela de Neminha, no distrito de Mugia, celebrados pelas formosas perdizes que ao *ichó* se apanham no seu recinto".

⁵⁹ *duira*, s.f., regato formado pela chuva.

é doce quentar as mãos.

Nos *Casás* está-se bem,
ali o homem seguro está,
45 sem que nenhuma trigança
seu peito venha turbar.
De longe, bem prontamente
se conhecem os *Casás*,
no areoso regueiro,
50 por uns valados que há
que, qual malhas dum tresmalho⁶⁰,
entretécidos estão.

É certo que um pouco esquivos
de certo, de cariz são;
55 dizem que são algo mouros,
e até vougos por demais,
é certo, mas são alegres
pra quem os sabe mirar;
os *Casás* estão bem sós,
60 só de longe vêem o mar.

– Cádiz⁶¹ é uma vila grande
e garrida sem igual,
conhecida em todo o mundo
por linda, e rainha do mar:
65 a das brancas açoteias,
a fada de leve vão,
a dos lindos miradouros,

⁶⁰ *tresmalho*: arte de pesca de um sessenta metros de cumprimento formado por três malhos ou panos de malha longa e uma espécie de forro de malha mais tupida; rede de malha fina de uns dois metros de largura.

⁶¹ Cidade andaluza, capital da província do seu nome.



70 a do gracioso mirar,
a saudosa, a gentil,
maravilhosa e lançal.

Quando a veem os marinheiros
desde longe branquear,
quedam um pouco calados
ao ver um encanto tal.

75 Ali o homem que vai novo
mil prazeres gozou já,
e não provou da velhice
o nojoso e grave mal.

80 –Vasilveiro⁶² é verde e fresco,
não é vila nem lugar;
ali não há diversões,
ali palácios não há;
mas pobre e tudo como é
não me deixa de agradar.

85 Tem umas águas correntes,
que escutá-las génio dá,
e diante uns prados viçosos
com aveleiras lançaís
que soem fungar co vento

90 com um garrido compáss’.

Ali o homem sem cuidados
os seus dias traz em paz,
e de velho vai coas cabras
qual fizera de rapaz.

⁶² Em nota a pé de página em *Rumores* diz-se: “Pequeno e pitoresco lugar na desembocadura do rio Castro, no mesmo distrito”. Encontra-se na paróquia de Frige, no município de Mugia.

XXVI

Ao abrigo de vento círculo⁶³,
sentada ao pé dos valados
que há nos Casás de Neminha⁶⁴,
os cabelos penteando

5 com um lindo pente de ouro,
que deslumbrava ao mirá-lo;
cantava a fada⁶⁵ Rouriz⁶⁶
cousas do tempo passado.

10 «Eram Manuel Leis e Banha⁶⁷,
Barrentos, Lastres e os Paz;
Eram Pinheiro e Leis Busto,
Ruiz, Canosa e Currás;
Arjomil, o da Redonda⁶⁸,
(nunca se me esquecerão)

15 Pedro Rodrigues, Ocampo,
Lourenço e Castro Romai;
Francisco de Castinheira⁶⁹,
Cristóvão, morto em agraz;
Mauro Fernández, Menecho,

20 Manuel Romero e Pon...al».

Esta parte do seu canto

⁶³ círculo, vento frio do Norte.

⁶⁴ Aldeia da paróquia de São Cristóvão de Neminha, anexo de Tourinhão, no município de Mugia.

⁶⁵ As fadas são seres típicos das mitologias célticas. No caso galego são seres fantásticos com figura de mulher que guardam os tesouros, moram nos poços, rios e lagos ou bem nas carvalheiras, mãmoas e furnas a penetrarem os segredos da natureza.

⁶⁶ Aldeia do paróquia de S. Mamede de Ferreiros, no município do Pino.

⁶⁷ Em nota de rodapé, na edição de *Rumores de los Pinos*, diz-se: “Os nomes que aqui se citam são os daqueles que foram os nossos colegas de gramática latina. O autor crê-se no dever de tributar-lhes esta pequena recordação”.

⁶⁸ Aldeia no município de Corcubião, na paróquia de São Pedro de Redonda, na província da Corunha.

⁶⁹ Se for um topónimo, existem numerosos com este nome em todo o território pondalio, por exemplo a aldeia de Castinheira, na freguesia de São João de Cambada, no município de Vimianço.



bem não se pôde escutar,
(soprava o ar muito rijo
nos valados dos Casás)
25 e, qual som de doce corda,
ao longe foi expirar.

«*Lañtres era de Mugia*⁷⁰,
a areosa, a seca, a triste;
*Leis era de Sujo*⁷¹, e *Ocampo*
30 *da terra de Vilarmide;*
*Leis Buño, de Coucieiro*⁷²,
*Barrentos de Morpequite*⁷³;
*de Corcubião*⁷⁴ os outros
não eram fora dos lindes;
35 os outros, oh, *Bergantinhos!*,
todos tu nascer os viste.

*Estes foram os rapazes
que nunca me sairão*

40 *da memória, porque um tempo
soíam bem alegrar
estes lugares que agora
mui sós e tristes estão.*

45 *Oh, raparigos rebentes,
de tenro corpo lançal,
e tão livres como os corvos
do facho de Tourinhão!*⁷⁵

50 *Nas colunas do meu paço,
que baixo da terra está,
os vossos nomes garridos
para sempre hei de gravar».*

XXVII

Oh, quem pudera
pilhar-te soa⁷⁶
no seio amigo
de escura cova!
5 E, como hera,
que cingidora,
branca coluna
premente enrosca,
cos braços dar-te
10 mil tenras voltas,
dizer-te ao ouvido

⁷⁰ Município que se encontra ao oeste da província da Corunha, sobre o oceano e entre os rios do Porto ao norte e de Castro ao sul. Limita com Camarinhas ao norte, interposta a ria deste nome e a desembocadura do rio do Porto; pelo leste com Vimianço; pelo sul com os municípios de Dumbria e See, e pelo oeste com o mar, desde a desembocadura do rio Castro até a ponta da Barca, lado sul da boca ou entrada da ria de Camarinhas. Neste troço da costa está situado o cabo Tourinhão, com o seu farol. Em Mugia salienta especialmente o Santuário da Nossa Senhora da Barca, no Cerro de Mugia, sobre o oceano. É um lugar de peregrinação que possivelmente procede de uma cristianização de um lugar sagrado para os celtas. Nela conserva-se a pedra da Barca, em que se crê que veio a Virgem para visitar o Apóstolo Santiago.

O Santuário encontra-se na zona mais céltica da Galiza, e onde se conservam os melhores dólmenes tumulares. O monumento megalítico da Pedra de Abalar era um altar ou ara judiciária, que é objeto de peregrinação constante.

⁷¹ Ferreiro (pp. 236) propõe a aldeia de *Suxo*, na paróquia de Oção, no município de Mugia. Pode tratar-se também da aldeia de Vilar Velho de Suso, na paróquia de São Martinho, no município de Mugia.

⁷² São Pedro de Coucieiro, freguesia na província da Corunha, no município de Mugia, situada à direita do rio do Castro. As suas aldeias são Agor, Castro, Coucieiro, Montesinos, Morpequite, Panteo, Sorna, Trazufe, Vilar de Outeiro e Vilarmio.

⁷³ Aldeia da paróquia de São Pedro de Coucieiro, no município de Mugia. Veja-se a nota anterior.

⁷⁴ Município da província da Corunha, capital do seu partido judicial, composta pelos municípios de Camarinhas, See, Corcubião, Dumbria, Finisterra, Mugia, Vimianço e Sás.

⁷⁵ Cabo (e farol) da província da Corunha, no município de Mugia, no lugar situado mais ao ocidente da Galiza. As águas que desde ele se estendem até Finisterra são denominadas pelos naturais da zona como *Mar do Rosto*. Alguns geógrafos antigos chamam ao Tourinhão o *Promontorium Arae Sextii*, por suporem nele as ditas aras, devido a que em tempos antigos existia um culto aos cabos e pontas mais notáveis, e em todos eles se adoravam deuses pagãos.

⁷⁶ soa = sozinha, (a sós), sem companhia. No português da Galiza apresenta marca de género, que se mantém aqui por causa da rima.



mil tenras cousas,
e o termo encontrar da esquiva rota
em breve hora!

XXVIII

– Oh, moços, que caminhantes,
por esse caminho ides,
vinde abrigar-vos um pouco,
se é que molhados vindes!
5 Tenho bom vinho e rosquilhas
de Cereo e Rececinde⁷⁷,
tenho uma pérfia⁷⁸ de a neto⁷⁹,
mais comprida não a vistes;
tomai, provai-mo um pouco,
10 e logo sem pagar ide.

– O vinho é bom, certamente,
mas é melhor quem mo disse,
que é tão doce e tão garrida
como as rosas de Fregilde⁸⁰.

15 – O vosso vestir, oh, moços!,
ainda que colegas ides
de viagem, diz que de terras
bem diferente saístes.
Tu, do sombreiro de palha,
20 oh, moço da cara triste!,
do jaleco de lá branca,

⁷⁷ Pode tratar-se do lugar de Rececinde, na paróquia de S. Julião de S. Justo, no município de Coris-tanco.

⁷⁸ *pérfia*, copo ou recipiente para conter líquidos.

⁷⁹ *neto*, (pop.) copo de quartilho.

⁸⁰ Para Manuel Ferreiro (pp. 238-239), trata-se de um outeiro situado a 2 km. de Noia, onde se encontram vestígios megalíticos.

calção de lá moura, firme,
tão aberto pelos lados
que mais ceroulas exige:
25 se te posso perguntar
quero saber de onde vindes.

– Sou montanhês, não o nego,
de terra sozinha e triste:
sou de Jalhas, mãe das urzes,
30 se alguma vez dela ouviste.

– Tu, da jaqueta vermelha,
tua terra ditosa diz-me.

– O meu vestir bem o diz
a todos que bem me mirem:
35 do alegre chão da Marinha⁸¹
e doce terra de Bribes⁸².

XXIX

«Oh, Castro de Remesende⁸³,
que te tens por tão fidalgo,
dizem que dos teus maiores
os reis buscaram amparo;
5 do castro de Remesende
senhor, por um pleito herdado,
e do castelo que se ergue
sobre ele, bem adornado,

⁸¹ Zona litoral da província da Corunha, ao redor da cidade de Betanços.

⁸² S. Ciprião de Bribes, freguesia do município de Cambre, na província da Corunha (comarca da Ma-rinha).

⁸³ Em nota de rodapé de página em *Rumores* diz-se: "Pedro Castro de Remesende, filho de Diego e neto de Lope Castro de Remesende, senhores do Castelo e Castro do mesmo nome, no território de Bergantinhos".



10 cos seus adarves e torres
todo ao redor ameaçados!
Oh, Castro, bem se conhece
que nasceste desleixado,
entre soldados e muros,
e calabouços e escravos!»

15 Assim dizia Hermesinda
de Barcala⁸⁴ ao desleixado,
(que do solar de seus pais
perto passou de cavalo)
limpando as bágoas garridas
20 com um lindo pano branco.

XXX

Em turva noite de inverno
a lua o seu raio tímido
lança acaso e cintilam
os belos cascos brunidos
5 de Cairbar⁸⁵ e Gundariz⁸⁶,
“os de corpo bem comprido”,
que a Tura⁸⁷, cidade de Ulhim⁸⁸,
estavam a pôr-lhe sítio.

Os dois heróis esforçados
10 parecem dois altos pinhos,

⁸⁴ Há duas freguesias com este nome no município da Banha, São João e S. Cibrão.

⁸⁵ Antropónimo tirado dos *Poemas de Ossian*, de James Macpherson, em cujo “Vocabulário” aparecia como um “homme fort” (p. 474).

⁸⁶ Em nota de rodapé em *Rumores* diz-se: “Gundariz, segundo uma tradição, chefe da tribo dos Celtas que habitavam entre a Ponta do Roncudo e a de S. Adrião”.

⁸⁷ Tura ou Tara, capital mítica da Irlanda. No vocabulário dos *Poemas de Ossian* aparece como “forteresse de l’Ulster” (p. 478).

⁸⁸ Trata-se de um dos nomes míticos da Irlanda. O “Vocabulário” dos *Poemas de Ossian* diz dela que é o “ancien nom de l’Ultonic ou de l’Ulster, partie de l’Irlande” (p. 478).

que estão em pendente inculta
por névoa meio escondidos.

Os guerreiros de Cairbar,
do comum sofrer rendidos,
15 jazem em profundo sonho
em braços do doce olvido.

Mas os nobres estrangeiros,
em silêncio, não dormidos,
as lembranças em segredo
20 enviam ao pátrio ninho
e veem passar aos seus olhos
os meigos campos nativos.

Com um acento harmonioso,
ao murmurar parecido
25 das ondas sobre as rochas
que há na costa de Bariço⁸⁹,
quando os ventos repousam
em bela noite de estio,
disse Cairbar:

– Gundariz,
30 de origem esclarecido,
oh, neto de Gondomil⁹⁰

⁸⁹ São Pedro de Bariço, uma das paróquias do município de Malpica. A freguesia está situada entre montes, dando também para o oceano. Ao leste, dobrado o Cabo Nariga encontra-se o pequeno porto de Bariço, consistente numa pequena enseada aberta ao noroeste, com praia, perto da qual se encontra a aldeia do mesmo nome.

Pela paróquia passam o rio Chancas, que desemboca na praia de Queiruga, e o regato do Bariço, que desemboca na praia do mesmo nome.

⁹⁰ Aldeia da paróquia de S. Adrião de Corme, no município de Pontecesso. Nesta aldeia encontra-se a famosa “Pedra da Serpe” de Gondomil. Trata-se de um altar druidico, de três metros de altura que, segundo a tradição, estava tão cheio de serpentes que não podia ser habitado. A cristianização posterior narra que, estando S. Adrião a pregar pelo território, golpeou tão fortemente o chão com o pé, que todas



e do nobre Curbão⁹¹ filho!,
 agora que os nossos aços
 ao ócio estão convertidos
 35 e que a dormida terra
 envolve um silêncio amigo,
 oh!, conta-nos da tua pátria
 as lembranças que têm sido;
 um relato estrangeiro
 40 é tão grato aos meus ouvidos
 como de acorde instrumento
 o melodioso gemido.

E Gundariz, o prudente,
 tem estas palavras dito,
 45 com uma voz doce e suave
 e misterioso ruído,
 como nas tardes de inverno
 o lamentar indeciso
 do vento nas folhas secas
 50 dos carvalhos de Lourido⁹².

– Cairbar, de nobre estatura,
 como esbelto e alto pinho
 da *gândara* e só nisto
 a Gundariz parecido,
 55 os sons da minha pátria
 são tristes e fugitivos,

de tal modo que, se acaso
 os ouve o atento espírito,
 soem deixar melancólico
 60 ao mortal que os tem ouvido.

– *Toimil*⁹³, toma a tua harpa,
 oh, bardo do nobre andar,
 de olhos negros como a asa
 do corvo do cabo Ougal⁹⁴!,
 65 os saudosos recordos
 canta da doce *Finián*⁹⁵.

– «*Splendor dos passados tempos,
 qual receoso estrelar
 dos vagos dias que foram
 70 e que já não voltarão:
 da minha escura memória
 vem a brêtema alumiar.*

*Aos nobres filhos dos celtas
 é-lhe doce recordar
 75 os eidos da doce pátria
 quando em terra alheia estão.*

Amado dos nobres celtas,

as serpentes se afundaram, ficando encantadas debaixo da pedra, aparecendo nela como sinal uma serpente gravada.

⁹¹ Antropónimo de invenção pondaliana.

⁹² Talvez se refira à paróquia de São Bartolomeu de Lourido, no município de Vale do Vinho. O Lourido é também um regato que desemboca na lagoa da Frouxeira, perto da praia do mesmo nome, na paróquia de Santiago de Lago. Para Ferreiro (p. 242) tratar-se-ia de uma aldeia da paróquia de Moraimo, no município de Mugia.

⁹³ Existe uma aldeia chamada Tuimil na paróquia de Santa Maria de Sequeiro, no município de Vale do Vinho.

⁹⁴ Cabo da Costa da Morte, na província da Corunha. "O Vilão", segundo nota que aparece em *Rumores*, no município de Camarinhas.

⁹⁵ Aqui é utilizado como um dos nomes antigos da Irlanda. No *Leabhar Gabhala* indica-se que os conquistadores da Irlanda (os filhos de Mill), eram descendentes da raça de Fenius Farsaidh. Este Fenius Farsaidh, filho de Baath, filho de Magog, tinha participado na construção da Torre de Nimrod (capítulo XI, parágrafo 124), e foi um dos reis da Cítia, onde habitou com o seu povo, antes de que os seus descendentes, trezentos anos depois, comandados por Brath, filho de Death, e pai de Breogão, arribassem à Península Ibérica.



80 *velho pinhal de Frojão⁹⁶,
as tuas árvores curvadas
o vento faz rebramar,
e o musgo que as cobria,
roto, ao longe cair vai.
Em fria tarde de inverno
é doce ao celta escutar,
85 apoiado na sua lança,
como funga o furacão
nas tuas ramas antigas,
que a rajada encurvar faz.*

90 *Os teus pinhos desde longe,
na pendente de Brumar,
são parecidos com celtas,
que em ordem de guerra estão.*

95 *Da passada mocidade
quão distinto agora estás...!
Os verdes anos primeiros
fogem como o vento suão,
do esquivo cabo Nariga⁹⁷
entre o espesso matorral.
O alegre corno dos celtas
100 agora não faz ressoar
a tua sombria abóbada,
de beldade sem igual.*

*Agora ao redor de ti
reina olvido e solidão,*

105 *e um silêncio que tão só
sói às vezes perturbar
alguma pôla que estala,
se o vento sopra quiçá.
Então o cervo selvagem,
110 que no escuro mato está,
amedrontado levanta
em vigilante ademã,
a alta e gentil cornamenta
e põe-se atento a escutar
115 tua selvagem harmonia
c'um doce e segredo afã,
e o seu sobressalto esquece
pelo teu doce fungar.*

120 *Um regueiro impetuoso,
que entre espessos matos cai,
ao teu lado rebrama
c'uma triste voz lançal.
Regueiro de Belouride,
os dias da doce paz
125 coas tuas águas passaram
e outra vez não voltarão!*

130 *Amado dos nobres celtas,
velho pinhal de Frojão,
os nossos antepassados,
companheiros ao final,
não longe de ti repousam,
mas nunca despertarão,
e os seus sepulcros antigos
alumeia o branco luar».*

⁹⁶ Em *Rumores* aparece a seguinte nota: "Lugar da paróquia de S. Adrião de Corme, no município da Pontecesso, na referida costa".

⁹⁷ Cabo situado no município de Malpica, na paróquia de Bariço.



135 – Gundariz (disse Cairbar)
entre mil o distinguido,
oh, neto de Gondomil
e do nobre Curbão filho!,
os acentos dos teus bardos
140 não sei onde os tenho ouvido,
a vossa pátria é uma pátria
cujas faces tenho visto,
trazem-me lembranças
doutros tempos que têm sido,
145 não sei como, nem sei onde,
mas são notas que ainda sinto.

Disse, e Gundariz, o forte,
de lembranças comovido,
por dissimular o pranto
150 que ao olho assomou furtivo,
coa pala do capacete
cobriu o rosto divino.

XXXI

– Enganosa Morpeguite,
fada do doce mirar,
filha ligeira da névoa,
de corpo leve e lançal,
5 pressurosa companheira
da viração da manhã;
levem-me os demos se agora
me háis de volver a escapar,
nem outra vez, como a enguia,
10 te me háis-de escorrer das mãos.

– Olha, fica quieto, Mouco,

Mouco, não me faças mal;
se me soltas te prometo,
me obrigo de te contar
15 quem repousa na *Arca de Ogas*⁹⁸,
desde tempo imemorial;
não me prendas a saia de névoa,
deixa-me, Mouco, vaguear.

– Fora léria... As tuas mentiras
20 cansado estou de escutar;
em ti curarei à força
as saudades desse mal
que deixas na alma, quando
correndo soes passar.
25 Hei de fartar-me de ti,
juro-o por minha mãe,
como um urso que encontra, faminto,
de mel um doce panal^{*99}.

XXXII

Correndo fui ao arume¹⁰⁰,
à hora em que cantam as rãs,
sozinha e leda, aos pinhais
de Morás¹⁰¹.

5 Voltou descabelada,

⁹⁸ Ogas é uma aldeia da freguesia de S. João de Cambeda, no município de Vimianço. Perto dela havia um dólmen (hoje desaparecido), chamado Arca de Ogas, onde se cria que morava uma fada. A Arca de Ogas formava uma linha com o castro das Barreiras, situado no vale, e com outro dólmen, chamado Arca de Franco, no monte Sangre.

⁹⁹ Mantemos o castelhanismo *panal* (= favo) em posição de rima.

¹⁰⁰ *arume*, o mesmo que *caruma* (s.f), nome coletivo com que se designam as folhas (agulhas) dos pinheiros, depois de secas e caídas no solo.

¹⁰¹ Santo Estevão de Morás, paróquia do município de Arteijo, situada no sopé ocidental das ramificações do Monte Jalo. Compreende nove aldeias, das quais uma é o lugar de Morás.



decaída e sem solaz;
era noite, sós os pinhos
de Morás.

10 Desde então tornou alva,
algo estantia quiçá;
que lhe passara, pinhais
de Morás...?

XXXIII

À hora em que o doce luzeiro
começa a se afundir,
as bem cornudas cabras montesinhas
levando diante de si,
5 o pastor celta Temunde¹⁰²
voltava ao doce redil,
só, cantando pela gândara
de Jalhas, de urzes nutriz,
e, estremecendo a vaga solidão
10 seu cantar dizia assim:

– «*Arca* antiga da *Piosa*¹⁰³,
o vento, que é triste ouvir,
funga nas esquivas urzes,
que estão ao redor de ti,
15 e passa entre elas bruando
com um dorido carpir,
debaixo das tuas antas

‘stá o valente Brandomil¹⁰⁴,
não no olvido, mas nos braços
20 do eterno e doce dormir:
tem ao seu lado direito
o elmo dourado e gentil,
o escudo e a dura lança
onde o sol soia ferir,
25 e com prazer os celtas contemplavam
de Jalhas no ermo confim.

Oh!, valente filho de Ogas
e da doce e nobre Eiriz¹⁰⁵,
para sempre quedará
30 longa memória de ti!,
e quando o filho dos celtas,
no tempo que está por vir,
pensativo caminhante
passe quiçá por aqui,
35 quando no tempo em que gela
se veja a lua luzir,
dirá ao ver-te desde longe:
– *O valente Brandomil,*
saído da gentil e boa raça
40 *dos celtas, repousa ali*».

XXXIV

Esquiva rapariga,
como do tojo a flor,
tão pura como as frescas

¹⁰² Antropónimo de invenção pondaliana.

¹⁰³ A “Arca da Piosa” é um dólmen que se encontra na paróquia de São Martinho de Meanos, no monte do mesmo nome, no município de Sás. Também nesta paróquia podemos encontrar um grupo de mamoas, unidas umas às outras, formando uma longa linha reta de construções megalíticas.

¹⁰⁴ Aldeia da paróquia de São Pedro de Brandomil, no município de Sás. Na paróquia existem numerosos restos megalíticos, para além de uma ponte romana.

¹⁰⁵ Lugar da paróquia de Santa Maria de Oça, no antigo município do mesmo nome, hoje integrado na da Corunha.



5 águas de Rioboo¹⁰⁶,
(rio de Bergantinhos,
gentil e soador,
quando da Baiabosa¹⁰⁷
sai com rouco tom,
entre miúdos seixos
10 de branca e leda cor,
buscando o branco seio
do seu maior, o Anlhões¹⁰⁸);
De onde tiraste, nena,
tão dura condição?
15 Não negues, não, menina,
o que pra dar se dou;
cata bem que, ofendido,
não te castigue Amor:
O trigo é para a fouce aguçada,
20 *o êrvedo verde tem sua sazão.*

Chega-se o doce figo
pelo seu tempo bom,
baixo a materna folha
de plácido verdor,
25 daquele que tem fome
em fugir não pensou,
e bem furtar-se deixa
do natural ladrão:
A maçã na sua árvore

30 sonha c'um furtador:
Não fuja, rapariga,
tenros abraços, não;
não negues de natura
o que pra dar se dou;
35 não evites esquiva
as doces leis do amor:
O trigo é para a fouce aguçada,
o êrvedo verde tem sua sazão.

Não foge a vaga poldra,
40 que da ponte Arantão
pasce na esquiva gândara
o novo tojo mol',
quando de longe sente
a penetrante voz
45 (que lhe chega até aos ossos)
do seu doce amador,
e espera a quem a busca,
porém não foge, não,
nem nega o que natura
50 pra não negar-se, dou,
mas ao jugo se rende
do caro vencedor:
Negar é crueza,
ceder é razão:
55 *O trigo é para a fouce aguçada,*
o êrvedo verde tem sua sazão.

XXXV

Quando no escarpado cabo

¹⁰⁶ Regato que desagua no Anlhões vindo de Valência (Coristanco) e que atravessa a paróquia de S. Martinho de Rioboo, no município de Cabana, na que existe uma aldeia do mesmo nome.

¹⁰⁷ Lugar da paróquia de S. Martinho de Rioboo, no município de Cabana, onde o Rioboo forma uma pequena catarata (Ferreiro, p. 250).

¹⁰⁸ O Anlhões é o rio mais importante entre a ria da Corunha e a de Camarinhas. Tem a sua origem nas vertentes que separam o partido de Carvalho do dos da Corunha e Ordes, nas serras de Monte Maior, monte do Castelo e Pico da Bubela. Desemboca na enseada de Cânduas (Cabana), ao fundo da ria de Laje. O seu percurso é de uns quarenta quilómetros.



sai a flor da *caraminha*¹⁰⁹,
 ao caçador anunciando
 a leda estação garrida,
 5 quando da doce *Suévia*¹¹⁰
 às doces praias amigas,
 em novelo gentil ajuntadas,
 chegam as alegres pílharas¹¹¹,

 então do bardo o espírito
 10 que sonha entre as urzes hirtas,
 no formoso instrumento apoiado,
 ali onde o vento suspira;

 enquanto os filhos dos celtas
 cumprem serva e ignóbil vida,
 15 então o espírito invade do bardo
 escura melancolia.

XXXVI

À sombra tecida
 de espesso c'rejal,
 mui ledo e folhoso
 no tempo do v'rão,
 5 ali onde se sente
 um doce solaz,

se o vento entre as folhas
 assopra quiçá,
 (tão ledo, que sempre
 10 frescura ali há),

 a garrida *Ousinde*¹¹²,
 alegre sem par,
 rapariga nova
 de idade lançal,
 15 que segas catorze
 não pode contar,
 aos ninhos andando
 co demo de João,
 diz-lhe este à menina
 20 c'um doce mirar
 de pilho raposo:
 – *Que de c'rejas há!*
Que lindas, vermelhas
e ledas estão!
 25 *Agora é o tempo*
das c'rejas pilhar!
 E disse-lhe rindo
 a bela sem par:
 – *Pois sobe abrangê-las*
se te goêto dão.
 – *Não posso, estou coxo,*
não posso trepar;
subir tu puderas
que estás mui bem sã,

¹⁰⁹ De *camarinha*, (*Coréia album*), arbusto de flores rosadas, que cresce no litoral galego.

¹¹⁰ *Suévia*, terra dos suevos, por extensão a Galiza, embora o reino suevo abrangesse a província romana da Gallaecia, com capital em Braga. O reino suevo foi independente desde o fim do Império Romano até que foram conquistados pelos visigodos, no século VI.

¹¹¹ Ave aquática de arribação, que vive na Galiza durante o inverno. Pertence à família dos Charadriídeos. Há várias espécies. A "pilhara real" (*Charadrius hiaticula*) é a mais comum. Tem entre 17-20 cm. As partes superiores são castanhas e as inferiores brancas; dobre colar branco e negro; anteface negro com uma banda branca entre os olhos que se interrompe ao chegar a eles para continuar por detrás, patas e bico amarelo-alaranjado. Em voo aprecia-se uma banda alar branca seguida doutra escura. Outra espécie é a "pilhara papuda" (*Charadrius alexandrinus*), também de arribação, mas mais inusual.

¹¹² Antropónimo criado por Pondal a partir da voz *Ousende*, topónimo que aparece várias vezes na província da Corunha, por exemplo na paróquia de Santa Marinha de Albijó, no município de Messia. Ousende é também um lugar da paróquia de São Ourente de Entins no município de Outes. Manuel Ferreiro aponta um lugar deste nome na paróquia de Bribes no município de Cambre (p. 252).



35 *ligeira e gordecha*
*como um paspalhás*¹¹³,
e tens as bochechas
como umas maçãs.
– *Eu subo, mas olha,*
40 *não hás de mirar...*
E João lhe contesta:
– *Corrente, bem 'stá.*
E logo o malandro
deitou-se no chão.

45 Já sobe a menina,
ligeira sem par,
já toca a espessura
do alto c' rejal,
e, quando mais leda
50 no trabalho está,
colhendo cerejas
c'um doce cantar,
cos olhos lagartos
o demo de João,
55 não sei para onde
se pôs a mirar.

Mas colhe-o a rapaza
no furto desleal
e, pondo-se acesa
60 como uma maçã,
chorando e sorrindo
com graça sem par,
diz-lhe incomodada:

65 – *'Tá-te quieto, João,*
não..., pois tem juízo,
não hás de mirar;
olha, isso não serve,
pois isso não val'.

Pois, vaia, não miro,
70 *disse-lhe o rapaz*
com sorna...
– *Pois jura-o,*
não hás de mirar...
– *Certamente, o juro,*
e pelo São João...
75 – *Mentira, pois tapa*
os olhos coas mãos.
E, por comprazê-la,
esse taleigão¹¹⁴,
tapou obediente
80 os olhos coas mãos.

As c' rejas a nena
volvia a pilhar,
afastando as folhas
coa pequena mão;
85 mas, sem que ela o visse,
o dianho rapaz,
entreabrindo os dedos
de ambas as mãos,
falso, às furtadelas,
90 volveu a mirar.

¹¹³ *paspalhás*, o m.q. laverca. Var. *paspalhaço*, *paspalhós*.

¹¹⁴ Aqui no sentido de "grande malandro".



Mas ela, colhendo-o
no furto desleal,
respondeu-lhe, pondo-se
acesa ainda mais
95 e linda, que as c'rejas
que tinha na mão,
e c'uma carragem
donosa, sem par,
(acaso de veras,
100 fingido quiçá):
– *Faltaſte à palavra...*
'Tá-te quieto, João,
não..., pois tem juízo,
não hás de mirar...
105 *Olha, isso não serve,*
pois isso não val'.
E toda assanhada
desceu do c'rejal.

XXXVII

«Castanheiros de *Dormeã*¹¹⁵,
os de corpo bem comprido,
de graciosa estatura,
dobrados e bem seguidos,
5 castanheiros que parecem
cos celtas nossos antigos,
a quem as heras demonstram
amor, com abraço amigo,
os arrebatados ventos
10 do mês bretemoso e frio
de janeiro entre vós fungam

dando doentes suspiros,
e o musgo dos vossos galhos,
ermos e desguarnecidos,
15 impulsado por lufadas
vai longe cair rompido.

Quando juntos nos criamos
era outro tempo e o recinto
da vossa ainda curta sombra
20 n'era grande, que, menino,
dava eu tanta como vós,
no doce prado nativo.

Por fim, na nossa velhice,
depois do bom tempo ido,
25 juntos voltamos a ver-nos,
mas com diferente destino;
pois o embalsamado sopro
do tépido e novo estio
às vossas erguidas frentes
30 voltará, doce e garrido,
com a verde e leda pompa,
o nobre esplendor perdido.
Mas à cabeça do bardo,
de pesar escurecido,
35 com a alegre primavera
não volta o verdor antigo,
nem retorna ao coração
o doce amor que foi ido».

Assim dizia Lugar¹¹⁶,
40 entre mil o distinguido,

¹¹⁵ Aldeia da paróquia São Cristóvão de Dormeã, no município de Boimorto.

¹¹⁶ Manuel Ferreiro (p. 254) aponta esta nota que apareceu na edição da *Ilustración*: "O bardo Lugar, filho de Brandomil, chefe do clã de Brandonhas, na comarca de Jalhas, nasceu no país dos celtas presamarcos e viveu errante na sua idade maior entre os ártabros e brigantes, que povoavam as nossas



que depois de longa ausência
ao eido voltou nativo;
porém, ainda que era forte,
ao ver o seu ninho antigo,
45 nublou-se-lhe a frente e os olhos
foram de bágoas tingidos.

XXXVIII

– Um lindo zagalejo
prometes-me, senhor,
tão lindo, que olhá-lo
será uma perdição:
5 algo curto, bem feito,
de roxa, leda cor,
com colchetes de prata
no estreito cinturão,
que, quando os ares virem
10 a folha ao catassol,
fará garridas pregas
de mim ao meu redor.

Esse zagalejo
certo, será bom,
15 mas não digo tanto
da tua intenção.

*O teu zagalejo,
não o quero, não.*

Colheu-me no prado,
20 vinha de caçador,

costas entre a ponta de Suevos e o cabo Finisterra. (Tradição da expressada comarca, na província da Corunha)", veja-se também XIV,96.

mil palavras ardentes
no ouvido me soprou;
disse-me que era linda
com um ar burlador,
25 e disse-me que tinha
corpo robusto e bom,
braços firmes, redondos,
seio comprido e mol'.
Arrenego-te demo,
30 que cousas me ali armou!

Cousas que me disse
com melosa voz!
Eu não sei que faça,
se o creia ou não.

35 *O teu zagalejo,
não o quero, não.*

Fui-lhe pedir à virgem
da Consolação¹¹⁷
que do peito me tire
40 [a] sua meiga voz.
Quando estou sozinha,
num sítio tentador,
tenho medo, e não sei
por quê turvada estou.
45 Fugir quero e não posso
dum estranho temor...

Minha Virgem Santa,

¹¹⁷ Segundo Manuel Ferreira (p. 256), o santuário da Virgem da Consolação fica no lugar de Taveirós, no município da Estrada.



50 pois que tola estou,
tira-me do peito
esta turvação.

*O teu zagalejo,
não o quero, não.*

XXXIX

À hora em que a luz do luzeiro
sobre o cabo brilha tímida,
e à negra furna piando
recolhem-se as breves pílharas;
5 à hora em que o raposo vagabundo
sai da sua guarida,
e à caça de escaravelhos
vai pela rude marinha;

10 àquela hora em que a sineta
de humilde porto, dorida,
ao rude pescador que vem da altura
faz dizer: *Ave Maria*,

e então, ao triste bardo,
que sonha entre as urzes hirtas,
15 na gentil harpa apoiado,
lá onde o vento suspira;
e então ao bardo, qual vago fantasma,
visita a melancolia.

XL

Agora, meu coração,
agora pela noitinha,
pela manhãzinha, não.

5 Ninguém nos pode estorvar...
que está afastada e só
esta gandra de Gundar.

XLI

Depois do duro combate,
que o nobre celta Folgar¹¹⁸
contra do esquivo romano
livrou de Jalhas no chão,
5 em que tantos esforçados
perderam a luz jogoral,
no meio da esquiva gândara,
parecido ao estrelar
que se apaga receoso
10 do monte Meda¹¹⁹ detrás,
morria a linda Maronhas¹²⁰
de uma ferida mortal
no branco peito, qual rosa
cortada do vento suão.

15 Maronhas, virgem intrépida
de um majestoso andar,
a qual os brandos adornos
desdenhou de tempo atrás,
e de escudo e grave elmo
20 cingiu o corpo lançal,
e desde os mais tenros anos
se comprazia em dobrar
o arco, seguindo os corços,

¹¹⁸ Aldeia da paróquia de São Martinho de Vila-Rube, no município do Vale do Vinho.

¹¹⁹ Monte situado perto da aldeia de Ferreira, paróquia de Montemaior, no município de Laracha, província da Corunha.

¹²⁰ Aldeia da paróquia de Santa Marinha de Maronhas, no município de Maçaricos (A Corunha).



da gandra no esquivo chão.

- 25 Das filhas dos nobres celtas
a mais valente que há,
quis ela do seu amado
ao lado pelejar,
sem que rogos a fizessem
30 ceder nem voltar atrás.

- Mil vezes o curvo arco
brandira, com força tal
que muitos a luz garrida
do dia não viram mais,
35 quando uma frecha arribando,
uma dura frecha audaz,
cravou-se no branco peito,
onde amor sói aninhar,
e caiu, qual tenro pinho,
40 das urzes no escuro val'.

Mas antes que desse o espírito,
o arco ainda firme na mão,
isto disse a Margaride¹²¹
bardo da voz sem igual:

- 45 —«Doce e tenro Margaride,
do gracioso mirar,
a quem ainda a dura lança
não encaleceu as mãos;
tão garrido e brando como
50 o doce tojo molar,

¹²¹ Tirado do topónimo Margarida, aldeia da paróquia de S. Paio de Cundins, no município de Cabana (A Corunha).

que cresce na escura gândara
no seu tempo jogoral,
oh, Margaride!, a tua harpa
é-me mui doce escutar...»

- 55 Disse a valente Maronhas,
com voz à do vento suão
parecida, quando sopra
por entre as urzes quicá.

- 60 E isto disse Margaride,
bardo da voz sem igual:

- «Maronhas, boa Maronhas,
oh!, virgem do seio alvar,
como a espuma das *Basontas*¹²²,
quando sentem trovejar;
65 tão ligeira como os corços
que fogem no carvalhal;
qual pinho da costa de Ures¹²³
de esbelto e direito vão¹²⁴;
a valente entre os valentes,
70 a quem bem as armas 'stão,
teus tristes pressentimentos
é de razão olvidar,
mas o som da minha harpa,
se te praz, escutarás».

- 75 E assim cantou Margaride,

¹²² Antropónimo tirado talvez da aldeia de Basonhas, na paróquia de S. Pedro de Muro, no município de Portosão, na província da Corunha.

¹²³ Ures é uma das aldeias da paróquia de São Martinho de Cánduas, no município de Cabana. A costa dá para a ria de Laje. Na enseada de Cánduas deita as suas águas o Anlhões.

¹²⁴ O m. q. *cintura*.



bardo da voz singular:

- «*A flor garrida da gândara,
que no doce mato está,
no seu talo randeando-se*

80 *ao sopro do vento suão,
abrigada pelas urzes,
de tenra idade lançal;
que da tolhente geada
conchego doce lhe dão;*

85 *ditosa ela, se ainda nova,
quando ainda a desabrochar
está, uma doce causa
a curta, amiga, em agraz,
antes que velhice escura*

90 *ou lodo a venha manchar...!»*

Disse, e ao som das doces cordas,
Maronhas perdendo vai
a doce cor, e ficou
como apagado estrelar,
95 sem luz e descolorida,
de Jalhas no esquivo chão.

E Margaride, entre as urzes,
erguida tumba lhe dá,
ao modo dos nobres celtas,
100 c'umas antas por sinal
para que fossem memória
do seu futuro imortal.

Desde então, oh, Maronhas!,
de Jalhas pobre lugar,
105 tomaste o nome garrido

da valente sem rival,
pois no teu escuro eido
Maronhas descansa em paz.

XLII

Os pinhos têm doce som;
nesta doce solidão
aperta-se o coração.

5 Não te ponhas a tremer,
menina, não tenhas medo,
que ninguém matar te quer.

XLIII

«*Rei dos castros, castro forte,
garrido castro Nemenço¹²⁵,
o das urzes montesinhas
e dos carvalhos cerqueiros¹²⁶;*
5 *o de boa pareença,
o dos altos parapeitos
cheios de flores no v'rao
e esquivas urzes no inverno;
o dos fossos bem compridos
10 e bem fundos e bem feitos,
das rampas em caracol
e caminhos encobertos;
doce à vista desde longe,*

¹²⁵ Castro situado na paróquia de Santo Tomé de Nemenho, ao sul da paróquia de S. Martinho de Cores, de que é filial, no município de Pontecesso. Pondal, no seu vocabulário toponímico diz deste castro: "O castro de Nemenho: Um dos maiores castros e um dos mais formosos da comarca de Bergantinhos. Na sua esplanada superior sustém atualmente uma pequena agra e o lugar do seu nome". Manuel Murguía propõe como etimologia a voz *Nemetón*, que em céltico significa "templo, lugar sagrado" (Cfr. Ferreiro, pp. 266-267).

¹²⁶ Variedade de carvalho, muito retorto e bastante baixo (*Quercus toza*). Sin. *Cerquinho*.



15 *castro bom, castro completo,
Oh, castro amigo dos celtas,
entre os castros o primeiro!*

*Como um celta forte e armado,
desde longe te contemplo
co teu escudo embraçado
20 com que defendes o peito;
eu não sei por quê, na alma,
o que sinto não compreendo,
qual virgem que o seu amado
olha c'um prazer secreto.*

25 *Assim a tua formosura
respeite o futuro tempo,
e na tua nobre fronte
conserves o nobre selo,
que é próprio tão só dos fortes
30 que não se rendem ao tempo,
e sejas doce lembrança
dos dias que já perdemos,
daqueles que ainda virão
povoar o nosso eido,
35 e passado tempo antigo
chamarão ao nosso tempo».*

Tal ao som de harpa gemente
cantava a doce *Maimendos*¹²⁷,
filha do bom Contemunde¹²⁸,
40 entre os fortes o primeiro,

que, do eido dos seus maiores,
no *Tâmara*¹²⁹ estava vendo
o grande castro garrido
num dia escuro de inverno,
45 em que as urzes montesinhas
se domavam com o vento;
e a voz da doce menina
ia-se ao longe perdendo.

XLIV

Aquela minha leda companheira,
pressurosa e lançal;
aquela doce meiga
graciosa e sem par,
5 que sempre me seguia
por agreste solidão;
que, se eu corria, corria,
se eu parava de andar
também ela parava
10 o seu passo fugaz,
a roupa curta e leda
das cores da manhã,
c'umas asas garridas
como a fada *Baltar*¹³⁰,
15 umas leves sandálias
nos pés, que inveja dão
à neve, c'umas fitas
que desde o calcanhar,
as pernas, como a Dafne¹³¹, lhe teciam

¹²⁷ Antropónimo de criação pondaliana.

¹²⁸ Antropónimo criado, talvez, da aldeia de Contimunde, na paróquia de São Mamede de Róis, no município deste nome.

¹²⁹ Nome pré-romano do rio Tambre. Os *tamaricos* foram os povoadores do território que na atualidade se estende entre os rios Sars (Sar) e Tâmara (Tambre), cuja capital era Noela (Noia).

¹³⁰ Aldeia da paróquia de Vilastósé, no município de Mugia.

¹³¹ A narração da história de Dafne encontra-se no livro primeiro das *Metamorfoses* de Ovídio (vv. 452-567).



20 com graça singular:
tudo leve, impalpável,
para melhor andar...

Por sua donosura
conhece-la quiçá?

25 Viste-a, por acaso,
pressurosa cruzar
por entre as vossas urzes
oh!, *branhas de Armeiar*¹³²?

XLV

Boandança, saúde,
raça de *Breogão*,
teus gloriosos destinos
certo é doce agoirar,

5 raça nobre, mas rude,
forte no suportar,
a de boa estatura
e de corpo lançal;
parecida aos pinhos
10 bem compridos que estão
sobre a materna, rápida pendente
do monte de *Brumar*¹³³.

Raça que antigamente
costumava levar

15 a brilhante armadura
de fúlgido metal,
e o arco curvo e forte

mui rijo de dobrar,
e o casco que lançava
20 um resplendor igual
ao que deixa detrás do escuro monte
a estrela da manhã.

Entre as espessas brêtemas
do tempo que foi já,
25 e nos dias ditosos
que ainda ao mundo virão,
oh!, quantas cousas nobres
vejo, que cumprirá

a estirpe generosa
30 que no céltico chão
fende o molengue seio
da boa terra natal,

e aquela que, emigrante,
deixa o nativo clã,

35 como soem as pílharas
do nosso litoral,
garridas vagabundas
quando em bandadas vão
rasando as ledas praias

40 com pressuroso afã,
em tecidas companhas sonoras
virando-se ao voar.

Os teus filhos sem conta,
certo, em número igual
45 às areias da rude
praia de *Barranhão*¹³⁴,

¹³² Aldeia da paróquia de Moraime, no município de Mugia (A Corunha).

¹³³ Pode tratar-se de um dos montes da antiga paróquia de São Lourenço de Bruma, no município de Messia, por onde corre um pequeno afluente do rio Samo.



¹³⁴ Praia da paróquia de S. Julião de Barranhão, no município de Arteijo (A Corunha). Está regada pelo regato do Castro, que vem de Monteagudo e Armentão e desemboca nesta praia.



que dispersos povoam
com forte vaguear,
a espaciosa *Colômbia*,
50 a da forma longal,
que soberba se estende
de um a outro mar,
como imensa baleia
de corpo colossal,
55 que após o naufrágio
sobre a praia está,
desde os selvagens *toldos*
de instável acampar,
até aos ingentes cornos
60 do rápido Uruguai¹³⁵,
desde a ilha que é erma
e nota as per'las dão,
até ao frio *gandreiro*
onde os Andes soem 'star,
65 como negros ferreiros
que em fera rolda estão,
e cos rudes martelos
o val' fazem ressoar,
forjando nas suas negras e altas covas
70 o precioso metal,
o elo rijo e forte
e garrido serão,
que os filhos conciliem
à antiga e comum mãe,

75 e os bons povos ibéricos
dispersos, juntarão.

Qual vário e radioso,
de monte a monte está
o ledó e curvo íris
80 sobre do verde val',
e seus formosos cornos
sói ufano mostrar
aos filhos da terra
profético sinal;
85 tal tu, nobre e comprida,
boa raça lançal,
nos dias da futura
boa idade, serás
atamento garrido,
90 forte nó sem rival,
ponte de ledos arcos
que é doce contemplar,
e os bons filho do *Luso*¹³⁶,
e os fortes irmãos,
95 num só nó, fortemente,
os dous constringirás;
tal é a semelhança sonora
do garrido falar!

Sim... Dos filhos do *Luso*,
100 que afastados estão
por real estultícia
da gloriosa mãe,
o pastor, bom e forte,

¹³⁵ Rio da América do sul. No Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, é formado pelos rios Pelotas e Canoas; inicia o seu curso no norte deste estado, formando a divisa com o estado de Santa Catarina, rumo para este contornando o estado; volta-se depois para sudoeste, formando a fronteira do Brasil com a Argentina; penetra pela região do Pampa, estabelecendo a fronteira entre a Argentina e a República do Uruguai, reúne-se ao rio Paraná formando o estuário do rio da Prata. Tem uma extensão de 2100 km e de 370.000 km² de bacia.

¹³⁶ Povo descendente de Luso, filho de Baco. Por extensão, os portugueses.



105 algum dia serás
 que a tribo vagarosa
 ao deixado clá,
 o extraviado gado,
 que agora errando está,
 ao redil antigo
 110 gloriosa voltarás.

 E aquela nobre plêiade
 de fortes no lutar,
 que a constância herdaram
 dos bons e fortes pais,
 115 e nos férreos propósitos
 não consentem rival,
 que levam no semblante
 a palidez lançal
 da turbulenta insónia
 120 e do rude pensar,
 soldados valorosos
 de afanoso ideal,
 parecidos àqueles
 que com ousado afã,
 125 na rude *Cernagora*¹³⁷,
 de fortes, forte mãe,
 mostrar fazem as pressurosas plantas
 à caterva de Agar¹³⁸.

 Estes a terra verde
 130 do olvido tirarão,
 e as cativas ultrajes
 do estranho desleal,

co garrido instrumento,
 que é nobre governar,
 135 (quicá antigo adorno
 de algum cisne lançal),
 a prevenção ignara,
 a estultícia cerval,
 e as palavras de ferro, injuriosas
 140 da pátria, vingarão.

 Oh, quanta luz eu vejo,
 num tempo por chegar,
 sair da tua frente,
 gente de *Breogão*!,
 145 como sói entre as brêtemas
 a luz do cabo Ougal,
 que cos seus longos cornos
 resplandecendo está,
 e pra ousados e vagos navegantes
 150 é seguro sinal!

XLVI

Quando te vejo me lembro
 de quem não posso olvidar,
 Oh, *figueiredo de Mórdomo*¹³⁹,
 de *Mórdomo, oh, figueiral*!,
 5 a tua garrida sombra,
 ali no meio do v'ráo,
 vista de longe parece
 que dá frescura e solaz.

Debaixo das tuas folhas

¹³⁷ Nome servo-croata (Crna Gora) da ex-república jugoeslava de Montenegro.

¹³⁸ Agar, escrava e esposa de Abraão, mãe de Ismael.

¹³⁹ Aldeia da paróquia de Santiago de Trava, no município de Laje.



- 10 há um garrido areal,
c'umas areias tão brancas
que vêm da beira do mar,
que a quem te olha, convidam
ao sono... e outras cousas mais.
- 15 Reina dentro do teu seio
silêncio tão jogoral,
que tão só de quando em quando
se ouve o garrido compáss'
das tuas folhas compridas
- 20 coa doce brisa do mar,
ou o chio, se se ofrece
de um passarinho quiçá.

O cansado caminhante
que vai co calor do v' rão,
25 ao ver-te de longe diz:
– *De Mórdomo o figueiral.*
E passa adiante, bem triste,
porque não pode parar.

- 30 Não, não é na sua casa,
nem à vista de seus pais,
onde se procuram nenas
para com elas falar;
mas debaixo das tuas folhas,
pois testemunhas não há:
- 35 *Oh, figueirido de Mórdomo,
de Mórdomo, oh, figueiral!*

XLVII

Pilhei-a a sós entre os pinhos,

alva de medo tornou;
tentou fugir, mas não pôde,
(que sabe que peixe eu sou).

- 5 Rogara-me de joelhos,
de joelhos me rogou;
tremeu como a vara verde
que estremece a viração.

- 10 Qual quem teme ser ouvida,
diz: « – *Por Deus, Nosso Senhor...!*»

« – *Estás fresca!*, –lhe contesto–,
vem-te a mim com orações!

- 15 *Não solta nunca o raposo
a galinha que pilhou,
até sugar-lhe o mel todo
não solta a flor o abelhão,
nem a branca e doce pomba
larga o montesinho açor».*

XLVIII

- Qual sói mastreação
da nave poderosa
fazer negro valume
sobre as tendidas ondas,
5 e do vasto cruzâmen¹⁴⁰
faz orgulhosa mostra,
co labirinto ousado
das atesadas cordas,

¹⁴⁰ Distância entre penol e penol da verga dos navios.



onde os ares passantes arrancam
 10 enérgicas notas:

Tal a alma do bardo
 é soberba e grandiosa;
 tal na máquina ousada
 todas cousas ressoam,
 15 deixando mil suspiros
 e mil selvagens notas;
 quem pode as rapsódias dizer do soberbo
 poema que entoam!

XLIX

Gandra esquiva de Moureda;
 quem pudera, entre as tuas hirtas urzes,
 falar a sós com ela!

L

O escuro Brandonhas¹⁴¹
 e o roxo Porcar¹⁴²,
 dous filhos dos celtas
 de idades iguais,
 5 na lança apoiados
 qual altos nogais
 que estão inclinados
 do vento quiçá,
 com lágrimas quentes dos olhos falavam

10 da doce *Baltar*¹⁴³.
 – «Qual vara garrida,
 ainda noval,
 direita e folhosa,
 que sói abanar
 15 com um vento maino
 no tempo do v'ráo,
 à sombra da fraga
 nativa, sua mãe;
 tal era a maneira graciosa e suave
 20 da doce *Baltar*.

O vento que assopra
 na fresca manhã,
 levava-lhe as saias
 c'um ledó compáss',
 25 quando ela corria
 de Jalhas no chão,
 seguindo dos corços
 o passo fugaz,
 diziam as urzes: *Os passos graciosos*
 30 da doce *Baltar*...!».

LI

Fada garrida de leves asas,
 que leda voas
 no doce abril,
 rompendo a brêtema
 5 com lindas gazas,

¹⁴¹ Paróquia de Santa Maria de Brandonhas, anexo de Brandomil, no município de Sás. Está formada por duas aldeias e oito lugares, um dos quais recebe também o nome de Brandonhas. Nesta paróquia pode ver-se um círculo de mãos rodeando um grande poço.

¹⁴² Aldeia da paróquia de Santa Cruz do Salto, no município de Cabana. Também aparece este topónimo numa aldeia da paróquia de Santo Estêvão de Lires, no município de See (A Corunha). Deste nome é um afluente do rio Castro que nasce na paróquia de Pereirinha, no município de Corcubión.

¹⁴³ Veja-se poema XLIV, verso 14, nota. Manuel Ferreiro aponta uma outra anotação manuscrita do próprio Pondal, que traduzo (p. 286): "Baltar, formosa donzela dos celtas galegos célebre pela sua velocidade na carreira, filha de Brandomil e irmã de Frojão, da tribo céltica de Breogão. - Pequeno lugar do mesmo nome na comarca dos antigos arratrevas, hoje distrito de Mugia".



desconhecida, presta e gentil.

Fada que, às vezes,
no espaço culto
dos pátrios agros costumas voar,
10 no ar, às vezes,
do monte inculto
te sóis sem traças evaporar.

Das tuas asas o doce ruído,
e dos teus passos
15 o grato som,
que não percebe o atento ouvido,
mas que só o sente
o coração.

Ouvi mil vezes na minha infância,
20 nos pátrios montes
da verde Erim¹⁴⁴;
senti tua enxebre¹⁴⁵,
doce fragrância,
quando passavas por junto a mim.

25 Não te conheço,
nem sei aonde
ou vais ou tornas, nem por que lei;
nem sei se antes,
nem como ou onde,

¹⁴⁴ O nome aplica-se normalmente à Irlanda, embora aqui seja empregue para se referir à Galiza. No "Vocabulário Ossianico" indica-se de Erin que é: "ancien nom de l'Irlande, composé de deux mots, *ear*, ouest, et *in*, île, *île d'ouest*".

¹⁴⁵ *enxebre*, próprio e genuíno da Galiza.

30 nem em que antigo tempo te achei.

Se foi na gandra de Carvoeiro¹⁴⁶,
nos verdes de Oca¹⁴⁷,
ou de Bujão¹⁴⁸,
se nas alturas de Portomeiro¹⁴⁹,
35 se nas areias
de Barranhão¹⁵⁰.

Nos verdejantes cômaros do Esto¹⁵¹,
no val' de Brântuas¹⁵²
ou de Anjeriz¹⁵³,
40 ou nas encostas
de Corcoesto¹⁵⁴,
ou sobre o cume de Gumariz¹⁵⁵.

Se dos corutos
na vaga bruma,
45 de prado verde na branda cor,
de negro baixo
na branca espuma,
de casta estrela no resplendor.

Nas negras copas harmoniosas

¹⁴⁶ Aldeia da paróquia de Corme, no município de Pontecesso.

¹⁴⁷ Aldeia da paróquia de Oca, no município de Coristanco (A Corunha).

¹⁴⁸ Lugar da paróquia de São Mamede de Seávia, no município de Coristanco.

¹⁴⁹ Freguesia de São Pedro de Vilarinho, no concelho de Vale do Dubra.

¹⁵⁰ Veja-se poema XLV, verso 46, nota.

¹⁵¹ Freguesia de São João de Esto, filial de Anlhões (Pontecesso), no município de Cabana. Esto é também um lugar desta paróquia.

¹⁵² Paróquia de S. Julião de Brântuas (ou Brântoas), no município de Pontecesso. Veja-se também poema XIV, verso 1, nota.

¹⁵³ Paróquia de Santa Marinha de Angeriz, no município de Tordoia (A Corunha).

¹⁵⁴ Veja-se poema XII, verso 39, nota.

¹⁵⁵ Aldeia da paróquia de Santa Maria de Lamas, no município de Sás, província da Corunha.



50 dos altos pinhos,
que há em Cartel¹⁵⁶,
se foi nas gandrás mais espaçosas
nas corredoiras
de Recemel¹⁵⁷.

55 Não sei..., mas levo tua doce história;
não sei tampouco
quem ma ensinou,
nem sei decerto
por que a memória
60 doces lembranças de ti guardou.

Quiçá celeste
reminiscência
és doutra vida que passei já,
quiçá presságio
65 doutra existência
misteriosa que ainda virá.

Virgem dos celtas de amigos astros,
dos nobres celtas
fortes e bons,
70 quiçá habitas nos verdes castros,
génio dos nossos
grandes avós.

Pois na cadeia que o homem encerra,
prazer não acha,
75 trégua ou solaz,
detém um pouco,

¹⁵⁶ Aldeia da paróquia de S. Gião de Moraime, no município de Mugia (A Corunha).

¹⁵⁷ Veja-se poema XI, verso 2, nota.

na escura terra,
o teu gracioso passo fugaz.

E me apresando
80 dos teus garridos,
véus graciosos de ledó tul',
nos perderemos,
do vão colhidos,
dos pátrios céus no brando azul.

LII

Eu sei onde moram,
eu sei onde estão;
as vira de longe
seu golfo ao cruzar.

5 O corpo ostentavam
de roxo coral;
as testas de nácar
lostregando estão;
os lábios ardentes de lazúli esplêndido
10 que encanta ao mirar.

Estavam sentadas
com graça sem par,
em tronos de pérolas,
qual rainhas do mar.

15 Olhei-as, olharam-me
com mágico afã,
c'uma forte, pungente mirada
de cor verde-mar:
Oh, Deus, que dizer-me
20 *seus olhos quer'rão.*



LIII

Avonda já de oração...
Porque de mim não te livram
nem Deus nem o demo, não.

LIV

Eu sei onde moram,
eu sei onde estão;
ao sesgo das águas
as vi fulgurar.

5 Conheço o seu golfo,
suas sirtes natais,
ali nos profundos
abismos do mar.

10 Mui belas, mui grandes,
de tamanho igual,
das testas ceivando mil íris soberbos
de cor verde-mar.

Eu sei onde moram,
eu sei onde estão.

15 Irei em leve gôndola
com amoroso afã,
rastrearei com redes
sua praia maternal,
e se ainda assim não posso
20 meu desejo alcançar,
improvisado búzio,
novo tritão audaz,
penso ao fundo Oceano

seu tesouro arrancar.

25 Se na luta sucumbo
a minha insânia intrépida escusai.

LV¹⁵⁸

São Pedro de Brandomil,
na pobre terra de Jalhas,
quanto há que não te vi!

LVI

Carvalhos de *Carvalhido*,
quando era rapaz deixei-vos;
vim depois de muitos anos;
Já vamos velhos.

5 Passaram-se as alegrias
que trouxera o tempo ledó;
a mocidade passou;
Já vamos velhos.

10 Eu tenho os cabelos brancos,
vós tendes os galhos secos;
os nossos dias passaram;
Já vamos velhos.

LVII

Da alma no fundo
eu levo umas cordas,

¹⁵⁸ A edição de Manuel Forcadela, na editorial Xerais, (pp. 128), considera este poema ligado ao anterior, apesar de que na primeira edição de *Queixumes* são claramente poemas independentes. Dessa maneira, todos os poemas aparecem numerados, desde aqui, de maneira diferente nesta edição e na de Xerais, sendo o número LVI da nossa edição o 55 na de Xerais, e assim sucessivamente até ao poema LXIV, em que acontece o mesmo, tratando-se para Forcadela do poema 62 (bis).



que a cada momento
sozinhas ressoam.
5 Se estou vigiando
ocupam-me as horas;
se em plácido sono
os membros repousam,
agitam-se insones,
10 já doces, já roucas.

Em vão, febreento,
nas lutas recônditas,
o ânimo ousado
em vão se esforça
15 por domar o tumulto sublime,
as fêrvidas notas,
soberbas, agrestes,
selvagens, grandiosas,
que, ai!, no profundo
20 dos bardos repousam,
qual repousam as chispas que dormem
nas altas curotas!

LVIII

Quando jazam do cisne
os febreentos despojos,
sobre o verde da ribeira escura,
e já não se ouça o canto harmonioso,

5 dai-lhe a sepultura
no promontório aquele, areoso e vougo,
onde o Anlhões, o seu nativo rio,
(que ele amou mais de todos),
da peregrinação antiga sua

10 e do longo trabalho acha repouso.

Que diga o marinheiro,
rude filho de Osmo¹⁵⁹,
ao entrar pela *Barra*¹⁶⁰,
voltando o escuro rosto:
15 – «*Ali jaz o que fora
noutro tempo cantor do eido nosso*».

LIX

Sobre o galho do pinho,
sem cuidar do destino,
o açor co fero grito o ar inunda,
e, fatigado da diurna razia,
5 descansa da sua vida vagabunda.

Passado o tempo ledó,
baixo o rude penedo,
o lagarto descansa debuxado;
da necessidade dura e pungente
10 se esquece e do trabalho já passado.

Todos os feros brutos,
escamosos e hirsutos,
feitas as cruas, sanguinosas provas,
acham repouso nas profundas águas,
15 descanso encontram nas selvagens covas.

Mas do *génio* mudável,
o ânimo indomável

¹⁵⁹ Segundo Manuel Ferreira trata-se de uma praia situada perto da ponta Arnela, na enseada de Corne-
Porto, no município de Pontecesso.

¹⁶⁰ Ponta (ou barra) situada na desembocadura do rio Anlhões, em Pontecesso.



n'acha descanso, não;
quicá se agita nele o insone espírito
20 do anjo da primeira rebelião!¹⁶¹

LX

Oh, da terra de Jalhas, feros corvos
que vagantes andais,
sem pensar no destino,
sem hoje ou amanhã;
5 quem pudera ser vosso companheiro
na agreste solidão!

LXI

*Monte Branco, Monte Branco,*¹⁶²
quando te vejo de longe
verto a sós um triste pranto.

Pois as nossas alegrias
aos dous nos foram falhando:
a ti das tuas areias
os ventos te têm privado,
a mim também me falecem
aqueles gostos passados.
10 Tu negrejas, e eu tenho a cabeça
cheia de cabelos brancos!

¹⁶¹ Referência à rebelião que Lusbel, o anjo mais formoso, levou a cabo contra o arcanjo São Gabriel, no começo dos tempos. Lusbel e os seus seguidores foram vencidos, sendo deitados no inferno. Lusbel perdeu toda a sua luz e toda a sua beleza, convertendo-se no anjo do mal, Lúcifer.

¹⁶² Monte situado na paróquia de S. Tirso de Cospindo, no município de Pontecesso, à direita do rio Anlhões, entre a sua desembocadura e o porto de Corme (na ribeira direita da ria de Corme e Laje). O Monte Branco encontra-se na parte setentrional da boca do Anlhões, tem figura cónica e estava recoberto em parte por areias brancas. Ergue-se este monte, que recebe também o nome de Balarês, por uma aldeia situada na sua ladeira noroeste, quase no centro da praia de Funtim.

LXII

Feros corvos de Jalhas¹⁶³
que vagantes andais,
em selvagem companhia
sem hoje ou amanhã,
5 quem pudera ser vosso companheiro
pela gandra longal!

Algo de vago e fero
do meu ser no profundo
eu levo, como as brêtemas
10 dos corutos escuros,
e uma rude e selvagem
inclinação dos seres vagabundos.

Algo do rude vento
que açouta o cabo Ougal;
15 do selvagem minhato
que leva o vento suão,
e com nobre ufania
o esquivo mato registrando vai!

Algo das vagas brêtemas,
20 algo das urzes altas,
algo dos livres corços
e das feras bandadas
dos corvos vagabundos,
que se espalham de Jalhas pelas gândaras.

¹⁶³ Na mitologia celta, os corvos são o símbolo da deusa da morte e das batalhas, Mórrígan.



LXIII

Das quentes praias
e não jocundas,
qual sempre soem
retornarão

5 as leves e graciosas vagabundas
e pelo bardo
perguntarão.

E em torno ao fórmide
vougo e pendente,
10 indo e volvendo,
voltas darão,
e, qual quem doces
saudades sente,
do instrumento nos formosos cornos
15 se pousarão.

LXIV¹⁶⁴

Oh, tu, radioso e forte,
ser oculto e imortal,
que destes som aos pinhos
e cores à manhã,
5 e aos ligeiros ventos
o seu vário roldar;
que consolaste o mísero
no imundo muladar,
a quem já duramente aconselharam

10 Eliphaz e Baldad¹⁶⁵.

E pois é meu trabalho
não poder olvidar...

Numa cousa converte-me
indolente e cervai;
15 converte-me num facho,
de mim vos apiedai,
varre-me da memória
este sonhar audaz;
arranca-me da alma
20 o imaginar lançal;
funde-me, qual penedo,
no profundo do mar;
leva-me nas ardentes
asas de um furacão...,
25 qual aresta que leva
o rude vendaval...,
qual luzeiro apagado
que cruza o espaço astral...,
longe, mui longe desta praia, onde
30 não possa recordar...!

LXV

Canta, bergantinhão, canta,
o véspero¹⁶⁶ aparecido
e duvidoso cintila
por entre os direitos pinhos,
5 e ao costumado facho

¹⁶⁴ Na edição de Manuel Forcadela, aparece como poema 62 (bis), apesar das diferenças métricas entre este poema e o anterior. Para nós, seguindo a primeira edição de *Queixumes*, os poemas LXIII e LXIV são totalmente independentes. É por isso que, a partir daqui, a numeração é diferente em dois poemas em ambas as edições. Isto continuará até aos poemas LXVI-LXVII, que para nós são dois poemas diferentes, e que na edição da editorial Xerais aparecem unidos (na numeração de Manuel Forcadela trata-se do poema número 64).

¹⁶⁵ Personagens bíblicas, pertencentes ao *Livro de Job*.

¹⁶⁶ O véspero é o planeta Vénus, que tem a característica de ser a primeira estrela que se vê ao cair a tarde.



retiram-se os maçaricos;
canta, canta, ao som do carro,
entre os calados e altivos:
Eu não sei que saudades estranhas
10 padeço quando te sinto!

LXVI

Qual o fulgente *Sírius*¹⁶⁷,
radioso e imortal,
numa noite profunda
resplandecendo está,
5 e é maravilha e pasmo
de quem o contemplar:

Tal do meu ser no fundo
levo uma luz lançal,
que de uma origem grande
10 me diz o que fui já,
e me obriga e esporeia
a fantasia audaz,
em pós do grande e ignoto,
por uma lei fatal,
15 e c'uma força ingente
me compele a cantar
dos filhos do deserto
o glorioso afã,
e os ibéricos peitos esforçados,

20 que, com fé sem rival,
do Oceano os campos espaçosos
ousaram libertar.

LXVII¹⁶⁸

Não cantes tão tristemente,
pobre e desolada mãe;
não lhe cantes cantos brandos
pra adormecer o rapaz,
5 onde está a cova do sono
no céltico carvalhal,
canta-lhe cantos ousados
que um forte peito farão,
canta-lhe o que já cantara
10 o nobre bardo Gundar:
«*A luz virá para a caduca Ibéria
dos filhos de Breogão...!*»

LXVIII

Qual o anjo rebelde,
que audaz atravessando,
com poderosas asas,
o cego, antigo caos,
5 semelhante a um lenho
de grande porte, ousado,
que em busca doutros climas
o mar anda cortando;
que, às vezes, duvidoso,
10 sobre os audazes passos

¹⁶⁷ Sírius é a estrela mais importante da constelação de *Canis Major* (Cão Maior). A constelação Cão Maior está situada entre 6h 10 min e 7h 25 min de AR. Sírius é chamada assim devido a que é o componente mais brilhante de *Canis Major*, que representa Anúbis para os egípcios. Sírius saía imediatamente antes do Sol quando o Nilo produzia inundações e por isso o seu nome deriva da palavra egípcia que designava o grande rio: Síris. Sírius é uma grande estrela de magnitude absoluta 1,42 do tipo A1, que dista 8,6 anos luz e é a estrela mais brilhante do firmamento.

¹⁶⁸ Na edição de *Xerais*, realizada por Manuel Forcadela, este poema e o anterior foram editados unidos, apesar de no original serem claramente poemas diferentes (nessa edição seria o poema 64). Por esta razão desde este poema até ao final há uma diferença de três entre a nossa edição e a numerada por *Xerais*.



voltara e, outras vezes,
sem vacilar, voando,
por arribar à bela luz perdida,
o abismo espanta c' o audaz trabalho:

- 15 Tal por erguer o feito
daqueles celebrados
que o ignoto redimiram
com navios ousados,
as sublimadas rotas
20 andara intentando,
c' uma nobre ousadia,
o ânimo esforçado!

LXIX

- Não em presentes
cousas pensando,
ao doce eido
talvez irão,
5 e o lar escuro,
vougo, mirando,
pelo bardo dos servos e hilotas
perguntarão.

- Da *Barra*¹⁶⁹ as brisas,
10 que no pendido,
deixado fórmide
repousarão,
com um profundo
longo gemido,
15 suspirando nas cordas de ferro

¹⁶⁹ Ponta (ou barra) situada na desembocadura do rio Anlhões, no município de Pontecesso.

responderão.

LXX

As almas escravas,
de ideias não grandes,
vão pensando mil cousas fêmeas,
molengas e infames.

- 5 Mil sonhos forjando
que o ânimo dobram,
arrastando infamantes cadeias,
qual brandos hilotas.

- Espíritos brandos,
10 esp'ritos muliebres,
sedentários, que lenta consome
e mórbida febre.

- Mas a alma do bardo,
enérgica, ousada,
15 que audaz liberdade
tão só sonha e ama,
vai pensando em propósitos férreos
que ergueram a pátria!

LXXI

- Sem caber na sua pele,
de si mesmo crescido
passara, e com fachenda
olhou-me e foi-se rindo.
5 E para o seu colete,
eu sei que o mui ladino,



cheio dum estro homérico,
 pra si ia repetindo:
 – «*Certo, este é dos pequenos,*
 10 *bafuas*¹⁷⁰ *e cativos;*
e, como os poucos que no mundo somos,
não era dos distintos».

Enquanto eu, com espanto,
 prò meu capote digo:
 15 – «*Certo, este é dos grandes,*
que encontra o mundo exíguo;
se é certo que transmigra
no mundo o nosso espírito,
*devera ser o mesmo Epaminondas*¹⁷¹,
 20 *ou o forte Anaxíbios*¹⁷²».

LXXII

Fora avonde co opróbrio passado
 de um brando servir,
 mãe escura de escuros hilotas,
 Messénia¹⁷³ infeliz.

¹⁷⁰ *bafua*, refere-se a uma pessoa ruim e miserável.

¹⁷¹ Epaminondas (c. 418 a.C.-362 a.C.), foi um general e político tebano, que transformou a cidade estado de Tebas para convertê-la na nova potência hegemônica da Grécia. Da sua biografia salientam as suas lutas contínuas contra Esparta, ajudado por Pelópidas, general que dirigia a "falange sagrada". Conseguiram uma vitória decisiva, na batalha de Leuctra (371 a.C.), mesmo às portas de Tebas. No ano 362 a.C. atacou Esparta, embora fracassasse na tentativa, lançando-se depois contra a cidade de Mantinea. Ali lutaram a cavalaria ateniense e a tebana, e posteriormente interveio também o exército espartano. No momento em que a vitória lhe sorria e quando perseguia as tropas espartanas que fugiam, foi ferido de morte, embora tivesse tempo de aconselhar que se firmasse a paz com os inimigos, já que os oficiais que queria como sucessores também tinham morrido na batalha. Desde então, Tebas já não conseguiria recuperar o seu poder dentro da Grécia.

¹⁷² Almirante da esquadra de Bizâncio a quem lhe foi solicitar ajuda Quirísofo, general espartano que dirigia, junto com Xenofonte, a retirada dos dez mil.

¹⁷³ Região da Grécia antiga. Os messénios foram escravizados pelos espartanos, e foi o general Epaminondas quem os libertou do domínio de Esparta (veja-se a referência no poema anterior).

5 A Pítia¹⁷⁴, convulsa,
 dissera de ti;
 o oráculo disse:
 – «*Quem serve, esse é vil*».
 Ser forte ou escravo,
 10 morrer ou existir,
 cinge o peito de esforço e de ferro,
 'Spártaco¹⁷⁵ to diz,
 esnaca na fronte de quem to lançara
 o estigma servil!

LXXIII

Coroados de flores
 em alegre banquete,
 sobre o verde cômaro da vida,
 o corpo reclinado brandamente,
 5 fácil é ser magnânimos
 e afeto prometer-se;
 porém, quando a fortuna,
 que constância não teve,
 coas usadas promessas
 10 injusta nos falece,
 é então que os convivas,
 que boas leis não conhecem,
 pelo prazer afeminado e brando
 unidos tão somente,
 15 já concluído o báquico alvoroço
 e canções alegres,

¹⁷⁴ Profetisa que emitia oráculos na cidade de Delfos, em nome de Apolo.

¹⁷⁵ Chefe dos escravos sublevados contra Roma no ano 73 a.C. Organizou um exército de uns 10.000 escravos e conseguiu derrotar a dois côsules, chegando a ameaçar Roma. O Senado, como último recurso, recorreu a Marco Licínio Craso, que conseguiu ir derrotando os grupos dispersos em que se tornara o exército de Espártaco. Na última batalha (71 a. C.) Espártaco foi derrotado. Craso continuou uma terrível caça aos escravos. Seis mil foram crucificados na estrada entre Cápua e Roma.



e vazios os copos,
do seu licor fervente,
entregar soem ao covarde olvido,
20 o que a língua fêmea promete.
O caso está na rude
adversidade urgente,
diante da dura prova
mostrar o peito enxebre,
25 e sustentar magnânimos
nosso ideal ardente.

Só nos trabalhos duros
que o ânimo enobrecem,
sabe-se quanto valem
aqueles que conhecem
30 as leis do honor difícil
no momento solene,
não coroados de suaves flores,
em alegre banquete;
35 *o perigo afrontando e o duro ferro,
assim é, assim é como se vence!*

Aguardo-vos na esquiva e dura prova
quicá em tempo breve,
não cingidos de flores
40 em alegre banquete,
mas nos duros trabalhos
que o ânimo enobrecem,
diante o transfúgio infame
que o honor compromete;
45 *o perigo afrontando e o duro ferro,
assim é, assim é como se vence!*

LXXIV¹⁷⁶
Qual caíra o radiante
e valoroso filho de Panthoo¹⁷⁷,
cos soberbos argivos¹⁷⁸
em ousada tenção,
5 (ali onde o claro Símois¹⁷⁹
corre, nobre e veloz,
à parte em que natura
primeiro o obrigou),
na sua pompa garrida
10 envolto como um sol,
e ressoaram as brilhantes armas
com temeroso som;

E, morrendo, de si rasto sublime,
o famoso deixou:

15 Tal no rude combate,
Andrés, lançal e bom,
assemelhante ao forte
que honrara o genitor,
caíste, o semblante
20 não volto à terra, não,

¹⁷⁶ O poema está dedicado a Andrés Muruais (1851-1882), que foi um médico, poeta, amigo e companheiro de Pondal.

¹⁷⁷ Panthoo era um ancião troiano, companheiro de Príamo. O seu filho chamava-se Euforbo, e aparece na *Iliada*, no final do capítulo XVI, onde se relata como Euforbo foi o primeiro dos troianos que feriu Pátroclo, antes de que este fosse derrotado por Heitor, filho de Príamo. Euforbo morreu a mãos de Menelau, na luta pela posse do cadáver de Aquiles.

¹⁷⁸ Os habitantes de Argos, cidade grega do Peloponeso, na Argólida. A cidade é considerada a mais antiga da Grécia. (Por extensão, *os gregos*).

¹⁷⁹ Rio que desembocava perto da cidade de Troia. Na mitologia grega, o Símois era um deus-rio da Tróade, filho do Oceano e de Tétis. Tem a sua fonte no Monte Ida, unindo-se ao Escamandro na planície de Troia. É citado numerosas vezes na *Iliada* de Homero. Atribuem-se-lhe duas filhas, Astioque e Hieromneme.



mas a onde, sublime,
natura o levantou,
na mão ainda apresando
o ferro brilhador;
25 o comprido despojo opaco e escuro,
mas o teu nome, não.

LXXV¹⁸⁰

A vontade homérica
e propósitos férreos
de fazer bons e livres
os espanhóis peitos,
5 dos novos ideais
o nobre e forte empenho
não se comprimem só
nos limites estreitos
da pátria, desmedrada
10 pelos antigos erros;
*nem devem, não, morrer escuramente
nos já minguados e cativos eidos.*

Mas ajudando aqueles,
do futuro sedento,
15 que o ideal, a raça,
levam nos fortes peitos,
e que com nós compartilham
os bons campos ibéricos

e nos são semelhantes
20 no sonoro acento,
e no vogar longínquo
e nos gloriosos feitos:
*Quebrantemos da serva Lusitânia¹⁸¹
também os duros e oprobriosos ferros!*

25 Nos esquivos combates
e nos fortes empenhos
que há que ter pelos nobres
ideais ibéricos,
não detenas a planta
30 nos limites estreitos;
não sigas os hispânicos
políticos pigmeus;
não olvides, oh, forte!,
os galaicos intentos:
35 *Quebrantemos da serva Lusitânia
também os duros e oprobriosos ferros!*

LXXVI

Quando os duros machados
ferem os altos pinhos
e caem com estrondo
no chão de Bergantinhos,
5 não caem, não, em vão,
qual gigantes erguidos,

¹⁸⁰ O poema está dedicado a José Carvajal Hué (Málaga, 8 de outubro de 1835-Madrid, 4 de junho 1899), que foi um político, economista, escritor e jornalista espanhol. Participou desde Málaga ativamente na revolução de 1868 que pôs o fim ao reinado de Isabel II. Durante o Sexénio Revolucionário foi um destacado militante republicano, eleito como deputado nas Cortes Gerais de 1872. Ao proclamar-se a República em 1873, incorporou-se ao governo como subsecretário da Governação, sob a presidência de Estanislao Figueres. Em junho de 1873 foi nomeado ministro das Finanças, cargo que ocupou até setembro desse ano. Substituído Figueres por Castelar, este nomeou-o ministro do Estado, cargo que desempenhou até ao final da República com o golpe de estado do general Pavía.

¹⁸¹ Lusitânia foi o nome atribuído na antiguidade ao território oeste da Península Ibérica onde viviam os povos lusitanos desde o Neolítico, e que após a conquista romana passou a designar a província romana cuja capital era Emerita Augusta, atual Mérida. A Lusitânia romana incluía aproximadamente todo o território português atual a sul do Douro, a Extremadura espanhola e parte da província de Salamanca. Tornou-se uma província romana a partir do 29 a.C. até ao fim do vínculo com Roma em 411 d.C. Pöndal usa-o em várias ocasiões como sinónimo de Portugal.



sem glória e sem renome,
nos seus eidos bravios.

- 10 Mas ao cair, ceivando
os pinhões odoríferos,
se espalham na devesa
pelo mato nativo,
e da semente se erguem
descendentes altivos.
- 15 Assim, quando caíram
aqueles destemidos,
de nobres ideais
os bons peitos enchidos,
não caíram, em vão,
20 em oprobrioso olvido,
como o vulgo dos homens
na escuridade extintos.

- Mas o chão empapando
do sangue esclarecido,
25 os campos de *Suévia*¹⁸²,
dos celtas nobre asilo,
não cederam à morte
e deixaram, altivos,
perdurável semente
30 de vingadores filhos.

¹⁸² *Suévia*, a pátria dos suevos, bárbaros que invadiram o oeste da Península Ibérica na queda do Império Romano, ocupando a província da Gallaecia e o norte da Lusitânia. O seu assentamento primitivo estava na zona do mar Báltico (chamado pelos romanos *Mare Suebicum*). Em dezembro do 406, dirigidos pelo rei Hermerico, cruzaram o Reno, que estava gelado, penetrando no Império Romano. Durante dois anos atravessaram a Gália dedicados à pilhagem. Em 409, juntamente com vândalos e alanos, penetraram na Hispânia. Assolaram o norte da Península, até que em 411 os suevos entraram na Gallaecia, assinando um pacto com o imperador Honório e estabelecendo o centro político em Bracara Augusta. Os reino suevo estende-se entre Hermerico até a Andeca, que em 585 foi derrotado pelo rei visigodo Leovigildo.

- Déspotas insensatos,
forjai, forjai mais grilhos:
Pode oprimir o ferro
um corpo enfraquecido,
35 mas as nobres ideias
e gloriosos instintos...
Esses..., não pode, não, o duro ferro
nem a morte extinguir-los!

LXXXVII¹⁸³

- Quem brando vegeta,
em ócio agradável,
no seio da escura,
nativa cidade,
5 e a mente envilece
com causas não graves,
e vida aprazível
e lânguida aguarde,
botando-se ao colo
10 mil laços amantes,
não sei que de imbele,
de escravo e de infame,
despede dos membros
inertes e suaves:
15 Que, doce sorrindo,

¹⁸³ O poema está dedicado a Emílio Castelar (Cádiz 1832 – San Pedro del Pinatar, Murcia 1899), orador, político e escritor. Participou na Revolução de 1868 que destronou Isabel II, mas não conseguiu que se proclamasse a República. Participou nas Cortes Constituintes e continuou a defender a opção republicana até à abdicação de Amadeu de Saboia (1873). Durante o primeiro governo republicano, foi ministro do Estado, desde a que adotou medidas como a eliminação dos títulos nobiliários ou a abolição da escravatura em Porto Rico. Para tratar de salvar a República, dissolveu as Cortes, mas a começar de 1874 apresentou a demissão, ao perder uma votação parlamentar. Quando se votava o novo presidente do poder executivo, o general Pavia deu um golpe de Estado, o que significou a liquidação da República. Castelar teve boas relações com os galeguistas da época. Foi ele quem escreveu o prólogo de *Folhas Novas*, de Rosalia de Castro.



quem perto dele passe
dirá: — «*Certo, este homem*
não pensa ou combate,
nem leva gravado
20 *na testa radiante,*
qual sulco do raio na cima dum facho,
o selo dos grandes».

Mas, qual meteoro,
se acerta que passe
25 um homem como este,
formoso e triunfante,
que ostenta na testa
o sulco que abrem
as grandes insónias,
30 propósitos grandes,
os rudes empenhos
do grego Kanáris¹⁸⁴,
os sonhos ousados
e bons ideais
35 de Parnell¹⁸⁵ e O'Connell¹⁸⁶
e Marco Botzaris¹⁸⁷,
e então, o homem
que ao lado seu passe,
dirá, com acento
40 de quem pensar sabe:
— «*Certo, este é dos fortes*

que, nobres, combatem,
e leva gravado
na testa radiante,
45 *qual lôstrego fero, grandioso e sublime,*
o selo dos grandes».

Não deixes, oh, forte!,
no rude combate
o povo que luta
50 por seus ideais;
que a boa *Cernagora*
irmãos seus nos chame,
e chefe dos fortes
os fortes te aclamem;
55 que a livre *Boiana*¹⁸⁸
de nós ouça e fale;
e digam os *castros*,
e digam os vales,
e os pinhos de Suévia
60 que os céfiros brandem:
— *Certo, este é dos fortes*
que, nobres, combatem,
e leva gravado
na testa radiante,
65 *qual lôstrego fero, grandioso e sublime,*
o selo dos grandes.

LXXVIII
A língua tiveram
por língua de escravos;
esqueceram os pátrios acentos,

¹⁸⁴ Konstantinos Kanáris, estadista grego que derrotou os turcos na batalha naval de Duis (1822), lutando pela independência da Grécia da opressão estrangeira.

¹⁸⁵ Charles Stewart Parnell (1846-1891) foi um político irlandês, presidente da *Home Rule* (1877). Apoiou a agitação campesina para aliviar a má situação predominante. Representante no Parlamento, propôs uma lei de autonomia para a Irlanda. Acusado de terrorismo, foi deposto (1891).

¹⁸⁶ Daniel O'Connell (1775-1847). Político irlandês fundador da *Great Catholic Association* (1823), foi eleito deputado em 1828 e chefiou diversas campanhas para obter leis favoráveis aos católicos.

¹⁸⁷ Herói independentista grego (1788-1823), que morreu numa incursão contra os turcos.

¹⁸⁸ Segundo Manuel Ferreira (p. 309), tratar-se-ia da antiga *Bovianum* romana, situada na vertente setentrional dos Apeninos e famosa durante as guerras sociais.



saudosos e brandos.

5 Dos próprios acentos
tiveram vergonha;
de cativos falaram palavras
de servos e hilotas.

Deixaram os doces
10 acentos jocundos
por estranhas palavras de servos
ignaros e escuros.

A mãe, afligida
da escura miséria,
15 os próprios tomara
por gente estrangeira,
e espantada escutara dos filhos
a serva conversa.

LXXIX

«E tu, oh, sino de Anlhões¹⁸⁹,
que vagamente tocando
derramas nos corações
um bálsamo triste e brando
5 de passadas ilusões.

Lá nos já passados ventos
primeiros da minha vida,
ouço os teus vagos concertos,
reló' dos tristes momentos

10 da minha pátria querida.

Quantas vezes te lembrou
o que marchou para a guerra,
quando a sua mãe deixou,
e partindo a estranha terra
15 de *Baneira*¹⁹⁰ te escutou!

Quantas, do mar africano,
cativo *bergantinhão*,
ouço num sonho tirano
o teu tocar soberano,
20 lá nas tardes do verão!

Quando te sinto tocar,
oh, sino de Anlhões doente,
numa noite de luar...,
rompo triste a suspirar
25 por cousas de um mal ausente.

Quando doído tocavas
pelas tardes à oração,
oh, sino, sempre falavas
palavras com que cortavas
30 as cordas do coração.

Estavas contando aos ventos
cousas do meu mal presente,
os meus futuros tormentos,
que davas com sentimentos
35 quando tocavas doente.

¹⁸⁹ Pondal refere-se aqui à paróquia de São Fiz de Anlhões, no município de Pontecesso. Mais tarde um temporal derrubou o sino, sendo esse fato motivo de um poema de Manuel Lugris Freire, que complementa o de Pondal.

¹⁹⁰ Ermida de Baneira (Silva Redonda) na paróquia de Corcoesto, no município de Cabana. Está situada nos montes, ao sul da paróquia. Nela tem lugar uma romaria em 13 de julho.



Sino, se pelo verão
vês brilhar na *Pontecesso*
a fogueira de São João¹⁹¹,
diz-lhe a todos que estou preso
40 nos calabouços de Orão¹⁹².

E àquela rola inocente,
que me morria de amor
no regaço docemente,
tremendo como uma flor
45 sobre escondida corrente;

dir-lhe-ás que uma de ferro
arrasto, rouca cadeia,
castigo atroz do meu erro,
e que dentro deste encerro
50 o seu amor me alumeia.

E tu, andorinha errante
dos longos campos de Argel,
se à minha terra distante
te leva o voo constante
55 diz-lhe o meu pensar cruel.

Se alguém por mim perguntar,
diz-lhe que estou em prisões;
e uma noite de luar
ir-te-ás uma vez pousar
60 no campanário de Anlhões.»

Assim triste, em terra alheia,
lá nas prisões de Orão,
cantava um moço de aldeia
e nos grilhões da cadeia
65 levava o ritmo coa mão.

«Oh, mãe da minha vida,
adeus, adeus, meu pai;
prenda de mim querida,
adeus, oh, minha mãe!,
70 sombras dos meus avós,
rio da Pontecesso,
pinhal de Telha¹⁹³ espesso...,
acordai-vos dum preso
como ele o faz de vós.
75 Oh, sino de Anlhões,
noites de luar,
lua que te pões
detrás do pinhal,
adeus...,
80 adeus...,
adeeeeeus...»

LXXX

Mui brancas, mui brancas,
mui brancas estão,
com essa brancura
que o retiro dá,
5 que a insónia produz
e a reza quiçã.
Mui negros, mui negros,

¹⁹¹ É tradicional fazer fogo, na noite de São João e saltar um número ímpar de vezes por em cima das fogueiras, para espantar o "meigalho". As fogueiras podem denominar-se também, vulgarmente, cacharelas ou cachelas.

¹⁹² Cidade portuária de Argélia, aonde eram conduzidos os prisioneiros cristãos.

¹⁹³ Santo Eleutério de Telha, paróquia do município de Pontecesso.



qual negro pesar,
estão seus vestidos,
10 os seus véus estão.
Ainda que são negros
os seus véus assaz,
suas almas são brancas,
como a flor do azar.
15 E é tal sua pureza,
sua brancura tal,
que a neve exclamara:
– «*Não têm mais rival!*»

LXXXI

– «*Virgem, val'-me!* Um cadáver
neste escuro caminho,
ao pé desta devesa
de velhos e altos pinhos,
5 que, levados e curvos,
de tolhente corisco,
dão, refregando as pôlas,
medrosos estalidos,
qual se fossem de meigas,
10 ou penados espíritos
a quem não tranquilizem, temerosas,
as orações dos vivos!

Que triste solidão!
Que sítio tão esquivo,
15 que sombria planura,
e que tojos tão hirtos,
e que terra de lobos
famintos e malignos!
Nesta gandra agoureira

20 sente o coração frio,
e esses corvos que berram
mesmo tolhem o espírito...
Que rigoroso e escuro desamparo
de um ser humano extinto...!

25 Rezemos pela alma
deste, que peregrino
foi um dia da terra
e tem a luz perdido;
quicá foi homem bom
30 no mundano caminho,
quicá foi um ladrão ousado e vago,
quicá um assassino...

Mas eu não sei quê vejo
neste corpo comprido,
35 nestes membros fidalgos,
neste hábito distinto;
não, não foi este homem
em baixeza nascido...
Neste despojo obscuro
40 algo de insigne alvisco;
vejo aqui um não sei quê
de grande e de divino,
qual astro que tivera antigamente
um resplendor altivo;
45 contemplo nele algo de semelhante
a um luzeiro extinguido...»

Isto ao passar ouvira
a boa *Bergantinhos*,
fada gentil, garrida,



50 dos passos fugitivos,
que em voar se compraz
sobre os verdes trigos;
que de lhe abrir voltava
aos ares matutinos
55 a porta da alta cova
cos seus dedos garridos,
dos ares, com que soam
tão bem os altos pinhos!
E com um triste acento,
60 suave e parecido
ao que ergue entre as urzes
rústico peregrino,
um agueiro verde
num sítio montesinho,
65 quando gemendo sai da sua caverna
ao noto destino,
encantando co som ao caminhante,
estas cousas tem dito:

*«Este que aqui contemplas,
70 aos corvos of'recido,
não foi, não, vagabundo
nem vulgar assassino,
por mais que a intonsa barba
e o ademã esquivo
75 demonstrem a rudeza
do seu longo caminho;
mas um bardo a quem dera
a pátria trato indigno,
e a quem os próprios seus
80 deram duro martírio,
escuros ignorantes*

*da luz deste divino.
Certo, não lhe cingiram
rosas nem brandos lírios,
85 mas punçante coroa
só de feros espinhos.
Assim tratam os povos
em baixeza sumidos,
quando rudes ignoram
90 os seus grandes destinos,
àqueles que lhe ensinam, esforçados,
os gloriosos caminhos.*

*Não, não tolhera o ferro
a este peregrino,
95 mas as cruas triganças
de que fora nutrido
quando peregrinava
pelo astro mesquinho.*

*Raça escura galaica,
100 de rústicos instintos,
que injusta sacrificas
os teus melhores filhos;
madrasta desleirada
de desígnios cativos,
105 progénie ignara e inculta
que aborreces teus inclitos;
da polvorosa gleba
povo tão presumido
e às cousas inclinado
110 dos escuros sentidos;
ai de ti, dura raça,
de proceder esquivo,*



*ai de ti, que assim tratas
teus profetas divinos...!
115 A quem, tu, néscia, debes
sair de obscuro olvido,
dura raça, senão a estes videntes
nobres e peregrinos?*

LXXXII

Não somente do chumbo assobiante
o homem é interfecto,
nem somente do arco caraíba,
o dardo gemendo
5 acima, e o *curare*
derrama no peito.

Quantas vezes dos homens traidores
no trato não reto,
os risos cuidando
10 presentes ingénuos,
uma dobre palavra ceivada
com pérfido intento,
nos passa de súbito
qual folha de ferro
15 que foi temperada
nas águas do inferno!

LXXXIII

Como aquele que fora
espanto de Oriente,
de quem Sião¹⁹⁴ ruínosa

parece que ainda teme¹⁹⁵,
5 presságio do terrível
escuro sonho leve,
que andara espantando
mesmo as aves agrestes,
em bruto convertido,
10 pascendo o campo verde;
e disseram os montes:
«É este esse luzeiro refulgente?»

Tal do meu triste estado
de não curança célebre,
15 ao ver-me roto, escuro,
por gloriosa febre,
estantio, insensível,
como penedo ingente,
qual solitário facho,
20 qual baixo de Camelhe,
do meu caso espantadas
exclamaram as gentes:

«- Uns ousados e nobres pensamentos,
quanto puderam neste!»

¹⁹⁴ Monte de Jerusalém e, por extensão, a cidade de Jerusalém.

¹⁹⁵ Pondal parece referir-se a Nabucodonosor II, rei da Babilónia (605 a.C. a 562 a.C.), filho de Nabopolassar. Venceu o faraó Neco II (605 a.C.) e ocupou Palestina e Jerusalém, vencendo Joaquim, rei de Judá. Posteriormente destruiu Jerusalém (587 a.C.) e deportou os Judeus, originando a Diáspora. Apoderou-se de Tiro e venceu o faraó Amásis. Durante o seu reinado o Império Babilónico alcançou o seu máximo esplendor.

Na Bíblia aparece a menção da derrota de Joaquim no livro do profeta Daniel (Dan. 1, 1-2) e no de Jeremias a do faraó Neco (Jer. 46, 2).

O sonho que menciona Pondal a partir do verso cinco está narrado no capítulo quarto do livro de Daniel, que começa com estas palavras: "Eu, Nabudoconosor, estava tranquilo em minha casa e feliz no meu palácio." Este Nabudoconosor não parece ser, porém, o Nabudoconosor II que conquistou Jerusalém. Talvez se refira a Nabonido que afetado de uma "inflamação maligna" passou cerca de sete anos no oásis de Tema. Devemos ter em conta que o nome Nabudoconosor representa os inimigos do povo eleito e que não se deve aplicar num sentido estrito.



LXXXIV

Toparam-me meio morto,
com uma crua ferida
no esquerdo costado, mortal e profunda,
onde ainda o folgo respira.

5 Perguntaram-me os peões
que iam na deserta via,
perguntaram-me quem fora
esse cru que me ferira.

Eu contestei sem alento,
10 como a quem lhe fuge a vida:
– «*Senhores, quem me matou
foi uma flor de Muías*».

– «Está tolo, – se disseram—,
este pobre homem delira:
15 Podem ter punhais as flores
pra poder tirar a vida?»
E deixaram-me ali só
na minha triste agonia.

–«Oh, Civis¹⁹⁶, não a prendais,
20 porque então eu perco a vida.
Se prendeis aquela flor
cortareis a vida minha;
para as vossas duras cordas
tem as lindas mãos mui finas;
25 que a doce e garrida que a morte me dera
é causa da minha vida!»

¹⁹⁶ Refere-se à Guarda Civil, polícia que se encarregava da vigilância do âmbito rural na Espanha.

LXXXV

Sonhando está o bardo
c'um vago sonhar,
à beira do facho
que vertigem dá,
5 que se ergue sublime
por cima do mar
e os *baixos* contempla
que rompendo estão.

E vem-lhe à memória,
10 com mágico afã,
a brancura das saias garridas
da doce Rentar¹⁹⁷...

E triste e pensoso
suspira quiçá...

LXXXVI

Quando só me miraram,
absorto, indiferente,
como quem não se cuide
do que a todos empece;
5 distraído, estantio,
como do mundo ausente,
mas em cousas pensando
formosas e não leves;
e buscar como onagro selvagem
10 as paragens agrestes.

- «*Pobre!*» - diziam passando,

¹⁹⁷ Veja-se poema XIV, verso 33, nota.



as hipócritas gentes -;
nascera vagabundo,
perdeu a luz da mente;
15 certo, a mãe magoada
compadecer-se deve,
que nas suas ilhargas
trouxe um filho como este:
Melhor fora que morto nascera,
20 que não que fora imbecil!¹⁹⁸!»

LXXXVII

Silvas-mouras, silvas-mouras,
que nas fundas correduiras
‘star soeis de Bergantinhos,
dependuradas e escuras,
5 não me mireis com espanto
nem vos façais mais perguntas;
o combate fora rude,
foram as tristezas muitas:
Não foram desonras, não foram opróbrios,
10 foram cousas da ventura.

Se já não me conheceis,
certo, não vos ponho culpa;
os caminhos foram longos,
a tormenta fora crua,
15 as esperanças não certas
e as decepções seguras;
as insónias foram grandes,
homérica e fera a luta:

Não sou vagabundo, não sou um bandido,
20 foram cousas da ventura.

Não vos espanteis se tenho
alva a cor, a fronte escura,
longa a barba e não cuidada,
qual quem de si não se cuida;
25 não fugira de um presídio,
cadeia infamante e dura;
não ‘stou tolo, não ‘stou tolo,
nem sou ladrão, que a espessura
anda buscando dos bosques
30 e esquividade segura:
Não sou vagabundo, não sou um bandido,
foram cousas da ventura.

Passara-se o tempo ledo
de toda infantil doçura,
35 quando juntos nos criamos
nas nativas correduiras.
Não me mireis com espanto,
nem vos façais mais perguntas;
foram muitos os trabalhos,
40 foram as tristezas muitas,
a escória do duro ferro
sai do lume feia e escura:
Não foram desonras, não foram opróbrios,
foram cousas da ventura.

45 Silvas-mouras, silvas-mouras,
da grande ruína escura,
certo, não vos estranheis
nem vos façais mais perguntas,

¹⁹⁸ Mantenho a forma do original, apesar da deslocação da sílaba tónica à penúltima, por causa da rima.



não pergunteis por que causa
50 o fero mar desfigura
co eterno e duro combate
de Nariga¹⁹⁹ a ponta ruda:
Não sou vagabundo, não sou um bandido,
foram cousa da ventura.

LXXXVIII

Das africanas
praias vizinhas,
como costumam,
as peregrinas,
5 ao lar amado
virão um dia.

Verão a casa
tão doce e íntima,
ao pé dos pinhos
10 escurecida;
e, morando-a, umas gentes estranhas,
hirtas e esquivas.

Mas logo erguendo
seu voo asinha,
15 darão mil rápidas
voltas compridas,
e empreenderão com púngidas lembranças
triste partida.

LXXXIX

As mofas bafuas,

os ódios minguados,
e do sátiro os foscos sorrisos,
perecerão.
5 Mas os viris
ritmos ousados,
que ceivaram as cordas de ferro,
não morrerão!

XC²⁰⁰

Pelo alto cantando
o sonoro vai,
com a aguilhada ao lombo
e garboso ademã,
5 tardio conduzindo,
em noite de luar,
grave o carro de tábuas,
anteposto quiçá,
e, qual que não se cuide
10 que o possam escutar,
por cousas que n'explica
dum saudoso afã,
mil pungentes recordos
se praz em espalhar;
15 mil vagas saudades
ceivando aos ecos vai
e da pequena pátria a servidão
parece recordar...

Ao pé do noto *castro*,
20 bem os mira ao passar,
que em massa escura e informe

¹⁹⁹ Cabo situado no município de Malpica, na província da Corunha.

²⁰⁰ Este poema complementa o primeiro poema do livro, e reitera alguns versos nalgumas passagens.



ajuntados estão,
e na nativa costa
os escuta fungar;
25 parece-lhe que soam
intrépido compáss',
cuida que do combate
murmuram o sinal,
em esquadrão formados
30 qual gente de Breogão,
em falange de ferro bem tecida
que se apresta a lutar.

XCI

Da rude encosta,
soantes e altivos,
eu bem sei o que dizem os vagos,
monótonos ritmos.
5 Os vossos agudos
arpados arumes²⁰¹,
de um poema as ardentes estrofes
parece que zumbem.

Qual rijos acentos
10 de escura sibila,
de passados, futuros destinos,
a alma adivinha,

assim como as cousas
da boa *Cernagora*,
15 dos opróbrios da serva Messénia,

dos párias e hilotas,
dos servos da gleba,
dos povos ignaros,
de nobres vinganças
20 do rude Espartaco,
da fatal servidão desta terra,
dos eidos escravos!

²⁰¹ *arume*, o mesmo que "caruma".



OUTROS POEMAS





XCII(A)

OS PINHOS²⁰²

(Versão do ano 1890)

- Que dim²⁰³ os rumorosos,
na costa verdecente,
ao raio transparente
do plácido luar...?
- 5 Que dim as altas copas
de escuro arume harpado
co seu bem compassado,
monótono fungar?
- 10 - «Do teu verdor cingido
e de benignos astros,
confim dos verdes castros
e valoroso clã,
não dês a esquecimento
da injúria o rude encono²⁰⁴,
15 desperta do teu sono,
fogar²⁰⁵ de Breogão.
- 20 Os bons e generosos
a nossa voz entendem,
e com arroubo atendem
o nosso rouco som;
mas sós os ignorantes,
e férridos e duros,
imbecis e escuros

²⁰² A importância simbólica deste poema obrigou-nos a editar o poemas duas vezes. Uma segue a versão do Certame Literário de 1890 (que é a que aqui apresentamos) e a segunda é a versão que aparece na edição da Real Academia Galega de 1935 (que incluímos posteriormente).

²⁰³ *dim* (forma comum na Galiza), forma sincopada da padrão *dizem*.

²⁰⁴ Mantemos o castelhanismo *encono* (= *animadversão, ódio, rancor*) à causa da rima.

²⁰⁵ O m. q. *lar*.



não os entendem, não.

25 Os tempos são chegados
dos bardos das idades,
que as nossas vaguidades
cumprido fim terão;
30 pois onde quer, gigante,
a nossa voz pregoa
a redenção da boa
nação de Breogão.²⁰⁶

Teus filhos vagarosos
em quem honor só late,
35 a intrépido combate
dispondo o peito vão;
sê, por ti mesma, livre
de indigna servidume²⁰⁷
e de oprobrioso alcume²⁰⁸
40 região de Breogão.

À nobre Lusitânia
os braços tende amigos,
que os eidos vem, antigos,
com um pungente afã;
45 e cumpre as vaguidades
dos teus soantes pinhos,
duns mágicos destinos,
ó grei de Breogão!

50 Amor da terra verde,
da verde terra nossa,
acende a raça briosa
de Ousinde²⁰⁹ e de Frojão²¹⁰;
e lá nos seus garridos
55 justilhos, mal constreitos,
os doces e alvos peitos
das filhas de Breogão;

que à nobre prole ensinem
fortíssimos acentos,
não mólidos concentos
60 que a virgens só bem 'stão;
mas os robustos ecos
que, ó pátria!, bem recordas
das sonoras cordas
das harpas de Breogão!

65 Estima não se alcança
c'um vil gemido brando,
qual quem requer rogando
com voz que esquecerão;
mas c'um rumor gigante,
70 sublime e parecido
ao intrépido sonido
das armas de Breogão!

²⁰⁶ As quatro primeiras estrofes, com a música de Pascual Veiga, constituem a parte que se canta do Hino Galego.

²⁰⁷ Mantemos a forma *servidume*, em vez da estándar *servidão*, por razão de rima.

²⁰⁸ O m. q. *alcunha*.

²⁰⁹ Veja-se poema XXXVI, 11, nota.

²¹⁰ Veja-se poema XXX, 78.



XCII (B)

OS PINHOS²¹¹

(Versão do ano 1935)

Hino Galego

Que dim os rumorosos,
na costa verdeciente,
ao raio transparente
do plácido luar...?

5 Que dim as altas copas
de escuro arume arpado
co seu bem compassado,
monótono fungar?

10 - «Do teu verdor cingido
e de benignos astros,
confim dos verdes castros
e valoroso chão,
não dês a esquecimento
da injúria o rude encono,
15 desperta do teu sono,
fogar de Breogão.

Os bons e generosos
a nossa voz entendem,
e com arroubo atendem
20 o nosso ronco som;
mas só os ignorantes,
e fêridos e duros,
imbecis e escuros
não os entendem, não.

25 Os tempos são chegados
dos bardos das idades,
que as nossas vaguidades
cumprido fim terão;
pois onde quer, gigante,
30 a nossa voz pregoa
a redenção da boa
nação de Breogão.

Teus filhos vagarosos
em quem honor só late,
35 a intrépido combate
dispondo o peito vão;
sê, por ti mesma, livre
de indigna servidume
e de oprobrioso alcume
40 região de Breogão.

À nobre Lusitânia
os braços tende amigos,
aos eidos bem antigos
com um pungente afã;
45 e cumpre as vaguidades
dos teus soantes pinhos,
duns mágicos destinos,
ó grei de Breogão!

Amor da terra verde,
50 da verde terra nossa,
acende a raça briosa
de Ousinde e de Frojão;
que lá nos seus garridos
justilhos, mal constreitos,

²¹¹ Esta segunda versão do poema é a da R.A.G. de 1935. Como qualquer modificação da letra do Hino deve ser aprovada pelo Parlamento da Galiza, decidimos incluir completa esta edição.



- 55 os doces e alvos peitos
das filhas de Breogão;
- que à nobre prole ensinam
fortíssimos acentos,
não mólidos concentos
- 60 que às virgens só bem 'stão;
mas os robustos ecos
que, ó pátria!, bem recordas
das sonoras cordas
das harpas de Breogão!
- 65 Estima não se alcança
c'um vil gemido brando,
qualquer requer rogando
com voz que esquecerão;
mas c'um rumor gigante,
- 70 sublime e parecido
ao intrépido sonido
das armas de Breogão!
- Galegos, sede fortes,
prontos a grandes feitos,
- 75 aparelhai os peitos
a glorioso afã;
filhos dos nobres celtas,
fortes e peregrinos
lutai pelos destinos
- 80 dos eidos de Breogão».

XCIII A FALA

- Nobre e harmoniosa,
fala de Breogão,
fala boa, de fortes,
e grandes sem rival;
- 5 tu do celta aos ouvidos
sempre soando estás
como soam os pinhos
na costa de Frojão;
tu nos eidos da Céltia²¹²
- 10 e co tempo serás
um lábaro sagrado
que ao triunfo guiará,
fala nobre, harmoniosa,
fala de Breogão!
- 15 Tu, sinal misterioso
dos teus filhos serás,
que no mundo dispersos
e sem abrigo vão;
e àqueles que foram
- 20 numa passada idá'*
defensores dos eidos
contra o duro román'*,
e que ainda cobiçam
da terra a liberdá'*,
- 25 num povo nobre e forte,
valente, juntarás,
oh, fala harmoniosa,
fala de Breogão!

²¹² Pátria dos celtas, e por extensão, a Galiza.



30 Serás épica tuba
e forte sem rival,
que chamarás os filhos
que além-Minho estão,
os bons filhos do Luso,
afastados irmãos
35 de nós por um destino
invejoso e fatal.
Com robustos acentos,
grandes, os chamarás,
verbo do grão Camões,
40 fala de Breogão!

XCIV
O DOLMEN DE DOMBATE²¹³

Ainda recorde, ainda,
quando eu era estudante,
garrido rapazinho
que bem reger-se sabe;
5 quando ia pra Neminha²¹⁴,
a estudar a arte
do erudito Nebrija²¹⁵
e do bom Villafañe;
e ia a cavalo, ledos,
10 qual soem os rapazes.

Passado Vilassecos²¹⁶,
lugar batidos dos ares,
no alto da costa de Ures,
de montesinha canle,
15 passado Vilassecos,
indo na gandra²¹⁷ adiante,
já via desde longe
o *dólmen de Dombate*.

Deixando Fonte-Fria²¹⁸,
20 face ao lado de Laje,
e levando o caminho
de São Simão de Nande²¹⁹;
pelo chão de Borneiro,
de cativos pinhais,
25 quase passava a rente
do *dólmen de Dombate*.

Ficava o misterioso,
filho doutras idades,
com a sua antiga mesa,
30 coas suas antigas antes²²⁰,
no seu monte de terra²²¹,
no alto e bem roldante,
povoado em redondo

²¹³ Dólmen que se encontra na extensa planície chamada "O chão de Borneiro", na paróquia de S. João de Borneiro, no município de Cabana, perto do castro desse nome. Está formado por sete lousas verticais, de 0,80 a 2,20 metros de largura, cravadas na terra, e sobre elas a mesa, que tem nos seus eixos 3,76 por 2,63 metros, com um perímetro de 11,50 metros. A altura interior é de 2,12 metros e a entrada aberta ao sul e ao lado da boca está deslocada. Tem também um pequeno corredor orientado ao poente.

²¹⁴ Aldeia da paróquia de S. Cristóvão de Neminha, no município de Mugia.

²¹⁵ Gramático espanhol, autor da primeira *Gramática* da língua castelhana.

²¹⁶ Aldeia da paróquia de São João de Borneiro, no município de Cabana. A paróquia consta das aldeias de Borneiro, Brincho, Dombate, Fonte-Fria, Gandra, Vila-Seco e Vista-Alegre.

²¹⁷ Curiosamente existe também um lugar chamado Gândara (ou Gandra) na paróquia de S. João de Borneiro.

²¹⁸ Outra das aldeias da paróquia de S. João de Borneiro.

²¹⁹ S. Simão de Nande, paróquia do município de Laje. Compõem este município seis paróquias: Laje e a sua paróquia unida de Serantes; Sarces e a sua filial suprimida Soesto, e Trava e o seu anexo Nande. S. Simão de Nande consta das aldeias de Aprazadoiro, Gundar, Matio, Rens e Biqueira.

²²⁰ *ante*, o mesmo que *anta*, que mantemos por razão de rima.

²²¹ Hoje em dia o dólmen de Dombate foi submetido a diversas escavações arqueológicas, que lhe tiraram o monte de terra em que estava soterrado.



35 de montesinho estrame,
de pequenas queirogas
e de tojos não grandes,
como calada esfinge,
que, sublime, não fale;
40 como náufrago lenho,
de soberbo cruzámen,
lançado sobre a praia
por marulhar constante,
que de passada rota
mostre rudes sinais,
45 e mostre aberto o flanco
por glorioso combate,
e com linguagem muda
das suas glórias fale.
Quanto, ai, mudar pode
50 longa e vetusta idade!

E então, eu deixando
ambas rendas flutuantes,
penoso ia cuidando,
na Biqueira²²² selvagem,
55 nos nossos já passados,
nos celtas memoráveis,
nas suas antigas glórias,
nos seus duros combates,
nos nossos velhos dólmenes
60 e castros verdejantes.

E depois a Neminha,
ou que fosse ou tornasse,

65 ao vê-lo desde longe,
indo na gandra adiante,
sempre ledó exclamava:
O dólmen de Dombate!

Agora que passaram
meus anos jogorais,
70 agora que só vivo
de tristes saudades,
que cumpro com trabalho
a terrenal viagem,
e que a minha cabeça
branqueia a grave idade,
75 ainda recorde, ainda,
o dólmen de Dombate.

XCV

Quando mo referiram,
sendo cândido neno,
a execução odiosa
do bárbaro decreto²²³,
5 não chorei, não, fiquei como estantio
diante do opróbrio duro e ferroento.

Dormi, heróis, dormi,
que vos conceda o céu
um doce e brando sono
10 de tanta infâmia isento;
dormi o eterno sono, não saibais

²²² Biqueira é uma das aldeias da paróquia de São Simão de Nande, para a qual o poeta se dirigia de cavalo (verso 11).

²²³ Refere-se ao decreto que condenou a morte os militares rebeldes da revolução de 1846, conhecidos daí em diante como Os Mártires de Carral, por ser nesta pequena vila, perto da Corunha, onde foram fuzilados.



da pátria o opróbrio duro e ferroento.

Que se à vida voltáreis,
certo, eu tenho por certo,
15 voltáreis da cova
ao doce sono eterno;
por não ver abafados de vergonha
da pátria o opróbrio duro e ferroento.

XCVI

A LIRA DE TIRTEU²²⁴

Quem tivera, ditoso,
um tão sublime acento
que do seu fundo sono
despertara os Galegos!
5 Oh, quem cumprir pudera
tão generoso intento,
desenterrando a lira,
a lira de Tirteu²²⁵!

Certo, não lhe pusera
10 doces e brandos nervos,
mas duplas lhe cingira
umas cordas de ferro...
Oh, qual soara debaixo

²²⁴ No contexto das guerras entre Esparta e os messênios, a meados do século VII a.C., os espartanos estavam numa situação desesperada, devido a que aos messênios se tinham juntado os arcádios e outros povos do Peloponeso. Os espartanos, aconselhados pelo oráculo de Delfos, solicitaram a ajuda de Atenas, que lhes enviou o general Tirteu, que segundo a tradição, era mais poeta do que general, e além disso inválido, porém, alentou tanto os espartanos com os seus hinos de guerra, que estes cantavam marciais e rítmicas canções ao som de flautas que os animavam a lutar. A guerra foi muito sangrenta e durou muitos anos, mas rematou com a vitória de Esparta.

²²⁵ Tirteu escreveu em dialeto jónico-homérico rico em dorismos cinco livros de elegias que apresentavam conteúdo e forma muito determinados pela épica. De todas estas obras ficam só fragmentos bastante amplos, um total de 230 versos, nos quais podemos ver o elogio da morte em batalha pela pátria, a descrição do combatente valoroso e a exaltação da constituição espartana.

dos meus febreantes dedos
15 a lira sonora,
a lira de Tirteu!

Oh, como despertaram
os mais sublimes ecos,
ecos de liberdade
20 dos párias e dos servos!
Qual do seu fundo sono
despertara os Galegos
a lira estrepitosa,
a lira de Tirteu!

XCVII

Seja forte o galego
nos combates da vida;
como robusto pinho
que erguendo a excelsa cima,
5 da tempestade ao sopro
a poderosa fronte não inclina.

E se cair acaso
um furacão o obriga,
caia como ele, intrépido,
10 com temerosa ruína,
qual gladiador sobre a candente areia,
que ainda na mão o duro ferro oprima.

XCVIII

A DERRADEIRA VONTADE

Quando eu passar desta vida
levai-me à Pontecesso,
não vestido este meu corpo



5 de profano vestimento²²⁶,
mas do saial de Francisco
cingido, humilde, singelo,
- que ainda que não nasci humilde,
humilde repousar quero-,
e já ali me sepultai
10 no monumento paterno...
Quando eu passar desta vida
levai-me à Pontecesso.

Se não for na Pontecesso,
sepultai-me na Corunha,
15 nesta garrida cidade
que mil belezas aduna,
ao lado do insigne Curros²²⁷,
já que a dele e a minha musa
a fala de Breogão
20 fizeram nobre e robusta:
Eu quero fazer de par
de tão nobre sepultura...
Se não for na Pontecesso,
sepultai-me na Corunha.²²⁸

XCIX

“Néscias filhas da Grécia,
tão somente fiadas
na corpórea beleza

5 e nas caducas graças,
nos braceletes de ouro
e nas ricas sandálias,
e nas vistosas clâmides,
do Ilisos²²⁹ pelas brisas agitadas!”

Disse a donzela lésbica²³⁰,
10 da musa arrebatada,
tendo na mão tremente
a lira belamente recurvada,
das cordas bem tendidas
e bem apareadas,
15 onde as ardentes notas
da rapsódia magnífica espiravam.

“Certamente vos juro
que tão escura infâmia
com um duro suplício pagareis,
20 que Témis²³¹ vos prepara.
Quando deis o tributo inevitável

²²⁶ *Vestimento* (cast.), o mesmo que *vestimenta*. (Do lat. *vestimenta*, pl. de *vestimentum*, «vestido»). Mantemos esta forma por causa da rima.

²²⁷ Poeta galego (Cela Nova, Ourense, 1851- A Havana, Cuba, 1908). É autor de *Ares da Minha Terra* (1880) e *d'O Divino sainete*, (1888). Compartilha com Pondal e Rosalia de Castro a tríade de poetas decisivos para o Ressurgimento galego no século XIX.

²²⁸ Eduardo Pondal, tal e como pediu neste testamento poético, foi enterrado na Corunha, no cemitério de S. Amaro, perto do túmulo de Curros.

²²⁹ O Ilisos ou Ilisus é um afluente do rio Cefisso, rio que atravessa a Ática, pela planície de Atenas e desemboca no Golfo Sarónico. Atualmente os seus últimos 15 quilómetros vão paralelos à autoestrada que une Atenas e a Tessalónica.

²³⁰ Refere-se a Safo, uma das melhores poetisas gregas. Nasceu em Mitilene, na ilha de Lesbos, próxima à costa de Ásia Menor, e viveu sempre ali, com a exceção de uma curta estada na Sicília no ano 593 a.C., motivada pelas lutas aristocráticas nas quais se encontrava a sua família, que pertencia à oligarquia local. Pertenceu a uma sociedade chamada *Thiasos*, onde se preparava as raparigas para o casamento. Mais adiante conforma a chamada “Casa das servidoras das Musas”, onde as suas discípulas aprendiam a recitar poesia e a cantá-la. Da leitura dos seus poemas tira-se a dedução que esteve enamorada de uma das suas discípulas, mas esse amor pareceu que não lhe foi correspondido. Não se conhecem muitos dados biográficos acerca dela e só restam uns poucos fragmentos da sua obra. O único poema completo que conhecemos dela, é o “*Hino em honra a Afrodita*”. Na antiguidade era admirada enormemente, de maneira que foi conhecida como “a décima musa”.

²³¹ Na mitologia grega, *Témis* é mencionada por Hesíodo como filha de Gaia e de Urano. Com Zeus concebeu as Horas e a Astreia. Témis era a encarnação da ordem divina, das leis e dos costumes. Quando não se lhe faz caso, Némesis traz o castigo justo e a vingança divina. A sua equivalente romana é *Iustitia*.



à terra do meónio²³² celebrada,
caireis num eterno esquecimento
sem honor e sem fama.

- 25 Mas aquela que em vida desprezastes,
qual de mérito falta,
porque do sol da Hélade²³³
nascera levemente requeimada,
viverá celebrada eternamente
em mil diversas falas.

Depois que a bela luz abandoneis
e fordes sepultadas,
não quedará da vossa rica pompa
a mais escura e leve lembrança”!

C

- Envolto em duro ferro
sobre as feras curotas,²³⁴
feio asilo dos corvos,
das esquivas Termópilas²³⁵,
5 caíra com estrépito,
o valente Leónidas,
como sói alto pinho
ao sopro audaz do sibilante Bóreas²³⁶.

²³² Refere-se ao poeta Homero, que se acredita que era filho de Méon, de aí a denominação de meónio.

²³³ A palavra *Héllade* provém da voz latina *Hellas*, - adis, *Hélade*, com a que se designava toda a Grécia. Assim aparece, por exemplo, em Plínio, o Velho. O termo latino *graecus* provém da forma utilizada por Aristóteles para denominar o país, embora a palavra estivesse relacionada mais com a gente do Epiro.

²³⁴ *Curota*, f. cume de um outeiro ou monte.

²³⁵ Vejam-se as notas ao poema 6.

²³⁶ Bóreas (em grego Βορέας, 'vento do norte' ou 'devorador') era, na mitologia grega, o deus do frio vento do norte que trazia o inverno. Bóreas era extremamente forte e tinha um forte caráter. É repre-

- 10 E quente e negro sangue escurecera
a garrida panóplia,
e deixou, qual cometa,
longo rasto de glória.
Oh! Cada vez que penso
que esta envoltura odiosa
15 cairá no combate
isenta de memória,

- então eu certo sinto,
como uma nuvem fosca,
de súbito cobrir o esp'rito ousado
20 uma escura vergonha!

CI

ELES...!

- Bem os conheço...: escrito
levam na nobre frente
o selo esplendoroso
daquela forte gente,
5 que nos passados tempos
o passo abriu ao luminoso Oriente²³⁷.

- De Lusitânia foram
os esforçados peitos;
do robusto Camões
10 os sublimes conceitos.
Destino foi glorioso, certamente:
da boa Lusitânia foram os feitos
famosos, da Galiza²³⁸ a musa ardente.

sentado como um ancião alado com barbas e cabelos desgrehados, levando um búzio e vestindo uma túnica de nuvens. O seu equivalente romano é o deus Áquilo ou Setentrão.

²³⁷ Referência aos Descobrimentos portugueses e ao caminho aberto em direção ao Oriente.

²³⁸ Pondal assinala aqui a origem galega da família de Camões.



CII

A CURROS ENRÍQUEZ

Como os corvos do Jalhas vagarosos,
assim são os poetas vagabundos:
eles são deste mundo receosos
e buscam outras praias, outros mundos.

Esse é um poeta, e escravo das ideias
esquiva todo honor, toda homenagem,
e luta por romper suas cadeias,
como um falcão intrépido e selvagem.

10 Não toqueis as suas asas bem compridas,
qual de baixel galhardo e soberano
as lonas potentíssimas e ardidas...
com que tenta cruzar o Oceano.

CIII

A VISÃO

Na harpa apoiada,
na costa dos cervos,
dizia Temunde
a fada do vento:

5 «Oh, quanto de longe,
oh, quanto estou vendo,
que resplendor grande
de longe contemplo.
Dois povos irmãos,
10 dois povos 'stou vendo:
um leva na frente
do bom Luso o selo,
o outro o destelho
dos celtas e suevos.

15 Oh, quantos fulgores
oh, quantos destelhos
saem dos lusitanos
e galegos eidos.
Oh, quanto de longe,
20 oh, quanto estou vendo.

Gentis e garridos
carvalhos cerqueiros,
que à beira do Dubra²³⁹
estais gemendo,
25 estais bruando,
cos sopros do vento,
certo as vossas folhas
caindo bem vejo;
e outras folhas novas
30 tereis com o tempo:
os feitos dos celtas
no olvido perdemos,
mas virão seus filhos,
seus filhos não servos,
35 que sejam a glória
nos futuros tempos».

CIV

Não vem dos duros éforos²⁴⁰,
não vem das duras armas,

²³⁹ Afluente do Tambre, pela margem direita. Nasce nos montes do Castelo, na paróquia de Anjeriz (Tordóia) e desemboca em Portomouro após percorrer uns 15 km.

²⁴⁰ Éforo era o nome dado a certos magistrados dos antigos Estados dórios da Grécia. Entre eles, os mais importantes eram os éforos da antiga Esparta. Entre as suas funções estavam as de presidir às reuniões da Gerusia, o conselho oligárquico de anciãos de Esparta e da Assembleia (*Apella*). Estavam a cargo dos julgamentos civis, que exerciam segundo o direito consuetudinário, já que não havia leis escritas. Controlavam a arrecadação de impostos e o calendário. Dirigiam a política exterior e de treinamento militar dos jovens. Dois deles acompanhavam o exército quando entrava em batalha.



- 5 daquela formosura
dórica nomeada;
a do bom capacete,
a da rica couraça,
a do fulgente escudo,
a das belas sandálias;
mãe do duro Lisandro²⁴¹,
10 de Clearco²⁴² e Macânidas²⁴³,
dos navarcas Gylippos²⁴⁴
e rude Calicrátidas²⁴⁵,

²⁴¹ Lisandro foi um dos Heráclitas, mas não era membro da família real de Esparta. Foi posto a cargo da frota espartana do Egeu, com base em Éfeso (407 a.C.) quando Alcibiades voltou ao bando ateniense no final da guerra do Peloponeso. Já era almirante quando se travou a batalha naval de Notium (406 a.C.), na qual foi derrotada a armada ateniense comandada por Alcibiades. Estabeleceu um sistema de governo autoritário na região que ficou sob sua influência. Com o apoio do império persa impôs a derrota aos atenienses, em Egóstamos (405 a.C.), onde se apoderou da cidade. No ano seguinte (404 a.C.) desembarcou no porto de Pireu, em Atenas, e destruiu o poderio ateniense. Voltou para Esparta e tornou-se o mais poderoso político da Grécia de seu tempo. No começo da guerra de Corinto (395-387 a.C.), Lisandro liderou um exército de aliados a Beócia desde Fócide e foi morto quando suas tropas foram capturadas numa emboscada tebana em Haliarto.

²⁴² Clearco foi um general e mercenário espartano. Nasceu ao redor do século V a.C. Foi enviado com uma frota ao Helesponto em 411 a.C. e converteu-se em governador de Bizâncio. A sua severidade tornou-o pouco popular e, durante a sua ausência, a cidade abriu as suas portas ao exército ateniense, sob o mando de Alcibiades, que estava sitiando-a (409 a.C.). Posteriormente foi escolhido pelos éforos para aplacar os problemas que havia em Bizâncio, onde se proclamou tirano. Foi declarado proscrito e teve que fugir junto a Ciro. Durante a expedição dos Dez Mil encabeçada por Ciro para destronar o seu irmão Artaxerxes, Clearco liderou a delegação dos peloponesos, que conformaram o flanco direito na batalha de Cunaxa (401 a.C.). Após a morte de Ciro, assumiu o mando e dirigiu a retirada até que Tisafernes o capturou traiçoeiramente junto aos seus generais. Foi entregue a Artaxerxes e executado.

²⁴³ Macânidas foi o guarda-costas de Pélope, o tirano de Esparta entre c. 211 a.C. e 207 a.C. Durante a primeira Guerra Macedônica, Macânidas opôs-se firmemente aos aqueus, que estavam aliados com Filipo V. Em 209 a.C., atacou e venceu Tegea e, em 208 a.C., atacou Argos e Élis durante a Paz Olímpica. Foi derrotado na Batalha de Mantínea no verão do 207 a.C., onde foi morto por Filopemen.

²⁴⁴ Gilipo foi um general espartano do século V a.C. Era filho de Cleândridas, que fora expulso de Esparta por aceitar subornos de Atenas em 466 a.C. A sua mãe talvez foi uma hilita.

Quando Alcibiades pediu aos espartanos que enviassem um general para dirigir a resistência de Siracusa contra a expedição ateniense, Gilipo foi nomeado (411 a.C.), dando a sua chegada um giro à contenda, conseguindo romper o sítio. Quando Atenas enviou Demóstenes com reforços, também foi derrotado por Gilipo, que provou o fracasso da campanha ateniense em Siracusa.

²⁴⁵ Calicrátidas foi um comandante naval espartano durante a Guerra de Decélia, a última fase da Guerra do Peloponeso. Em 406 a.C. foi enviado ao Egeu para tomar o mando da frota espartana de Lisandro, o primeiro navarca. Após ganhar uma vitória inicial contra o almirante ateniense Conón,

do bravo Agesilau²⁴⁶,
do ardente Stenelaidas²⁴⁷,

- 15 do generoso e intrépido Leónidas,
e do brilhante Brásidas.

- Não vem da sábia Atenas,
não vem das cultas aulas;
nem dos soberbos pórticos
20 de metopas galhardas,
os das colunas jónicas,
belamente estriadas
não vem do sábio filho
de Phenaretas²⁴⁸ mágica,
25 nem do douto Academo²⁴⁹
de frescas enramadas;
não vem da rude Stoa²⁵⁰,
de rudes ensinaças,
nem dos hortos do brando Epicuro²⁵¹,

Calicrátidas enfrentou-se a outra frota na Batalha de Arginusas em 406 a.C., sendo completamente derrotado e Calicrátidas morreu. Embora fracassasse no mando, ganhou o respeito de muitos espartanos e aliados, e foi bem considerado após a sua morte.

²⁴⁶ Agesilau II (444-360 a.C.) foi rei da cidade-Estado grega de Esparta, de 400 a.C. a 360 a.C., tempo durante o que foi, nas palavras do célebre historiador Plutarco, "comandante e rei tão bom quanto qualquer outro de toda a Grécia".

Pertenceu à dinastia euripóntida, e era filho de Arquidamo II, jovem meio-irmão de Ágis II, ao qual sucedeu até 401 a.C..

²⁴⁷ Stenelaidas foi um éforo espartano que numa assembleia o ano 431 a.C. foi partidário de atacar imediatamente os atenienses, indo contra a posição do rei Arquidamo, começando assim a primeira fase da Guerra do Peloponeso.

²⁴⁸ O filho de Fanarete era Sócrates. Fanarete aparece citada num fragmento de um tratado de Platão, o *Teeteto*. Ali Sócrates diz que pratica uma arte parecida com a da sua mãe Fanarete, que era parteira.

²⁴⁹ Academo era um herói da mitologia grega, cujo túmulo dava nome a um bosque, onde futuramente foi construída a célebre Academia de Platão, próxima da à cidade de Atenas.

²⁵⁰ Stoa 'pórtico'. De uma das *stoai* atenienses, a Stoa Pecile, deriva o nome de estoicismo, porque nela o filósofo Zenão de Cítio ministrava as suas ensinaças aos seus discípulos.

²⁵¹ Epicuro de Samos foi um filósofo grego do período helenístico. O seu pensamento foi muito difundido e numerosos centros epicuristas se desenvolveram na Jónia, no Egito e, a partir do século I, em



30 o das doutrinas mólidas e plácidas.

A luz vem dos pequenos,
vem das singelas almas,
vem daquela pobrinha
e filha da montanha,
35 de quem disse Miqueias²⁵²,
com ardente palavra:

«De ti, Belém²⁵³ escura,
de ti, pequena Efrata,
sairá uma luz brilhante,
40 sairá uma estrela mágica,
que alumiará do mundo
as tenebrosas almas»²⁵⁴.

Ai dos grandes e esquivos da terra!
Ai das cegas grandezas humanas!

Roma, onde Lucrécio foi seu maior divulgador. Epicuro nasceu na ilha de Samos, em 341 a.C. Epicuro ensinou filosofia em Lâmpsaco, Mitilene e Cólofon até que em 306 a.C. fundou sua própria escola filosófica, chamada O Jardim, onde residia com alguns amigos, na cidade de Atenas. Lecionou na sua escola até à morte, em 271 a.C., cercado de amigos e discípulos.

²⁵² Miqueias era natural de Moréchet, uma aldeia de Judá, 35 km a sudoeste de Jerusalém, numa região próxima da Filisteia. Era uma terra de camponeses, mas não isolada, uma vez que à sua volta se encontravam fortalezas importantes de Judá (Azeca, Marecha e Láquis). Nada sabemos do estatuto social. As suas críticas fazem supor que se tratava de um camponês pobre, de um trabalhador da terra ou de um pequeno proprietário.

²⁵³ É atualmente uma cidade palestina localizada na parte central da Cisjordânia, com uma população de cerca de 30.000 pessoas. Localiza-se a cerca de 10 quilómetros ao sul de Jerusalém. Foi identificada com a antiga Efrata, já citada na Bíblia (Gn 35, 16; 48, 27; Rt 4, 11), e é chamada de *Belém Efrata* no Livro de Miquéias (5, 2). Localizada na zona montanhosa de Judá, a cidade também era designada como *Belém de Judá* (Jz 17,7; Mt 2,5; Sam 17, 12), possivelmente para distingui-la de Belém de Zebulom (Js 19,15), e "a cidade de Davi" (Lc 2, 4). Belém é mencionada também por ser o local de nascimento de Jesus Cristo (Mt 2, 1-6; Lc 2, 4-15; Jo 7, 42), cumprindo-se, então a profecia messiânica (Mq 5,2), que citamos acima.

²⁵⁴ A passagem citada por Pondal aparece no capítulo 5, 1. "Mas tu, Belém-Efrata, tão pequena entre as famílias de Judá, é de ti que me há-de sair aquele que governará em Israel. As suas origens remontam aos tempos antigos, aos dias de um passado longínquo" (...).

CV

Fixara a dura Esparta²⁵⁵
a partição da terra
(mas coa dura ponta
da sua lança férrea)
5 e a esquiva raça dória
tão só favorecera,
e aos escravos hilotas²⁵⁶
dera o trabalho da pesante gleba.
Não fora longo o sono
10 das escuras catervas,
pois um dia cingindo
a crinada cimeira
e as cnémides brilhantes
e a lança sanguenta,
15 valentes exclamaram:
«Homem livre, livre terra!»

E pois que a vossa doce
e verdejante terra
na voz dos altos pinhos
20 dos seus males se queixa,

²⁵⁵ Esparta era uma pólis (cidade-Estado) da antiga Grécia situada na península do Peloponeso, nas margens do rio Eurotas. Foi a capital de Lacónia e uma das pólis gregas mais importantes junto com Atenas e Tebas.

²⁵⁶ A sociedade espartana era fortemente estratificada, sem qualquer possibilidade de mobilidade entre os três grupos existentes: os *Esparcíatas*, os *Periecos* e os *Hilotas*. Pertenciam aos *esparciatas* todos os que fossem filhos de pai e mãe espartanos, sendo os únicos que possuíam direitos políticos (governo da cidade), constituindo o corpo dos cidadãos (*homoioi*, *pares*). Os *periecos* eram os habitantes das cidades da periferia (que descendiam dos povos conquistados pelos esparciatas) que estavam integrados no estado espartano e ao qual pagavam impostos. Apesar de serem livres, não tinham direitos políticos e dependiam dos Esparatanos em matéria de política externa. Estavam obrigados a participarem das guerras, mesmo não tendo recebido a mesma educação dos esparciatas. Os hilotas eram os servos, que pertencendo ao estado espartano, trabalhavam nos *kleros* (*lotes de terra*), entregando metade das colheitas ao Estado espartano e eram duramente explorados. Levavam uma vida muito dura, sujeita a humilhações constantes. Foram protagonistas de várias revoltas contra o estado espartano.



e como virgem pura
a quem graves sujeitam
em público mercado os membros moles
duríssimas cadeias,
25 diante do rosto esquivo
e bárbaro problema,
cheio de doce alvor o belo rosto
formosamente em terra,
qual sói a gentil cana
30 coa viração ligeira,
filhos dos roxos suevos,
filhos dos fortes celtas,
já comigo exclamai:
«Homem livre, livre terra!»

35 Mas vós que em tempo sois
propício à nobre ideia,
e a rigorosa Témis
ao favor vosso o ferro balanceia,
que tudo pronuncia
40 de redenção o lema,
não sejais ignavos
ante a dura contenda;
n'envergonheis os fortes
que já vos precederam
45 e cingindo a couraça
ousados combateram;
e os prédios gentis, curtos e notos,
defendei com braveza,
exclamando comigo:
50 *«Homem livre, livre terra!»*

CVI O COMBATE DE DUMBRIA²⁵⁷

Intrépidos galegos
que desde antigos dias,
sobre a fronte levais
a estrela vespertina,
5 e quiserdes ser fortes
nas épicas porfias
lembrai-vos do rude
combate de Dumbria.

10 Animosos galegos
que desde os priscos dias
na vossa mão levais
uma ardente fouchinha,
se ser fortes quiserdes
nas belicosas lidas,
15 recordai o famoso
combate de Dumbria.

20 Aos vossos nobres filhos
relembrai noite e dia
os feitos denodados
da vossa gente antiga;
e recordai de cote
seus feitos e ousadias,
recordai o famoso
combate de Dumbria.

²⁵⁷ Dumbria é um município que pertence à comarca de Finisterra (ou Fisterra) na província da Corunha, junto com See, Corcubião, Finisterra e Mugia. A sua superfície é de 124,7 km² e tem 7 paróquias (Berdeogas, Buxantes, Dumbria, O Éçaro, Olveira, Olveiroa e Salgueiros). Limita com os municípios de Vimianço, Maçaricos, Sás, See e Mugia. O espaço natural mais interessante é O Éçaro, onde desemboca o rio Jalhas, no sopé do famoso monte Pindo. Os vestígios mais antigos são o dólmen Pedra da Arca e o petróglifo de Pedra Ancha.



CVII²⁵⁸

Dá-me a lira de Homero²⁵⁹,
de Homero a lira dá-me,
mas tira-lhe primeiro
a corda dos combates.

- 5 Trazei-me essa copa,
essa copa não grande,
pra que beba não muito
e alegremente dance.
O som do brando plecto
10 meus passos acompanhe,
e uma virgem desnuda
nos meus braços enlace.

- Dá-me a lira de Homero,
de Homero a lira dá-me,
15 mas tira-lhe primeiro
a corda dos combates.

CVIII

Formosa e pendente
do velho carvalho
está de Lourido
a harpa do bardo.

- 5 Os ventos que sopram
dos cabos e fachos
as cordas agitam
da harpa do bardo.

- 10 Oh, quantas lembranças
do tempo passado
levantam os ventos,
fugazes passando,
nas cordas gementes
da harpa do bardo!

CIX

- Por uma região sombria,
por entre uma estranha gente,
vou pensando tristemente
pela dolorosa via:
5 vou pensando noite e dia,
e já nunca espero ter
nem sossego nem prazer,
nem sossego doce e brando,
porque sempre vou pensando
10 *cousas que não podem ser.*

- Por desertas soledades,
cheio de mil vagos sonhos,
vou cuidando em mil ensonhos,
levado de mil saudades;
15 de mil tristes vaguidades
Levado por onde quer,
solaz não acho ou prazer
por este deserto cruzando,
porque sempre vou pensando
20 *cousas que não podem ser.*

Senhor, que tudo criaste,
de que abismo, que corisco,
de que lava, de que risco

²⁵⁸ Trata-se de uma versão muito livre e menos extensa do poema IX de Anacreonte.

²⁵⁹ O famoso autor d'A *Iliada* e d'A *Odisseia*.



meu espírito formaste?
25 Pois do abismo o tiraste,
pois que sonho onde quer,
arranca-me este meu ser
que se consome sonhando,
30 *porque sempre vou pensando*
cousas que não podem ser.





BIBLIOTECA GALLEGA

VARIANTES [A]

MÉTRICA [B]

OUTRAS NOTAS AOS POEMAS [C]

Neste capítulo podemos encontrar três partes. A primeira indica todas as variantes textuais que foram afetadas de alguma maneira na nossa edição, a maioria são castelhanismos, evoluções erradas ou arcaísmos próprios do português da Galiza, que não passaram à língua padrão. Quando o verso resulte afetado na rima ou no cômputo silábico indicar-se-á ao lado da última variante desse verso. [A]

A segunda seção é a indicação da métrica de cada poema [B]. Obviamente, utilizamos a terminologia da métrica portuguesa, e não a da castelhana.

Nalguns poemas, poderemos encontrar algumas outras notas, como a explicação de algumas das nossas escolhas, as mudanças efetuadas, menção das versões anteriores, dificuldades métricas, de rima, etc. [C].

Título: [A] Pinos

[C] Decidimo-nos pela difícil escolha de termos de modificar a palavra *pinos* do título do livro. Trata-se de um castelhanismo inaceitável, que na nossa língua deve ser *pinhos* ou *pinheiros*.

I. [A]. 1, pol-o; 2, bóo; 3, co 'aguilhada, o; 4, ademan; 5, Q' a; 7, táboas; 8, quezais; 9, n'esprica; 10, fondo, afán; 11, suidades; 12, 12, ós; 13, servidume; 15, Ó; 16, Ben' os mira ó; 20, escuita; 22, compás; 24, siñal; 25, escadron; 26, cal; 28, s' aprest' a lutar.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, distribuídos em duas estrofes de 14 versos com rima assonante nos pares, sendo decassílabo o verso décimo terceiro de cada estrofe.



[C] v.4.: Encontramos a forma *ademán* (= *gesto, trejeito, aceno*) em posição de rima. A forma *ademán* passou ao português como *ademan*, mas geralmente esta é usada em plural (*os ademanes*, às vezes apor-
tuguesada como *os ademães*). No português do Brasil usa-se também a
variante *ademã*.

v. 15-16: Em Manuel Ferreiro: “O pé do castro verde / ben os mira
ó pasar”. O problema destes versos reside em saber quem é o sujeito do
verbo *mira*. Na edição de *Queixumes dos Pinos* encontramos literalmente:
“Ó pé do castro verde, / Ben’ os mira ó pasar”. O próprio Ferreiro reconhe-
ce que “ademais aínda que sexa simplemente indicativo, neste poema as
contraccións aparecen en P marcadas con acentos (ó, ós) frente ao artigo
(o, os)” (p. 194, comentário ao verso 12). No original a presença de *ó* pare-
ce demonstrar que se trata de uma contracção de artigo mais preposição
(= *ao*). Além disso, o sujeito de *mira*, *escuta*, *parece*, *cuida* deve ser “o
bergantinhão” do verso segundo ou o “suidoso” que aparece na versão
manuscrita que publica Manuel Ferreiro na sua edição crítica (pp. 196):

“O pé do verde castro
Q’en masa escura e informe,
Agrupados están;
E na nativa costa,
Os escoita fungar:
Ben os ve negrear;
Que se que[i]xan as veces
E coida que se queixan
C’o<un> maino vento soan
E aínda coida o suidoso
Q’He gente de Breogan;(...)”

Desta maneira, uma glosa dos versos 15 a 26 do texto poderia
ser a seguinte: “Ao pé do castro verde, o bergantinhão observa (os pi-
nheiros) ao passar, porque em massa escura e informe estão ajuntados, e
na nativa costa os escuta fungar. Parece-lhe que os pinheiros soam com

um intrépido compasso e cuida que do combate murmuram o sinal, em
esquadrão formados, qual gente de Breogão, (...)”.

v.22. Utilizar a palavra *compasso* implicaria um erro claro de rima.
Além disso, poder-se-ia considerar uma licença métrica, um caso de
“apócope”, embora no autor seja um castelhanismo.

II. [A] 5, nai; 6, recruba, despoxos; 7, quixéra; 10, valeroso; 12, cal;
13, innobre, escuramente; 14, vergonzoso; 15, quixera; 17, pl’o; 18, riguro-
so; 19, pró; 20, Q’ honrára; 22, valeroso; 25, nin nas cousas muliebres; 26,
nin, afectos; 27, escrarecida; 29, Mais sóo; 31, caer, caera; 32, valeroso.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos com rima
assoante nos pares.

[C] v.4: Manuel Ferreiro considera: “certo, é non remoto”, embora
reconheça que uma leitura como a que propomos “non contradiría os
usos pondalianos” (pp. 196, comentário ao verso 4). No original encontra-
mos o verso: “certo he non remoto”.

v.6: Pondal utiliza a voz *despoxos*, que aqui parece ser um caste-
lhanismo. A ortografia que aguardaríamos seria *despojos* (por etimologia).
O verbo *despojar* chegou ao português através do latim *despoliare*, pelo
castelhano *despojar*. Manuel Ferreiro, mantém a forma *despoxos* na sua
edição (vejam-se os seus critérios de edição, pp. XLVIII), por considerá-lo
um castelhanismo “que o poeta incorporou á sua obra con grafía x, segu-
ramente, neste caso, coa intención de marcar a súa pronuncia galega
[como *axado, cobixar, despoxo, lexano*, etc]”.

v.11-12: O verbo *resigno* exigiria o uso da preposição *a*, ainda
que como reconhece Manuel Ferreiro (nota a QP 1.22) “a eliminação de
preposições é relativamente frequente na lírica pondaliana”. Ferreiro edita:
“Certo, eu non me resigno / morrer, cal quase todos”, no original encontra-
mos: “Certo eu non me resigno, / Morrer cal quase todos”.

v. 13: Mudamos a forma *innobre* (= ignóbil) e para mantermos a
contagem silábica alteramos a ordem dos elementos.



v.17: No caso de resolvermos a contração *p'lo* do original “*que pl' o fortes, vencéran*”, o verso resultaria com uma sílaba mais. Preferimos a opção de mudar *p'lo* em *por*, para salvaguardarmos a métrica.

III. [A] 1, podés; 7, trances; 9, mais; 11, Coma todo que trague;; 13, intentés detél' os sonorosos; 15, Podés; 16, apartado; 18, extraño; 21, preguntarle; 23, punza; 24, mais; 25, cal todo que no mundo; 27, intentés detél' os; 29, Todo, podedes; 30, a voso lado; 31, todo; 33, todo; 34, atraso; 36, areas; 37, Mais; 38, extro; 39, coma todo que trágue; 41, non intentés, non intentés detél' os.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

[C] v.9: Interpreto que o “mais” utilizado por Pondal é conjunção adversativa e não advérbio de quantidade. O mesmo ocorre nos versos 23 e 37.

IV. [A] 3, S' escuita; 6, pico; 7, sóon; 8, rudos; 9, prayas; 11, ringleira; 16, cautivo; 17, fonda; 18, dixérase; 19, antr' as uces; 24, necios; 25, poidera vivir coma; 26, playas; 29, seos.

[B] Combinação de versos pentassílabos e eneassílabos com rima assoante nos pares.

[C] v. 27: A forma *baixos* é utilizada por Pondal como equivalente de *baixios*.

V. [A] 2, que pálida color!; 3, longa; 4, noncuranza; 5, quezais; 6, quezais; 7, madre, valédeme; 8, valédeme, por Dios; 9, quezais; 10, Q'o juicio; 12, chea; 14, compasión; 15, pino leixado; 16, Niños; 17, rapaceta; 19, son, vagamundo; 20, son ningun; 21, Geroglífico; 24, sou; 25, quezais; 27, eso; 28, pr' onde; 29, O; 30, din (uma sílaba); 31, pino, leixado; 32, Niños; 33, insómnies; 34, ambición; 37, suidades fondas; 38, escadrón; 39, Luzbel; 44, condición; 45, eso; 46, conozo; 47, escraman; 49, pino, leixado; 50, Niños.

[B] O poema é uma combinação de versos hexassílabos com versos bipentassílabos (ou hendecassílabos compostos): 5(1)+5 com acentuação par (2ª e 5ª / 8ª e 11ª) e cesura átona. A rima é assoante nos pares.

[C] v. 2: Acrescentamos a conjunção copulativa ao começo do verso para mantermos as sílabas métricas.

v. 4: Ao mudarmos a forma *noncuranza*, podemos substituí-lo por um sinónimo como *descuido*, *desleixo*, *descuramento* ou *desmazelo*.

v. 7: Mudamos a ordem dos elementos do verso original “*miña nai, valédeme*” para salvaguardarmos o cômputo silábico.

v. 8: Mudamos o verso “*valédeme, por Dios*”, num equivalente para evitarmos o castelhanismo em posição de rima.

v. 15: O primeiro verso do refrão deve ler-se com diálise (que desfaz a sinalefa): parece / un.

v. 30: din = dizem. Esta forma é a utilizada no português da Galiza. O verso resulta com uma sílaba mais.

VI. [A] 2, molentes; 5, doncellas; 9, ó; 12, sen; 13, poidera; 14, coma; 16, rudas; 19, cal; 20, rastro; 22, faz; 23 mais; 24, miazosa; 25, apreixando; 29, crubir; 31, dixera.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

[C] v.22: É necessário ler *coa* como monossílabo por razões métricas (o fenómeno é conhecido como *ectlipse*, e é corrente em Pondal).

VII. [A] 1, veciñas; 4, amabres, anduriñas; 5, pol-o; 6, preguntarán; 7, Mais; 8, en donde os pinos; 13, cal, decir.

[B] O primeiro verso do poema apresenta-se, formalmente, como um eneassílabo (com acentos em 4ª, 6ª e 9ª). Tendo em conta que o resto dos versos são tetrassílabos, combinados com dois decassílabos melódicos (acentuados em 3ª, 6ª e 10ª sílaba), poderíamos convertê-lo facilmente num decassílabo sáfico (acentos em 4ª, 6ª e 10ª) fazendo uma diérese na palavra “*pra-i-as*”, regularizando assim a métrica, ou mesmo convertê-lo num bitetrassílabo = 4 (1) + 4. No caso contrário, teríamos



uma combinação de dois versos decassílabos melódicos (acentos em 3ª, 6ª e 10ª), de versos quatrissílabos, e de um eneassílabo irregular. Na primeira estrofe rimam o primeiro verso com o quarto e o terceiro com o sexto. Na segunda estrofe rimam o segundo com o sexto e o quarto com o oitavo. A rima é consoante.

[C] v. 8: No original *en donde os piños*, que modifíco como *onde os pinheiros*.

VIII. [A] 1, N' hay; 3, N' hai, nube; 5, N' hai; 7 N' hai; 8, rico color; 9, N' hai; 10, velo luxoso; 11, hay; 16, N'hai; 18, N'hai; 20, N'hai; 21, infrutoso; 22, N' hai; 23, seductor; 26, N'hai, pócima.

[B] O poema é uma combinação de versos tetrassílabos e de versos bitetrassílabos (eneassílabos), compostos por dois tetrassílabos com cesura átona: 4(1)+4, distribuídos em estrofes de quinze versos, sendo o ante-penúltimo um bitetrassílabo. Rimam o verso 4º com o 6º; o 8º com o 15º e o 12º com o 13º. A rima é consoante.

Não obstante, se temos em conta o original que aparecia em *Rumores*, vemos melhor a estrutura do poema. Tratar-se-ia de uma oitava aguda de versos bipentassílabos (eneassílabos compostos), com rima consoante entre o segundo e o terceiro verso; o sexto e o sétimo e o quarto com o oitavo, ficando sem rima o primeiro e o quinto, com o seguinte esquema: 9-, 9 a, 9 a, 9b', 9-, 9c, 9c, 9b'. Assim ficaria:

5 Não há uma fonte tão fresca e pura,
não há uma nuvem tão vaporosa,
não há uma estrela tão temblorosa,
n'há tão esplêndida e rica cor;
n'há tão alegre véu luxuoso,
não há nos cômaros tão leda alfombra,
não há palmeira de tanta sombra,
ela é a vida do trovador.

[C] No original aparecem contrações entre o advérbio de negação e o artigo nos versos 1, 3, 5, 7, 9, 16, 18, 20, 22, 24 e 26, que conservamos quando não foi possível realizarmos a sinalefa.

v. Mantenho o castelhanismo *temblorosa* (= tiritante) por causa da rima.

v.8: No original: "Rico color". Corrigimos aqui o castelhanismo *color* e utilizamos a forma *cor*, ainda que dessa maneira tivemos que aumentar uma sílaba utilizando a conjunção *e*.

v. 24: A palavra *bebedizo* do original é um castelhanismo, que seria em português *poção* ou *beberagem*.

Existe uma versão anterior em castelhano, publicada em *Rumores de los Pinos*, p.19, que diz assim:

5 No hay una fuente tan fresca y pura,
No hay una nube tan vaporosa,
No hay una estrella tan temblorosa,
Ni tan espléndido, rico color;
No hay tan alegre velo lujoso,
No hay en el valle tan suave alfombra,
No hay una palma de tanta sombra,
Ella es la vida del Trovador.

10 No hay un desierto tan abrasado,
No hay un oasis tan delicioso,
No hay llano adusto tan infructuoso,
No hay grato huerto tan seductor;
No hay bebedizo tan hechicero,
No hay una pócima tan homicida,
15 Ella es el norte, ella es la vida,
Ella es la muerte del Trovador.



IX. [A] 2, ô; 3, craro; 4, cando; 6, afân; 7, da.

[B] Romance heptassílabo com rima assoante nos pares. (O romance é um esquema não-estrófico típico da poesia espanhola, e consta de uma tirada ilimitada de versos heptassílabos, embora possam utilizar-se outros tipos de versos, como por exemplo os hexassílabos, os pentassílabos ou mesmo os decassílabos, com rima assoante nos pares, ficando sem rima os ímpares).

[C] v.7: A nossa opção, que modifica *sobre da proa* em *sobre a proa*, exige o hiato: sobre / a, para que resulte metricamente correto.

O poema foi editado em *Rumores de los Pinos*, na página 15, com as seguintes diferenças textuais: v.1, Os baixos Miñarzos son / De Camelle os baixos son; 5, lonxe /longe.

A pé de página diz-se que os Minharços (v. 1), são “perigosos escollos próximos a la costa de Carnota”.

X. [A] 2, pinal; 5, cal, cuitelo.

[B] O poema é uma combinação de versos heptassílabos com um verso bipentassílabo com cesura átona (5(1)+5). A rima é assoante nos pares.

XI. [A] 4, sin; 7, aires; 9, boo resio; 12, conocío; 13, pró, sin; 15, aguarda aquel q' adiviña; 16, aunque non saiba quen é.

[B] Poema composto por versos heptassílabos e alexandrinos de treze sílabas com cesura átona. A rima é assoante nos pares.

[C] v. 15-16: Tivemos que corrigir os dois últimos versos do poema, que resultaram com uma sílaba de mais.

XII. [A] 2, ô; 4, donde vin a luz primeira; 5, Cand' era; 6, casánome, allea; 9, cando, levano; 11, Fún, pl' o; 12, terraxe estrangeira; 19, pinos; 20, virge; 21, capilla; 22, fan, aïgas; 24, gozás; 28, O fin, despois; 29, volvo, na cume récia; 30, cal; 32, Fun; 33, non moza, aunque non son vella; 34, e dendes d' aqui contempro; 35, lus; 36, Aquel hé; 41, preto; 42, Aquel' hé; 43, branquea; 45, pinos; 46, ti; 47, conozo, brétoma; 50, pinos.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos, com rima assoante nos pares, com um refrão intercalado nos versos 17-19 e 48-50. Este refrão tem rima assoante (diferente da do romance) entre o primeiro e o terceiro verso, ficando sem rima o segundo.

[C] v.4: No original: “Donde vin a lus primeira”. Modificamos a forma verbal “vin” pela padrão “vi”. Destarte, poderia produzir-se uma sinalefa entre *vi a*, por isso incluo a forma [eu], que não se encontra no original.

v. 12: No original: “D’ unha terrage estrangeira”. Alteramos a forma “terrage” por “terra”, com o que o verso fica numa sílaba menos. Soluciono o problema eliminando a contração *duma* em *de uma*, mantendo entre a preposição e o artigo um hiato.

v. 22: No original aparece a forma *fan*, que em português padrão é *fazem*. Como se utilizássemos essa forma o verso ficaria com uma sílaba mais, alteramos *fan* por *têm*.

v. 29: Em posição de rima temos o castelhanismo *récia* (= rija, dura, intensa, forte, que não cede à pressão). Outro castelhanismo, esta vez morfológico, é a mudança de género da palavra *cume*.

v.33: Mudamos o verso original “non moza, aunque non son velha”, para evitarmos a forma *anque*.

O poema foi publicado numa versão anterior em *Rumores* nas páginas 9-10. Indicamos as variantes que aparecem em *Rumores* com respecto aos *Queixumes*, dando em primeiro lugar a forma de *Rumores* e a continuação a forma que apareceu em *Queixumes*: 9, levaron / leváno; 10, boa pena / grande pena; 12, Con boas suidades dela / D’unha terraxe estrangeira; 13, Aunque ná vexo c’os ollos / Se non te vexo cos ollos; 14, Que bágoas gordas me cerran / Bergantiños, boa terra; 18, lonxe / longe.

Virxen querida, qu’ estades	20
Sobre o alto da Ferreira,	21
Donde fan o niño as aigas;	22
E vedes á longa terra	23
De Bergantiños, tendida	24
No chán dos antigos Celtas;	25



O fin, depois de ben tempo, 26
Volvo á ver á vosa igrlesia. 27

(Estes 8 versos anteriores passaram a ser 12 em *Queixumes*, com bastantes variantes).

De aqui ao final o poema é idêntico nas duas versões, excepto a palavra “lonxe” do verso 39 de *Rumores*, que aparece como “longe” no verso 43 de *Queixumes*.

XIII. [A] 1. Meniña; 3, brandeas, gracia; 4, os; 8, din; 10, suidades; 11, suidades; 13, ti tes, manciña.

[B] Na edição de *Rumores* (página 7), a poesia é um romance heptassílabo com rima é-o. Em *Queixumes* trata-se de uma combinação de versos heptassílabos com um bipentassílabo (5(1) + 5).

[C] Em *Queixumes* perde o título (“Rosa de Corcoesto”) e modifica o penúltimo verso (“Porque senon vou morrer,”) num verso hendecassílabo composto ou bipentassílabo com cesura átona (5(1)+5), (“Ti tés dos meus males / a doce manciña”), rompendo assim o esquema do romance.

v.13: Conservo a forma arcaica e sincopada *mezinha* por razão de cômputo silábico.

XIV. [A] 1, Salvage val de Brantóa; 3, val; 4, pinos; 5, cando, prob' e 'scuro; 6, sea; 7, seo; 8, val; 10, conocido; 11, hai; 13, deseando, ó; 16, de-sea; 17, N' hé, vellez; 18, fondo dolor; 19, son; 21, suidades; 22, quezais; 25, peregrinación; 31, Selvage val de Brantóa; 34, trougo; 37, soedá; 39, valle, brétomas; 40, pinos; 46, oído; 47, o rumor asomellante; 48, pinos; 50, desconocidos; 52, quezais oído; 53, no m' acordo; 54, quezais; 55, oídos; 56, oídos; 58, temé-l-o; 60, compridos; 61, Brigandsia; 62, pol-a, sucumbino; 64, cando; 65, suidades, d' unha; 66, q' un día a alma perdío; 68, afrigido; 69, s' acorda; 70, allea cautivo; 71, volver; 72, ós; 74, comprendidos; 75, no seu terreno viage; 77, homes; 79, ti, soedade; 81, que qués; 82, seo; 83, sin; 84, ningun, oídos; 85, cas, augas; 87, homes; 88, mais pra olvido de ti mismo; 89, ó home; 91, Antr' as uces de Brigandsia.

[B] Romance de versos heptassílabos.

[C] v.1: A acentuação no original é grave (Brantóa), embora a forma esdrúxula seja a que aparece na toponímia. Como Pondal utilizou a palavra *val*, com apócope, em vez de *vale*, ao mudarmos a acentuação de Brantóa em Brântoa, o verso fica metricamente regular.

v.17: No original aparece *n' he*, que nós corrigimos em *não é*, com o que devemos realizar sinalefa entre o verbo e o artigo.

v.18: No original: “*O fondo dolor que sinto*”. Ao corrigirmos o castelhanismo *dolor* em *dor*, o verso fica com uma sílaba menos, que solucionamos engadindo o pronome pessoal: [eu].

v. 47: No original: “*ó rumor asomellante*”. Modifico *asomellante* em *semelhante*, e como dessa maneira o verso ficaria com uma sílaba menos, desloco “ao rumor” para o final do verso, para que dessa maneira seja metricamente correto. Aqui entre “semelhante ao” devemos manter diárese (dando um hiato forçado).

v. 62: Teríamos um erro de rima ao alterarmos *sucumbino* por *sucumbiram*, por isso propomos a opção “têm pela pátria morrido”.

v.66: Mudamos algo o verso original “Q' un día a alma perdío”, para evitarmos o erro na posição de rima, mas respeitando o significado,

v. 75: No original de *Rumores* “no seu terrenal viage”, com género masculino, que alteramos para o feminino.

v.88: Mudamos a ordem dos elementos no verso para mantermos a rima, ao corrigirmos *mismo* para *mesmo*.

A versão de *Queixumes* é quase idêntica à de *Rumores*, embora, por erro, se tenha prescindido do verso 75, que nós restituímos seguindo a leitura de *Rumores*. Em *Queixumes* eliminou-se o título (“Gundar, filho d'Ouco”). Algumas pequenas diferenças são só ortográficas ou de pontuação. A edição de *Queixumes* elimina alguns castelhanismos desnecessários.

1, Verde valle de Rouriz / -«Salvage val de Brântoa; 3, valle / val; 4, Dos altos é verdes pinos / E dos fungadores pinos; 5, Cando ó teu bardo Gundar / Cando Gundar prob' e 'scuro; 10 solo / tan só; 14, d' hun traballo-so destino / D' un traballo escurecido; 15, E tan solo repousar / e somente



repousar; 16-17, (em *Rumores* os versos formam uma estrofe contínua, enquanto em *Queixumes* aparece neste ponto uma nova estrofe); 18, grave / fondo; 31, Verde valle de Rouriz / Salvage val de Brantóa; 32, héroe / forte; 33, Donde á / Ond' a; 45, de grata voz / de voz gemente; 47, Asomellante ó rumor / O rumor asomellante; 56-58, (estes versos fazem parte, em *Rumores*, de uma mesma estrofe que se estende até ao final (verso 96). Em *Queixumes* dividiu-se em várias estrofes: 57 a 62, 63 a 72, 73 a 80 e 81 a 96; 60, cumpridos / cumpridos; 62, sucumbiron /sucumbino; 67, nostálgias / lembranzas; 68, afrixido / afrigido; 71, tornar outra vez / voltar outra vez; 72, confins perdidos / eidos amigos; 79, Solo ti, soudade / Tan só tí, soedade; 93, fuxitiva / fugitiva.

XV. [B] Terceto de versos heptassílabos com rima consoante entre o primeiro e o terceiro verso, ficando livre o verso par.

[C] 2, cando.

XVI. [A] 2, cal; 4, iba; 5, El vai cal vai nubrado; 6, empuxa, cierzo helado; 7, cal, crima; 9, Fillo d' un siglo rudo, que no tempo; 10, sóo; 11, edá de ferro, él fuge do seu siglo; 12, as sanguinosas luitas; 13, siniestra; 14, nubrou; 15, tempestá, nube; 16, mortales; 21, quezais; 22, caío; 23, area; 25, jace, ó; 26, mais; 27, rostro; 28, ceo; 29, home sin, selo; 30, faz; 31, mais, somellante; 33, home.

[B] O poema aparece em castelhano em *Rumores* (pp. 17-18), sendo traduzido para galego-português em *Queixumes*, embora com muitos castelhanismos.

Metricamente o poema está composto por quadras de carácter culto, com três decassílabos e um hexassílabo, com rima assoante nos pares. Na métrica espanhola é conhecida como “estrofa de la Torre”. (BA-EHR, Rudolf, *Manual de versificación española*, Madrid, Ed. Gredos, pp. 369-371).

[C] v.5: No original: “El vai, cal vai nubrado vagabundo”. Ao corrigirmos *el* em *ele*, o verso ficou com uma sílaba mais, que resolvemos eliminarmos a repetição do verbo.

v.6: *cierzo* = *aquilão*, vento frio do norte.

v. 9: Ao mudarmos o castelhanismo *siglo* em *século* o verbo ficou com uma sílaba mais, que resolvemos eliminando a partícula *que*.

v. 11: Ao corrigirmos o castelhanismo *edá* em *idade* o verso ficou com uma sílaba mais, que resolvemos eliminando o pronome *el*.

v. 15: Se mudássemos o castelhanismo *tempestá* em *tempestade*, o verso ficaria com uma sílaba mais, que corrigimos utilizando o substantivo *temporal*, em vez de *tempestá*.

v.16: Devemos realizar uma diérese no substantivo *mortais* para mantermos a contagem silábica.

v.25: Devemos evitar a sinalefa em “*volto ao*” para termos um decassílabo.

XVII. [A] 2, c'roa; 3, aló; 4, uces; 5, uces, Xallas; 6, uces, deixádea; 8, non'stá afeita á vos tratar; 9, uces; 10, toqué-l-ós.

[B] O poema divide-se em duas quadras de versos heptassílabos com rima assoante nos pares e um terceto heptassílabo com rima consoante no primeiro e terceiro, ficando livre o verso par.

[C] v.2: No original temos *c'roa*, que de corrigirmos em *coroa*, provocaria que o verso contasse com uma sílaba mais. Evitamo-lo eliminando a exclamação que aparece ao começo do verso.

v.3: No original “*Aló no mes de Janeiro*”, que mudamos em “*Lá pelo mês de janeiro*”.

v.8: Modificamos levemente o verso para evitar a forma com aférese ‘*stá*’.

Em *Rumores* (página 11), aparecem unidas as duas primeiras estrofes. A única diferença encontra-se no verso 3º, que emprega “*Xaneiro*”, corrigindo a ortografia em *Queixumes*, seguindo a etimologia: “*janeiro*”.

Em nota de rodapé indica-se “*Afluente do Tambre*”, em referência ao rio Marçoa, embora o original, por erro, o aplica à ponte Arantão.

XVIII. [A] 42, cabo da veira; 43, De Xallas, mais coma Xallas; 44, N' he terra tan agre e estérea; 45, Prêto d' areosa; 48, E unhas pombas aso-



mellan; 49, tarreó; 51, E cara o sol cando nace; 52, ventanas; 53, augas; 55, contempra; 56, suidades déixano; 58, sin; 59, e aquel que foi causa; 65, sin.

[B] Romance de versos heptassílabos.

[C] v. 42: Alteramos a expresión castelhanizada *Cabo da beira* por *mesmo à beira*, para mantermos a contagem silábica.

v. 51. Modificamos o castelhanismo na expresión *cara o sol* por *face ao sol*.

v. 56: Corrigimos o verso “*suidades déixano e penas*” e propomos “*saudades vão-se-lhe e penas*”, que mantém a contagem silábica.

v. 59: Modificamos o original *e aquel que foi causa* em *e o que foi a causa*, para mantermos a contagem silábica sem alterar o sentido.

Poema bilingue, com uma parte em castelhano: versos 1-40 e 61-62, que traduzimos para português. Como no original, utilizamos itálica para a parte em galego-português (exceptua-se o comentário em castelhano entre os versos 29-30).

Os versos em castelhano dizem assim:

- Vámos, mi buena Rentar,
Deja una vez tus tristezas;
Estás ya convaleciente,
De tu penosa doléncia;
Nada te falta; en la casa 5
De los condes de Sansueña,
Sobra todo, y te está hablando,
Quien hereda su nobleza:
Mi palacio es tu palacio,
Aquí el bienestar alberga; 10
No vieron nada los ojos
Mejor, ni á nadie recreán,
Como estas, ricas alfombras,
Donde se goza y se sueña.
Bajo estos techos habitan, 15

La alegría y la riqueza;
Hay cuartelados blasones,
Y hay criados con librea,
Y hay coches donde tu sueles
Ser llevada á la carrera.... 20

De abandonar á Madrid,
Rentar, la idea desecha;
Y por tu dulce Galica,
No truéques la mansión régia
Que habitas, donde te juro, 25
Ser tu amiga, no tu dueña.

Esa tu triste nostalgia,
Oh, quien distraer pudiera
Y volverte la alegría.....

(*El doctor, aparte y en voz baja*).

- Preguntádlas por su tierra. 30

- Pues bien, oh Rentar, tu pueblo,
Cómo se llama, recuerdas?

Al oír nombrar su pátria,
Estremeciése la bella,
Cual si un repentino fuego, 35
Discurriera por sus venas;
Y sus labios animando,
Sonrisa dulce y serena,
Exclamó con entusiasmo,
A nueva vida despierta: 40
.....



-Vamos, oh dulce Rentar, 61
 Tu triste llanto refrena. 62

Este poema apareceu já em *Rumores de los Pinos*, com o título “La nostalgia de la nodriza”, (pp. 27-29). A versão de *Queixumes* elimina o título e acrescenta os versos 61-62.

XIX. [A] 1, anduriña; 2, sobr' o balcon pousada; 4, chea, gracia; 5, Tereo; 9, pico; 10, cobixa baixo d'asa; 15, ca; 19, dos ledos pregues; 20, pabellón, grana; 21, despértel' os; 23, pol-a espléndida e rica teitume.

[B] Metricamente o poema é uma combinação de versos hexassílabos com um decassílabo.

[C] v.2.: Corrigimos o “falso amigo” *balcón*, pela forma padrão *varanda*.

v.10: Modificamos o castelhanismo *cobixa* por *protege*.

v.19: Alteramos o castelhanismo *pregues*, com género masculino, em *pregas*.

v.20: Achamos o castelhanismo *grana* em posição de rima, embora o corrigíssemos por *grã*, a rima resultaria afetada, pelo que optamos por uma expressão sinónima, “*no dossel escarlata*”.

v.24: Modificamos todo o verso: “*Pol-a espléndida e rica teitume*”. É evidente o castelhanismo da palavra *teitume*, adaptado de *techumbre*, que nós modificamos em *tecto*, facto este que nos leva a realizar modificações na ordem dos elementos para mantermos a estrutura métrica utilizada.

O poema foi publicado em castelhano em *Rumores* (pp. 33-34) com o título “*El sueño de primavera*”, e o texto de *Queixumes* é uma tradução quase literal, mantendo a rima e o tipo de verso, exceptuando o penúltimo, que é um hexassílabo em *Rumores* e passa a ser um decassílabo em *Queixumes*.

Eis a versão de *Rumores*:

Parlera golondrina,
 En el balcon posada,
 Sencilla viãjera,
 Llena de dulce gracia;
 Del rey Tereo esposa,
 Desterrada del Ática:
 Suspende, oh vaga Progne,
 Tu quejumbrosa charla;
 No cantes mas, el pico
 Recoje bajo el ala;
 Y de tu luengo canto,
 Un ratito descansa.
 No turbes de la hermosa,
 La sosegada cámara,
 (Con tu canción que acaso,
 Hablando está del África:)
 Oh, déjala que duerma,
 Del amor fatigada,
 Bajo los bellos pliegues
 Del pabellon de grana.
 No despiertes los ecos,
 Que reposan em calma,
 De la rica techumbre
 Entre las hojas anchas.

XX. [A] 2, punta sin, branquea; 4, sin, n' escond' a afrenta; 5, jace; 6, quezais; 7, 'stá, muy axado; 8, rostro; 9, huracán; 11, vingativo; 12, frente; 14, compre quezais; 15, Testigo de naufrágios e combates; 16, quezais, brétomas; 18, no resplandor da doce edá primeira; 19, cand' ó, d'hermosura; 21, Can; 23, cando; 24, a sôon abandonar da edá primeira; 25, axada; 26, das pesadumes; 27, tamén, cando; 28, ó.

[B] Trata-se de um romance de versos decassílabos, ou “romance heroico”, distribuído em estrofes.



[C] v.7: Modificamos o castelhanismo evidente *mui axado* no adjetivo *estragado*.

v.4: Mantemos o castelhanismo *afrenta* à causa da rima.

v.18: Modificamos o substantivo *idá* em *idade*, com o que resultaria uma sílaba mais do que no original. Por isso tivemos de mudar o adjetivo *resplendor* num adjetivo bissílabo como *fulgor*.

v.24: Ao modificarmos o substantivo *idá* em *idade*, temos de eliminar uma sílaba no verso.

v.25: No original: “Axada polo vento impetuoso”. Modificamos o evidente castelhanismo *axada* em *estragada* (como no verso 7). Desta maneira o ditongo da palavra *impetuoso*, que no original deve ler-se com diérese, (duas sílabas), deve contar-se na nossa versão como uma só sílaba (sinérese) para manter a métrica.

O poema foi publicado em castelhano em *Rumores* (pp. 25-26) e foi traduzido livremente em *Queixumes*, mantendo a métrica e a rima.

Eis o poema, como aparece em *Rumores*:

EL CABO

Desierto, pensativo y silencioso
Está... y su punta sin cesar blanquea;
Y de antiguo combate y de sufrida
Derrota, sin cantor, la historia cuenta.
Sombrío está en la tarde el escarpado
Cabo; quizás em lo infinito sueña.

* * *

Rudo es el cabo; muy ajado tiene
El rostro oscuro el denodado atleta;
El huracán con su abrasado soplo,
Arrebató sus indigentes breñas;
Y no oculta del rayo vengativo
La altiva frente, perdurable huella;
De Luzbél compañero en la derrota,
Cumple quizás una fatal condena.....

Testigo de naufragios y combates,
Entre la niebla taciturno piensa
En su alto origen, y en los bellos días
De su pasada juventud risueña,
Cuando al principio, lleno de hermosura,
Salió del seno vírgen de la tierra,
Cuan demudado está, de aquellos días
De juventud, el denodado atleta...

* * *

Asi nuestra alma, cuando la alegría
Le ha abandonado de la edad primera,
Ajada por el viento impetuoso
De los pesares é infortunios queda;
Y el corazon tambien cuando perdimos
La mujer, ay! que el alma un dia eligiera.

XXI. [A] 3, feo, brétomas; 4, uces; 5, cando; 6, gandra; 7, suidades; 9, solo; 10, Donde me põn mala cara; 12, por demais buscála; 13, aires; 14, donde; 15, levad' esta; 16, levá d' esta terra estraña; 19, nin; 20, auga; 21, nin teñen, en vez de frores; 22, solamente uces; 23, caraute; 28, Ben soas e ben escravas; 29, donde; 33, feo, brétomas; 34, uces.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v. 1-17-31: Deve ler-se *rio* como monossílabo por razões métricas (Ferreiro, pp. 227).

v. 9: No original tínhamos “solo sei que estou de mais”. Ao mudarmos o castelhanismo *solo* em *só*, o verso fica com uma sílaba menos. Como havia que fazer sinalefa entre *que* e *estou*, agora é necessária a diálise (ou hiato) para mantermos a contagem silábica.

v. 10: No original tínhamos: “Donde me põn mala cara”. Alteramos os castelhanismos *donde*, *pôn* e *mala* em *onde*, *põem* e *má*, com o que o verso fica com as mesmas sílabas se lemos a forma verbal *põem* como hiato.



v. 12: No original: “Está por demais buscála”. Ao corrigirmos *buscála* em *procurá-la*, o verso fica com uma sílaba mais, que solucionamos eliminamos a preposição *por*, que é desnecessária.

v. 16: No original: “Levá d’ esta terra estraña!”. A forma verbal *levá* é uma contração da forma verbal *levai* + a preposição *a*. Ao corrigirmos esta forma, o verso fica com uma sílaba mais, que resolvemos utilizando uma paráfrase.

v.21: Ao mudarmos a forma verbal, o verbo fica com uma sílaba menos, por essa razão incluímos a conjunção copulativa ao começo do verso.

XXII. [A] 1, lbas; 2, lbas; 4, levouch’a faldra; 5, vállam’os; 6, vin; 7, Dendes, sofrindo (rima); 9, conocin; 10; decindo (rima); 11, Vállam’os; 12, vin; 13, enemiga; 14, qués; 15, salla; 16, qués; 17 vállam’os; 18, vin.

[B] O poema é uma combinação de versos eneassílabos (com acentos em 4ª e 8ª sílaba) - ou bitetrassílabos (dímetros composto de dois tetrassílabos, com cesura átona)-, com versos tetrassílabos. Manuel Ferreiro considera, porém, que se trata de versos decassílabos e hexassílabos (eneassílabos e pentassílabos segundo a métrica portuguesa (pp. 229). O seu esquema seria: 9a, 4-, 4b, 9a, 4-, 4b, tendo os versos eneassílabos rima consoante e os quatrissílabos rima consoante no poema original (que na nossa versão têm rima assoante, por utilizarmos *vi* em vez de *vim*).

Note-se que, unindo os tetrassílabos sem rima aos que a têm, teríamos uma quadra de versos eneassílabos compostos (ou bitetrassílabos), com rima cruzada: 9a, 9b, 9a, 9b.

[C] v.4: Modifico *faldra* em *saia*, que é o que se depreende do contexto.

v.7 e 10: Ao corrigirmos as formas verbais *sofrindo* e *decindo* por *sofrendo* e *dizendo* modifica-se a rima primitiva. Nestes verbos houve uma mudança da segunda conjugação para a terceira pela influência do castelhano.

v. 14 e 16: Ao modificarmos *qués* em *queres*, os dois versos resultaram com uma sílaba mais.

XXIII. [A] 1, Cando, anduriñas; 2, baixo um aleiro; 6, co pico baixo da ala; 7, N’ aquel; 9, cando, estudante; 10, ô; 12, fea; 13, ó; 14, soas, gandas; 16, O; 17, Pol’ agresta soedade; 19, iba, entonces; 20, decide; 21, iba.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.2: Modificamos o verso original “*Baixo un aleiro pousadas*” em “*Sob um beirado pousadas*”, para evitarmos o castelhanismo *aleiro*.

v.6: Modifico o original: “*co pico baixo da asa*” em “*com o bico sob a asa*”.

v.7: Modifico *naquel* em *nesse*, já que de utilizarmos *naquele* aumentaria uma sílaba métrica.

v.20: Ao modificarmos *decide* em *dizei*, o verso fica com uma sílaba métrica menos, que solucionamos com a introdução do pronome pessoal *me*.

O poema foi publicado em *Rumores*, embora tenha passado a *Queixumes* com as seguintes variantes: 0, Perde o título “A volta ó eido”; 5, viaxeiras / viageiras; 19, Po-la soedade agreste / Pol’agreste soedade; 19, entonces / estonces; 20, Baura (em nota diz: “Antiguo nombre del territorio de Jallas”) / Xallas.

XXIV. [A] 1, punto; 5, Cand’inda; 9, non dice; 10, vergonzosa; 11, mais cando; 13, decindo; 15, cando ceivando; 17, seo; 20, calquer; 21, ventetes; 23, roubano; 25, mais cando; 27, decindo.

[B] Trata-se de um romance de versos tetrassílabos.

[C] v.9: No original: “Non dice nada”. Ao mudarmos a forma verbal, o verso fica com uma sílaba menos, que solucionamos introduzindo a conjunção copulativa *e*.

v. 15: Utilizamos a forma “*largando*”.

v. 23: *ventetes* = *ventinhos*.



XXV. [A] 2, podo acordar; 5, Cal; 8, se puxeron; 9, Decide; 10, oíches sin; 12, ô; 14, xorogal; 15, ala; 18, cando; 20, subiar fan; 21, auga; 22, gusto; 24, Ca, ó, fai; 25, dicha; 30, solo o soen perturbar; 32, quezaiz; 33, sin; 34, ven; 36, cara ô, 37, O; 38, fai; 39, area; 40, soe; 41, N' aquel; 42, quentál-as; 44, o home alí seguro está; 45, sin, ningunha; 46, veña a; 48, conocen; 50, hai; 51, cal; 54, verdá (rima); 55, din que son un pouco mouros; 56, hastra; 57, mais; 60, ven; 62, sin; 63, conocida; 64, reina; 65, azotéas; 67, miradores; 71, Cando á ven; 74, O; 75, home; 77, e da vellez non probou; 79, Vasilveiro; 80, nin; 81, hai diversións; 82, hai; 83, mais probe, todo; 85, augas; 86, escuitálas; 88, con uns cantos avelás; 91, home sin; 92, trague; 93, cas; 94, como fixo de rapás.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.2: Modifico a forma *acordar* em *lembrar*.

v.9: Veja-se o comentário a XXIII, 20.

v.20: No original: “Que os ventos subiar fan”. Se corrigirmos *subiar* em *assobiar* e *fan* em *fazem*, o verso ficaria metricamente incorreto e com modificações na rima. Por isso, mantendo o significado original, propomos *que o vento fazem silvar*, metricamente regular.

v. 30: No original: “Solo o soen perturbar”. Corrigimos o castelhanismo *solo* em *só*, com o que teríamos uma sílaba menos. Corrigimos também *soen* em *costumam* e *perturbar* em *turbar*, desta maneira teríamos um verso regular com diálise ou hiato entre *só o*.

v.44: Modifico a ordem de *o home ali* em *ali o homem*, para mantermos a sinalefa.

v.54: De corrigirmos o castelhanismo *verdá* em *verdade*, haveria um erro de rima, por isso utilizamos a versão: “decerto, de cariz são”, para mantermos a rima.

v.77: Mudamos a ordem original para podermos utilizar o substantivo *velhice*.

v.88: No original: “con uns cantos aveláns”. Há neste caso uma influência do género masculino castelhano sobre o substantivo. Ao corrigirmos o verso teríamos “Com umas quantas aveléiras”, que apresenta

erros na contagem silábica e na rima. Por isso optamos pela versão “com aveléiras lançaís”.

v.94: No original “Como fixo de rapaz”. A forma verbal em português seria *fez*, com o que o verso ficaria com uma sílaba mais, que solucionamos mudando *algo o verso*, *mas mantendo a rima*.

O poema foi publicado em *Rumores*, (pp. 45-49), e apareceu em *Queixumes* com numerosas variantes: 0, elimina-se o título “A aposta”; v. 1-12 de *Rumores* não aparecem em *Queixumes*, (sendo aqui só 10), pelo que a diferença é de dois versos entre as duas versões. Estes 12 versos introdutórios dizem assim: Un pescador, rapás novo, / E un pastor que en corpo é edá / Non pasaba ô compañeiro, / Fixeron aposta tal: // 5 De manifestar cantando, / (Se nos céos beleza hay) / Donde hay cousas mais garridas, / Se na terra, se no mar. // Alternando os dous rapaces / 10 Logo á vos ô vento dan: / Decide, ventos de Baura, / O que oíches sin tardar; v. 29 ((27 em *Queixumes*) há nota de rodapé que diz: “Conjunto de pequenos cerrados, pertenecientes al cultivo de Vilela de Nemiña, en el distrito de Mugia, celebrados por las hermosas perdices que al *ichó* se cogen en su recinto”); 33, ó algunha gralla / 31, ou vaga gralla; 35, sin xente é mouros / 33, sin gente, mouros; 36, lonxe / 34, longe; 49, lonxe / 47, longe; 53, Como unhas redes, que ô sol / 51, Que cal mallas d’un tramallo; 54, Soas, tendidas están / Entretecidas están; 56, mas no mais / 54, hé verdá; 57, tèn a cara fea / 55, son un pouco mouros; 58, cara fea non tèn tal / 56, E hastra mouros por demais; 59, Têna muy doce é alegre / He certo, mais son alegres; 62, lonxe / 60, longe; 68, Todos ó nome lle dan / 66, A fada de leve van; 71, gentil / 69, gentil; 74, lonxe, / 72, longe; 78, xa / 76, já; 80, enoxoso / 78, noxoso; 81, Vasilveiro (em nota de rodapé diz-se que é um “pequeño y pintoresco lugar cerca de la desembocadura del río Castro, en el mismo distrito) / 79, Basilverio; 88, xenio / 86, genio; 89-90 de *Queixumes* não aparecem em *Rumores*; 92, traje / trague.

XXVI. [A] 1, O abrigo de; 2, ó; 3, hai; 4, pieitando; 5, C’ un, pieite; 6, ó; 9, Manoel; 13, Arxomil; 14, m’ esquencerán; 15, Rodríguez; 18, Cristobo; 20, Manoel; 22, poido escoitar; 23, aire muy recio; 25, cal; 26, O;



29, Suxo; 30, Villarmide; 35, Bergantiña (sic); 36, ti nacél-los viches; 43, rapacetes rebertes; 47, clunas, pulacio.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.1: Para que o verso seja heptassílabo, é necessário realizar uma sinalefa entre *ao abrigo*, computando-se unicamente três sílabas.

v.17: *Castinheira* parece tratar-se aqui de um apelido e não de um topónimo, hipótese que confirmaria a ausência de vírgula no original.

v.23: Ao mudarmos o castelhanismo *aire* em *ar*, o verso fica com uma sílaba menos, que repomos ao mudarmos *mui* em *muíto*.

v.47: No original temos: “*Nas c'lunas do meu pulacio(sic)*”. Se desfazemos a síncope de “*c'lunas*”, o verso teria uma sílaba métrica mais, que eliminamos se mudamos *palácio* em *paço*.

O poema foi publicado anteriormente em *Rumores* (pp. 53-55), encontrando entre eles as seguintes variantes: 0, (perde o título “A fada Rouriz”); 1, d' Ouras (em nota diz-se que é o vento “Del Noroeste, que sopla del lado de Ouras”) / círculo; 3, Casaes (em nota diz-se “Antigua denominación de los Casás”) / Casás; 9, (em nota a *Rumores* diz-se: “Los nombres que aquí se citan son los de aquellos que fueron nuestros colegas de gramática latina. El autor se cree en el deber de tributarles este pequeño recuerdo”); 13, olvidarán / esquencerán; 26, lonxe / longe; 27, Muxia / Mugia; 35 Bergantiños (corrigido pelo autor) / Bergantiña (seguramente é uma gralha); 43-46 de *Queixumes* não aparecem em *Rumores*.

XXVII. [A] 1, poidera, 2, pillarte sóa; 3, seo; 5, edra; 6, cenguidora; 9, dárche; 11, decírch' o oído; 13, E o término atopar da esquiva ruta.

[B] O poema é uma combinação de versos tetrassílabos com um decassílabo heroico (com acentos em 2ª, 6ª e 10ª sílaba), com rima assonante nos pares.

[C] v.13: Ao corrigirmos o castelhanismo *término* em *termo*, encontramos com que devemos eliminar a sinalefa entre *termo encontrar*. Mudamos, igualmente, o verbo *atopar* em *encontrar*.

XXVIII. [A] 5, bóo; 8, no na viches; 9, tomá; probádemo; 10, sin; 11, bóo; 12, mais mellor he quen' ó mide; 16, anque compañeiros ides; 17, De viage, dí qu' em terra; 18, Bem diferente naciches; 19, Ti; 21, lán; 22, lán; 23, pol-os; 24, calzoncillos pide; 25, anqu' hé moito preguntar; 26, De donde és has de decirme; 27, son, non'-o nego; 28, De terra bem soa e triste; 29, son, nai, uces; 30, oíches; 31, Ti, chaqueta; 32, dichosa dime; 33, dí.

[B] Neste poema encontramos numerosos castelhanismos, que têm afetado a rima quando os corrigimos.

[C] Metricamente é um romance de versos heptassílabos.

v.12: A forma verbal *mide* apresenta uma influência do castelhano, ao mudar a raiz *med-*, que corresponde à 2ª p. do Presente de Indicativo, por *mid-*, que é a raiz do verbo em castelhano, afetando à rima. Tivemos que optar por uma paráfrase para evitá-lo.

v.16: Se mudarmos o arcaísmo *anque* em *ainda que*, o verso ficaria com uma sílaba métrica mais. Optamos por mudar algo o verso sem afetar ao sentido.

v.17-v.18: Se corrigirmos a forma verbal em posição de rima, produzir-se-ia um claro erro. Tivemos que realizar outra paráfrase nestes dois versos para evitá-lo..

v.24: Ocorre o mesmo que com o verso 12, a raiz *ped-*, da 2ª p. singular do presente de indicativo, mudou-se em *pid-* por influência do castelhano, pelo que tivemos que procurar um verbo que rimasse e que tivesse um sentido equivalente.

v.26: Outra vez, no caso de mudarmos a forma verbal em posição de rima *decirme* em *dizer-me*, a rima original ia estar alterada, pelo que optamos por uma paráfrase dos versos 25-26 para evitá-lo.

O poema foi publicado anteriormente em *Rumores* (pp. 57-58), apresentando estas variantes com respeito à versão de *Queixumes*: O, (perde o título: “Xente Allea”; 5, bo / bóo; 6, (em nota a *Rumores* diz-se: “ Lugares en el distrito de Coristanco”); 17, viaxe / viage.



XXIX. [A] 2, tes; 3, pois din; 4, amparo buscáno; 6, pleito heredado; 8, sobre del; 10, ó, almenados; 11, conoce; 12, naceches desleirado; 14, calabozos; 15, Así decía; 16, ô desleirado; 18, preto pasaba; 19, vágoas.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.3: Ao mudarmos o original *din* em *dizem*, tivemos de eliminar a partícula *pois*, para regularizarmos a métrica.

v.4: No original: “*Os reis amparo buscáno*”. Ao termos de mudar a forma verbal *buscano* em *buscaram*, tivemos de deslocá-la ao interior do verso e deixar a palavra *amparo* em posição de rima.

v.6: Ao corrigirmos o castelhanismo *heredado* em *herdado*, o verso ficou com uma sílaba menos, que solucionamos engadindo o artigo *um*.

v.11: Este verso refere-se a Pedro Castro de Remesende.

O poema foi publicado anteriormente em *Rumores*, encontrando-se as seguintes variantes com respeito à versão de *Queixumes*: 0, (perde o título em *Queixumes*: “Hermesinda de Barcala”); 1, (em nota de rodapé em *Rumores* diz-se: “Pedro Castro de Remesende, hijo de Diego y nieto de Lope Castro de Remesende, señores del Castillo y Castro del mismo nombre, en el territorio de Bergantiños”); 4, buscaron / buscáno; 7, alza / ergue.

XXX. [A] (Neste poema unicamente o verso 6 e os versos 61-134 estão em português da Galiza).

63, ala; 65, suidosos; 68, cal; 69, fóno; 70, volverán; 72, brétoma alumbrar; 73, Os; 76, cando, allea; 78, pinal, Froxán; 79, os teus arbres, já encurvados; 80, fai; 81, os cubría; 82, ó lonxe (sic) caer vai; 84, ó, escoitar; 86, huracán; 87, ramas antigas; 88, ráfaga, fai; 89, pinos; 90, na pendente; 91, parecidos ós; 93, mocidade; 94, Can diferente; 96, soán; 98, antr' ó; 100, ora non fai resoar; 101, bóveda; 102, chea de nobre beldá; 103, ó; 104, soedá; 105, sóo; 106, soe; 108, quezais; 109, O cervo selvag' enton-ces; 111, amedrentado; 112, vigilante ademán; 114, ponse, escoitar; 115, selvage; 116, secreto afan; 118, pol-o; 120, Q' antre; 121, a cabo de ti; 122, c'unha; 124, os dias da verde edá; 125, Cas tuas augas pasáno; 126, volve-rán; 128, pinar, Froxán; 130, da tua edá; 134, alumbra.

[B] Poema bilingue, no que há uma intenção literária na utilização de duas línguas. A parte em galego-português apresentamo-la (ao igual que no original) em itálica. Metricamente é um romance de versos heptas-sílabos. Apresenta duas rimas diferentes. uma para cada rima do original. Os versos em castelhano abarcam os fragmentos 1-60 (excepto o verso 6) e 135-152, e dizem assim:

En túrbia noche de invierno,
La luna su rayo tímido
Lanza acaso, — y centelléan
Los bellos cascos bruñidos
De Cairbár y Gundariz, 5
«os de corpo bem cumprido;»
que á Tura, ciudad de Ullin,
Estaban poniendo sitio.

Los dos héroes esforzados,
Semejan dos altos pinos, 10
Que están en pendiente inculta,
Por niebla medio escondidos.

Los guerreros de Cairbar,
Del comun sufrir rendidos,
Yacen en profundo sueño, 15
En brazos del dulce olvido.

Mas los nobles extranjeros,
En silencio, no dormidos,
Sus recuerdos en secreto,
Envían al pátrio nido; 20
Y ven pasar á sus ojos,
Los dulces campos nativos.



Con un acento armonioso,
 Al murmullo parecido,
 De las olas, en las rocas 25
 De la costa de Barizo;
 Cuando los vientos reposan,
 En bella noche de estío,
 Dijo Cairbar:
 – «Gundariz,
 De origen esclarecido; 30
 Oh nieto de Gondomil,
 Y del noble Curban, hijo;
 Ora que nuestros aceros,
 Al ócio están convertidos,
 Y que la dormida tierra, 35
 Envuelve un silencio amigo;
 Oh! cuéntanos de tu pátria,
 Los recuerdos que ya han sido:
 Un extranjero relato,
 Es tan grato á mis oídos, 40
 Como de acorde instrumento,
 El melodioso gemido».

Y Gundariz el prudente,
 En estas palabras dijo:
 Con una voz dulce y suave, 45
 Y misterioso ruído;
 Cual en las tardes de invierno,
 El lamentar indeciso,
 Del viento en las hojas secas,
 De los robles de Lourido: 50
 - Cairbar, de noble estatura,
 Como esbelto y alto pino,
 de la *gandra*, y solo en esto,

A Gundariz parecido:
 Los acentos de mi pátria, 55
 Son tristes y fugitivos;
 De tal modo, que si acaso,
 Los oye el atento espíritu,
 Suelen dejar melancólico,
 Al mortal que los ha oído. 60

 – Gundariz, (dijo Cairbar) 135
 Entre mil el distinguido,
 Oh nieto de Gondomil,
 Y del noble Curban hijo:
 Los acentos de tus bardos,
 No sé donde los he oído; 140
 Vuestra pátria es una pátria,
 Cuya hermosa faz he visto;
 Y me traen remembranzas,
 De otros tiempos que ya han sido;
 No sé como, ni sé donde, 145
 Mas cuyas notas percibo.

Dijo; y Gundariz el fuerte,
 De recuerdos conmovido;
 Por disimular el llanto,
 Que al ojo asomó furtivo; 150
 Con la visera del casco,
 Cubrió su rostro divino.

[C] v. 25: Existe diálise ou hiato em *sobre as*.

v.27: Para que o verso seja regular deve haver diálise em *quando*

os.

v.67: Na edição da R.A.G. "Esplendor dos velhos tempos".



v.79: No original: “Os teus arbres, já encurvados”, com evidente castelhanismo na mudança de género da palavra *árvore*. Se corrigirmos em *as tuas árvores*, o verso ficaria com uma sílaba mais, que solucionamos eliminando o advérbio de tempo *já*.

v.102: Mudo o original: “*chea de nobre beldá*” em “*de beldade sem igual*”, corrigindo o castelhanismo *beldá* e mantendo o sentido.

v.115: Ao modificarmos *selvage* em *selvagem*, o verso poderia ficar com uma sílaba mais, pelo que devemos fazer sinérese (algo forçada, porém) em “tua”.

124: No original aparece: “*Os dias da verde edá*”. O castelhanismo *edá* poder-se-ia corrigir em *idade* ou bem procurando uma palavra diferente que tivesse rima, como tentamos conseguir. Para isso tivemos de mudar, igualmente, o adjetivo que o acompanhava.

v.130: Mudo *da tua edá*, castelhanismo evidente, em *afinal*, por razões de rima.

v.134: Ao mudarmos *alumbra* em *alumeia* é necessária a leitura monossilábica da palavra *luar*, realizando uma sinérese.

O poema foi publicado anteriormente em *Rumores* (pp. 61-67) apresentando as seguintes variantes com respeito à versão de *Queixumes*: 0, (em *Queixumes* perde o título e a indicação posterior: «“El recuerdo de la patria” (Sobre motivos de Ossian)»); 1, noche turbia / turbia noche; 3, envía, y hace brillar / lanza acaso y centellean; 4, (em *Rumores* diz-se de Gundariz: “Gundariz, segun una tradicion, gefe (sic) de la tribu de los Celtas que habitaban entre la punta de Roncudo y la de San Adrian”); 64, (em *Rumores* diz-se a pé de página: “El Villano”); 66, Fungar (em nota diz-se: “Fungar, tierra verde y hermosa a la vista. Tambien se dice pinar que murmura, segun la tradicion de los habitantes de la costa del N.O.; con cuyo nombre dicen, designaban á Galicia los Celtas nuestros antepasados”)/ Finian; 72, a alumbrar / alumbrar; 76, estraña / allea; 78, (em *Rumores* diz-se em nota de rodapé: “Lugar perteneciente a la parroquia de San Adrian de Corme, en la expresada costa”); 79, xa / já; 89, lonxe / longe; 96, foxen / fogen; 100, non estremece ora xá / ora non fai resoar; 104, soledá / soedá; 105, só / sóo; 109, ciervo salvaje / vervo salvage; 110,

na tua maleza / no escuro mato; 113, xentil / gentil; 121, rebrama preto de ti / A cabo de ti rebrama; 122, Con unha voz eternal / C’unha troste voz lanzal; 123, Torrente / Regueiro; 125, pasaron / pasáno; 131, Dormen ó redor de ti / Non longe de ti repousan.

XXXI. [A] 1, Engañosa; 3, brétoma; 6, miñán; 9, nin, anguía; 10, mans, 11, Mira, ‘state quedo; 12, fagas; 13, che; 14, che; 16, a nosa antiga edá; 17, préndal’a faldra de brétoma; 18, vagar; 20, escuitar; 22, suidades daquel; 23, cando; 24, soes; 26, ch’o juro, nai; 27, coma, oso, atopa.

[B] Combinação de versos heptassílabos com dois eneassílabos, com acentos em 3ª, 6ª e 9ª. Manuel Ferreiro (p. 244), considera, contudo, que o poema “é unha combinación métrica de versos octosilábicos [os nossos heptassílabos] cun hendecassílabo [decassílabos segundo a nossa contagem], como QP 61 e 65”. Dos dois versos longos que achamos no poema, só o verso 27 poderia ser considerado como decassílabo (hendecassílabo da métrica espanhola), fazendo diálise ou hiato entre *coma un*: co/ma/ un/ o/so/ qu’a/to/pa/ fa/min/to = 10 sílabas. O verso 17, não obstante, nunca poderia ser decassílabo (ou hendecassílabo, segundo a contagem da métrica espanhola que emprega Manuel Ferreiro): Non/ me/ prén/da/-la/ fal/dra/ de/ bré/to/ma= 9 sílabas.

[C] v.11: Corrigimos a forma verbal *mira* em *olha* e a expressão ‘state quedo em *fica quieto*.

v.16: No original aparece: “*Desd’ a nosa antiga edá*”, com um castelhanismo inaceitável em posição de rima. Vimo-nos forçados a mudar todo o verso, embora mantendo o significado original.

v.17: Corrigimos *faldra* em *saia*, que é o que se depreende do contexto.

v.22: Mudamos *daquel* em *desse*, para mantermos a métrica, já que a forma *daquele* implicaria uma sílaba mais.

v.26: Mudamos *cho juro* em *juro-o*.

v.27: Corrigimos o castelhanismo *oso* em *urso* e mudamos o arcaísmo *atopa* por *encontra*.



XXXII. [A] 1. o arume; 3, soiña, pinales; 5, Volvío; 6, y sin; 7, pinos; 9, entonces; 10, quezais; 11, pinales.

[B] O poema está formado por três estrofes de quatro versos, os três primeiros heptassílabos e o quarto trissílabo, com rima assoante nos pares.

[C] v.5: Ao corrigirmos *volvío* em *voltou*, é necessária uma diérese na forma verbal, para mantermos as sete sílabas métricas.

v. 9: Ao mudarmos o castelhanismo *entonces* pela forma padrão *então*, devemos realizar diálise ou hiato em *des-de / en-tão*.

XXXIII. [A] 2. coménzase de fundir; 3, montesías; 6, volví o; 7, Sóo, pol-a gandra; 8, uces; 9, soedade; 10, decía así; 12, oir; 13, uces; 14, o; 15, antr' elas; 16, gemir; 17, antes; 18, 'stá; 19, mais; 21, o, dereito; 25, contempraban; 29, quedará; 31, cando; 34, quezais; 35, cando, gia; 36, vexe, luna; 37, ó.

[B] Combinação de versos decassílabos e heptassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.1. Modifico o original: “*coménzase de fundir*”, por “*começa a se fundir*”.

v. 16: Aparece a forma *gemir* em posição de rima, como não podemos utilizar a forma padrão *gemer*, optamos por um sinónimo como *carpir*, para mantermos a rima.

XXXIV. [A] 1, rapaceta; 2, coma, fror; 4, augas; 7, cando; 8, sae; 9, antre; 11, seo; 12, Anllons; 13, tirache; 14, condición; 15, meniña; 22, pol-o, boo; 24, prácido; 25, e daquel, fame; 29, a mazan no seu árbre; 31, fuxas, rapaceta; 36, d' amor; 41, pace, gandra; 42, toxo mol; 43, cando; 45, hastr' os, 48, pero; 49, nin; 51, ó.

[B] Poema composto por versos hexassílabos, decassílabos e por dois pentassílabos (os versos 53-54). A rima é assoante nos pares.

[C] v.16: Em Ferreiro: “*O que p'ra dar se dou*”. Com esta solução, o sentido do verso fica mais claro do que no original.

v.25: Se mudarmos *daquel* em *daquele*, o verso fica com uma sílaba mais, e para regularizarmos a métrica devemos tirar a conjunção copulativa. Outra solução seria mantermos *daquel* e considerar que há uma apócope.

v.29: Mudamos a forma castelhanizada “*o seu arbre*” em “*a sua árvore*”.

v.48: Mudo a conjunção adversativa *pero*.

v.53-54: Poder-se-ia considerar que estes versos são pentassílabos devido apenas a um erro tipográfico. M. Ferreiro explica-o devido à ausência do artigo (p. 251). O texto restaurado poderia ser: “[o] negar é crueza / [o] ceder é razão”.

XXXV. [A] 1, cando; 2, sae, fror; 3, ó; 4, estación; 5, cando; 9, entonces dó bardo o espírito; 10, antr' as uces; 12, en donde; 13, mentras; 14, innobre, .

[B] Combinação de versos heptassílabos, eneassílabos e um hendecassílabo. A rima é assoante nos pares.

[C] v. 9: Modifico o castelhanismo *entonces* em *então*, o verso não modifica a métrica, ainda que seja necessário eliminar uma das sinalefas que existiam no original.

v. 12: No original temos “*en onde*”, castelhanismo evidente. Ao corrigirmos esta expressão por “*onde*”, o verso fica com uma sílaba menos, que solucionamos acrescentando o advérbio *ali*, que faz sinalefa forçada com *onde*.

v. 15: O original é um hendecassílabo. Ao corrigirmos *entonces* em *então*, temos que deslocá-lo para manter a métrica.

XXXVI. [A] 2. zreixal; 5, en onde; 6, zolás; 7, antr' as; 8, quezais; 10, hai; 12, sin; 13, rapaceta; 14, de tan curta edá; 17, ós; 18, deño, Jan; 19, dill' éste a meniña; 22, zreixas hai; 26, zreixas; 27, díxolle; 28, a tenra beldá; 29, sube abranguélas; 30, che gusto; 31, podo; 32, podo aganchar; 33, ti puderás; 34, san; 37, E tés uns cachetes; 38, mazáns; 39, pró mira; 41, Jan; 43, gran pillo; 44, tumbouse; 45, meniña; 46, sin; 48, zreixal; 49,



cando; 50, na faena está; 51, cereixas; 54, deño, Jan; 55, donde; 56, puxo; 57, Mais; 60, mazan; 62, gracia sin; 63, lle di; 64, quedo, Jan; 65, juicio; 66, pois n' has; 67, mira, eso; 68, eso; 70, lle dixo; 71, juróo; 72, que n'has; 73, Bofellas; 74, plo; 76, cas mans; 78, aquel; 79, obedente; 80, cas; 81, zreixas; 83, apartando; 84, c' a; 85, mais, sin; 86, diaño; 87, entrabrindo; 88, d' entrambas, mans; 89, astuto, as furtadas; 90, volvío; 91, mais; 93, lle dixo poñéndose; 95, zreixas; 97, corraxe; 98, en verdá; 99, de verias; 100, quezais; 101, faltache; 102, quedo, Jan; 103, juicio; 105, Mira, eso, serve; 106, eso; 108, baixou do zreixal.

[B] Trata-se de um romance de versos pentassílabos.

[C] v.2: No original temos *zreijal*, com síncope da vogal pretónica e ditongação. Mantenho a síncope por razões métricas e elimino o ditongo, seguindo a forma padrão da nossa língua.

v.14: Modifico o castelhanismo *edá*, que aparece em posição de rima, por uma expressão que mantenha o significado. Assim “*de tan curta edá*” aparece na nossa versão como “*de idade lançal*”.

v.28: Para corrigir o castelhanismo *beldá*, que aparece em posição de rima, tenho de mudar todo o verso num outro que mantenha o significado original.

v.39: Modifico a expressão “*pró mira*” em “*mas olha*”.

v.43: Utilizo a expressão “*malandro*” em vez da do original “*gran pillo*”.

v. 50: Modificamos o castelhanismo “*faena*” por um sinónimo.

v.63: De mudarmos *di* em *diz*, o verso ficaria com uma sílaba mais. Para evitá-lo levo o pronome tónico à posição enclítica.

v.66: Ao desfazer a violenta crase de *n' hás*, o verso fica com uma sílaba mais, que solucionamos eliminando a partícula *pois*.

v.70: Mudo *lle dixo* em *disse-lhe*.

v.72: Ao desfazer a crase em *n' hás*, o verso fica com uma sílaba mais, que eliminamos retirando a conjunção *que*.

v. 73: *Bofelhas* = certamente, decerto.

v.74: No original, “*Plo santo San Joan..*”. Utilizamos, melhor, a frase “e pelo São João”.

v.78: Ou mantemos a forma *aquel*, com apócope, ou a mudamos em *aqule*, com o que o verso ficaria com uma sílaba mais. Optamos pela opção de mudarmos *aquel* em *esse*, para regularizarmos a métrica.

v.93: Modificamos todo o verso original, devido à impossibilidade de o corrigirmos sem afetar a métrica. A opção: “*lhe disse, pondo-se*” teria uma sílaba menos. Por isso alteramos o primeiro verbo em *respondeu*, e colocamos o pronome enclítico.

v.98: Mudamos o castelhanismo *verdá*, pela expressão *sem par*, já que a utilização de *verdade*, implicaria um erro de rima.

XXXVII. [A] 1, Castaños de Dorneá; 5, Ou castaños, somellantes; 6, Os; 7, edras demostran; 10, bretumoso; 14, desgornecidos; 15, Ó impulso das duras ráfagas; 16, caer; 19, inda; 20, meniño; 21, coma; 23, vellez; 24, despois do bo; 25, volvemos; 26, mais; 28, temprado; 29, frentes; 30, volverá; 31, co' a; 33, Mais; 35, co' a; 36, volve; 37, nin, ô; 39, Así decía; 41, despois; 42, O, volvío; 43, Mais, con todo, anqu'era; 44, O; 45, frente; 46, récias vágoas lle cobriron.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.1: Devemos realizar sinérese em *Dorneá* ao utilizarmos o substantivo *castanheiros*.

v.15: Para modificarmos o castelhanismo em posição de rima, devemos realizar uma alteração do verso.

v.43: Modificamos o verso *Mais con todo, anqu' era forte* mantendo o significado.

v.46: Modificamos o verso original para mantermos o significado, a rima e a medida.

XXXVIII. [A] 3, mirálo; 4, perdicion; 7, gorchetes; 9, cando, aires; 10, ó; 11, pregues; 12, ó rededor; 14, bóo; 15, pró; 16, intención; 18, ch'o; 19, Collíome; 22, No oido me soprou; 23, díxome; 24, C' un aire; 25, díxome; 26, boo; 28, seo; 31, Cousas que m' el dixo; 33, faga; 34, ch' o crea; 36, ch' o; 37, Fúnlle, virge; 38, Consolacion; 41, cando m' atopo soa; 43, n' esprico; 45, podo; 46, Virge; 50, turbación; 52, ch' o.



[B] Combinação de versos pentassílabos (no estribilho, vv. 13-18, 31-36 e 47-52) e hexassílabos no resto da composição, exceptuando no original o verso 40: “sua meiga voz”, que é pentassílabo, embora, coerentemente, Manuel Ferreiro o corrija em “[a] sua meiga voz”, para que seja hexassílabo (ou heptassílabo no seu cômputo). A rima é assoante nos pares.

[C] v.11: Modifico o género de “*garridos pregues*” pela forma padrão com género feminino.

v.12: Mudamos a forma *rededor* na padrão *ao redor*, com o que o verso ficaria com uma sílaba menos, se não acrescentássemos o adjetivo possessivo.

v.18: Elimino todos os pronomes “*che*” que há no poema.

v.31: Elimino o pronome pessoal *el*.

v.38: Ao mudarmos *Consolación* em *Consolação*, o verso fica com uma sílaba menos.

v.40: No original falta o artigo que acompanharia o adjetivo possessivo, artigo que Manuel Ferreiro incorpora para conseguir um verso metricamente regular.

v.41: No original, “Cando m’ atopo soa”, que mudamos na forma “Quando estou sozinha”.

v.43: Ao mudar a expressão *n’esprico* em *não sei*, a métrica fica regularizada, corrigindo-se a sinalefa tão violenta.

XXXIX. [A] 2, loce; 5, vagamundo; 6, sae, manida; 8, pol-a ruda marina; 9, a ‘quela, campana; 11, ó rudo; 12, fai decir; 13, entonces, ó; 14, antr’ as uces; 16, en donde o vento suspira; 17, entóncel-o’, cal.

[B] Combinação de versos heptassílabos, decassílabos e um bipentassílabo (o verso 17), com rima assoante nos pares.

[C] v.6: Mudamos o substantivo *manida* pelo padrão *guarda*.

v.16: Mudamos o original castelhanizado *en donde* pela expressão *lá onde*, para mantermos a métrica.

XL. [A] 2, pol-a; pol-a miñanciña; 5, é ben soparada e soa; 6, esta gandra.

[B] O poema compõe-se de dois tercetos de versos heptassílabos, rimando em consoante o primeiro e o terceiro, ficando o segundo sem rima.

[C] v.5: Mudamos o arcaísmo *soparada* pela forma padrão *afastada*, e corrigimos a forma *soa*, com flexão de género, pela forma padrão *só*.

XLI. [A] 1, depois; 6, Perdén; 7, medio, gandra; 8, Asomellante ó; 12, D’ unha; 13, cal; 14, cortada, soán; 16, magestuoso; 17, cal; 18, Desdeñou da tenra edá; 19, do, yelmo; 20, cinguío; 21, dend’ os 26, verdá (rima); 27, quixo; 28, peleár; 29, sin, fixesen, 30, nin volver; 32, brandéra; 35, cando; 38, soe; 39, caío cal, pino; 40, uces; 41, Mais, esprito; 43, Esto dixo; 44, sin; 47, inda; 48, encalleció; 50, toxo; 51, crece, gandra; 52, xogoral; 54, escuitar; 55, Dixo; 56, soán; 57, cando; 58, uces quezais; 59, esto dixo; 60, sin; 62, Ou, seo; 63, espuma; 64, cando sinten tempestá; 67, cal pino; 68, dereito; 69, antr’ os; 73, mais; 74, che praxe, escuitarás; 75, assim; 77, fror, gandra; 79, tallo; 80, ó, soán; 81, ó abrigo das hirtas uces; 82, Nais a sua tenra edá; 83, giada; 84, acougo; 85, Dichos’ éla, inda; 86, cando inda apuntando está; 87, do abrocho, unha doce causa; 88, corta; 89, vellez; 90, veña a; 91, Dixo, ó; 93, quedou; 95, sin; 96, Xallas; 97, antr’ as uces; 99, a; 100, c’unhas antes; 102, Doce da futura edá; 103, entonces; 104, probe; 105, tomáche; 106, sin.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.16: Ao mudarmos *majestuoso* em *majestoso*, o verso fica com uma sílaba métrica menos, que solucionamos acrescentando o artigo *um*.

v.18, 26, 64, 82 e 102: Ao corrigirmos os castelhanismos em posição de rima, produz-se um erro nesta que não podemos solucionar sem mudarmos totalmente a redação dos versos.

v.103: Ao corrigirmos o verso, devemos realizar hiato para mantermos a contagem silábica.



XLII. [A] 1, pinos, fan; 2, soedade; 4, tembrar; 5, meniña; 6, te quer matar.

[B] Metricamente o original apresenta dois tercetos de versos heptassílabos, com rima consoante entre o primeiro e o terceiro verso, ficando livre o segundo.

[C] v.1.: Se corrigíssemos a forma verbal *fan* na padrão *fazem*, o verso ficaria com uma sílaba mais, por isso mudamo-la noutra forma verbal monossilábica, neste caso *têm*.

v.4: Mudamos a forma verbal *tembrar*, em posição de rima, que se trata de um castelhanismo minimamente adaptado ao português da Galiza, pela forma *tremar*, que origina uma mudança na rima.

v.6: Para fazermos rimar este verso com o quarto, tivemos que deslocar a expressão *te quer* para a posição de rima.

XLIII. [A] 3, uces montesias; 6, parapetos; 7, cheos, froes; 8, uces; 10, fondos; 11, rampras; 12, encubertos; 14, boo, compreto; 15; Ou; 16, Antr' os; 17, coma; 18, contempro; 20, deféndel' o; 22, comprendo; 23, Cal; 24, mira, placer; 25, Así; 26, respete; 27, frente; 28, sello; 29, propio; 30, Qu' o tempo non se rendeno; 31, seas; 32, feneceron; 33, inda; 34, a povoar noso; 36, ó; 37, ó; 39, boo; 45, uces montesias; 46, domeaban co; 47, meniña; 48, íbase o.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.7: Mantenho a síncope de *v'rao* por razões métricas.

v.30: No original: "*Q' ó tempo non se rendeno*". Uma edição do tipo "*que ao tempo não se renderam*" implicaria um erro de rima. Se fazemos com que o verso tivesse rima, deslocando *ao tempo* para esta posição, o verso teria uma sílaba mais: "*que não se renderam ao tempo*". Para eliminarmos essa sílaba de mais, alteramos o tempo do verbo para o presente, sem que o verso mude assim o seu significado primitivo e regularizando a métrica e rima.

v.32: De mudarmos *feneceron* na forma padrão *feneceram*, o verso ficaria sem rima. Optamos por mudar esta forma verbal numa expressão que não alterasse o sentido do verso.

v.46: Ao mudarmos a forma *domeaban* na padrão *domavam*, o verso fica com uma sílaba menos, que repomos desfazendo a contração *c'o* em *com o*.

XLIV. [A] 4, sin; 6, soedá; 9, tamen; 12, miñan; 13, alas; 16, envidia; 17, c' unhas cintas; 18, calcañal; 20, gracia; 21, todo, impalpabre; 22, millor; 23, Pl' a; 24, conocél-a quezais; 25, víchela; 27, antr' as, uces; 28, Ou.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos com rima assoante nos pares.

[C] v.23: No original *p'la* (pela). Optamos pela forma *por*, a causa da métrica.

XLV. [A] 3, groriosos; 5, anque; 6, soportar; 9, asomellante ôs; 14, bem soía levar; 18, récio; 19, ceibaba; 20, resprandor; 21, A aquel que ceiba trás do escuro monte; 22, estrella, miñan; 23, Antr' as, brétomas; 25, dichosos; 26, inda ó; 27, cantas; 28, vexo, comprirá; 31, molente seo; 34, clan; 37, vagamundas; 38, cando; 40, afán; 42, ô; 43, sin conto; 45 areas, ruda; 51, soberbia; 53, coma inmensa balea; 55, despois de; 56, da; 57, salvages; 58, mudabre; 59, hastra, 62, fan; 63, hastra o; 64, sôn; 67, rudos; 68, fan; 69, forxando; 71, lazo récio; 73, reconcílien; 74, C' antiga; 75, bós; 77, cal; 80; de 82, soe, amostrar; 85, ti; 88, idade; 90, nóo sin; 92, contemprar; 93, bós; 94, hirmans; 95, nóo; 96, contringirás; 97, somellanza; 99, Sí; 100, apartados; 102, groriosa nai; 103, bóo; 105, tribu vagorosa; 106, clan; 107, o descarriado gando; 110, volverás; 111, pléyade; 112, loitar; 113, heredaran; 114, bóos; 117, sembrante; 119, do turbulento insomnio; 120, rudo; 121, valerosos; 123, somellantes á aqueles; 124, afan; 125, ruda; 126, nai; 127, amostrar fan, prantas; 131, os cativos ultráges; 135, quezais; 137, prevencion ignava; 141, canta, vexo; 142, que na futura edá; 143, da tua frente sae; 145, soe antr' as brétomas, 148, centelleando; 149, ós.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.



[C] v.14: Mudamos a expressão *ben soía* por *costumava*.

v.21: Se corrigimos *a aquel* em *àquele*, o verso ficaria com uma sílaba mais. Mudamos essa expressão em *ao que*, com o que se pode realizar também a mudança de *trás* por *detrás*, com o que a métrica fica regularizada.

v.41: Mantemos o substantivo *companha* por razões métricas, já que utilizar *companhia* implica uma sílaba métrica mais.

v.56: Ao mudarmos *da* em *a*, devemos realizar hiato (ou diálise) em *so-bre / a*.

v.68: Ao mudarmos a forma verbal *fan* na padrão *fazem*, devemos realizar uma sinérese em *ressoar* e ler o hiato como uma única sílaba.

v.74: No original: “*C’ antiga e común nai*”. Na nossa edição eliminamos a preposição.

v. 107: No original: *O descarriado gando*. Corrigimos o castelhanismo *descarriado* (= *extraviado*, *descarreirado*, *desencaminhado*, etc...).

v.142-143: O verso 142 “que na futura edá” tem uma castelhanismo inaceitável em posição de rima. Para podermos mudar esse castelhanismo, foi necessário procurar um verso diferente, embora mantivesse o sentido primitivo: “*num tempo por chegar*”. Este verso exige mudar a forma verbal do verso 143 do presente ao infinitivo, e termos que alterar a sua posição desde o final ao começo do verso, para mantermos assim regularizada a métrica.

XLVI. [A] 1, Cando, vexo m’acordo; 2, podo; 6, aló, medio; 10, hai; 11, areas; 13, mira; 14, ó; 15, sêo; 16, xogoral; 17, sóo de cando en cando; 18, s’ oi, compás; 20, ca; 21, pio; 22, dun paxariño quezais; 25, ó, lonxe, di; 30, nin; 31, buscan as; 34, onde testigos non hai.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.31: Ao mudarmos *buscan* em *procuram*, o verso fica com uma sílaba mais, que solucionamos eliminando o artigo.

v. 34: Ao mudarmos o castelhanismo *testigos* pela forma padrão *testemunhas*, tivemos que mudar o advérbio *onde* e colocarmos a conjunção *pois*.



XLVII. [A] 1, Pilléina antr’os pinos soa; 3, Quixo fugir, mais non pudo; 4, son; 5, rodillas; 6, rodillas; 7, rodillas; 8, Tembróu; 9, Cal, oída; 10, Dixo: - Pídocho por Deus; 12, oracions; 15, hastra; 16, fror; 17, nin; 18, montesío.

[B] Trata-se de um romance de versos heptassílabos.

[C] v.1: Para mudarmos o adjetivo *sóa* que em falares do português da Galiza apresenta flexão de género, tivemos de refazer todo o verso. Mudo o adjetivo *soa* em *a sós*, trasladando a expressão para o interior do verso, realizando uma sinalefa que permita que a contagem silábica seja regular.

v.3: Mudo a forma verbal *quixo* em *tentou*, já que a forma padrão *quis* implicaria que o verso tivesse uma sílaba menos.

v.10: Em posição de rima tivemos de modificar o castelhanismo “*Deus*” por um sinónimo, o que nos obrigou a refazer o verso.

XLVIII. [A] 1, Cal soe arboladura; 3, volume; 4, olas; 6, fai; 9, aires; 12, soberbia; 16, salvages; 17, decir, soberbio.

[B] Combinação métrica de hexassílabos com um eneassílabo e um bipentassílabo (hendecassílabo composto), com rima assoante nos pares.

[C] v.1: Modificamos o castelhanismo *arboladura* = *mastreação*.

XLIX. [A] 1, Gandra; 2, poidér’ antr’ as, uces; 3, a soas.

[B] Trata-se de um terceto composto por dois heptassílabos com rima assoante e um decassílabo sem rima.

[C] v.3: Modifico a preposição + adjetivo *a soas* na forma padrão *a sós*.

L. [A] 4, D’ edá tenra e igual; 6, cal dous avelans; 7, incrinados; 8, quezais; 9, vágoas; 11, cal; 13, direita; 14, Que soe tembrar; 15, c’ un ventete; 16, vran; 18, nai; 19, molente; 22, C’ a fresca miñan; 23, faldras; 24, compás; 25, cando; 26, Xallas; 29, decian, uces.



[B] Combinação de versos pentassílabos com bipentassílabos, distribuídas em três estrofes de dez versos, com o noveno bipentassílabo e rima asoante em *á*.

[C] v.4: Se modificamos o castelhanismo *edá*, o verso ficaria com uma sílaba mais. Por essa razão temos de utilizar um verso que seja sinónimo da expressão “D’ edá tenra e igual”.

v.6: *Aveláns* é um castelhanismo em posição de rima, que na forma padrão seria *aveleira*. Tivemos de procurar um verso que mantivesse o significado, mas modificando a palavra em posição de rima.

v.14: Temos de mudar a palavra *tremar* que aparece em posição de rima por um sinónimo.

v.15: Mudo a expressão *cun ventete* em *com um vento*.

v.23: Mudamos o substantivo *faldras* em *saías*, que é o que dá a entender o contexto.

LI. [A] 1, alas; 4, brétoma, galas; 6, desconocida; 8, espacio; 10, E as veces no aire; 12, soes sin; 13, alas; 16, n’ o percibe, oído; 17, mais; 19, Oín; 22, sentin, engebre; 23, fragancia; 24, cando, junta min; 25, co-nozo; 26, nin, a donde; 27, ou vas ou tornas, nin; 28, nin; 29, nin; 30; nin; 31, fui, gandra; 33, Buxán; 35, areas; 37, verdexantes; 40, pendentes; 43, curutos; 47, escuma; 48, resplandor; 50, pinos; 51, hai; 52, fui, gandra espaciaosas; 53, correduiras; 55, mais; 57, insinou; 58, nin; 60, gardou; 61, quezais; 64, quezais; 66, inda; 69, bóos; 70, quezáis; 72, avóos; 73, E pois no cárzle; 79, apreixando; 81, graciosos velos, tul; 84, ceos.

[B] Combinação de versos tetrassílabos e bitetrassílabos (eneassílabos compostos: 4(1)+4= 9 sílabas), distribuídos em estrofes de seis versos, aparecendo dois bitetrassílabos (um nos três primeiros versos e outro nos três últimos). Rimam em consoante dois dos três primeiros versos com dois dos três últimos e ficam dois versos sem rima. Encontramos três esquemas diferentes nas três primeiras estrofes, que se vão repetindo até ao final:

Primeiro esquema: 9a, 4-, 4b, 4-, 4a, 9b, que aparece nas estrofes 1ª, 4ª, 7ª, 10ª e 13ª.

Segundo esquema: 4-, 4a, 9b, 4-, 4a, 9b, que aparece nas estrofes 2ª, 5ª, 8ª, 11ª e 14ª.

Terceiro esquema: 9a, 4-, 4b, 9a, 4-, 4b, que aparece nas estrofes 3ª, 6ª, 9ª e 12ª.

Esta distribuição é algo fictícia, devido a que, eliminando os tetrassílabos sem rima e unindo-os aos tetrassílabos com rima, teríamos uma quadra de versos eneassílabos compostos (bitetrassílabos), com rima cruzada: 9a, 9b, 9a, 9b, com um único esquema métrico:

9a Fada garrida de leves asas,
9b que leda voas no doce Abril,
9a rompendo a brêtema com lindas gazas,
9b desconhecida, presta e gentil.

9a Fada que, às vezes, no espaço culto
9b dos pátrios agros costumava voar,
9a no ar, às vezes, do monte inculto
9b te sóis sem traças evaporar.

9a Das tuas asas o doce ruído,
9b e dos teus passos o grato som,
9a que não percebe o atento ouvido,
9b mas que só o sente o coração. (...)

[C] v.10: Se mudamos o castelhanismo *aire* na forma padrão *ar*, o verso poderia parecer que ficava regularizado, mas para podermos manter, como no original, a possibilidade de unir os tetrassílabos num único eneassílabo, tivemos que mudar também a ordem dos elementos.

v. 24: É preciso o hiato em *junto /a*.

v. 52: No original temos a forma *espaciaosas*, que é uma palavra de 5 sílabas, mas a forma *espaçosas* (que nós usamos) tem uma sílaba menos, por essa razão incluímos o advérbio *mais*.

v. 69-72: No original havia rima entre *bóos* e *avóos*.



vv.73: No original aparece o substantivo *cárzle* (= cárcere), que evitamos com um sinónimo como cadeia, o que nos obriga a eliminar a conjunção copulativa.

vv. 81: No original aparece a expressão *graciosos velos*, que em caso de regularizá-la seria *graciosos véus*, o que faria com que no primeiro hemistíquio do eneassílabo, tivéssemos um erro de acentuação (um tetrassílabo agudo, em vez de grave), pelo que optamos por deslocar a palavra *véus* ao começo do verso.

LII. [A] 1, donde; 2, donde; 3, as vira de longe; 4, ó; 7, d' anácre; 8, lostregando; 9, d'esplêndido lázuli; 10, ó; 12, con gran magestá; 13, perlas; 14, cal reinas; 15, Miréinas, miránome; 16, afan; 17, C' unha; 18, color; 19, Dios, que decirme; 20, querrán.

[B] Combinação de versos pentassílabos com um eneassílabo e um bipentassílabo (hendecassílabo composto). A rima é assoante nos pares.

[C] v.9: No segundo hemistíquio do bipentassílabo encontramos no original o substantivo *lázuli* em posição final. A forma padrão é *lazúli*, pelo que para mantermos a contagem silábica tivemos de mudar a ordem dos elementos e colocarmos o adjetivo *esplêndido* em posição final de verso.

v.12: No original: "con gran magestá", onde aparece um castelhanismo inaceitável em posição de rima. Tivemos de modificar totalmente o verso para conservarmos a rima e a métrica utilizada, embora mantendo parte do significado primário.

LIII. [A] 1, oracion; 3, nin Dios, nin.

[B] Trata-se de um terceto de versos heptassílabos com rima consoante entre o primeiro e o terceiro, ficando sem rima o segundo.

LIV. [A] 1, donde; 2, donde; 3, ó, augas; 4, as vin; 5, Conozo; 6, sua sirte; 7, aló; 9, bellas; 11, sobérbios; 12, color; 13, donde; 14, donde; 16, afan; 18, praya; 19, inda así, podo; 20, deseo; 21, buzo; 23, ó fondo; 24, arrancar; 25, luita; 26, escusá.

[B] Combinação de versos pentassílabos, hexassílabos, decassílabos e bipentassílabos. Na primeira parte do poema (vv. 1-12), que é muito parecido ao poema LII, repetindo mesmo os primeiros versos, encontramos pentassílabos e um bipentassílabo (hendecassílabo composto). Na segunda parte do poema (vv. 13-26) encontramos uma combinação de hexassílabos com um decassílabo. A rima é assoante em toda a composição.

[C] v.6: No original *sua sirte*, mas a palavra *sirtes*, em português, apresenta número plural (do gr. *Syrtis*, pelo latim *sirte* 'escolho').

v.12: Ao corrigirmos a forma castelhanizada *color* na padrão *cor*, o verso ficaria com uma sílaba menos, que solucionamos acrescentando a preposição *de*.

LV. [A] 2, probe, Xallas; 3, Canto hai, vin.

[B] Trata-se de um terceto de versos heptassílabos com rima assoante entre o primeiro e o terceiro, ficando sem rima o segundo.

LVI. [A] 2, Cand' era; 3, despois; 5, Pasáronse; 6, trouguera; 7, mucedá fui pasada; 10, tendel' os; 11, pasáno.

[B] Combinação de versos heptassílabos com tetrassílabos, distribuídos em quadras com rima assoante nos pares, sendo os três primeiros de cada quadra heptassílabos e o quarto um tetrassílabo. O último verso de cada quadra atua como um refrão.

[C] v.7: No original: "*A mucedá fui pasada*". O castelhanismo *mucedá* tem uma sílaba menos que a forma padrão da nossa língua. Por isso tivemos de eliminar uma sílaba, de aí que mudemos igualmente a expressão *fui pasada* na forma verbal *passou*, que regulariza a métrica.

LVII. [A] 1, fondo; 4, soando están soas; 5, vigilando; 7, prácido; 9, insomnes; 11, vano, febreito; 12, luitas; 14, vano; 17, Soberbias; 18, salvages; 21, cal.

[B] Combinação de versos pentassílabos e eneassílabos (com acentos em 3ª, 6ª e 9ª), com rima assoante nos pares.



[C] v.4: No original: “*soando están soas*”. Para modificarmos o adjetivo soas, que apresenta no português da Galiza marca de género, tivemos de modificar algo o verso, mantendo o significado primário.

v.22: No original aparece *curota*, que mantemos devido à rima. As formas da língua estándar são *coruto* ou *coruta*.

LVIII. [A] 1, Cando; 2, despoxos; 3, do verde; 5, dádelle sepultura; 6, aquel; 8, qu’ el mais amou de todos; 9, peregrinacion; 12, rudo; 13, ó, pol-a; 14, volvendo.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.3: Ao mudarmos o começo do verso: *sobre do verde* em *sobre o verde*, devemos realizar hiato em *sobre / o*.

v.5: Ao corrigirmos *dádelle* em *dai-lhe*, o verso fica com uma sílaba menos, que solucionamos engadindo o artigo perante o substantivo *sepultura*.

v.8: Se mudarmos o pronome *el* em *ele*, eliminando a apócope, teríamos uma sílaba métrica mais, que eliminamos levando a forma verbal para diante do advérbio de quantidade: *que ele amou mais de todos*, permitindo assim a sinalefa entre *ele* e *amou*.

LIX. [A] 1, pino; 2, sin; 3, aire; 4, diuturna rázzia; 5, vagamunda; 7, rudo; 9, E da necesidá; 11, Tódol-os; 13, Feital-as; 14, augas; 15, atopan, salvages; 16, Mais, mudabre; 17, indomabre; 19, Quezais, n’el o esprito insómne; 20, ángel.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, estruturados em estrofes de cinco versos. As três primeiras estrofes combinam dois versos hexassílabos com três decassílabos, e a quarta três versos hexassílabos com dois decassílabos. A rima é consoante, com o esquema seguinte: 6a, 6a, 10b, 10-, 10b (o esquema da quarta estrofe é 6a, 6a, 6b, 10-, 10b).

[C] v.3: Ao mudarmos o substantivo *aire*, na forma padrão *ar*, devemos realizar diálise entre *o* e *ar*.

v.4: No original a acentuação da palavra *razia* é como falsa esdrúxula (*rázia*), que nós mudamos em *razia*, com acentuação grave. Para regularizarmos a métrica mudamos *diuturna* em *diurna*.

v.9: Mudamos o castelhanismo *necesidá* na forma padrão *necesidade*, embora o verso fique com uma sílaba mais, que regularizamos eliminamos a conjunção copulativa *e*.

v.19: No original aparece o substantivo *esprito*, com síncope, que regularizamos na forma padrão *espírito*, levando o substantivo para a posição final de verso, facilitando assim a sinalefa e a regularização métrica.

LX. [A] 1, Ou; 2, andás; 3, sin; 4, sin hoxe nin mañan; 5, poidera; 6, Pol’ agreste soedá.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.4: No original *Sin hoxe nin mañan*, que regularizamos com a expressão *sem hoje ou amanhã*, para mantermos a contagem silábica.

LXI. [A] 2, cando, vexo; 3, soas triste; 5, Os, fóno; 6, areas; 7, despoxáno; 8, tamen, fallecen; 9, gustos; 10, Ti negreas, y; 11, chea.

[B] Combinação de versos heptassílabos com um eneassílabo. Há uma estrofe inicial de três versos, com rima assoante entre o primeiro e o terceiro e com o segundo livre, com o esquema 7 a, 7-, 7 a, à que seguem os seguintes versos heptassílabos e o eneassílabo, com a mesma rima assoante nos pares.

[C] v.7: Se mudássemos a forma verbal, de carácter dialectal, *despoxáno* na padrão *despojaram*, o verso ficaria afectado na rima. Por essa razão optamos pelo verso: “*os ventos te têm privado*”, que regulariza a métrica e a rima.

LXII. [A] 2, andás; 3, salvage; 4, nin mañan; 5, poidera; 6, pol-a gándra; 9, brétomas; 10, curutos; 11, ruda, selvage; 12, incrinacion, vagamundos; 13, rudo; 15, salvage; 16, soán; 19, brétomas; 20, uces; 23, vagamundos; 24, pol-as gandas.



[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos. O poema compõe-se de quatro estrofes de seis versos, cada uma apresenta a sua própria rima em assoante nos pares, ficando livre os ímpares. Em cada uma das quatro estrofes achamos 5 hexassílabos combinados com um único decassílabo, sendo hexassílabos os cinco primeiros versos e decassílabo o último (nas três últimas estrofes). A primeira estrofe apresenta o decassílabo no quinto verso.

[C] v.4: Modificamos (como em LX, 4) a expressão *Sin hoxe nin mañan*, que regularizamos com a forma *sem hoje ou amanhã*, para mantermos a contagem silábica.

LXIII. [A] 1, prayas; 3, cal; 5, vagamundas; 6, pol-o; 7, pregunta-rán; 8, ó; 12, cal; 13, suidades.

[B] Combinação de versos tetrassílabos e decassílabos, com rima consoante. O poema dispõe-se em duas estrofes (de 7 e 8 versos), apresentando a primeira rima consoante entre o segundo e o quinto verso, e entre o quarto e o sétimo, ficando livres o resto (4-, 4 a, 4-, 4b, 10 a, 4-, 4 b). Na segunda estrofe a rima *b* é a mesma do que na primeira estrofe e a rima *a* é diferente. Rimam o segundo com o sexto e o quarto com o oitavo (4-, 4 a, 4-, 4b, 4-, 4 a, 10-, 4b).

LXIV. [A] 1, ti; 2, inmortal; 3, déches, ós pinos; 4, miñan; 5, ós; 7, consolache; 8, inmundo; 14, insensibre; 15, Convérteme n' un rudo; 16, Facho, por pïedá; 21, cal; 24, alas d'un huracán; 25, Cal; 26, rudo; 27, Cal; 28, Que cruza a imensidá; 29, praya, donde; 30, poida.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos. A rima é assoante nos pares e só há dois decassílabos (os versos 9 e 29), sendo o resto hexassílabos.

[C] v.14: De mudarmos o adjetivo *insensibre* na forma *insensível*, o verso teria uma sílaba mais, pelo que tivemos que procurar um sinónimo.

v.15-16: Os versos originais: "Convérteme n' un rudo / facho, por pïedá", apresenta um castelhanismo em posição de rima, que exige mudarmos os dois versos para regularizar a rima.

v.28: Temos um castelhanismo em posição de rima, que mudamos por uma expressão diferente. Ainda que o verso fica formalmente mudado procurou-se manter o significado original.

LXV. [A] 2, apareció; 3, dudoso centelléa; 4, antr'os dereitos pinos; 5, ó; 7, ó; 8, Pr' antr' os; 9, suidades; 10, cando.

[B] Combinação de versos heptassílabos com um eneassílabo (acentuado em 3^a, 6^a e 9^a), com rima assoante nos pares.

[C] v.2: Para mudarmos a forma verbal, de origem dialectal, *apareció*, típica da comarca de Bergantinhos, teríamos que utilizar *apareceu* ou *tem aparecido* (se queremos manter a rima). Se usássemos *tem aparecido*, o verso ficaria metricamente afectado. Optou-se pela forma *aparecido*. Esta opção mantém o significado sem afetar a métrica.

LXVI. [A] 1, Cal; 4, centelleando; 5, y; 6, contemplar; 7, fondo; 9, d' un origen; 10, Me dice que fun já; 11, espolea; 18, afán; 20, sin; 21, espaciosos.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos melódicos (com acentos em 3^a, 6^a e 10^a sílabas).

[C] v.4: Mudamos o castelhanismo *centelleando* na forma *resplandecendo*, já que se utilizássemos *cintilando* teríamos uma sílaba menos.

v.10: Ao mudarmos a forma verbal *dice*, que se trata de um castelhanismo léxico, na forma padrão *diz*, o verso ficaria com uma sílaba menos, que solucionamos acrescentando o pronome pessoal *o*.

LXVII. [A] 2, probe, nai; 8, fan..

[B] Combinação de versos heptassílabos com um decassílabo sáfico (com acentos em 4^a, 8^a e 10^a). A rima é assoante nos pares.

[C] v.5: Manuel Ferreiro coloca um ponto ao final deste verso, com o que o sentido do poema é diferente.

v.8: Mudamos algo o verso para evitarmos a forma verbal que aparece em posição de rima.



LXVIII. [A] 1, Cal, ángel; 3, alas; 5, asomellante; 9, Q' unhas veces dudoso; 11, Volvéra; 12, sin; 13, bella; 18, coas, náos; 19, rutas; 20, anduvéra tentando.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos sáficos, com rima assoante nos pares.

[C] v.9: Ao corrigirmos o castelhanismo *dudoso*, que aparece em posição de rima, pela forma padrão *duvidoso*, o verso fica com uma sílaba mais, que eliminamos mudando a expressão *que umas vezes* em *que, às vezes*.

v.18: No original “*coas ardidadas naos*”. Procuramos um equivalente como “*com navios ousados*”.

LXIX. [A] 3, Ó; 4, quezais; 7, pol-o; 8, preguntarán.

[B] Combinação de versos tetrassílabos e eneassílabos, estruturados em duas estrofes de oito versos, que apresentam um eneassílabo no sétimo verso e rima consoante com o seguinte esquema métrico: 4-, 4a, 4-, 4b, 4-, 4a, 9-, 4b. (A segunda das rimas é a mesma nas duas estrofes).

[C] v.4: Se corrigimos a forma dialectal *quezais* na padrão *quiçá*, poderia produzir-se sinalefa entre esta palavra e a forma verbal. Para evitá-lo mudamos *quiçá* no seu equivalente *talvez*. Poderia optar-se, porém, por manter no texto a forma original *quiçá*, mas mantendo hiato entre as duas palavras do verso.

LXX. [A] 2, ideas; 4, molentes; 6, agobian; 7, arrastrando, cadéas; 8, cal; 13, Mais; 15, liberdade; 16, sóo.

[B] Combinação de versos pentassílabos e eneassílabos (com acentos em 3ª, 6ª e 9ª). O poema estrutura-se em 4 estrofes, com rima assoante nos pares diferente em cada uma delas. As três primeiras estrofes combinam 3 pentassílabos com um eneassílabo (o verso terceiro). A quarta estrofe combina 5 pentassílabos com um eneassílabo (o verso quinto).

[C] v.6: Mudamos o castelhanismo *agobian* numa forma equivalente como “*dobram*”, “*inclinam*”, etc. Optamos por “*dobram*” por razões de rima.

LXXI. [A] 1, Sin, nos pelexos; 2, Muy cheo de si mismo; 4, miroume e fúise; 5, chaleque; 7, chéu, extro; 8, Iba, decindo; 13, Mentres; 14, Pr' o; 16, Q' atopa; 19, debe de ser.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.1: Eliminamos a forma “pelexos”, que foi tomada por Pondal do castelhano “pellejos”.

v.2: Encontramos em posição de mesmo a palavra *misimo*, que se trata de um castelhanismo. Para evitá-lo procuramos um verso equivalente e que mantenha a rima.

v.8: No original: “*Iba pra sí decindo*”. Para corrigirmos o castelhanismo que aparece em posição de rima, devemos mudar algo a ordem dos elementos do verso e utilizar uma forma verbal equivalente e que rime em assoante em *í-o*. Mudou-se “*iba pra sí*” em “*p'ra si ia*” para que essa sinalefa permitisse que a forma verbal tivesse uma sílaba mais.

v.13: Mudamos o arcaísmo *mentres* pela forma padrão *enquanto*.

v.14: Mantemos a forma *pro*, contração de *p'ra* e o artigo *o*.

v.15: No original: “*Certo, est 'home é dos grandes*”. Se modificássemos *home* em *homem*, o verso ficaria metricamente irregular. Optamos por eliminar a palavra *home*, devido a que o sentido não se vê afectado.

v.19: O verso original é “*Debe de ser o mesmo Epaminondas*”, mas o verbo deve não precisa a preposição *de*, pelo que se o corrigíssemos, teria uma sílaba menos. Optamos por acrescentar uma sílaba ao verbo principal (*devera*).

LXXII. [A] 1, abondo, oprobio; 2, D 'un; 3, Madre; 6, dixerá; 7, dixo; 10, vivir; 11, cingue; 12, ch'o dí; 13, frente, ch' o.

[B] Combinação de versos pentassílabos, eneassílabos e um bipentassílabo (hendecassílabo composto), com rima assoante nos pares.

[C] v.10: No original: “*morrer ou vivir*”. Para eliminarmos o castelhanismo em posição de rima, tivemos de procurar um infinitivo da terceira conjugação que fosse sinónimo e que fosse bissílabo (ou trissílabo



sempre e quando começasse por vogal), para realizarmos sinalefa com a conjunção disjuntiva *ou*.

LXXIII. [A] 1, frores; 3, Sobre do; 4, recrinado; 6, amistá; 7, pero, cando; 9, cas; 10, fallece; 11, entonces; 12, reteñen; 13, pol-o; 16, can-zions; 17, as copas; 19, o; 21, ruda; 24, mostrar, engebre; 27, Sóo; 28, ennobrecen; 29, canto; 30, reteñen; 31, difizle; 32, solemne; 33, frores; 35, peligro; Así hé, así hé; 38, quezais; 39, cenguidos, frores; 41, mais; 42, ennobrecen; 43, ante; 45, peligro; 46, Así hé, así hé.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.3: Ao mudarmos *sobre do verde* em *sobre o verde*, é necessário um hiato entre *sobre* e *o*.

v.6: Mudamos o castelhanismo *amistá* num substantivo equivalente.

v.11: No original: “*Entonces os convivas*”. Para mudarmos o castelhanismo *entonces*, optamos por uma expressão como “*é então que*”.

v.12 e 30: Ao corrigirmos *reteñen* na forma padrão *retêm*, o verso mudaria a sua rima, pelo que optamos por um verbo equivalente e que tenha rima.

LXXIV. [A] 1, Cal caera; 2, valeroso; 3, sobérbios; 5, en donde o craro; 10, Dios; 13, rastros; 15, rudo; 16, bóo; 17, asomellante ó forte; 19, caeches, sembrante; 21, mais, donde; 23, ind’ apreixando; 25, despoxo; 26, mais.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.10: No original: “*Envolto como un dios*”. Mudamos o castelhanismo em posição de rima e optamos por um substantivo equivalente e que conserve a rima.

LXXV. [A] 1, vontade; 3, bos; 4, españoles; 5, ideáles; 7, compren somente; 8, límites; 10, po-los; 11, nin; 13, Mais; 17, E con nosoutros

parten; 18, bós; 19, somellantes; 21, lexano; 24, tamén; 27, hai, po-los; 28, ideales; 29, deteñal’ a pranta; 30, límites; 32, pigmeos; 36, tamén.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, estruturados em três estrofes (independentes pela rima) de doze versos de rima assoante nos pares, ficando sem rima os ímpares e sendo os primeiros dez versos hexassílabos e os dois últimos decassílabos, formando na segunda e terceira estrofe um estribilho.

[C] v.1: Ao corrigirmos o castelhanismo, devemos evitar a sinalefa entre o substantivo e o adjetivo.

v.4: Deve ler-se o adjetivo *espanhóis* como tetrassílabo, realizando uma diérese.

v.7: Mudamos o verso: “*Non se compren somente*” em “*Não se comprimem só*”.

v.17: Mudamos o verso original: “*e con nosoutros parten*” em “*e que com nós compartilhem*”.

v.28: Ao mudarmos o castelhanismo *ideales* em *ideais*, devemos ler este substantivo como quatrissílabo.

LXXVI. [A] 1, Cando; 2, pinos; 5, vano; 6, cal; 7, sin, sin; 9, Mais ó caer; 10, Os ulidores pinos; 12, po-lo; 15, Así, cando caeran; 17, ideales; 18, bóos; 19, caéran, vano; 21, coma, homes; 23, chan; 24, sangue escra-recido; 29, perdurabre; 32, forxá, forxáde grillos; 35, mais, ideas; 38, nin.

[B] Combinação de versos hexassílabos com um único decassílabo, com rima assoante nos pares.

[C] v.10: Mudamos o verbo original: “*os ulidores pinos*” em “*os pinhões odoríferos*”, evitando o castelhanismo.

v.32: Ao corrigirmos a forma verbal *forjade*, na padrão *forjai*, o verso fica com uma sílaba menos, que regularizamos engadindo o advérbio de quantidade *mais*.

LXXVII. [A] 2, agradabre; 3, seo; 4, ciudade; 7, E vida molente; 8, trague; 9, ó; 14, molentes; 16, preto d’ él; 17, home; 19, nin; 21, cal, 22, sello; 23, Mais, cal; 25, home; 26, triunfante; 28, surco; 29, os grandes



insomnios; 31, rudos; 34, bóos ideales; 37, Entonces o home; 38, Q' o; 45, cal fero lostrégo; 46, sello; 48, rudo; 49, O, luita; 50, Plós seus ideales; 52, Hirmáns; 53, jefe; 54, acrámen; 59, pinos; 65, cal fero lostrégo; 66, sello.

[B] Poema de versos pentassílabos e bipentassílabos (hendecasílabos compostos), com rima assoante nos pares.

[C] v.7: No original, “*E vida molente*”, que substituímos pelo equivalente “*e vida aprazível*”.

v.8: Mudamos a forma verbal que aparece no original *trague*, (que na forma padrão seria *traz*), por um verbo que mantenha a rima e que seja sinónimo ao anterior.

v.14: Mudamos a expressão “*Molentes e suaves*” por uma sinónima como “*inertes e suaves*”.

v.29: Mudamos o género de “*insomnios*” para feminino: “*as grandes insónias*”.

v.34 e 50: Mudamos o castelhanismo em posição de rima *ideales* para *ideais*, para além disso, Pondal faz com que o substantivo *Kanáris* rime em é-a no poema, pelo que também *ideais* pode fazê-lo. Neste caso, a palavra *ideais* deve ler-se como quatrissílaba, por razões métricas.

v.37: Corrigimos o advérbio castelhanizado *entonces* na forma padrão *então*, acrescentando a conjunção copulativa para regularizar a contagem silábica.

v.45 e 65: No original: *qual fero lostrégo*. Como o substantivo é normalmente esdrúxulo, podemos mudar a ordem no hemistíquio para que seja um pentassílabo (“qual lôstrego fero”) ou modificar o substantivo (“qual fero relâmpago”).

LXXVIII. [A] 4, suidosos; 6, vergonza; 7, cautivos; 10, jocundos; 13, nai afrigida; 15, propios; 17, escuitara, 18, A plática serva.

[B] Combinação de versos pentassílabos e eneassílabos (com acentos em 3^a, 6^a e 9^a). O poema está distribuído em 4 estrofes, cada uma com uma rima assoante diferente das outras, unicamente nos versos pares. As três primeiras estrofes constam de 3 pentassílabos e um eneassílabo (o penúltimo verso da quadra); sendo a quarta estrofe de seis

versos, 5 pentassílabos e um eneassílabo (também o penúltimo verso da estrofe).

[C] vv. 17: Substituímos o castelhanismo “*plática*” (‘conversa’) na expressão “*A plática serva*”, pelo verso “*a serva conversa*”.

LXXIX. [A] 1, tí, campana; 3, corazóns; 5, ilusions; 6, Alá nos pasados ventos; 8, Oyo; 9, Reló; 11, Cantas; 13, Cando, nai; 15, escuitou; 16, Cantas; 17, cautivo; 18, oío; 20, aló nas tardes do vran; 21, Cando; 22, Campana; 23, nuite, lunar; 25, d' un; 26, Cando; 27, pol-as, oracion; 28, campana; 31, ós; 35, según; 36 Campana, se pol-o vran; 37, lumiar; 38, cachéla; 39, dille; 40, calabozos; 41, A aquela rula; 44, tembrando, fror; 46, Diráslle; 47, arrastro, cadea; 50 alumea, 51, ti, golondrina; 54, voxo; 55, Dille; 56, preguntar; 57, Dille, prisións; 58, nuite, lunar; 59, Iráste; 61, Así, allea; 62, aló, prisións; 63, aldea; 64, cadea; 65, compás ca; 66, nai; 67, adios, adios; 69, adios, nai; 72, pinal; 73, acordávós; 74, ele, fai; 75, campana; 76, lunar; 77, luna, pós; 78, pinar; 79, adios; 80, adios; 81, adios.

[B] Composição de versos heptassílabos distribuídos em quintilhas com dois esquemas rimáticos diferentes: ABABA e ABAAB. Os últimos versos, que são o parlamento do preso (vv. 66-80) estão distribuídos numa quadra hexassilábica de rima ABAB, numa quintilha hexassilábica de rima ABBBA, e uma quadra de versos pentassílabos com rima ABAB. Os três últimos versos são bissílabos.

[C] v.1: Mudamos o substantivo *campana* (sino pequeno, sineta) e engadimos a interjeção *oh*, para regularizarmos o cómputo silábico.

v.6: Mudamos o original: “*Alá nos pasados ventos*” em “*Lá nos já passados ventos*”.

v.9: Mantemos o substantivo *reló*, porque de utilizarmos a forma padrão *relógio*, o verso ficaria com uma sílaba métrica mais.

v.20: Mudamos o advérbio de lugar na forma padrão *lá*, com o que o verso fica com uma sílaba menos. Dessa maneira podemos regularizar *vran* em *verão*.

v.23: Deve haver diérese no substantivo *luar*.



v.35: Mudamos a forma *según*, por um bissílabo como *quando*.

v.36: Ao mudarmos o castelhanismo *campana*, pela forma *sino*, podemos utilizar a forma padrão *verão*, e não o original *vran*, com síncope.

v.58: O substantivo *luar* tem que ler-se como bissílabo, pelo que tem que haver diérese.

v.65: O verso ficaria com uma sílaba métrica mais se corrigíssemos a forma *compáss'* em *compasso*.

v.69: Note-se que o substantivo *mãe* rima com *pai* em consoante.

v.76: Há sinérese em *luar* (*lunar* no original).

v.78: Ao corrigirmos o substantivo *piñar* na forma padrão *pinhal*, a rima consoante com o verso 76 fica afetada.

LXXX. [A] 5, Q' o insomnio produce; 6, Ou o rezo quizais; 8, cal; 10, seus velos están; 11, Mais, anque; 12, Seus velos asaz; 14, cal fror, azahar; 17, ex cramara; 18, teñen.

[B] Trata-se de um romance de versos pentassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.5: Mudamos o género do castelhanismo *insomnio*.

v. 10 e 12: Ao corrigirmos o castelhanismo *velos* (= *veus*), o verso ficaria com uma sílaba menos, pelo que introduzimos o artigo.

v.11: Corrigimos *Mais, anque* em *Ainda que*.

v.16: O castelhanismo *azahar* é bissílabo em português (*azar*), e por essa razão utilizamos a forma *como* em vez de *cal* = qual.

v.18: Se corrigirmos o original "*Non teñen rival*" em "*Não têm rival*" o verso ficaria com uma sílaba menos, pelo que introduzimos o advérbio de quantidade.

LXXXI. [A] 1, valme, cadávre; 2, oscuro; 3, ó; 4 pinos; 5, penzos; 9, cal; 11 apoubiguen; 12, oracions; 13, soedade; 15, sombriza pranura; 16, toxáles; 17, terraxe; 18, famentos e malignos; 19, gandra agoreira; 23, riguroso; 24, D' un; 25, po-la; 26, pelegrino; 28, perdío; 29, quezais, bóo; 31, quezais; 32, quezais, asesino; 33, Mais, vexo; 37, home; 38, nacido; 39, despoxo, oscuro; 40, eu miro; 41, nel vexo; 43, cal, tuvéra; 44, respran-

dor; 45, algo de somellante n' él contempro; 47, Esto ó, oíra; 51, compra-ce; 53, volví; 54, ós aires; 57, aires; 58, pinos; 61, ó, antr' as, uces; 62, pelegrino; 63, agoeiro; 64, montesío; 65, cando, furoca; 67, ó; 68, palabras dixo; 69, contempras; 70, ós; 71, vagamundo; 72, nin, asesino; 74, ademan; 75, amostren; 77, mais; 78, indino; 79, propios; 83, cenguiran; 84, nin; 85, mais; 87, Así; 89, cando rudos; 91, a aqueles, insinan; 92, gro-riosos; 95, Mais; 97, cando; 98, pol-o; 102, millores; 105, ignava; 108, so engreidos; 109, incrinado; 110, nécia; 113, Así; 115, ti, nécia; 116, oscuro.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.5: penzos = *curvos*.

v.9: apoubíguen = *tranquilizem*

v.16: Mudo o castelhanismo do verso *que toxáles tan hirtos em e que tojos tão irtos*.

v.17: Mudo o verso original *que terráxe de lobos em e que terra de lobos*.

v.27: No original aparece a forma verbal de carácter dialectal *perdío* (3ª pessoa do Pretérito Imperfeito). Para conseguir que o verso continue apresentando rima, modificamos o verso *E á doce luz perdío em e tem a luz perdido*.

v.32: O verso resultante exige manter o hiato.

v.40: Mudo a expressão *eu miro em albisco*, eliminando o pronome pessoal.

v.41: O original é *Nél vexo, un non sei qué*, que nos obriga a realizar algumas mudanças.

v.45: Para mantermos a contagem silábica, tivemos de mudar a ordem dos elementos no verso original.

v.52: Devemos realizar hiato em: *sobre / os*.

v.68: Mudamos o verso: *Estas palabras dixo*, por um equivalente como, *estas cousas tem dito*.

v.108: Na posição de rima temos o castelhanismo *engreido* (= *presunçoso, vaidoso, presumido*).



LXXXII. [A] 1, promo; 2, home; 3, nin, caribe; 5, arriba; 7, Cantas, alevés; 8, recto, 9, as risas; 14, cal; 15, fora temprada; 16, augas.

[B] Combinação de versos pentassílabos e eneassílabos (com acentos em 3ª, 6ª e 9ª), com rima assoante nos pares.

[C] v.7: Mudamos o castelhanismo *aleve*, por um equivalente na nossa língua.

v.15: O original apresenta o verbo em pretérito mais-que-perfeito, mudando-a a pretérito perfeito para podermos utilizar o adjetivo *temperada* no lugar de *temprada*.

LXXXIII. [A] 1, aquel que já fora; 4, inda; 5, présago, terrible; 7, andivera; 10, pacendo; 11, dixeran; 12, aquel; 15, ó; 16, frebe; 17, insensibre; 19, Cal; 20, Cal; 22, Escramaran; 24, Canto poidéran.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.1: Eliminamos o advérbio de tempo *já* para podermos utilizar o pronome *aquele*.

v.5: Mudo o substantivo *présago* na forma *presságio*, que é ao que parece referir-se pelo contexto.

v.7: A forma verbal *andivera* é um castelhanismo. Ao utilizarmos *andara*, devemos fazer um hiato entre o pretérito mais-que-perfeito e o gerúndio.

v.12: Mudamos o adjetivo demonstrativo *aquel* na forma *esse*, para que não resulte afetado o cômputo silábico. Utilizar *aquele* implicaria que o verso resultasse com uma sílaba métrica mais.

LXXXIV. [A] 1, Topánome medio; 4, pr' onde inda; 5, Preguntaranm'os pasantes; 6, iban pl'a; 7, preguntáranme; 8, O crudo; 9, sin; 10, Como quen; 12, fui, fror; 13, Stá tolo, se dixéno; 14, prob' home; 15, As frores teñen puñales; 16, tirál-a; 17, deixánome, sóo; 19, Civiles, prendades; 20, estonces perdo; 21, prendedes esa fror; 22, cortades.

[B] Combinação de versos heptassílabos e bipentassílabos (hendecassílabos compostos), com rima assoante nos pares.

[C] v.5: No original *pasantes* = peões.

v.8: Mudamos o castelhanismo *crudo* na forma padrão *cru*, e como o verso fica com uma sílaba menos, modificamos o artigo num adjetivo demonstrativo.

v.15: Corrigimos completamente o verso, mas mantendo o significado.

v.19: Mudo o substantivo castelhanizado *civiles* em *oh, civis*.

v.20: Corrigimos o advérbio castelhanizado na forma padrão *então*. Como o verso fica com uma sílaba menos, acrescentamos o pronome pessoal.

v.21: No original: "Se prendedes esa fror". Ao corrigirmos a forma verbal o verso ficaria com uma sílaba menos, para regularizar a contagem silábica mudamos o adjetivo demonstrativo *essa* em *aquela*.

v.22: Ao corrigirmos a forma verbal *cortades* temos que utilizar uma forma verbal trissílaba, por isso pomos o verbo em futuro.

LXXXV. [A] 4, vértigo; 7, contempra; 10, afán; 11, faldras; 14, quezais.

[B] Combinação de versos pentassílabos e um único eneassílabo, com rima assoante nos pares.

[C] v.7: *baixos* = baixios.

LXXXVI. [A] 1, Cando sóo me miráno; 3, coma; 6, coma; 7, mais; 8, fermosas; 9, coma, salvage; 10, os parages; 11, probe!, - decían; 13, Nacera vagamundo; 14, Perdio; 15, nai; 18, Trougo; 19, Millor, nacera, 20, imbécil.

[B] Combinação de versos hexassílabos com eneassílabos (com acentos em 3ª, 6ª e 9ª), com rima assoante nos pares. O poema consta de 2 estrofes de 10 versos, com um eneassílabo como penúltimo verso.

[C] v.20: Se mudássemos a posição do acento da palavra que se encontra em posição de rima, o verso ficaria com uma sílaba mais. Mantemos, pois, o adjetivo *imbécil*.



LXXXVII. [A] 2, fondas correduiras; 3, Star soes; 5, mirés; 6, nin vos fagades preguntas; 7, rudo; 9, oprobios; 11, concedes; 13, fono; 16, decepcions; 17, Os insomnios fono; 18, luita; 19, son vagamundo, son; 21, espantés; 22, frente; 24, cal; 25, d' un; 26, cadéa; 27, 'stou, 'stou; 28, nin; 31, son vagamundo; 34, Das infantiles dozuras; 35, cando; 37, mirés; 38, nin vos fagades preguntas; 42, sae, fea; 43, oprobios; 47, estrañedes; 48, nin, fagades preguntas; 49, preguntés; 52, ruda punta; 53, son vagamundo, son.

[B] Combinação de versos heptassílabos e bipentassílabos (ou hendecassílabos compostos). O poema consta de cinco estrofes (três com 9 heptassílabos e duas com onze heptassílabos, e um bipentassílabo –o penúltimo verso de cada estrofe–), com uma mesma rima assoante nos pares. O último verso é o *refrão*.

[C] v.2: *correduiras* = O m. q. *corredouras*.

v.6: Ao corrigirmos a forma verbal, o verso fica com uma sílaba menos, que solucionamos acrescentando o advérbio de quantidade. O verso repete-se várias vezes na composição.

v.34: Mudo o verso original: “*das infantiles dozuras*”, que apresenta um castelhanismo, em “*de toda infantil doçura*”.

v.38 e 48: Ao corrigirmos a forma verbal teríamos uma sílaba menos, que solucionamos acrescentando o advérbio de quantidade.

v.52: Mudamos a ordem substantivo+adjetivo em adjetivo+substantivo, para dessa maneira fazermos rimar o verso com os anteriores ao corrigirmos este.

LXXXVIII. [A] 2, prayas veciñas; 5, ó; 9, ó, pinos; 13, Mais; 14, voxo axiña; 18 emprenderán.

[B] Combinação de tetrassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v. 14: Deve haver hiato em *voo / aginha*.

LXXXIX. [A] 3, as focas sonrisas; 5, viriles.

[B] Combinação de tetrassílabos, pentassílabos e eneassílabos, com rima consoante. O poema aparece distribuído em duas estrofes, embora a rima seja comum a ambas. A primeira estrofe tem o seguinte esquema: 5-, 5 a, 9-, 4 b. A segunda estrofe tem o esquema 4 -, 4 a, 9-, 4b.

XC. [A] 1, Pol-o; 3, Coa, ó; 4, ademán; 6, nuite; 7, táboas; 8, quezais; 9, cal; 10, poidan escuitar; 11, n' esprica; 12, suídoso afán; 14, prace; 15, suidades; 16, os; 17, servidume; 20, mira ó; 24, escuita; 26, compás; 28, siñal; 29, escadrón; 30, cal; 32, luitar.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

[C] v.19-20: Adotamos o mesmo critério que em I,15-16.

XCI. [A] 1, ruda pendente; 3, Eu ben sei o que dín vosos vagos; 6, arumes; 7, D 'un; 9, Cal; 13, Así; 15, aprobios; 18, ignáros; 19, rudo; 21, servidume; 19, Ó; da.

[B] Combinação de pentassílabos e eneassílabos, distribuídos em 4 estrofes de 3 pentassílabos e um eneassílabo (o penúltimo verso), com rima assoante nos pares, diferente para cada estrofe, mais uma quinta estrofe de seis versos (5 pentassílabos e um eneassílabo) que tem rima diferente da quarta, mas que, devido ao sentido unitário, editamos unida.

[C] v.1: *pendente* = encosta.

v.3: Para podermos utilizar a forma verbal dizem, tivemos que eliminar uma sílaba, neste caso utilizamos “*os vagos*” em vez de “*vossos vagos*”.

v.20: O substantivo *servidume* que aparece no original, tem a forma estándar *servidão*.



OUTROS POEMAS

XCII(a). [A] 0, Pinos; 3, Ó; 4, prácido; 12, valeroso clán; 13, esquecimento; 14, rudo encono; 17, boos; 21, mas, sós os ignorantes; 23, imbéciles e escuros; 24, No-nos; 26, edades; 27, Q'as, vaguedades; 29, donde; 33, vagorosos; 34, só; 38, D'indígna servidume; 39, d'oprobioso; 41, serva; 43, Q'ós éidos ven antigos; 44, afán; 45, vaguedades; 46, pinos; 47, D'uns; 51, encende; 52, D'Ousinde e de Froxán; 53, aló; 57, Q'a nobre prole insinen; 60, Q'á vírges só ben 'stán; 61, mas os; 62, Q'oh; 65, s'alcanza; 67, cal quen; 68, q'esquecerán; 70, sublime; 71, ó.

[B] Metricamente trata-se de um poema composto por oitavas de versos hexassílabos, com rima consoante. O esquema métrico é o seguinte: 6'-, 6 a', 6 a', 6b, 6'-, 6c', 6c', 6b (com apóstrofe os versos graves e sem apóstrofe os agudos).

O texto do Certame Literário de 1890 é o seguinte. Manuel Ferreira, *De Breogán aos Pinos. O texto do Himno Galego*, ed. Laiovento, 1996, pp. 33-35:

OS PINOS

Que din os rumorosos
Na costa verdecente,
Ó raio transparente
Do prácido luar...?
5 Que din as altas copas
D'escuro arume arpado,
Co seu ben compasado,
Monótono fungar...?

– Do teu verdor cingido,
10 É de benígnos astros,
Confin dos verdes castros
E valeroso clán,
Non dés a esquecimento,
Da injuria o rudo encono;





15 Desperta do teu sono,
Fogar de Breogán.

Os boos e generosos,
A nosa voz entenden;
E con arroubo atenden

20 O noso rouco son;
Mas, sós os ignorantes,
E férridos e duros,
Imbéciles e escuros,
No-nos entenden, non.

25 Os tempos son chegados,
Dos bardos das edades,
Q'as nosas vaguedades,
Cumprido fin terán;
Pois donde quer gigante,

30 A nosa voz pregóa
A redenzón da bóa
Nazón de Breogán.

Teus fillos vagorosos
En quen honor só late,

35 A intrépido combate,
Dispondo o peito ván;
Sé por tí mesma libre
D'indígna servidume,
E d'oprobioso alcume,

40 Región de Breogán.

Á serva Lusitania,
Os brazos tende amigos;
Q'ós éidos ven antigos,

45 Con un pungente afán;
E cumpre as vaguedades
Dos teus soantes pinos,
D'uns mágicos destinos,
Oh grey de Breogán!

Amor da terra verde,
50 Da verde terra nosa;
Encende á raza briosa ,
D'Ousinde e de Froxán;
E aló nos seus garridos,
Justilhos, mal constreitos,

55 Os doces e albos peitos
Das fillas de Breogán.

Q'a nobre prole insinen,
Fortísimos acentos;
Non mólidos concentos,

60 Q'á vírges só ben 'stán;
Mas os robustos écos,
Q'oh pátria, ben recordas,
Das sonoras cordas,
Das arpas de Breogán.

65 Estíma non s'alcanza,
C'un vil gemído brando;
Cal quen requer rogando,
Con voz q'esquecerán;
Mas c'un rumor gigante,

70 Sublime e parecido
Ó intrépido sonido
Das armas de Breogán!



[C] v.2 e 5: Mantemos a forma monossilábica *din*, em vez da forma padrão *dizem*, por causa da contagem silábica.

XCII(b). [C]. 0, Pinos; 4, prácido; 9, cinguido; 12, chan; 13, esquecimento; 17, bôs; 20, rouco; 21, mais só os iñorantes; 23, imbéciles; 26, edades; 27, vaguedades; 29, donde; 34, sóo; 38, servidume; 43, os eidos ben antigos; 44, afán; 45, vaguedades; 46, pinos; 52, Froxán; 53, aló; 57, que á nobre prole insinen; 60, que as virges só ben 'stán; 61, mail-os; 67, calquer; 69, mais; 70, subprime; 75, aparellade; 76, afán; 79, luitade p'los.

XCIII.[A] 4, sin; 5, ti; 7, pinos; 8, Froxán; 9, ti; 12, trunfo; 15, Ti; 17, plo; 18, sin; 19, a aqueles que foran; 20, edá (rima); 22, román (rima); 24, libertá (rima); 26, ajuntarás; 30, sin; 31, ós; 32, aló do; 33, bós; 34, apartados; 36, envejoso; 37, cos; 40, Camoens.

[B] Metricamente o poema é um romance de versos hexassílabos, com rima asoante.

Prefiro a versão da segunda edição, de 1935, que parece mais elaborada que a da edição crítica de Manuel Ferreiro, *Poemas manuscritos*, nº 44, pp. 82-83. O próprio Ferreiro considera que “A versión de AG (seguida polos editores posteriores) pode proceder do mesmo manuscrito coas alteracións habituais da edición da Academia e outras intencionadas para resolver as pasaxes máis confusas do autógrafo, sen desbotarmos a posibilidade de existencia doutra versión manuscrita non conservada actualmente”.

[C] v.32: Modificamos o verso original: “Que aló do Miño están” por “Que além-Minho estão” evitando a sinalefa.

XCIV. [A] Sigo o texto da primeira edição: PONDAL, Eduardo, *O dólmen de Dombate*, La Coruña, Impr. Y lib. De E. Carré, 1895. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 13, pp. 28-31 e notas pp. 179-186.

2, cand'eu; 3, rapacete; 5, cand'iba; 6, estud'iar; 8, boo; 9, iba; 10, cal; 12, do aire; 14, montesía; 16, p'la; 20, cara o, Lage; 23, polo chan; 24,

pinales; 25, rentes; 27, Quedaba; 28, edades; 29, c'a; 30, c'as; 34, montesío; 40, soberbio; 41, sobr'a; 42, potente oleage; 44, rudas señaes; 47, linguaxe; 49, Canto; 51, Entonces; 52, flotantes; 53, iba; 54, p'la Viqueira salvage; 56, memorabres; 59, dolmens; 63, ó; 64, p'la; 65, escramaba; 67, pasano; 68, jogorales; 70, s'uidades; 72, meu terrenal viage; 73, qu'a; 74, branquea.

[B] Metricamente, na edição de 1895, foi publicado como um romance de versos hexassílabos. Foi só na edição académica de 1935 que o poema se modificou na sua apresentação gráfica, unindo os versos livres aos que apresentavam rima, resultando assim uma tirada monorríma de versos alexandrinos de treze sílabas, com cesura átona.

[C] v.6: Devemos realizar hiato.

v.9: Ao corrigirmos o verso, deve-se ler-se *e ia* como uma única sílaba.

v.12: Ao mudarmos o castelhanismo em posição de rima, para mantermos a rima pomos a forma *ar* em plural.

v. 24, 44 e 68: Ao corrigirmos os castelhanismos em posição de rima, optamos pelas as formas *pinhais*, *sinais* e *jogorais*, retirando o -L- intervocálico.

XCIV.[A] Foi publicado na *Revista Gallega*, nº 215, 23-4-1899. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 27, pp. 66 e notas pp. 221-223.

1, Cando, referino; 5, quedei; 6, oprobio; 7, durmide, héroes, durmide; 8, ceo; 10, esento; 11, durmide, sabades; 12, oprobio; 13, volvérades; 14, volvérades; 18, oprobio.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, distribuídos em três estrofes de seis versos de rima asoante nos pares, em que os quatro primeiros versos são hexassílabos e os dois últimos decassílabos.



XCVI. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 16, pp. 28-29 e notas pp. 298-301. Foi publicado anteriormente na edição de 1935.

O, Tyrteo; 1, tuvera; 3, fondo; 4, gallegos; 8, Tyrteo; 9, pugera; 11, dobres; 13, cal, baixo; 14, febreiros; 16, Tyrteo; 19, liberdade; 21, cal, fondo; 22, Gallegos; 24, Tyrteo.

[B] Poema composto por três oitavas de versos hexassílabos com rima assonante nos pares.

XCVII. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 36, pp. 65 e notas pp. 334. Foi publicado anteriormente na edição da Academia Galega de 1935.

1, sea, gallego; 3, pino; 6, frente, incrina; 7, caer; 8, duro huracán; 9, el; 11, cal, area; 12, inda.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, distribuídos em estrofes de seis versos com rima assonante, sendo os cinco primeiros versos hexassílabos e o sexto decassílabo.

[C] v.8: Ao corrigirmos a forma *furacán*, elimina-se a possibilidade de realizar uma sinalefa, pelo que o verso ficaria com uma sílaba mais. Por essa razão mudamos a expressão *duro furacán* na versão *um furacán*.

XCVIII. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, "Poemas apógrafos" nº 20, pp. 237-238 e notas pp. 586-588. Foi publicado pela primeira vez em *La Voz de Galicia*, 9-3-1917. Prefiro a versão que apareceu na edição de 1935.

[A] O, vontade; 1, Cando, de esta; 2, levádeme; 5, mais; 7, anque humilde non nacín; 9, sepultade; 11, Cando, de esta; 12, levádeme; 14, sepultádeme, Cruña; 15, cibdade; 17, a cabo; 18, del; 20, fixeron; 23, na; 24, sepultádeme, Coruña.

[B] Poema composto por duas estrofes de doze versos heptassílabos, com rima assonante.

[C] v.7: Mudo a ordem dos elementos para mantermos a rima e a contagem silábica.

v.14: Ao corrigirmos a forma verbal *sepultade* na forma *sepultai*, o verso fica com uma sílaba mais, com o que podemos corrigir o substantivo *C'runha* em *Corunha*.

XCIX. [A] Foi publicado em *La Patria Gallega*, Santiago, nº 6, 15-6-1891. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, pp. 24-25 e notas pp. 175-178.

1. Necias; 3, beleza; 4, gracias; 5, brazaletes; 8, polas; 9, dixo, doncella; 11, tremante; 12, bellamente; 19, pagaredes; 21, dés, inevitabile; 23, cairés, esquecimento; 24, sin, sin; 25, Mais, despreciastes; 26, cal; 28, nacera; 29, vivirá; 31, Depois, bella, abandonedes; 32, fores; 34 memoranza.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assonante nos pares.

C. [A] Foi publicado em *El País Gallego*, Compostela, Fiesta del Apóstol, 1888. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 6, pp. 14 e notas pp. 134-136.

3. feo; 5. caera; 7. soe, pino; 8. ó; 9. sangue; 11. cal; 12, rastro; 15. caerá; 16. exenta; 17. estonces; 18. nube; 19. cubrir, esp'rito; 20. vergonza.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assonante nos pares.

CI. [A] Foi publicado na *Revista Gallega*, nº 360, 9-2-1902. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 35, pp. 74 e notas pp. 235.

1, conozo; 3, sello; 6, abrí; 7, fono; 10, afeitos; 11, fui; 12, fono; 13, de Galicia.

[B] Trata-se de uma combinação métrica de hexassílabos com decassílabos, distribuída em duas estrofes, uma de seis e a outra de sete



versos, seguindo o seguinte esquema: 6-, 6 a, 6-, 6 a, 6-, 6 a; 6-, 6 b, 6-, 6b, 10a, 10b, 10 a.

[C]v. 10: Substituímos o substantivo *afeitos*, por um equivalente como *conceitos*, para mantermos a rima.

CII. [A]. Folha impresa (Imp. La Gutenberg, [1904]). A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 43, pp. 83 e notas pp. 243-245.

1. Coma, Xallas, vagorosos; 2. así; 5, ideas; 6, homenage; 7, luita, 7 cadeas; 8, coma, salvage; 9, toqués, alas; cumpridas; 10, cal, baxel; 12, con qu' intenta.

[B] Trata-se de uma quadra de versos decassílabos com rima consoante cruzada (10 a, 10b, 10 a, 10b)), conhecida na métrica espanhola como “serventésio”.

CIII. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 45, pp. 84-86 e notas pp. 378-382. Foi publicado anteriormente na edição de *Novos Poemas*, de Amado Ricón.

[B] Trata-se de um poema de versos pentassílabos, com rima assoante nos pares.

3. decía; 5, canto; 6, canto; 7, resprandor; 8, contempro; 9, dous, irmáns; 10, dous; 11, frente; 12, boo, sello; 15, cantos; 16, cantos; 18, gallegos; 19, canto; 20, canto; 24, estades; 25, estades; 28, ben vejo caendo; 29, mas outras follas novas; 30, teredes; 32, no olvido caeno; 35, sean.

[C] v. 24 e 25: Devemos ler a forma verbal *estais* como trissilábica.

v. 29: O verso original era hipermétrico: *mas outras follas novas*. Eliminamos essa sílaba trocando a forma *mas* pela conjunção copulativa.

v.32: Substituímos o verso *no olvido caeno* por um equivalente como “*no olvido perdemos*”, para evitarmos o erro de rima que representaria utilizar *caíram*.

CIV. Foi publicado pela primeira vez no *Boletín Bibliográfico de la Librería Gallega*, Imprenta y Librería de E. Carré Aldao, Marzo y Abril de 1896, nº 15-16, pp. 4-5. A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa II. Poemas impresos*, nº 15, pp. 49-50 e notas pp. 198-201.

[A] 1, veu; 2, veu; 6, coraza; 8, bellas; 9, nai; 10, Machánidas; 12, rudo; 13, Agesilao; 17, veu; 18, veu; 19, nin, soberbios; 22, bellamente; 23, veu; 25, docto; 27, veu, ruda; 28, rudas; 29, nin, horto; 30, doctrinas; 31, veu; 32, veu; 33, veu, probiña; 35, dixo Micheas; 37, Bethlem; 38, Ephrata; 39, saldrá, lus; 40, saldrá; 41, qu' alumeará do mundo.

[B] Combinação de versos hexassílabos e decassílabos, com rima assoante nos pares.

v.1: Modificamos a verbal do original do Pretérito Perfeito ao Presente, porque se utilizamos a forma *veio*, todos esses versos teriam uma sílaba mais.

CV. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 26, pp. 47-49 e notas pp. 314-318. Foi publicado anteriormente na edição da Academia de 1935.

[B] Trata-se de uma combinação de versos hexassílabos com decassílabos, com rima assoante nos pares e rematando cada uma das três tiradas por um refrão heptassílabo.

3, punta; 7, ós; 8, pesante; 13, cnemides; 14, sangoenta; 15 escramaran; 16, Home; 19, pl'a, pinos; 23, mólidos; 24, cadeas; 25, rostro; 27, cheo de doce albor a faz garrida; 29, cal soe gentil cana; 30, c'a; 33, escramade comigo; 34, Home; 35, sodes; 36, idea; 37, rigurosa; 38, ó, balancea; 39, e que todo pronuncia; 40, redención; 41, seades; 43, n'avergonzéz; 45, coraza; 48, defendé; 49, escramando; 50, Home.

[C] v.19: Substituímos a forma sincopada *p'la*, pela contração *na*.

v.27: No original aparece o castelhanismo *faz*, que tivemos que substituir, modificando levemente o verso.

v.29: Introduzimos o artigo diante do adjetivo *gentil*, porque se perdeu uma sílaba ao regularizarmos a forma verbal *sói* em vez de *soe*.



v.33: No original aparece *escramade comigo*. A forma verbal *exclamai* tem uma sílaba menos, pelo que optamos por um verso como *já comigo exclamai*, para regularizarmos a métrica.

v.39: A forma verbal *pronuncia*, é no original um falso esdrúxulo. Tivemos que eliminar a conjunção copulativa para que não fosse afectada a medida do verso.

CVI. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, “Poemas apógrafos” nº 26, pp. 246-247 e notas pp. 592-593. Foi publicado anteriormente em *La Voz de Galicia*, 1-4-1917.

[B] O poema consta de três estrofes de 8 versos hexassílabos com rima assoante nos pares, que vão rematadas por um refrão.

1, gallegos; 3, frente levades; 5, queredes; 7, lembrádevos do rudo; 9, gallegos; 11, levades; 13, queredes; 14, lidias; 15, recordade; 18, relembra; 21, recordade decote; 22, i; 23, recordade.

v.7: Tem que haver diérese na forma verbal *lembrai*.

CVII. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 100, pp. 182 e notas pp. 509-511.

[B] O poema é um romance de versos hexassílabos, com rima assoante nos pares.

3, quítalle; 5 traguédeme; 15, quítalle.

CVIII. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 92, pp. 169 e notas pp. 496-497.

[B] O poema está escrito em versos pentassílabos com rima assoante nos pares.

9, cantos recordos.

CIX. [A] A edição crítica está em Manuel Ferreiro, *Poesía Galega Completa III. Poemas manuscritos*, nº 81, pp. 146-147 e notas pp. 466-469.

[B] Metricamente temos o que na métrica espanhola se conhece como *décima espinela*. Trata-se de uma estrofe de dez versos heptassílabos (oitossílabos na métrica espanhola) com a estrutura abbaaccddc. Compõe-se de duas redondilhas (quadras com rima abba, cddc) com dois versos de enlace no interior (ac), o primero dos quais repete a última rima da primeira redondilha, enquanto o segundo antecipa a primeira da redondilha seguinte: (Rudolf Baehr, *Manual de métrica española*, pp. 299).

4, pola; 5, nuite; 7, nin, nin; 8, nin; 11, soedades; 12, cheo, 14, suidades; 15, vaguedades; 16, donde; 17, zolás; 21, todo cñastes; 24, formastes; 25, tirastes; 26, donde; 28, consume.



INDICE DE TOPONIMOS E ANTROPONIMOS

(Entre parêntesis indica-se o poema e o verso)

(As notas aparecem na primeira ocorrência)

Academo (CIV, 25)
Africa (XIX, 16); (XXIII,4)
Agar (XLV, 128)
Agesilau (CIV, 13)
Alpes (XLV, 64)
Anaxíbios (LXXI, 20)
Andrés (LXXIV, 16)
Anlhões (XXXIV, 12); (LVIII, 7); (LXXIX, 1, 22, 60, 75)
Angeriz (LI, 39)
Arjomil (XXVI, 13)
Arantão (ponte): (XVII,9); (XXXIV, 40)
Argel (LXXIX, 52)
Armear (XLIV, 28)
Atenas (CIV, 17)
Baia, Santa (XII, 39)
Baiabosa (XXXIV, 7)
Balsilverio (XXV, 79)
Baltar (XLIV, 14); (L, 10, 20, 30)
Baneira (LXXIX, 15)
Banha (XXVI, 9)
Barcala (XXIX, 16)
Bariço (XXX, 26)
Barra (LVIII, 13); (LXIX, 9)
Barranhão (XLV, 46); (LI, 36)
Barrentos (XXVI, 10, 32)
Belém (CIV, 37)
Belouride, regueiro de
Bergantinha (XXVI, 35)



Bergantinhos (XII, 1, 14, 17, 27, 49); (XIV, 2); (XXXIV, 5); (LXXVI, 4); (LXXXI, 48); (LXXXVII, 3)
Bértoa (XII, 46)
Biqueira (XCIV, 54)
Boiana (LXXVII, 55)
Bóreas (C, 8)
Borneiro, chão de (XCIV, 12)
Bótzaris, Marco (LXXVII, 36)
Branco, Monte (LXI, 1, 1)
Brandomil (XXXIII, 18, 38); São Pedro de Brandomil (LV, 1)
Brandonhas (L, 1)
Brântoa (XIV, 1, 31)
Brântuas (LI, 38)
Brásidas (CIV, 16)
Breogão (I, 26); (XLV, 2, 144); (LXVII, 12); (XC, 30); (XCII, 16, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80); (XCIII, 2, 14, 28, 40); (98, 19).
Bribes (XXVIII, 36)
Brigântia (XIV, 61, 90)
Brumar (XLV, 12); (XXX, 90)
Bujão (LI, 33)
Busto (XXVI, 11, 31)
Cádiz (XXV, 61)
Cairbar (XXX, 5, 13, 29a, 51, 135)
Callicrátidas (CIV, 12)
Camelhe (IX, 1); (LXXXIII, 20).
Camões (XCIII, 39; (CI, 9)
Canáris (LXXVII, 32)
Canosa (XXVI, 12)
Carboeiro (LI, 31)
Cartel (LI, 51)
Carvajal (LXXV, dedicatória)
Carvalhido (XIV, 20); (LVI, 1)
Casás (XXV, 27, 43, 59); (XXVI, 24); Casás de Neminha (XXVI, 3)

Castelar (dedicatória LXXVII)
Castinheira, Francisco da (XXVI, 17)
Castro Romai (XXVI, 16)
Céltia (XCIII, 9)
Cereo (XII, 38); (XXVIII, 6)
Clearco (CIII, 10)
Colômbia (XLV, 49)
Corcoesto (XII, 39), (XIII, 2, 14); (LI, 41)
Corcubião (XXVI, 33)
Coristanco (XII, 45)
Corunha (XCVIII, 14)
Cou d'Indo (XIV, 32, 93)
Couciero (XXVI, 31)
Coutemunde (XLIII, 39)
Curros (CII, 0)
Croa (XXV, 9, 37)
Cúrbão (XXX, 32, 138)
Currás (XXVI, 12)
Curros (XCVIII, 17)
Dafne (XLIV, 19)
Deus (XLVII, 10); (LII, 19); (LIII, 3); (LXXIV, 10)
Dombate (XCIV, título, 9, 13, 33, 38)
Dona, Ponte (XII, 37)
Dormeá (XXXVIII, 1)
Dubra (CIII, 23)
Dumbria (CVI, 0; 8; 16; 24);
Efrata (CIV, 38)
Eiriz (XXXIII, 28)
Epaminondas (LXXI, 19)
Epicuro (CIV, 29)
Esparta (CV, 1)
Erim (LI, 21)
Esto (LI, 37)



Fernández, Mauro (XXVI, 19)
Ferreira (XII, 24, 50)
Finíán (XXX, 66)
Folgar (XLI, 2)
Fonte-Fria (XCIV, 10)
Francisco (XCVIII, 5)
Fregilde (XXVIII, 14)
Froão (XXX, 78, 128); (XCII, 52); (XCIII, 8)
Galiza (XVIII, 23); (CI, 13)
Grécia (XCIX, 1)
Gondomil (XXX, 31, 137)
Gumariz (LI, 42)
Gundar (XIV, 1, 41); (XVIII, 41); (XL, 6); (LVII, 10)
Gundariz (XXX, 5, 29b, 43, 54, 135, 147)
Gyllippos (CIV, 11)
Hélade (XCIX, 27)
Hermesinda de Barcala (XXIX, 15-16)
Homero (CVII, 1, 2, 13, 14)
Ibéria (LXVII, 11)
Jalhas (XVII, 5); (XVIII, 43, 43); (XXIII, 12, 20); (XXVIII, 29); (XXXIII, 8, 26); (XLI, 4, 94, 104); (L, 26); (LV, 2); (LX, 1); (LXII, 1); (LXII, 24); (CII, 1)
Javinha (XII, 38)
João (XXXVI, 18, 102)
João, São (XXXVI, 74)
Laje (XVIII, 45); (XCIV, 10)
Languelhe (XXI, 1, 1, 31, 31)
Lastres (XXVI, 10, 27)
Leis Busto (XXVI, 11, 31)
Leis, Manuel (XXVI, 9, 29); Leis (XXVI, 29)
Léonicas (C, 6); (CIV, 15)
Lisandro (CIV, 9)
Lourenço (XXVI, 16)
Lourido (XXX, 50); (CVIII, 3)

Lugar (XIV, 95); (XXXVII, 39)
Lusitânia (LXXV, 23, 35); (XCII, 41); (CI, 7); (CI, 12)
Luso (XCIII, 33); (CX 12)
Luzbel (V, 39); (XX, 13)
Macânidas (CIV, 10)
Madrid (XVIII, 21)
Maimendos (XLIII, 38)
Marçoa (XVII, 4)
Margaride (XLI, 43, 45, 52, 59, 75, 97)
Marico (X, 2)
Marinha (XXVIII, 35)
Maronhas (LXI, 11, 15, 55, 61, 61, 92, 103, 108)
Meda, Monte (LXI, 10)
Menecho (XXVI, 19)
Messénia (LXII, 4); (XCI, 15)
Minho (XCIII, 32)
Miquéias (CIV, 35)
Mississipi (CIII, 19)
Mouco (XXXI, 11, 12)
Moureda (XLIX, 1)
Morás (XXXII, 4, 8, 12)
Mórdomo (XLVI, 3, 4, 26, 35, 36)
Morpequite (XXVI, 32); (XXXI, 1)
Mugia (XXVI, 27)
Muías (LXXXIV, 12)
Muruais, Andrés (LXXIV, dedicatória)
Nande, S. Simão de (XVIII, 63-64); (XCIV, 11)
Nariga, cabo (XXX, 97)
Nebrija (XCIV, 4)
Nemenço (XLIII, 2)
Neminha (Casás de Neminha) (XXVI, 3); (XCIV, 3)
Ninhões (V, 16, 32, 50)
Oca (XII, 47); (LI, 32)



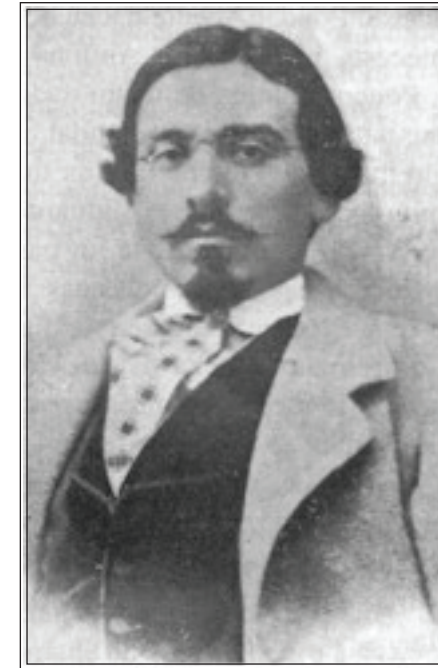
Ocampo (XXVI, 15, 29)
O'Conell (LXXVII, 35)
Ogas, Arca de (XXXI, 15); Ogas (XXXIII, 27)
Orão (LXXIX, 40, 62)
Oriente (LXXXIII, 2); (CI, 6)
Osno (LVIII, 12)
Ouco (XIV, 42)
Ougal, cabo (XXX, 64); (XLV, 146); (LXII, 14)
Ouréns (XIV, 94)
Ousinde (XXXVI, 11); (XCII, 52)
Párnell (LXXVII, 35)
Passarela (XV, 1); (XVIII, 46)
Paz (XXVI, 10)
Phenaretas (CIV, 24)
Pinheiro (XXVI, 11)
Piosa (XXXIII, 11)
Pítia (LXXII, 5)
Pondal (XXVI, 20)
Pontecesso (I, 5); (LXXIX, 37, 71); (XCVIII, 2, 12, 13, 23)
Porcar (L, 2)
Portomeiro (LI, 34)
Recedinde (XXVIII, 6)
Recemel (XI, 2); (LI, 54)
Redonda (XXVI, 12)
Remesende, castro de (XXIX, 1, 5)
Rentar (XIV, 33, 92); (XVIII, 1, 22, 31, 61); (LXXXV, 12)
Rioboo (XXXIV, 4)
Rodríguez, Pedro (XXVI, 15)
Roi (XXVI, 16)
Rou (XIV, 42)
Ruiz (XXVI, 12)
Sansuenha, condes de (XVIII, 23)
Santa Baia (XII, 39)

Santiago (XVII, 7); (XXIII, 23)
São (LXXXIII, 3)
Sírius (LXVI, 1)
Sisargas, ilhas (IV, 13)
Spartaco (LXXII, 12); Espartaco (XCI, 20)
Stenelaidas (CIV, 14)
Stoa (CIV, 27)
Suévia (XXXV, 5); (LXXVI, 25); (LXXVII, 59)
Suso (XXVI, 29)
Tâmara (XLIII, 42)
Telha (LXXIX, 72)
Temunde (XXXIII, 5); (CIII, 3)
Termópilas (C, 4)
Thémis (XCIX, 20); (CV, 37)
Tirteu (XCIV, título, 8, 16, 24)
Tomil (XXX, 61)
Traba (XII, 43)
Troitosende (XXI, 13)
Uruguai (XLV, 60)
Ures (XLI, 67; XCIV, 7)
Valência (XII, 38)
Verdes (XII, 39)
Vila-Seco (XCIV, 6, 8)
Vilhafanhe (XCIV, 4)
Vilharmide (XXVI, 30)
Zernagora (XLV, 125); (LXXVII, 51); (XCI, 14)
Zreo, veja-se Cereo (XII, 38).



BIBLIOGRAFIA

Obras de Eduardo Pondal:



Fátima. Leyenda, por..., Coruña, Imprenta de Castor Míguez, 1862.

Juan Pérez. La humanidad tal cual fué, es y será, ó Los hombres por dentro, por..., Coruña, Tipografía Galaica, de los Sres. Brañas y F. y Miranda, 1866.

A Campana d'Anllons. El canto de un brigante, por..., Coruña, Imprenta de D. Eusebio Cascante, 1866.

A Fada dos Montes. Poesía, por..., Santiago, Tip. de Manuel Mirás y Alvarez, 1872.

Rumores de los Pinos. Poesías, Santiago, Tipografía de M. Mirás y Alvarez, 1877.

Grandeiras, por..., Coruña, Imprenta de *La Voz de Galicia*, 1884.

Queixumes dos Píños, Biblioteca Gallega, La Coruña, Latorre y Martínez Editores, 1886.

O dólmen de Dombate, La Coruña, Impr. y lib. de E. Carré, 1895.

A campana d'Anllons, La Coruña, Imprenta y librería de Carré, 1895.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E DE INTERESSE

ABENTE, Ossián: "A celtidade de Pondal", *Outeiro*, Coruña, nº 22, Septiembre, 1986, pp. 64-65.

ANONIMO, *Leabhar Ghabhala*, edição de R. Sainero, Akal bolsillo, nº 171, Madrid, 1988.

ANÓNIMO, *Lebor Gabála, Libro de las invasiones de Irlanda*, edición, traducción, notas y comentarios por Manuel Alberro, Ediciones Trea, Gijón, 2007.

ARMESTO, Victoria: "José Fontenla y el himno gallego", in: *Los hijos cautivos de Breogán. El rastro de Castelao en América*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1986, pp. 126-132.

BARREIRO DURO, Xosé María: "A fauna en "Queixumes dos Pinos"", *Grial*, nº 57, xulio-agosto-setembre, 1977, pp. 359-365.

BARREIRO FERNANDEZ, Xosé Ramón: "A recreación do mito celta", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 27-29.

BERRESFORD ELLIS, Peter, *Dictionary of Celtic Mythology*, Constable, London, 1992, (paperback edition, 1993).

BLANCO FILGUEIRA, José M.: "Necias fillas da Hélade", *Grial*, nº 23, xaneiro-febreiro-marzo, 1969, pp. 93-97.

BOUZA BREY, Fermín, «A formazón literaria de Eduardo Pondal e a necesidade de unha revisión dos seus 'Queixumes'», *A Nosa Terra*, A Corunha, n., 208-211, 1-1 a 1-4-1925.

-----, "Camoens e Pondal", *Nós*, Ourense, nº 134, 15-2-1935, pp. 25-30.

BREA HERNANDEZ, Ângelo José: "O universo mítico de Eduardo Pondal", *I Congreso Internacional de Literaturas Lusófonas*, Nós, Pontevedra/Braga, 1990-1991, pp. 144-154.

-----, "Análise comparativa do episódio do "Velho do Restelo" d'*Os Lusíadas* com o "Episódio da Donzela" d'*Os Eoas*", *II Congreso Internacional de Literaturas Lusófonas*, *Revista Nós*, nº 35-40, Pontevedra/Braga, Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, 1994, pp. 19-30.

-----, *Queixumes dos Pinheiros e outros poemas* de Eduardo Pondal, *Cadernos do Povo*, nº 35-38, 1996.

CARBALLO CALERO, Ricardo, *Historia da literatura galega contemporánea*, 2ª ed., Vigo, Ed. Galaxia, 1975.

-----, «Os Eoas», in: *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, Figueira da Foz, nº 4, 1960, pp. 406-413.



-----, *Versos iñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*. Reunidos, prologado e anotados por..., Centro de Estudos 'Fingoy', Ed. Galaxia, 1961.

-----, «Versos iñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal. A América descuberta», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XXIII, 1968, pp. 296-312.

-----, «Sobre o helenismo de Pondal», in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre Terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 49-53.

-----, "Eduardo Pondal", in: *Sete poetas galegos*, Vigo, Ed. Galaxia, 1955, pp. 43-59.

-----, *Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. Galaxia, 1965.

CARVALHO, Amorim de, *Teoria geral da versificação. Volume I: A metrificação e a rima; Volume II: As estrofes, os sistemas estróficos e a história da versificação*, Ed. Império, Lda., Lisboa, 1987.

CASTRO ROMAI, Francisco: "Pondaliana (Prefacio)", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 39-41.

DOBARRO, Xosé María e FERREIRO, Manuel, "Breve achegamento á biografía de Pondal", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 5-8.

FERRACUTI, Gianni: "L'immaginazione come retaggio celtico: il panceltismo romantico di Eduardo Pondal", in: *La via gaglienga al fantastico (dai Romantici a Cunqueiro)*, Università degli studi di Perugia, Quaderni del Seminario di cultura gaglienga, Perugia, Grafici Benucci, 1981, pp. 7-19.

FERREIRO, Manuel, *Pondal: do dandysmo à loucura (biografía e correspondência)*, Ed. Laiovento, Santiago de Compostela, 1991.

-----, "Nova contribución ao córpus literário de Eduardo Pondal: dezanove poemas e unha novela", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 65-80.

-----, "A lingua pondaliana e a formación do estándar literario galego", *Cadernos da Lingua*, nº 4, Real Academia Galega, 2º Semestre, 1991, pp. 49-70.

-----, *De Breogán aos Pinos. O Texto do Himno Galego*, Ed. Laiovento, 1996.

-----, *De Breogán aos Pinos. O texto do Himno Galego*, Ed. Laiovento, Ensaio, (não venal), 1996.

FILGUEIRA VALVERDE, Xosé: "O Himno Galego", in: *Segundo Adral*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1981, pp. 220-225.

-----, "Pondal, parnasiano con Olimpo céltico" in: *V- Adral*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1989, pp. 61-63.

FONTENLA RODRIGUES, José Luís, «Os Ressurgimentos Galegos», in: *Temas de «O Ensino»*, vol. VI, PontevedraBraga, 1990, pp. 3136.

FORCADELA, Manuel: "Eduardo Pondal, celeste ave a voar", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 13-25.

-----, *A harpa e a terra. Unha visión da poesía lírica de Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia, 1988.

-----, "A orixinalidade da obra de Eduardo Pondal", *A trabe de Ouro*, II, nº 14, 1993, pp. 183-212.

-----, *A poesía de Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. do Cumio, 1995.

GARCIA NEGRO, Pilar: "Eduardo Pondal: A necesidade de resgatar o noso pasado histórico", in: *33 aproximacións á literatura e á lingua galegas*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1984, pp. 32-37.

GREEN, Miranda J., *Guía completa del mundo celta*, Oberon, Grupo Anaya S.A., Madrid, 2004.

GUERRA DA CAL, Ernesto: "Pondal Abente, Eduardo", in: AA.VV., *Dicionário de literatura. Literatura portuguesa. Literatura brasileira. Literatura Galega. Estilística Literária*. Direcção de Jacinto de Prado Coelho, 3º ed., Porto, Figueirinhas, 1978, p. 841.

LOPEZ ABENTE, Gonzalo: "A terra e a poesía de Pondal. Algúns anacos do meu discurso de ingreso na nosa Real Academia Gallega", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXVII, nº 309-320, Outubro 1956, pp. 245-270.

LOPEZ-CUEVILLAS, Florentino, *La Civilización Céltica en Galicia*, Colegio Universitario de Ediciones Istmo, Madrid, 1988.

LORENZANA, Salvador, "O mundo de Eduardo Pondal", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXVII, nº 309-320, Outubro de 1956, pp. 277-287.

LUGRIS FREIRE, Manuel, «Eduardo Pondal. Discurso de ingreso no Seminario de Estudos Galegos, de Santiago, o 20 de Novembro de 1923», in: Academia Gallega, *Queixumes dos Pinos (2ª ed.) y poesías inéditas de Eduardo Pondal*, La Coruña, Imp. Zincke Hermanos, 1935, pp. 257-278.

MADOZ, Pascual (1845), *Diccionario Geográfico-Estadístico-Histórico de España y sus posesiones de Ultramar*, Madrid, 1845.



MARKALE, Jean, *La epopeya celta en Irlanda*, ediciones Júcar, Madrid, 1975.

-----, *Druidas*, Ed. Taurus, Madrid, 1989.

MARTINES ESTEVEZ, Higino: "O hino galego e a emenda necessária", *Hogar gallego para ancianos. 50º Aniversario*, Buenos Aires, 1943-1993, pp. 35-37.

MATO FONDO, Miguel A.: "O símbolo do cisne na poesía de Eduardo Pondal", *Agália*, nº5, Primavera, 1986, pp. 23-30.

-----, "A melancolia na poesía de Eduardo Pondal" in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 31-37.

-----, *Eduardo Pondal* (Unidade didáctica), A.C. Monte Blanco (Ponteceso), 1993.

MENDEZ FERRIN, Xosé Luís: *De Pondal a Novoneyra. Poesía galega anterior á guerra civil*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia, 1984.

MONTIEL, Isidoro: "Ossián en la poesía de Eduardo Pondal", in: *Ossián en España*, Barcelona, Ed. Planeta, 1974, pp. 180-201.

MURGUIA, Manuel, *Los Precursores*, Biblioteca Gallega, La Coruña, Latorre y Martínez Editores, 1885.

-----, *Galicia (1)*, Ed. Xerais de Galicia, Vigo, 1982.

-----, "Don Eduardo Pondal", *Boletín de la Real Academia Gallega*, X, nº 116, 1-4-1917, pp. 202-210.

-----, "Eduardo Pondal e a súa obra", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXI, nº 248, 17-5-1933, pp. 184-193.

MURRAY, Liz e Colin, *El oráculo celta. Un sistema de adivinación*, Editorial Laia, Barcelona, 1988.

NAYA PEREZ, Juan: "El himno gallego. Notas para su historia", *Galicia. Revista del Centro Gallego*, Buenos Aires, nº 580, julio-agosto, 1971.

OTERO PEDRAYO, Ramón, "El sentido del paisaje en la poesía de Eduardo Pondal", *Boletín de la Academia Española*, XVIII, nº 89, Octubre, 1931, pp. 571-582.

PARÁISO, Isabel, *La métrica española en su contexto románico*, Ed. Arco/Libros S.L., Madrid, 2000.

PEDRET CASADO, "Etimoloxías dalgúns nomes xeográficos de *Queixumes dos Pinos*", *Nós*, Ourense, nº 134, 15-2-1935, pp. 31-33.

PEREZ PINTOS, Irene e TABOADA PEREZ, Carme: "Pondal e a muller", *Festa da Palabra Silenciada*, 1983, pp. 11-13.

PINNA, Mario, "Interpretazione di Pondal", in: *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz, nº 4, 1960, pp. 368-376.

-----, "La lirica di Eduardo Pondal", *Studi mediolatini e volgari* (a cura dell'Istituto di filologia romanza della università di Pisa), VIII, Bologna, 1960, pp. 173-191.

POCIÑA, Andrés: "O mundo crásico en Rosalía, Curros e Pondal", in: *Primera Reunión Gallega de Estudios Clásicos (Santiago-Pontevedra, 2-4 julio 1979). Ponencias y comunicaciones*, Santiago de Compostela, 1981, pp. 418-434.

QUEIZAN, María Xosé: "De florido poeta da raza a desflorador racista", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 55-58.

RAÑA LAMA, Román: "As angústias de Pondal" seguido de "Pondal e Mallarmé", *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 43-47.

RICON VIRULEGIO, Amado, "Algunos ejemplos del 'axis rítmico' en la poesía de Pondal", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXX, nº 345-360, Diciembre de 1968, pp. 2-16.

-----, (ed.): Eduardo Pondal, *Novos Poemas*. Limiar, transcrición e notas de..., Vigo, Ed. Galaxia, 1971.

-----, "El celtismo europeo y su influencia en Galicia: especial referencia a Eduardo Pondal", *Atenea*, Facultad de Artes y Ciencias, Universidad de Puerto Rico, Mayagüez, X, nº 1-2, Marzo-Junio, 1973, pp. 67-83.

-----, "Pondal, Eduardo", in: *Gran Enciclopedia Gallega*, XXV, Santiago-Gijón, Silverio Cañada, Editor, 1974, pp. 90-92.

-----, "Origen y sentido del Himno Gallego", *Boletín de la Real Academia Gallega*, XXXI, nº 356, Diciembre de 1974, pp. 47-66.

-----, "Vida de Eduardo Pondal" e "Celtismo e pensamento de Eduardo Pondal", in: *Eduardo Pondal*, Vigo, Ed. Galaxia, 1981, pp. 25-110.

-----, *Estética poética de Eduardo Pondal*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro, 1985.

-----, (ed.): "Limiar", in: Eduardo Pondal: *Os Eoas (Unha Aproximación)*. Limiar, transcrición, selección e notas de..., La Coruña, Fundación Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1992.

ROCHA, Hugo: "Eduardo Pondal Abente. O mais expressivo poeta da Galiza céltica", *Sete Vozes Perenes da Galiza lírica*, Porto, Livraria Athena, 1965, pp. 53-67.

SAINERO, Ramón, *Leyendas Celtas*, Akal, bolsillo, n.º 149, Madrid, 1985.



- , *La huella celta en España e Irlanda*, Akal bolsillo, nº 172, Madrid, 1985.
- , *Los grande mitos celtas y su influencia en la literatura*, Ed. comunicación S.A., Barcelona, 1988.
- , *Los orígenes celtas del reino de Brigantia. La génesis de España*, Abada Editores, Lecturas de Historia, Madrid, 2009.
- SEIVANE TAPIA, JoséBieito, «Relaçons Galiza-Portugal em E. Pondal», *Ith*, Revista da Irmandade Céltica, nº. 5, inverno 91, pp. 11-13.
- SENIN, Xavier (ed.): Eduardo Pondal, *Queixumes dos pinos e outros poemas*. Edición ó coidado de..., Biblioteca Básica da Cultura Galega, Vigo, Ed. Galaxia, 1985.
- TARRÍO, Anxo: *Literatura Galega. Aportacións a unha historia crítica*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia, 1994.
- TOBIO, Luís: *Valoración de Pondal*, Montevideo, Casa de Galicia, Ed. Ronsel, 1965.
- , "Poeta comprometido", in: *Eduardo Pondal. Home libre, libre terra*, Extra-7 de *A Nosa Terra*, Vigo, Promocións Culturais Galegas, 1986, pp. 9-12.
- VARELA, José Luís: "El celtismo de Pondal", *Boletín de la Universidad de Santiago de Compostela*, nº 53-54, Enero-Diciembre 1949, 82-99.
- , "Un capítulo del ossianismo español: Eduardo Pondal", separata de AA.VV., *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, VI, Madrid, s.d.
- , "Pondal y la tradición", *Poesía y restauración cultural de Galicia en el siglo XIX*, Madrid, Ed. Gredos, 1958, pp. 212-253.
- VARELA JACOME, Benito: "La métrica de Eduardo Pondal", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XV, nº 45, 1960, pp. 63-87.
- VERDINI, Xoán C.: «Os "Eoas" á luz de "Os Lusíadas"», *Grial*, n.º 79, 1983, pp. 122.
- VILLAR, Manuel: "*El canto del cisne*, poema inédito de E. Pondal", *Gume. Revista de lingua, literatura e arte*, O Couto-Ponteceso, nº 1, 1995, pp. 8-19.
- ZAPATA GARCIA, Antón: *Edoardo Pondal. Alma, Sentimento e Libertá da Terra Galega*, Buenos Aires, [1930].



v. 2

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

